UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CLAUDIA RAQUEL ESPINHA CARDOSO

DIÁSPORA E REGRESSO

Os Imigrantes luso-angolanos no Brasil

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CLAUDIA RAQUEL ESPINHA CARDOSO

DIÁSPORA E REGRESSO

Os Imigrantes luso-angolanos no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Sociologia sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Augusto Albuquerque Mourão

São Paulo
2008

RESUMO

O complexo fenômeno de descolonização em Angola gerou o deslocamento de parte de ex-colonos portugueses e seus descendentes, os luso-angolanos, para o Brasil, caracterizando, assim, uma diáspora. Através das histórias de vida colhidas por meio de depoimentos são retratados os conflitos existenciais próprios da condição migratória e, particularmente, os conflitos deste grupo no contexto do desligamento da sociedade angolana, num momento crítico e de profunda transformação provocada pelo rompimento com o regime colonial. As memórias dos depoentes abarcam o período de vivência em Angola e seu enraizamento no Brasil, num trabalho de reconstrução que possibilite uma leitura fenomenológica.

Palavras-chave: Angola, diáspora, luso-angolanos, portugueses, descolonização, imigrante, memória, fenomenologia.

ABSTRACT

Due to the complex decolonization phenomenon in Angola there is a diaspora configured by the emigration of part of Portuguese ex-settlers and their descendents, called ‘luso-angolanos’, to Brazil. The existential conflicts inherent to migration condition are presented throughout testimonies, particularly herein of those that experienced the rupture with Angolan society in profound transformation caused by the circumstances of disruption to colonial system. The deponents’ memories includes both periods of residence in Angola and their adaptation in Brazil, a reconstruction work in order to turn possible a phenomenological lecture.

Key-words: Angola, diaspora, ‘luso-angolanos’, Portuguese, decolonization, immigrant, memory, phenomenology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....7
CAPÍTULO I.....12
DO IMIGRANTE E DO EXÍLIO: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA.....12
1.1. Exílio e Angústia: da imanência à transcendência.....12
CAPÍTULO II.....37
ANGOLA: REALIDADES E IDEALIZAÇÕES.....37
2.1. As relações Brasil-Portugal-Angola.....37
2.2. A colonização em Angola.....50
2.3. Negritude, angolanidade, nascimento do nacionalismo e dos movimentos de libertação.....54
CAPÍTULO III.....86
ANGOLA: SONHOS E IDEALIZAÇÕES.....86
3.1. O Tempo e a Memória, um trabalho de reconstrução.....86
3.2. As vozes dos entrevistados.....98
CONCLUSÃO.....141
BIBLIOGRAFIA.....147
ANEXOS.....156

Dedicatória

Para minha mãe Maria Emília e minhas irmãs Rute e Daniela

Aos meus avós Francelino e Lucinda

A meu pai António Manuel
in memoriam

Agradecimentos

Muito especialmente ao meu orientedor, Prof. Fernando A. Albuquerque Mourão pela paciência e dedicação.

À especial colaboração de Daniel Cunha e Maria Odete.

A todos os que gentilmente concederam as entrevistas.

Aos amigos Débora Benigno, Margareth Bueno, Guilherme G. Fernandes, Maria Luiza Vasconcelos, Lília Lima, Renato Lima pelo estímulo, e a todos mais que apoiaram a realização deste trabalho.

INTRODUÇÃO

Observa-se a cabeça de um negro no quadro a óleo (sem nome)[1] de Manuel Ngombo Ndofula datado de 1974, que tem olhos que não vêem. A expressão é de profunda tristeza, marcada, sobretudo pela boca que se curva para baixo. Os traços revelam talvez o espírito de um tempo de cegueira que envolve o momento da composição. Cegueira pelas circunstâncias da guerra que lança os homens ao desconhecido, à negação do devir. É complexo em determinada altura imaginar a vida para além do conflito, e vislumbrar a chegada de dias melhores por trás do plano da luta. A expressão de tempos diferentes se observa na tela do mesmo autor, intitulada *Alegria pela Paz*[2], datada de 2002. Nela há festa, alegria, luz vibrante e o momento retratado é o da comemoração. A desarmonia do universo que envolve o homem angolano de olhos vazados dá lugar a um mundo de regozijo, inundado de esperança. São dois momentos que se contrapõem como temática e expressão artística e, entre eles, quase trinta anos. Sinal de que os tempos de incertezas e desequilíbrios dão dar lugar a um novo caminho no horizonte da história. O imaginário representado nas pinturas é uma ponte para o futuro. E a realidade, que antes afligia os indivíduos, por mais que carregue consigo as chagas deixadas pelo colonialismo, pelas circunstâncias da guerra, também pode deixar vislumbrar através dela o futuro. A capacidade de ultrapassar o presente não se desconecta totalmente do passado, mas é sobre ele que divaga e redefine seus passos. Para dar sentido ao presente, ainda que sobre as ruínas de um passado indesejado, marcado pelo sofrimento da interiorização, da exploração, é preciso que não se apague de todo os elementos que dão razão à luta, luta que é, fundamentalmente, luta pela vida. Igualmente incessante é a busca de um sentido, de um destino.

Sobre estas duas imagens, uma que poderia simbolizar o tempo do fim da guerra colonial e início da guerra civil em Angola, e a outra, que com clareza simboliza a comemoração do fim da guerra, debruçamo-nos, para fazer

[1] NODFULA, Manuel Ngombo. **Sem Títlulo**. 1974. Óleo sobre madeira; 31 x 60 cm. Coleção Particular. (Vide anexo).
[2] NODFULA, Manuel Ngombo. **Alegria pela Paz**. 2002. Óleo sobre tela; 97x135 cm. (Imagem encontra-se disponível no sitio: www.artafrica.info/html/artistas/artistaficha.php?ida=321 – Centro de Estudos comparatistas da Universidade de Letras de Lisboa).

algumas reflexões sobre os indivíduos que travaram com o destino, encontros e desencontros no contexto da descolonização. Procuramos compreender que memórias guardam e como estas memórias dão subsídios para a construção do futuro, que momentos remetem à cegueira do conflito e em que momentos há comemoração. Através das histórias de vida e do trabalho da memória, não só o passado é reconstruído, como também o próprio devir, já que as reflexões sobre os momentos vividos e suas circunstâncias, colaboram na construção ou afirmação de uma identidade. Quer-se aqui que os depoimentos recolhidos tenham a força da narrativa e possam ultrapassar a mera funcionalidade da informação.[3] Pretendemos estudar o sentido da diáspora e do retorno através de entrevistas realizadas com um grupo de pessoas de interesse: ex-colonos de Angola e luso-angolanos que vieram para o Brasil com a descolonização.

Dentro deste contexto investigaremos as trajetórias de vida daqueles que deixaram angola na altura da independência, em sua maioria: angolanos de origem portuguesa, portugueses radicados em Angola desde a infância (denominados luso-angolanos, angolanos brancos, leuco-africanos, luso-afro-descendentes, euro-africanos, "filhos do país")[4] através da análise das mentalidades, da interpretação dos acontecimentos à luz da perspectiva de uma geração que compartilhou os momentos antecedentes à independência. Memórias que retornam tanto ao espaço colonial de uma Angola idílica - terra ao mesmo tempo de liberdades, da infância, dos sonhos, mas também de enormes desigualdades sociais, de luta, de guerra, de estrangulamento das expressões individuais e coletivas, de ruptura.

Sabe-se que os sonhos são subjetivos, moram no interior de cada indivíduo, mas coletivamente revelam a igual expectativa de que a vida reconstruída no Brasil fará mais sentido como devir do que em Portugal, normalmente, a primeira paragem e o destino mais comum dos chamados "retornados".

Atualmente, em Portugal, ocorre uma espécie de "acerto de contas" com o período colonial. E através dos relatos dos que viveram e nasceram em Angola, descortinam-se as recordações, quer no plano da guerra colonial, quer

[3] Como referência: BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política.** Lisboa: Relógio d'Água, 1992, p. 35.
[4] As denominações constam nas obras de autores citados na bibliografia: Fernando Tavares Pimenta, Claudia Castelo, Fernando A. A. Mourão, Viriato da Cruz.

na recordação do cotidiano dos indivíduos e famílias que lá fixaram suas residências e construíram seu patrimônio material, quer numa reflexão do que foi a experiência em Angola em termos mais amplos: seu sentido e contribuição na formação de uma identidade luso-angolana.

Dadas as circunstâncias *sui generis* em que alguns milhares de portugueses e angolanos descendentes de portugueses escolheram o Brasil para viver, é necessário fazer um recuo no tempo para melhor compreender os acontecimentos que culminaram com a guerra colonial, a independência e a descolonização de Angola[5], além de compreender até que ponto se adaptaram social, cultural e economicamente; se foram capazes de superar os traumas de guerra; e como as mentalidades e comportamentos se transformaram. Como se define este grupo em termos existenciais? Apelar à reconstrução do passado através da memória e das trajetórias de vida é fundamental para que seja exposto o problema, para que se busquem explicações e que sejam apontados os pontos de conflito e os pontos em comum sob a óptica deste grupo de indivíduos.

Praticamente não se registram no Brasil (que recebeu esses migrantes vindos de Angola normalmente via Portugal, legalmente portugueses, mas nem sempre existencialmente portugueses), relatos de suas experiências, o que os motivou na escolha, sua adaptação, o inventar um futuro numa terra "estranhamente próxima", os atrativos para além da língua em comum. Estima-

[5] Descolonização: Em Angola a descolonização representa uma ruptura. Houve em outros modelos de colonização cortes mais ou menos abruptos dependendo das circunstâncias e do modelo. Este ponto será melhor explicitado adiante. Entretanto, vale ressaltar que os processos de independência da América Latina, por exemplo, não têm paralelo com a descolonização africana. São dois "fenômenos históricos inteiramente distintos", como afirma Afonso Arinos: " Tomada globalmente, a independência da América Latina foi um movimento intelectual das elites de todas as suas nações, portanto, um movimento inicialmente internacional, que se nacionalizou, em cada novo Estado, pela acomodação dos mesmos princípios e idéias às condições peculiares de cada povo, desde a Argentina até o México. O Brasil, dentre todos, foi o país que teve formação mais original, pela adoção do governo civil e da monarquia constitucional, na evolução do Reino ao Império" (FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **O Espírito e a Ação**: ensaios inéditos. Rio de Janeiro: ABL, 2005, p. 493). Ou Ainda: "As elites da América Latina foram consumidoras a princípio, e, mais tarde, herdeiras e aplicadoras, nos seus países, desse tesouro do constitucionalismo liberal, que só começou a ser abalado em meados do século XIX, quando o princípio da igualdade, através do conceito do social, passou a deslocar o da liberdade, fundado na primazia do individual.[...] O que cumpre é acentuar a espontaneidade do seu acolhimento, que deu ao movimento internacional da nossa independência o caráter de verdadeiro transplante de uma fase da cultura européia. Ora, o processo de descolonização da África foi o contrário de tudo isso, ou, em outras palavras, consistiu na rejeição total da cultura da Europa, a qual se apresentava [...], como simples instrumento de dominação rapace, incapaz de se transformar em utensílio de libertação, como havia sido entre nós, americanos. Nesse contraste reside, a meu ver, o fosso intransponível que separa a independência da descolonização." (ibidem, p. 495-496).

se que aproximadamente cinco por cento dos portugueses radicados em Angola seguiram para outro destino que não Portugal após a descolonização[6]. Que fatores foram determinantes na escolha? Que imagens viriam a fazer sentido na vida cotidiana em terras brasileiras, que atrativos seriam estes e quais os motivos para não permanecerem em Portugal? Até que ponto o exílio político ou proximidades culturais foram importantes nesse processo?

A diáspora portuguesa[7], como hoje se designa a emigração portuguesa, está, neste estudo, voltada apenas para o fenômeno histórico da descolonização em Angola, que (dentre outros motivos) deu origem à

[6] Segundo Cláudia Castelo: "Depois do 25 de abril de 1974 e do prenúncio da descolonização, os colonos ansiaram por proteccção física e material. Perante manifestações de racismo (branco e negro) e sem garantias de segurança para os seus bens nas duas ex-colônicas (Angola e Moçambique), a guerra civil em Angola e um regime de inspiração marxista-leninista em Moçambique, teve início o êxodo de centenas de milhares de naturais da metrópole e seus descendentes para Portugal (sobretudo), mas também para a África do Sul, o Brasil e a América do Norte." (CASTELO, Claudia. **Passagens Para África**: O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole (1920-1974). Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 371). Em nota, a autora esclerece ainda: "Apenas cerca de 5% dos portugueses radicados em Angola [aproximadamente 280.000 pessoas no total – C.f. nota 29) e 15% dos portugueses radicados em Moçambique terão, na sequência da descolonização, partido para outro país que não Portugal. Provavelmente, a recusa do repatriamento estará relacionada com as dificuldades de integração em Portugal de certos segmentos de colonos há muito afastados da antiga metrópole." (apud, Pires, 1999, p. 184).

Conforme levantamento de Beatriz Padilla, há incoerência nos dados da imigração portuguesa no Brasil no período de 1975-1980, quando comparados com o dados da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas: "Além das histórias de vida, dados estatísticos do Brasil, [...] indicam também um incremento de entrada de portugueses no Brasil nos anos 1970 [3.869 entre 1971-1975 contra 23.046 entre 1976-1980], e se bem que alguns acreditem que esta intensificação foi consequência da 'forte instabilidade político-social que se registrou em Portugal após o 25 de abril de 1974 (apud, Geiodeia II, 2002, p. 158), não pode ser a única explicação. Sem rejeitar esta hipótese, proponho uma outra explicação, sugerindo que muitos dos portugueses fossem provenientes igualmente das ex-colônias e que por diferentes motivos não queriam voltar a Portugal, tendo, como consequência, optado pelo Brasil. Um facto que sustenta esta hipótese é que se comparamos os dados de imigração do IBGE e os dados de emigração portuguesa, ambos fazem referência à eimigração de portugueses para o Brasil, mas as discrepâncias são enormes para o período 1975-1980, sendo a diferença de mais de 20.000 portugueses. O IBGE reporta 23.046 e as estatísticas da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas mencionam 2.161" (PADILLA, Beatriz. **Do Fado ao Tango. E emigração 'invisível' dos portugueses na região platina**.Projecto. A Presença Portuguesa na Região Platina. Território e Povoamento. Instituto Camões, ISCTE/CIES, Uruguai, Março, 2004, p. 4).

[7] PADILLA, op. cit., p. 2.

No artigo de Jana Evans Braziel e Anitta Mannur o conceito de diáspora remete ao seu significado histórico (lembrando que a teoria da diáspora cruza-se com a literatura, antropologia, política, hibridismo cultural, identidade): a dispersão dos povos de sua origem em função de movimentos migratórios, imigração, exílio: "Etimologically derived from Greek term diasperien, from *dia*-, 'across' and –*sperien*, 'to sow or scaterr seeds', diaspora can perhaps be seen as a name of the other which has historically referred to displaced communities of people who have been dislocated from their native homeland through the movements of migration, immigration or exile." (BRAZIEL, Jana Evans; MANNUR, Anita. Nation, Migration, Globalization: Points of Contention in Diaspora Studies. In: **Theorizing Diaspora** - A Reader. Blackwell Publishing, February, 2003, p. 1-22.).

emigração de residentes da ex-colônia portuguesa e seus descendentes para o Brasil. A questão do retorno remete ao próprio imaginário do imigrante, faz parte da sua condição.

No Capítulo I será abordado o tema do imigrante sob o aspecto fenomenológico, o exílio e a angústia que lhes são imanentes. Logo a seguir, o objetivo é dar a conhecer, de modo geral, o pano de fundo das circunstâncias históricas que envolvem os depoentes e antecedem a sua vinda para o Brasil, através de alguns tópicos: as relações diplomáticas entre o Brasil, Portugal e Angola; as “continuidades e descontinuidades” do modelo de colonização em Angola; o nascimento do nacionalismo, a formação dos movimentos de libertação e a descolonização. No Capítulo III, as narrativas e o trabalho da memória entram em cena.

CAPÍTULO I

DO IMIGRANTE E DO EXÍLIO: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

1.1. *Exílio e Angústia: da imanência à transcendência*

É necessário pertencer a algum lugar enquanto "ser-no-mundo". Na obra de Martin Heiddeger (cuja teoria baseia-se na escola fenomenológica de Edmund Husserl[8]), o conceito se refere ao termo *Dasein*. O autor afirma que naturalmente buscamos uma compreensão do "ser" e que nessa busca está previamente inserido algum sentido de "ser". O significado do ser no mundo, a consciência de sua presença e seu significado enquanto presença, no tempo e no espaço. Desta busca de compreensão nasce o questionamento do seu próprio sentido e de sua conceituação, do seu significado[9]. A questão do sentido do "ser" passa pelo reconhecimento de que somos entes cuja presença carrega em si a possibilidade de questionar o "ser", o nosso próprio:

---

[8] Do *Dicionário Oxford de Filosofia*: "**fenômeno** Algo que se mostra, revela ou manifesta na experiência. Na metafísica *kantiana, os fenômenos são os objetos e os acontecimentos da forma como aparecem à nossa experiência, opondo-se aos objetos e aos acontecimentos tal como são em si (*números). Segundo a tese central de Kant, os primeiros são moldados pela natureza das nossas faculdades cognitivas: é por nossa causa que as coisas surgem no espaço e no tempo, causalmente conectadas. Em geral, os aspectos fenomênicos das coisas são os aspectos que se mostram a si mesmos, e não os aspectos teóricos que são inferidos ou postulados para explicá-los. "Salvar os fenômenos" é teorizar de maneira a fazer justiça aos aspectos fenomênicos do assunto em causa: muitas vezes, os filósofos se acusam mutuamente por proporem teorias simplistas das coisas, que não dão conta de um ou outro aspecto dos fenômenos."; "**fenomenologia** Termo que surgiu no século XVIII, nas obras de Johann Heinrich Lambert (1728-77) e de *Kant, para denotar a descrição da consciência e da experiência, abstraindo de considerações sobre seu conteúdo intencional (*ver* intencionalidade). Em *Hegel, a fenomenologia é, em vez disso, a investigação histórica da evolução da autoconsciência, que se desenvolve a partir da experiência sensorial elementar, até alcançar processos de pensamento completamente racionais e livres, capazes de engendrar conhecimento. No século XX o termo está associado à obra e à escola de *Husserl. Seguindo as idéias de *Brentano, Husserl percebeu que a intencionalidade era a marca característica da consciência, e viu nela um conceito suscetível de ultrapassar o *dualismo tradicional da mente-corpo. O estudo da consciência, portanto, diz respeito a dois aspectos: uma experiência consciente pode ser vista como um elemento do fluxo da consciênciam mas também como algo que representa um aspecto ou "perfil" de um objeto. Apesar da rejeição do dualismo por Husserl, sua crença na existência de algo que permanece depois da **époché*, ou a suspensão dos conteúdos da experiência, o associa à prioridade dada às experiências elementares da doutrina paralela do *fenomenismo, e a fenomenologia acabou por sofrer, em parte, com a superação dessa abordagem aos problemas da experiência e da realidade. Contudo, fenomenólogos mais recentes, como **Merleau-Ponty*, fazem plena justiça ao mundo-envolvente da experiência." (BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 146).

[9] HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópoles: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007, p. 41.

> Ser é sempre ser de um ente. O todo dos entes pode tornar-se, em seus diversos setores, campo para se libertar e definir determinados âmbitos de objetos. Estas, por sua vez, como por exemplo, história, natureza, espaço, vida, existência, linguagem, podem transformar-se em temas e objetos de investigação científica. A pesquisa científica realiza, de maneira ingênua e a grosso modo, um primeiro levantamento e uma primeira fixação dos âmbitos de objetos. A elaboração do âmbito de suas estruturas fundamentais já foi, de certo modo, efetuada pela experiência e interpretação pré-científica do setor do ser que delimita a própria região dos objetos. Os "conceitos fundamentais" assim produzidos constituem, de início, o fio condutor da primeira abertura concreta do âmbito. Se o peso de uma pesquisa sempre se coloca nessa positividade, o seu progresso propriamente dito não consiste tanto em acumular resultados e conservá-los em "manuais", mas em questionar a constituição fundamental de cada âmbito que, na maioria das vezes, surge reativamente do conhecimento crescente das coisas.[10]

O autor exemplifica a questão anterior através da teoria da relatividade:

> A teoria da relatividade na *física* nasceu da tendência de apresentar o nexo próprio da natureza tal como ela se constitui "em si" mesma. Como teoria das condições de acesso à própria natureza, a teoria da relatividade procura preservar a imutabilidade das leis do movimento através de uma determinação de toda a relatividade, colocando-se com isso diante da questão da estrutura da região de objectos por ela pressuposta, isto é, do problema da matéria.
> Nas *ciências históricas do espírito*, acentuou-se o empenho pela própria realidade histórica através de sua tradição e transmissão: desse modo, a história da literatura torna-se história dos problemas.[11]

Desta forma, a volta ao fenômeno, "tal como se mostra e a partir de si mesmo" é substância necessária à pesquisa e reflexão fenomenológica. Temas como a liberdade, a existência e a angústia são fundamentais para o conhecimento do fenômeno em si, seu desvelamento, numa apreensão da experiência do ser e da sua visão de mundo, mundo que se transmuta com ele.

O exílio está inscrito no fenômeno do deslocamento, no espaço e no tempo, do ser no seu espaço primordial, da sua origem. Origem que nos forma como indivíduos e como seres sociais. A família e a comunidade a que pertencemos nos dão referências e nos permitem moldar a máscara social[12],

[10] ibidem, p. 44-45.
[11] ibidem, p. 45.
[12] Referência ao conceito de máscara, *persona*. No livro *A Construção do Mundo*, o artigo de Françoise Michel-Jones, *A noção de Pessoa*, discorre sobre um trabalho de M. Mauss à respeito da evolução do conceito de pessoa e seus desdobramentos. Na antiguidade clássica, *persona* designava máscara. Desta forma, podemos retirar do texto a explicação da passagem do conceito de máscara para personagem; e posteriormente de personagem para ator, portador de um papel individual e social: "É na civilização latina, no entanto, que se elabora a noção de pessoa tal como a definimos agora. Πτοσῶπον e *persona* designam, em primeiro lugar, na antiguidade clássica, a máscara: trágica, ritual ou de antepassados. Observa-se, nos

meio de inteligibilidade e compreensão do grupo em que vivemos. Põe-se aqui o questionamento do que ocorre quando desaparece este lugar que ocupamos no mundo, movimento análogo ao chão que se abre sob os pés de quem outrora trilhava um caminho conhecido e, portanto, aparentemente mais seguro, do que aquele que passa a ser o espaço do exílio.

O exílio evoca um forte apelo existencial. Experimentá-lo é entrar em contato direto com a ruptura e a perda. Várias são as situações que podem levar ao exílio. Situações de exílio forçado dos deslocados e fugitivos das guerras; dos imigrantes que procuram por novas condições de vida material em outro país na esperança da viragem[13], de uma vida reduzida à sobrevivência

---

mundos gregos e romano, a passagem da *máscara* à *personagem* representada e dessa ao *actor* cujo papel exprime, tanto no teatro como no jogo social, «direitos individuais, ritos, privilégios». A *persona*, posteriormente, torna-se uma realidade fundamental do direito romano que divide o mundo em *pernonae*, *res* e *actiones.* Para M. Mauss, esta evolução resulta, por um lado, do uso dos *nomen*, *cognomen* e *praenomen* que pertencem ao indivíduo e o situam dentro da família, e por outro, da ascensão da plebe romana à *persona civil*, ao pleno direito de cidade. A pessoa abrange nessa altura: a classe social *(conditio)*, o estado de vida civil *(status)*, os cargos e honras da vida civil e militar *(munus)*. Uma vez criados o direito de adquirir a *persona* – direito de que só o escravo está excluído – e o caráter pessoal do direito, a introdução da consciência na concepção jurídica da pessoa faz-se correlativamente à aquisição pela *persona* do sentido moral – nomeadamente sob a influência dos estóicos." (AUGÉ, Marc. **A Construção do Mundo**. Lisboa: Edições 70, 1974, p. 49-50)

[13] Expressão usada propositadamente em alusão à obra do escritor Castro Soromenho, cuja força literária e importância como instrumento de crítica social no período colonial são temas abordados por Fernando Mourão em sua obra, *A Sociedade Angolana através da Literatura*. A passagem analítica de Mourão transcrita aqui, demonstra a força com que o problema das relações entre colonizado e colonizador é tematizada no romance *Viragem*, que é parte de uma trilogia que também contempla as obras *Terra Morta* e *A Chaga*: " Em *Terra Morta* e depois em *A Chaga*, Castro Soromenho nos dá todos os ângulos da vida em Camaxilo, alternando os capítulos que tratam dos que vivem na vila de cima – os funcionários administrativos – e dos que vivem lá embaixo na vila velha do tempo da borracha – os comerciantes – intermediando elementos que nos permitem analisar, a par da sociedade dos brancos, a sociedade dos mulatos e a dos negros no contexto de uma situação colonial de tipo clássico. Um dos méritos de Castro Soromenho, e uma das causas que contribui para o interesse sociológico de sua obra, prende-se no fato de que o autor " não generaliza nunca os elementos que fixa "no espaço e no tempo". Trata o particular que, se interpenetrando em vários planos, vai-se universalizando. Se o interesse sociológico de *Terra Morta* e de *A Chaga* talvez seja maior, na medida em que trata com maior atenção do problema dos comerciantes, dos mestiços e dos negros, segundo os vários graus de integração no seio da sociedade colonial, em *Viragem*, com pinceladas fortes, nos dá as linhas mestras da vida dos funcionários administrativos. Isolados no posto administrativo, sob o peso de recordações de um passado metropolitano matizado de frustrações no dia-a-dia alternadas com expectativas que sonhava ver realizadas no solo africano, onde chega como dominador, acaba por se frustrar e, embora em um plano seja efetivamente o dominador, no fundo é também um dominado que, conjuntamente com aqueles que domina, "apodrece". A densidade psicológica dos personagens agiganta-se, não tanto quanto simples personagens, mas na perspectiva do ato. É o papel que desempenham, que lhes é atribuído pela função, que no embate com a sua personalidade determina, no plano de suas relações pessoais, a emergência de papéis desenvolvíveis. Quase que seguindo o esquema de Nadel podemos alcançar a estrutura social da sociedade que Castro Soromenho recria, determinando quais são as relações significativas, das quais nos surgem as configurações de papéis para, por fim, encontrar quais as conexões que interligam e interpenetram os vários papéis presentes em cena. Este esquema permite analisar o conflito

para a construção de um lar em que seja mitigado o sofrimento do ganha pão, e, por fim, que novos horizontes se construam. Entretanto, o abandono dos *habitus* e costumes, para a adaptação dentro de uma nova cultura e organização social, requer disciplina árdua e silenciosa. É necessário resignar-se e conceder ao imaginário a possibilidade de reconstruir uma identidade. É preciso adaptar-se entre o real e a expectativa, olhar adiante sem se petrificar no passado, pois sem essa condição, há a estagnação e a "fuga para frente" (termo em si contraditório tanto quando o tempo verbal do futuro do pretérito[14]), não é possível.

Neste ponto cabe abordar a angústia que há na idéia de recomeçar. Algo que remete ao mito de Sísifo que Albert Camus descreve como "o herói do absurdo":

> Os deuses tinham condenado Sísifo a empurrar sem descanso um rochedo até o cume de uma montanha, de onde a pedra caía de novo, em conseqüência do seu peso. Tinham pensado, com alguma razão, que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.[15]

Mas o recomeçar aqui tem uma dose de esperança e tanta perseverança quanto o eterno recomeçar de Sísifo, que num esforço contínuo e ciente de seu destino, segue adiante.

---

que ocorre entre o individual e o peso do social, as obstruções ao desenvolvimento de condutas inovadoras que ficam, como que bloqueados, ante as imposições de um processo que a todos aniquila, desumanizando a sociedade colonial a tal ponto que uma perspectiva de coesão só nos é dada ou pela retirada do elemento coator ou a longo prazo, em decorrência de um mecanismo dinâmico que resulte em um novo sentido para esta sociedade, na decorrência de suas contradições, instabilidade e desiquilíbrio" (MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **A Sociedade Angolana Através da Literatura - Ensaios 38**. São Paulo: Ática, 1978, p. 113-114).

[14] Em referência ao texto de Lourival Holanda *Sob o Signo do* Silêncio que faz um paralelo entre as obras de Camus e Graciliano Ramos. No capítulo intitulado *O verbo inviável* o autor chama a atenção para o uso (e conotação) do futuro do pretérito na obra dos dois escritores; um tempo dito inconcluso: "Termos excludentes, já não há mais futuro algum no pretérito: ele é o espaço de uma impossibilidade real que se abre em perspectiva ilusória.[...] A gramática, antes da lógica: os dois textos que privilegio se concluem (se é que concluem) por um tempo 'inconcluso'. Meursault, mesmo se sabendo perdido, *recomeçaria* tudo. Entende agora sua mãe que, prestes a morrer, arranjara um noivo. Pronta, ela também, a tudo recomeçar. Em *Vidas Secas* as minguadas figuras 'iriam para adiante, alcançariam uma terra desconhecida' [...] Lógica toda particular, a do futuro do pretérito – um oxímoro gramatical? O verbo inviável, aberto ao possível – que funda o espaço literário. Transformação teimosa de um código. [...] O Estrangeiro se sabe condenado, como cada um. Também o retirante se sabe menos que o peregrino, como cada um. E no entanto, *recomeçariam*." (HOLANDA, Lourival. **Sob o Signo do Silêncio**: Vidas Secas e O Estrangeiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992 – (Criação e Crítica; v.8), p. 74-86).

[15] CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. Lisboa: Livros do Brasil, 2005, p. 109.

O exílio (que também pode ter a conotação de um refúgio pessoal ou alienação do mundo como repúdio às circunstancias) aqui será tratado sob a ótica do colono português em Angola e de seus descendentes. Daqueles que, para dar voz à vocação ancestral do português imigrante e 'civilizador', à maneira ideológica do salazarismo, lançaram-se ao vislumbre de um sonho, (mesmo se tratando de um sonho alheio) para, por fim, atender ao desejo colonial português. Mas, ainda que em circunstâncias diversas, o objetivo sabia-se comum: a expectativa de encontrar algo melhor que as condições de vida vigentes em Portugal, quer na possibilidade de emprego, quer no cumprimento do serviço militar obrigatório, quer aparentemente fugindo da repressão política do totalitarismo do Estado Novo, ou mesmo por causa dele em degredo.

"Vestir a pele dolorosa do emigrante" [16] representaria, mesmo que em tempos diacrônicos, aprender a adaptar-se às novas circunstâncias. A rota da emigração portuguesa para Angola fez-se com mais afinco a partir da independência do Brasil.[17] Para Salazar, o império representava a maneira de o português estar no mundo, um mundo construído, desenhado pela rota dos descobrimentos. O Estado Novo precisava, após a longa crise política em Portugal, restabelecer os valores da nação. A exaltação do passado teria a funcionalidade de possível alento para a construção do futuro da nação, pequena e historicamente ameaçada. A grandeza portuguesa e, possivelmente, a salvação econômica, residiria em sua expansão territorial no além mar. Era preciso agarrar-se ao "Portugal do Minho ao Timor".

Para o português que emigrou, a vida árdua em Portugal era o fator propulsor para sair. A carta de chamada, enviada por um parente ou conhecido, seria o passaporte para a uma nova e desconhecida vida. O português minhoto, trasmontano, açoriano e de algures, adaptou-se.[18] Em

[16] LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro e Imagem e miragem da Lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 46

[17] Tema será tratado no capítulo 2.

[18] Este adaptar-se de modo geral refere-se a utilizar os poucos meios existentes para sobreviver, algo como "desenrascar-se" (semelhante ao "jeitinho brasileiro"). Em alguns casos particulares como os *chicoronhos*, *boers,* fala-se em aculturação ou angolanização (primeiros), africanização (segundos) - (PIMENTA, Fernando Tavares. **Brancos de Angola –** Autonomismos e Nacionalismo (1900-1961). Coimbra: Minerva Coimbra, 2005, p. 47).

Outro sinônimo referido (ainda que mais distante) seria a cafrealização. Ainda num passado longínquo, dos primeiros descobrimentos, os portugueses que assimilavam os costumes dos povos locais eram denominados *tangos-maus* ou *lançados*. A esse respeito Charles Boxer comenta:"Na alta Guiné, que corresponde mais ou menos à região

geral, a pouca instrução que traziam compensava-se no desejo de vitória e realização material. E, à partida, vários entraves colocavam-se. A exploração do imigrante recém-chegado pelos próprios imigrantes mais experientes, as língua dos povos, os hábitos, a dureza do mato, a imensidão - que nada se assemelhava à sua pequena aldeia. Havia que inventar formas de estar. Havia que imaginar soluções para os novos problemas que se apresentavam.

O que significa adaptar-se enfim? Co-existir com a cultura local? Misturar-se aos povos angolanos, às sociedades tribais? Reproduzir o seu lar e nele introduzir hábitos, vestimentas, alimentos que não os da sua terra? Fazer daquela a sua terra, sob a exploração daqueles povos que já lá estavam antes da sua chegada? Acreditar na construção de uma identidade angolana para si e seus filhos? Até que ponto estaria o "português africano" consciente de seu papel político? Mesmo que todos estes pontos se unissem para dar origem à figura do "português africano" este ainda seria o "outro", o colonizador.

É preciso ver que a época da grande confluência da massa portuguesa para Angola coincide com os movimentos de independência nos países africanos vizinhos. Após a Segunda Guerra mundial, com a derrocada da ambição expansionista dos regimes fascistas na Alemanha e na Itália, o fortalecimento dos regimes capitalistas e o novo desenho geopolítico configurado pela expansão do comunismo; ou mesmo na ambivalência entre o "capitalismo democrático" e o "capitalismo estatal"; nasce a Guerra Fria e, com ela, um drama para as colônias (ou províncias ultramarinas como foram rebatizadas para apaziguar as críticas da ONU ao imperialismo português em pleno regime totalitário) sequiosas para tomar conta do seu próprio destino sem um tutor, ou seja, de conquistarem as suas independências. A Guerra Fria e a guerra colonialista estão intrinsecamente ligadas.

O exílio representa a vida retalhada. Uma ferida que não se cura; uma chaga aberta que não cicatriza. Agarrada a ele, como o musgo à pedra em que vive, a idéia de retorno está constantemente a afrontar a adaptação propiciada

compreendida entre o rio Senegal e o cabo das Palmas, comerciantes portugueses e degredados subiam muitos rios e riachos, avançando interior adentro. Acabavam se fixando nas aldeias negras, onde, com seus descendentes mulatos, atuavam como chefes ou intermediários nas trocas comercias de ouro, marfim e escravos entre brancos e negros. Aqueles que assimilavam completamente os costumes nativos, desfazendo-se das roupas, tatuando-se, falando os dialetos locais, e até participando de ritos e celebrações fetichistas, eram chamados *tangos-maus* ou *lançados."* (BOXER, R. Charles. **O Império Marítimo Português**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 47).

pelo novo enraizamento.[19] Sabe-se da impossibilidade de retornar, mas a chaga quando dá lugar à cicatriz revela a memória e a angústia a trabalhar em silêncio. As perdas herdadas pelo exílio no deixar Angola, uma Luanda idílica: confronto difícil de enfrentar com o passar dos anos. Atenuam-se os sentimentos, pois a luta diária de reconstrução requer a miragem do futuro. Mira-se o futuro, mas o passado tem seu lugar na memória. Não é possível arrancar uma árvore adulta da terra sem que seja penosa a adaptação em outro lugar.

Edward Said, em seu ensaio *Reflexões sobre o exílio*, afirma que "As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre". [20]

As conquistas alcançadas pelas famílias que saíram de Angola e vieram para o Brasil, ao mesmo tempo em que se comemoram, amalgamam-se num travo amargo de tristeza pelos amigos e familiares divididos, lugares e tempos destruídos pela guerra, o bairro da infância, os passeios, os amores, o futuro interrompido abruptamente. E, no fundo, não só: também pela absorção de uma ideologia imposta e, de certa forma, aceita pela maioria, reduzindo os indivíduos à condição de crianças tuteladas, seduzidas de certo modo, a acreditar na indissolubilidade do Portugal continental e suas possessões no ultramar, o que não os exime, no processo de descolonização, de repensar o seu papel naquelas circunstâncias, não como vítimas, mas como atores do processo.

Surgem, no interior dessas memórias, os elementos de análise que podem retratar a descolonização portuguesa em Angola. Se o existir como português, faz-se no plano histórico da grandiosidade da conquista do mundo, também se faz pela miséria, pelo atraso vivido frente a outros países europeus, nas décadas do período do Estado Novo; o seu fechar-se sobre si, à proclamada auto-suficiência que, no fundo, delineiam a ambigüidade própria ao modo de "ser-no-mundo" do português.

---

[19] Para referências sobre o conceito de enraizamento e desenraizamento: WEIL, Simone. **O Enraizamento**. Bauru: Edusc, 2001. Neste trabalho o conceito de desenraizamento apresenta-se dentro do contexto do colonialismo como o processo sofrido pelo colonizado na brutalidade do apagamento (ou tentativa de anulação) das suas próprias referências culturais em substituição àquelas do colonizador.

[20] SAID. Eduard. **Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46

Da poesia de António Gedeão[21], poeta contemporâneo português cujo olhar se debruça sobre um passado longínquo, nasce a fala dos primeiros aventureiros. Uma fala ambígua: com umas das mãos o aventureiro se benze, mas com a outra, não hesita em esganar - ascese que aquiesce frente ao mundano.

No ensaio de Eduardo Lourenço, *A Nau de Ícaro*[22], numa imagem próxima àquela do aventureiro do poema de Gedeão, o autor segrega o português dos primeiros descobrimentos dos primeiros colonizadores: os primeiros, aventureiros; e os segundos, normalmente beneficiários das vantagens conferidas pela Coroa portuguesa para ocupar vastos territórios, como se deu com as capitanias hereditárias no Brasil. Missionários,

[21] GEDEÃO, António (pseud.). **Poema da malta das naus**. In: **Teatro do Mundo**, 1958. (Disponível em: www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/malta_naus.html)

> Lancei ao mar um madeiro,
> espetei-lhe um pau e um lençol.
> Com palpite marinheiro
> medi a altura do sol.
> Deu-me o vento de feição,
> levou-me ao cabo do mundo.
> Pelote de vagabundo,
> rebotalho de gibão.
> Dormi no dorso das vagas,
> pasmei na orla das praias,
> arreneguei, roguei pragas,
> mordi peloiros e zagaias.
> Chamusquei o pêlo hirsuto,
> tive o corpo em chagas vivas,
> estalaram-me as gengivas,
> apodreci de escorbuto.
> Com a mão esquerda benzi-me,
> com a direita esganei.
> Mil vezes no chão, bati-me,
> outras mil me levantei.
> Meu riso de dentes podres
> ecoou nas sete partidas.
> Fundei cidades e vidas,
> rompi as arcas e os odres.
> Tremi no escuro da selva,
> alambique de suores.
> Estendi na areia e na relva
> mulheres de todas as cores.
> Moldei as chaves do mundo
> a que outros chamaram seu,
> mas quem mergulhou no fundo
> Do sonho, esse, fui eu.
> O meu sabor é diferente.
> Provo-me e saibo-me a sal.
> Não se nasce impunemente
> nas praias de Portugal.

[22] LOURENÇO, op. cit., p. 44-54.

estrangeiros, degredados, comerciantes e toda sorte de miseráveis, completam o quadro de colonos que inicialmente aportaram em terras tropicais.

Lourenço, inicialmente, comenta sobre o quadro *A queda de Ícaro* que está no Museu Real de Bruxelas (Peter Brueghel, o Velho). Vê-se no quadro, Ícaro, "o símbolo da ambição humana", mergulhar no mar. Ao largo, uma carranca exibe as armas de Portugal. A cena, segundo o autor, provavelmente passa-se no séc. XVI, em algum porto como Flandres ou Antuérpia, e reflete a onda do expansionismo europeu pelo mundo, encabeçado por Portugal. O autor, ainda não chama verdadeira emigração a saída para a descoberta de novos mundos, mas diz dela: "A emigração supõe que alguma coisa de melhor do que o que se deixa nos espera para nos dar a oportunidade de mudarmos de estado ou de funções". [23]

Assim, afirma que a primeira vaga migratória se configura como ida para colonizar sem a possibilidade, contudo, do retorno desejado, "o regresso a casa, como a busca, mítica de Ulisses".[24] Portugal despovoa-se. Com a conquista do México por Cortés e do Peru por Pizarro, o autor assinala o início das emigrações, a ida em busca de algo melhor sem a certeza do regresso. Entretanto, faz a seguinte ressalva: partia-se para algo considerado "seu". Fugia-se das misérias de origem, para ir explorar as misérias dos outros. Esse colono chega como senhor e segundo o autor, "não veste a pele dolorosa do emigrante". [25]

O sentimento de ir para um lugar com a expectativa de "uma vida melhor numa nova pátria" e com a certeza do não regresso é atribuída, por exemplo, aos ingleses, que "fizeram a América". Ou seja, estes foram capazes de dar ao seu imaginário um novo lugar e construir uma "nova identidade simbólica fundadora de uma liberdade e de uma autonomia desconhecidas no Velho Mundo".[26] Para Lourenço, já os portugueses, espanhóis e franceses parecem, no entanto, reafirmar-se no papel pronunciado do "outro", ao refugiar-se numa identidade estrangeira. Para os portugueses, o problema do auto-refúgio num nacionalismo exacerbado acentua-se, por exemplo, na reprodução do modo de vida e nos não batismos das terras povoadas com nomes europeus, o que

[23] ibidem, p. 45.
[24] ibidem, p. 46.
[25] idem.
[26] ibidem, p. 47.

denota a dificuldade de criar a tal “nova identidade simbólica”. Assim, os emigrantes portugueses atuam “como se nunca tivessem saído de casa... Mais tarde, pagarão essa vocação ‘migratória sem invenção de identidade’, por assim dizer, como um suplemento de nostalgia”.[27]

Lourenço ainda afirma que: “A emigração empírica de milhões dos nossos concidadãos ao longo dos séculos nunca foi afetada por uma conotação trágica, nem sequer verdadeiramente dramática, mas antes dolorosa e melancólica, sempre na esperança do regresso”. Simbolicamente “tudo se passa como se o português nunca tivesse emigrado”. [28]

Se a emigração não teve uma conotação dramática, mas sim nostálgica, o mesmo não se pode dizer da descolonização, especialmente de Angola, cuja população ‘branca’ residente na altura, em sua maioria angolana luso-descendente ou portuguesa, era de aproximadamente 280.000 mil pessoas. [29]

Em Angola, a caminho da independência (ambição esta sonhada por alguns daqueles que saíram), não havia lei que determinasse a obrigatoriedade para a retirada da população ‘branca’. Entretanto, esta, em sua quase totalidade, acuada pelo conflito civil instaurado entre os movimentos de libertação ainda durante a guerra colonial, marchou rumo ao esvaziamento completo e imediato da sua mais importante cidade, São Paulo de Luanda, uma das mais modernas cidades da África. O desenvolvimento de Luanda era superior às demais capitais africanas, sendo somente comparável a Joannesburgo na África do Sul. Universidades[30], uma atividade industrial promissora, comércio e serviços bancários desenvolvidos foram abandonados, pois a maior parte dos quadros técnicos era ‘branca’. Havia ainda um grande número de ‘mestiços’ inseridos nos quadros técnicos, e que também acabaram, em parte, por sair do país. Mesmo diante da vontade de alguns ‘brancos’ em permanecer no local e participar na edificação da Angola recém-independente, ou ainda, continuar sua vida no país, as famílias sentiam-se desprotegidas.

[27] ibidem, p. 48.
[28] idem.
[29] O dado regitra-se no trabalho de Fernando Mourão (MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **Continuidades e Descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda**: uma interpretação do desenho urbano. São Paulo: Terceira Margem, 2006, p. 44). Como fonte de consulta também verificar CASTELO (op. cit., 2007, p. 216), cujo número coincide com as estatísticas citadas por Mourão.
[30] Informe-se aqui que as Universidades quase que exclusivamente eram cursadas por uma elite ‘branca’. Face perversa e segregatória, reflexo da situação colonial.

Não havia mais condições normais de habitação e da manutenção das infra-estruturas básicas: abastecimento de água, alimentos, energia. Com a cidade sitiada e constantemente ameaça por um conflito ainda mais pungente entre os exércitos dos movimentos que estavam próximos à capital quando de sua independência, não houve alternativa senão sucumbir ao desespero de sair imediatamente, ou prioritariamente proteger os filhos, mandando-os embora primeiro. Muitas famílias separaram-se: circunstancialmente ou definitivamente. Recorrer em última instância à ponte área organizada pelas autoridades portuguesas era a tábua rasa de salvação. Comunicar-se com os familiares em Portugal, muitas vezes já de convivência longínqua devido à separação dos muitos anos de imigração, ou tentar um lugar ao sol em outros países, mesmo sem apoio familiar ou de amigos, seria prática comum para essas famílias.

Levaram consigo o que era possível carregar. Muitos despacharam seus bens por navios, saqueados constantemente nos portos. A dada altura não houve possibilidade de transferir recursos. Recomeçar do zero foi palavra de ordem para muitos.

Este é o pano de fundo das circunstâncias que marcam a trajetória da maioria dos imigrantes luso-angolanos que buscaram, no Brasil, um refúgio.

1.2. *Uma abordagem da imigração: O que é ser imigrante? A relação tempo e espaço*

Ainda que se ressalte a particularidade do exílio desse contingente de pessoas, refugiadas das ex-colônias, é possível inscrevê-las na análise feita por Abdelmalek Sayad sobre a condição do imigrante e "seu corolário" o emigrante.

Para o autor, a imigração entende-se como um fato social total[31] e abrange do ponto de vista epistemológico as mais diversas áreas do conhecimento, como a antropologia, as ciências políticas, a geografia e demografia, a história (entre outras), interligando-as.

Segundo Sayad a imigração configura-se no deslocamento de pessoas no espaço, e principalmente, no espaço físico, alterando o desenho da sua ocupação territorial e social. Portanto, há uma relação direta ao que se chama imigração num determinado lugar, sociedade, com a emigração noutro lugar e sociedade. Trata-se de uma relação dialética e a propósito, Sayad comenta:

> Ainsi que deux faces d'une même réalité, l'émigration demeuve l'autre versant de l'immigration, en laquelle elle se prolongue et survit, et qu'elle continuera à accompagner aussi longtemps que l'immigré, ce double de l'émigré, n'a pas disparu ou n'a pas été oublié définitivement en tant que tel – et encore, cela n'est pas sûr absolument, car l'émigré en tant que tel peut être oublié par la société d'émigration plus facilement et avant même, qu'il ait cessé d'être appelé du non d'immigré.[32]

Assim, para o autor a dualidade de um mesmo fenômeno, a emigração e a imigração, se mostra, na medida em que um determinado conjunto de circunstâncias sociais leva a que a população de um determinado local e época dê origem, do mesmo modo, a uma forma também particular de imigração em outro lugar, idéia que ilustra as diferentes fases migratórias que marcam a ida dos colonos portugueses para Angola. Desta forma, pode-se caracterizar o fenômeno como um processo não uniforme, regulado por ondas distintas ao longo do tempo. Seguindo o raciocínio do autor, os diversos grupos pertencentes a estas "idades de imigração" se distinguem dentro da

[31] Referência a Marcel Mauss.
[32] SAYAD, Abdelmalek. **L'immigration ou les paradoxes de l'altérité**. Paris: Éditions Raisons D'Agir, 2006, p. 15

comunidade imigrante, perpetuando a existência de diferentes categorias de emigrantes e imigrantes.[33]

Insere-se neste ponto a questão da temporalidade. Não somente há o deslocamento no espaço, mas também no tempo, reconfigurando as realidades sociais a cada etapa. Formam-se assim, categorias que carregam consigo uma dimensão cultural própria de cada época, anseios e valores singulares.

As "idades da emigração" em Portugal estão ligadas à especificidade da expansão do Império marítimo português. Primeiramente, remete à necessidade de povoar as localidades nas quais Portugal se estabeleceu comercialmente. Posteriormente, torna-se premente ocupar os territórios para mantê-los, condição imposta por força das pressões externas das potências mundiais com interesses nas possessões portuguesas.[34] Numa terceira grande etapa, as emigrações portuguesas deram alento a firmar o império no imaginário português, para quem as colônias seriam uma continuidade de Portugal, atribuindo-lhes uma forma diferenciada de colonialismo, em reconhecimento à sua atribuída vocação para misturar-se e levar a outras sociedades os seus valores e cultura (cumpre-se dizer, no plano ideológico. No plano econômico, Portugal havia recebido pesados investimentos externos nas colônias, de certo modo comprometendo a sua administração a interesses estrangeiros; sem contar a dependência dos ganhos com a exploração dos diamantes, matérias primas baratas, proteção de mercado para têxteis e vinhos etc.).[35] O lusotropicalismo, conceito criado por Gilberto Freyre, incumbe à explicação sociológica da presença portuguesa nos trópicos, à missão de corroborar a manutenção do império pelo governo Salazar. É uma marca deste período, em que inúmeras famílias portuguesas dirigem-se ao Brasil, e sobretudo à África (em Angola maior fluxo a partir da década de 1940, sendo que há um crescimento exponencial a partir de 1950).[36] Enquanto o governo português incentivava as famílias a emigrar, famílias pobres e habitualmente

[33] ibidem, p. 21-22.
[34] Especificamente com o Tratado de Berlim de 1884-1885 este aspecto tornou-se mais pungente.
[35] MAXWELL, Kenneth. **O Império derrotado**: revolução e democracia em Portugal. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 39-52.
[36] Podemos citar aqui o seguinte comentário a respeito da população de Luanda: "Para cada 'branco' registramos 4.9 'negros' em 1940, relação que, em 1970, caiu para 2.49. Com as medidas de objetivos nitidamente políticos tomadas pela metrópole no sentido de aumentar a presença da população 'branca' em Angola, Luanda, a principal 'beneficiária', foi 'embranquecendo' de década para década." (MOURÃO, op. cit., 2006, p. 47).

sem outro remédio para a pobreza que não a emigração, aumentava a pressão internacional para que o último império do ocidente pusesse fim ao seu domínio. Entre 1951 e 1952, o governo português patrocina a visita de G. Freyre às colônias portuguesas em África e em localidades da Ásia, resultando nos livros *O mundo que o português criou* e *Aventura e Rotina*. A intenção do governo português era clara: transportar para a África os contornos dados por Freyre à singular forma de colonizar do português, legitimando no prestígio dos estudos científicos do pesquisador, a ideologia do Estado Novo, como tentativa de abrandar a situação colonial, e evocar a missão colonizadora portuguesa, à margem da opinião das Nações Unidas, e contrariamente ao movimento de concessão da autodeterminação pela Bélgica, Inglaterra, França, para suas ex-colônias. Esta "propaganda" tinha, por assim dizer, o intuito de atingir o interno e o externo, ou seja, convencer a população portuguesa e ao resto do mundo, da legitimidade de "Portugal do Minho ao Timor".[37] Para Salazar, manter o império era crucial para a hegemonia da sua pequena nação, que se queria grande e protegida contra a perpétua ameaça (histórica e geográfica) da proximidade com a Espanha.

O fim do império ocorre somente depois de 14 anos de guerra, exaurindo os parcos recursos financeiros e militares portugueses. Segundo Kenneth Maxwell, em 1974, um milhão de portugueses haviam passado pelo serviço militar no ultramar. Só nesse ano, dos 150 mil homens no continente africano, 60 mil estavam arregimentados em Angola, o que significava 30,83 militares por mil habitantes, número superado apenas por Israel (40,09) e Vietnã (31,66 no norte e 55,36 no sul). O orçamento militar representava na altura 7% do PNB, percentualmente superior ao gasto militar dos Estados Unidos.[38]

A presença do imigrante como presença estrangeira carrega consigo uma série de ilusões que normalmente são intrínsecas à sua condição: o sentimento do provisório, o trabalho como *leitmotiv* e a neutralidade política. Para Sayad, nos laços que unem estes três pontos estão os fundamentos dos paradoxos da imigração. A questão do retorno, da participação do imigrante no

[37] LÉONARD, Yves. Salazarisme e Lusotropicalisme, Histoire D'une Appropriation. **Lusotopie**, 1997, p. 217-226. O tema do Lusotropicalismo será explorado mais detalhadamente adiante no capítulo 2.
[38] MAXWELL, op. cit., p. 52-60.

local em que se fixa (em termos de trabalho, culturais, políticos) são temas que questionam os limites das identidades nacionais e da concepção de alteridade.[39] Aqui, há que se fazer um comentário sobre a situação especial dos portugueses em Angola. Havia privilégios conferidos à população portuguesa em termos de acesso a cargos públicos, vantagens em termos de ascensão social e um tratamento diferenciado sobre a maioria da população local. Assim a concepção de alteridade se dá dentro da relação dialética entre colonizador e colonizado.

Na definição do fenômeno da imigração, Sayad coloca que lhe é própria a dissimulação da verdade da sua condição quando se confunde o direito com o fato, levando à contradição: confunde-se a situação provisória de direito com a durabilidade do fato em si, a tal ponto que não se pode determinar se se trata de um estado provisório que se prolonga ou de um estado mais durável que se quer provisório. Esta antinomia se reflete também no modo como a sociedade vê a condição do imigrante. Neste sentido, o autor comenta:

> Cette contradiction fondamentale semble être constitutive de la condition même de l'immigré. Elle s'impose à toute le monde: aux immigrés, bien sûr, mais aussi à la société qui les reçoit, ainsi qu'à la société donc ils sont originaires; elle impose à tous d'entretenir l'illusion collective d'un état qui n'est ni provisoire ni permanant ou, ce qui revient au même, d'un état qui n'est admis tantôt comme «provisoire» puisse durer indéfiniment, et tantôt comme définitif (en fait) qu'à condition que ce «définitif» ne soit jamais énoncé come tel.[40]

A situação de permanência prolongada acaba por levar à conquista de certos direitos, mas não diminui a necessidade de sua constante afirmação. Direitos estes oriundos do reconhecimento das sociedades de acolhimento dos valores sociais agregados pelos imigrantes. Entretanto, o direito total nunca é alcançado, ficando circunscrito a determinados limites.[41]

O balanço que se faz da imigração é normalmente medido pelos custos e vantagens advindos da imigração, não só no sentido econômico

[39] SAYAD, op. cit., p. 23.
[40] ibidem, p. 32.
[41] Em Angola os luso-angolanos eram considerados pela Metrópole, "portugueses de segunda categoria". A eles era limitada, por exemplo, a ascendência na carreira pública, ficando sempre limitados a cargos mais baixos.

No caso dos portugueses residentes no Brasil há a possibilidade de obtenção de dupla cidadania ou equivalência de direitos. Sem dúvida uma exceção em termos de políticas migratórias, fruto do Tratado de Amizade e Consulta, mencionado no capítulo 2.

(principalmente ligado à questão do trabalho imigrante) como também no campo das relações e estruturas sociais, não pondo de parte os efeitos sobre as sociedades de origem. Desta forma, cabe a avaliação tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo.

A interpretação destes balanços está sempre sujeita a divergências por parte dos diversos interlocutores, ainda que se trate somente da análise de dados objetivos.

Alguns fatores considerados para efeito da determinação dos custos/vantagens da imigração:

- A quantidade de recursos enviados pelos imigrantes ao seu país de origem (neste caso trata-se de uma vantagem para os países de emigração);
- Ao país de origem seriam imputados os custos de formação e educação de um trabalhador adulto que emigra (neste caso uma vantagem para o país de imigração e uma desvantagem para o país de origem);
- Em termos qualitativos, por exemplo, há mudanças sociais imputadas tanto ao país de acolhimento quanto ao país de origem (ambos têm que se adaptar a uma nova dinâmica social imposta pelas migrações).

Há deste modo sempre um viés de dualidade no cômputo dos custos e vantagens da imigração. Todavia, no limite, as políticas migratórias, de forma pragmática, visam minimizar custos e maximizar vantagens, num resultado que se pretende positivo, sobretudo sob o aspecto econômico.[42] Neste sentido o autor afirma:

> […] immigration et immigrés n'ont de sens et de raison d'être que si le tableau à double entrée dressé à effet de comptabiliser les «coûts» e les «profits» présent une solde positif – idéalement, l'immigration devrait ne comporter que des «avantages» et, à la limite, aucun «coût». Comment maximizer les «avantages» (sourtout économiques) de l'immigration tout en réduisant au minimum le «coût» (notamment social et culturel) qu'impose la présence des immigrés? C'est là une formulation qui, en même temps qu'elle condense en elle toute l'histoire du phénomène de l'immigration, révèle la fonction objective (c'est-à-dire secrète) de la réglementation appliqué aux immigrés: changeant selon les circonstances, selon les populations concernées,

[42] SAYAD, op. cit., p. 35-40.

> cette réglementation vise à imposer à tout le monde la définition constituée en fonction des besoins du moment.[43]

Numa outra perspectiva, do ponto de vista interno, há entre os imigrantes também certa hierarquia, sendo que os imigrantes que estão a mais tempo no local de acolhimento têm outras condições de vida e os imigrantes mais recentes acabam por submeter-se a condições de trabalho mais degradantes[44]. Faz-se também a distinção entre a migração para trabalho e povoamento (característica das migrações oriundas de colonização, deslocamentos de populações refugiadas, etc.). Para o autor estes dois planos que parecem paralelos fundem-se de modo que uma forma seja a extensão da outra sob determinadas circunstâncias.

Outra questão crucial dentro do tema das migrações e, particularmente, para o imigrante, é a questão do retorno. A centralidade desta questão ultrapassa o plano das relações para entrar no plano existencial, no plano das consciências, uma vez que remete ao próprio questionamento do que é ser imigrante. Projeta-se sobre o tempo, passado, presente e futuro e passa para o campo das representações, do quotidiano, do sentimento de pertencer a um grupo distante geograficamente, mas cujos valores e hábitos tradicionais misturam-se aos adquiridos. Desdobram-se daí a questão do exílio, da nostalgia.

O retorno faz parte do imaginário do imigrante, dele próprio, sobre si próprio e do seu grupo. Leva-o para dentro de si, a um tempo também distante num artifício da memória que antecede a emigração, como se possível fosse alcançar a reminiscência do passado que abriga o lugar que se sabe de origem, numa visita nostálgica que desloca a consciência num espaço que se sabe existir, mas que não se ocupa. Não se trata apenas do espaço geográfico, do lugar em si, mas também sua representação social (valores, cultura, convívio com o grupo). Mas não há retorno verdadeiro (retorno ao mesmo, ao idêntico).[45]

No fundo é uma falsidade que se quer verdadeira. Pois, nem o lugar tal como era existe, nem a pessoa que o sonha é a mesma:

---

[43] ibidem, p. 42.
[44] Cf. Excertos da entrevista de F.C. no capítulo 3.
[45] SAYAD, op. cit., p. 140-141.

> Relation au temps, avoues nous dit, le retour, tel qu'il est porté dans l'imaginaire immigré (et par l'imaginaire de l'immigré), et pour l'immigré lui-même, mais aussi pour son groupe, en retour de soi, un retour sur le temps antérieure à l'émigration, une rétrospective, donc une affaire de mémoire qui n'est pas seulement une affaire de nostalgie au sens premier du terme, l'algie du *nostos* (la douleur du retour (*hostos*), Ithaque étant pour Ulysse le non de ce remède. En vérité, la nostalgie, n'est pas le mal du retour, car c'est une fois celui-ci accompli que l'un découvre que le retour n'est pas la solution: il ne peut y avoir vraiment retour (à l'identique). Si on peut toujours revenir au point de départ (l'espace se prête bien à ces allers et retours), en revanche on ne peu revenir au temps du départ, ni retour en l´état les lieux e les hommes qu'on a quittés, tels qu'on les avait laissés.[46]

O espaço definido pelo autor é um espaço nostálgico e carregado de afetividade. Desta nostalgia surge um sentimento de sacralização, pois seu poder de transfigurar tem esta força. O país natal, a morada dos ancestrais, a casa da infância, lugares visitados pela nostalgia são santificados, sinônimos de um paraíso perdido, do bem, do lugar de origem, lugar de peregrinação. Há ao mesmo tempo um forte sentido de identidade individual e coletiva – o voltar para casa, para a família, o ter para onde voltar.[47]

Mas de fato que espaço ocupará o imigrante? Pois a dupla vida imposta pela sua condição também o remete a um duplo sentimento de ausência. Pois, estando fisicamente no país que o acolheu, está ao mesmo tempo emocionalmente e mentalmente ligado ao país que deixou. Como emigrante acontece-lhe a lógica inversa, estar distante fisicamente e presente enquanto ainda ligado a seus valores, costumes de origem. É comum o sentimento de não pertencer, ao fim e ao cabo, a lugar nenhum, e nesse sentido ser permanentemente estrangeiro. É comum haver na identificação como estrangeiro, tanto no local de partida como no de origem, fortes fundamentos para o sentimento de não pertencimento.

Para realçar o duplo sentido da condição do imigrante, Sayad afirma que, por um lado, na sua fase de emigrante este é visto pelo seu grupo de origem, muitas vezes como um traidor; ao passo que também como imigrante é visto, com freqüência, com desconfiança. Neste sentido, o sonho de construir algo em outro lugar e ter sucesso financeiro seria uma forma de provar ao grupo que a atitude foi acertada. O sonho da riqueza para quem se lança ao desconhecido é um triunfo que serve também para apaziguar certa culpa do

[46] ibidem, p. 141-142.
[47] ibidem, p. 143-144.

"se" (assalto contínuo do pensamento ante a possibilidade de não ter imigrado), do balanço que se faz da escolha (há situações impostas por crises políticas ou de guerra em que o exílio, o banimento, que não podem ser vistos propriamente como escolhas, mas sim como única saída).

Com relação às diversas categorias que podem ser atribuídas ao imigrante, destacamos estas, a do assimilado e a do exilado, que se inserem dentro do presente contexto e ajudam a explicá-lo. O imigrante se quer assimilado como afirma Todorov:

> […] L'*assimilé*. C'est d'abord, le plus souvent, celui que ne fait que le Voyage aller simple: l'immigrant. Il veut connaître les autres, parce qu'il est amené à vivre parmi eux; il veut leur ressembler, parce qu'il souhaite être accepté par eux. Son comportement est donc exactement à l'opposé de celui de l'assimilateur: il va chez les autres, non pour les rendre semblables à soi, mais pour devenir comme eux (pour participer, par exemple, «au rêve américain»).[48]

O exilado, por sua vez, evita a assimilação e permanece como estrangeiro, não provisoriamente, mas definitivamente:

> [...] L'*exilé*. Ce personnage ressemble par certains côtés à l'immigrant, par d'autres à l'éxote. Comme le premier, il s'installe dans un pays qui n'est pas le sien; mais, comme le second, il évite l'assimilation. Cependant, à la différence de l'éxote, il ne recherché pas le renouvellement de son expérience, l'exacerbation de l'étrangeté; et, à la différence de l'expert, il ne s'intéresse pas particulièrement au sen peuple au sein duquel il vit. Qui est l'exilé? C'est celui qui interprète sa vie à l'étranger comme une expérience de non-appartenance à son millieu, et qui la chérit pour cette raison même. L'exilé s'intéresse à sa propre vie, voire à son propre peuple; mais il s'est aperçu que, pour favoriser cet intérêt, il valait mieux habiter à l'étranger, là où on n'«appartient» pas; il est étranger de façon non plus provisoire mais définitive.[49]

A forma que assume o imigrante está suspensa entre a quase adaptação e o revisitar o ser estrangeiro. É um não se adaptar totalmente, um quase ser. É estar fora de lugar (o seu de origem) estando ao mesmo tempo num lugar que lhe é próprio (inventado pela memória, pela reprodução dos hábitos, mentalidades, ainda que de forma inconsciente) ainda que em harmonia com o espaço físico e social que ocupa. O imigrante está no centro da roda dum tempo sincrônico e diacrônico.

---

[48] TODOROV, Tzvetan. **Nous et les outres**. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 456-457.
[49] ibidem, p. 458.

O lodo é o espaço do imigrante. Afundar até certo ponto, mas não totalmente. Não conseguir desprender-se dele e ali ficar. Não se pode atribuir uma conotação negativa a este espaço, apenas constatar a sua característica de instabilidade, de transitoriedade e permanência concomitantes. O tempo é seu inimigo no sentido do regresso e seu amigo no sentido da permanência.

Não há como dissociar a angústia desta condição do quase ser ao abrigo insalubre do seu frágil imaginário recriado e inventado para adaptar-se à sua nova vida. A solidão de sua condição é como uma paisagem desértica que se atravessa em linha reta. Esta lhe é indiferente, assim como parece ser o novo mundo ao qual é forçado a chamar a atenção.

Na obra *A Peste* de Albert Camus, um dos sentimentos mais pungentes é o da solidão e a angústia do exílio. A cidade de Oran, com suas portas fechadas para o mundo, separa seus concidadãos da liberdade, da normalidade do cotidiano e, sobretudo, dos entes queridos. Estar preso à situação para a qual não se está preparado, e de cuja aceitação dependem as chances de sobrevivência, é o caminho que têm de trilhar os personagens do ensaio de Camus. Sentimentos da individualidade e coletividade misturam-se, pois os temores e aflições individuais são percebidos por todos. Sabem-se, submetidos às mesmas condições. O pânico, o medo e a desconfiança tornam a atmosfera caótica, em que a solidariedade é uma lição rara. Aos poucos o sentimento de piedade esmorece na rotina do sofrimento diário. Esta transformação dos sentimentos e comportamentos do humano e suas circunstâncias é o grande pano de fundo do drama, que nos remete metaforicamente à realidade da situação colonial. É curioso verificar na abertura da obra de Camus, a citação de Daniel Defoe: *"Il est aussi raisonnable de représenter une espèce d'emprisonnement par une autre de représenter n'importe quelle chose qui existe réellement par quelque chose qui n'existe pas"* – autor de famoso relato sobre a peste bubônica que assolou a cidade de Londres em 1664-65 (*A Journal of the Plague Year*).

É dentro da ficção da peste numa pequena cidade, "uma cidade comum" e que "não passa de uma prefeitura francesa na costa argelina" que se propõe saber como e quando somos assolados pelo "flagelo" das circunstâncias. Dentro de uma perspectiva coletiva, a peste atinge a todos. Dentro de uma perspectiva individual, o sofrimento solitário e o desamparo só são aplacados

pela solidariedade em atitudes isoladas, que se contraem ou expandem, à medida do crescimento ou diminuição da esperança e das experiências adquiridas ao longo do tempo de luta contra a doença.

Algumas passagens retiradas do texto ajudam a esclarecer a explicação. Nesta parte transcrita abaixo o contexto do exílio é abordado:

> Assim, a primeira coisa que a peste trouxe aos nossos concidadãos foi o exílio...Sim, era realmente o sentimento do exílio esse vazio que trazíamos constantemente em nós, essa emoção precisa, o desejo irracional de voltar atrás ou, pelo contrário, de acelerar a marcha do tempo, essas flechas ardentes da memória. Se algumas vezes dávamos asas à imaginação e nos comprazíamos em esperar pelo toque de campainha que anuncia o regresso, ou pelos passos familiares na escada; se, nesses momentos, consentíamos em esquecer que os trens estavam imobilizados, se nos organizávamos para ficar em casa à hora em que normalmente um viajante podia ser trazido pelo expresso da tarde até o nosso bairro, esses jogos, obviamente podiam durar. Chegava sempre um momento em que nos dávamos conta claramente de que os trens não chegavam. Sabíamos, então, que a nossa separação estava destinada a durar e que devíamos tentar entender-nos com o tempo. A partir de então, reintegrávamos, afinal, à nossa condição de prisioneiros, estávamos reduzidos ao nosso passado e, ainda que alguém fosse tentado a viver no futuro, logo renunciava, ao experimentar as feridas que a imaginação finalmente inflige aos que nela confiam.[50]

O sentimento de futuro adiado é o elemento de angústia. Viver isolado e preso ao passado tendo apenas as lembranças como meio de fuga, agrava o quadro de ansiedade e de leitura da realidade, porque dela quer-se fugir. Portanto, a ação fica paralisada. Somente o sentimento de solidariedade que provoca a capacidade de reação, faz ultrapassar a condição de se estar preso "às abstrações da peste".[51]

Neste sentido, podemos destacar da obra a seguinte passagem:

> Experimentavam assim o sofrimento profundo de todos os prisioneiros e de todos os exilados, ou seja, viver com uma memória que não serve para nada. Este próprio passado, sobre o qual refletiam sem cessar, tinha apenas o gosto do arrependimento. Na verdade, gostariam de poder acrescentar-lhe tudo quanto lamentavam não ter feito, quando ainda podiam fazê-lo, junto a esse ou aquela que esperavam - assim como, a todas as circunstâncias, mesmo relativamente felizes, da sua vida de prisioneiros, misturavam o ausente e o resultado não podia satisfazê-los. Impacientes com o presente, inimigos do passado e privados do futuro, parecíamos-nos assim efetivamente com aqueles que a justiça ou o ódio humano fazem viver atrás das grades. Para terminar, o único meio de escapar

[50] CAMUS, Albert. **A Peste**. Rio de Janeiro: Editora Record, s.d, p. 52.
[51] ibidem, p. 66

> a estas férias insuportáveis era, através da imaginação, recolocar em movimento os trens e encher as horas com os repetidos sons de uma companhia que, no entanto, se obstinava no silêncio.[52]

Os sonhos e reflexões dos exilados pela peste (assim como dos sonhos dos imigrantes, sobretudo a respeito do campo simbólico do regresso) se passam no pretérito do futuro, ou seja, num tempo de concretizações imaginárias ou impossíveis.

Há outros aspectos da obra de Camus, além da condição do exílio e o papel da solidariedade que se podem ligar aos momentos vividos na descolonização, e que surgem nos depoimentos: a incapacidade quase que geral de reconhecer a gravidade dos acontecimentos que estavam por trás do inicio dos conflitos com os movimentos de libertação, que culmina, claramente, na surpresa e incredulidade em ter que abandonar Angola em fuga. Num dos momentos em que evolui a tensão narrativa de Camus, o padre católico Paneloux irá realizar um ato ecumênico de "preces coletivas",[53] a que a população é chamada a participar. Mas, a resposta ao apelo só é sentida por alguns; menos a despeito da religiosidade, mais relacionado ao descrédito de que a doença pudesse resumir-se à totalidade da realidade em que o indivíduo estava submerso. A este respeito, destacamos a seguinte citação:

> A semana de preces foi seguida por um público numeroso. Não é que em tempos normais os habitantes de Oran sejam particularmente piedosos. No domingo de manhã, por exemplo, os banhos de mar fazem séria concorrência à missa. Não era também que uma súbita conversão os tivesse iluminado. Mas, por um lado, com a cidade fechada e o porto interditado, os banhos não eram possíveis e por outro lado, encontravam-se num estado de espírito bem singular em que sem terem admitido no fundo de si próprios os acontecimentos surpreendentes que os atingiam, sentiam efetivamente que algo, é obvio, mudara. No entanto, muitos continuavam a esperar que a epidemia parasse e que eles fossem poupados, com as suas famílias. Por conseqüência não se sentiam obrigados ainda a nada.[54]

O mesmo tipo de descrédito, o sentimento de estar à margem dos acontecimentos pode ser atribuído em relação à realidade da descolonização; que é consensual mediante os depoimentos colhidos entre o grupo de entrevistados que deixou Angola na ponte aérea de emergência. Só nó último

[52] ibidem, p. 53-54.
[53] ibidem, p. 67.
[54] Idem.

instante, a presença do conflito armado chegou a Luanda, e os rumores de possíveis retaliações contra a população 'branca' (difícil de julgar num clima de confusão e guerra civil), surtiram efeito sobre os humores desta minoria. A idéia que marcadamente transparece a partir das narrativas é que uma mensagem contrária à retirada, proferida de qualquer parte, talvez fosse suficiente para dissuadir o fim, a fuga. Nenhuma mensagem chegou à população neste sentido; e certamente nem poderia ter chegado, pois o momento era de ruptura. E, numa situação de ruptura, não há uma sucessão de um estado a outro, mas sim uma sobreposição de estados (semelhante à imagem da mudança de estado físico na sublimação).

Assim como na ficção, na vida real, para que seja possível um indivíduo adaptar-se a uma nova realidade é necessário primeiro reconhecê-la e ser socialmente reconhecido no novo meio a que se inseriu.[55] Vale lembrar que para os que deixaram Angola, a resposta da sociedade portuguesa da metrópole veio através da distinção pela atribuição da alcunha de "retornados" aos portugueses do ultramar e seus descendentes. Contudo, a adaptação em Portugal, apesar de ser a opção mais comum, não estava ao alcance de todo o grupo.

A situação colonial, à semelhança da peste, a todos afetou. E pretendemos saber se após a inevitabilidade da descolonização, com que identidade se define os que deixaram Angola para reconstruir suas vidas no Brasil, país imaginado à luz da mesma língua, da literatura e música familiares, também localizado nos trópicos, além de ser um país mestiço. Que espaço social ocupavam e passaram a ocupar os angolanos que vieram para o Brasil, sobretudo após a independência de Angola? Como se definem e se distinguem dos imigrantes portugueses em São Paulo? Em que condições aqui se fixaram? Quem são essas pessoas nascidas dentro da realidade colonial, (coloniais, portanto), mas ao mesmo tempo, pertencentes a um tempo de ruptura, de mudanças radicais em seu país, que não começaram com a independência de Angola, mas sim, com o início da luta armada pela libertação. O divisor de águas chega, portanto, como o nascimento do sentimento do nacionalismo no plano da luta. A angolanidade inaugura um

[55] No plano psicológico, o aceitar um nova realidade após um trauma, é semelhante à idéia de vivenciar o luto.

período de transição, que toca a população de fora para dentro. Externamente se formam os líderes e sua missão é propagar internamente este espírito de libertação, sem destruir a unidade territorial.

Em Portugal, a volta dos colonizadores ao país de origem não saiu propriamente à maneira do retorno idealizado por todo emigrante, mas sim precipitado, em que o sonho do retorno tornou-se para muitas famílias pesadelo. E os emigrantes, batizados com a alcunha de "retornados", foram inicialmente recebidos com desconfiança e, até, com certo desdém por alguns. Vistos com maus olhos num primeiro momento, tornaram-se posteriormente força motriz de uma transformação social e econômica. A "Universidade" que foi a África[56] lhes conferiu a iniciativa e a capacidade de adaptar-se ao inóspito das situações, desenvolveu-lhes a criatividade; ao contrário do ranço social de que se alimentava o espírito do "português europeu". Este ciclo foi rompido com a Revolução dos Cravos e posteriormente, sua fonte de renovação foram os retornados. Adaptaram-se alguns; outros partiram para recomeçar em outro lugar que não fosse aquele da infância, própria ou de seus pais, a pátria-mãe. Inventar um espaço e nele o seu estado de pertencimento. Um novo tempo e novas circunstâncias iriam dar outro sentido à própria existência, assim como em Angola seria dado início a um novo projeto de nação. De fato, a forma abrupta do rompimento com o governo português encerrou uma etapa histórica e deu início a outra de muitas dificuldades por superar, tanto para os angolanos recém independentes, tanto para aqueles que foram reconstruir suas vidas em Portugal ou em outro país. Mas para aqueles que não retornavam a nada, os luso-angolanos, para reiniciar seria necessário ocupar um novo lugar. E o futuro de Angola e seus vislumbres, passa quase que exclusivamente para o plano das idealizações.

O conhecimento do sofrimento e das mútuas agressões tanto por parte de colonizadores tanto por parte dos colonizados é reflexo de um desencontro de projetos, da situação colonial a desumanizar os indivíduos. O ódio racial alimentado de ambos os lados, ainda que não generalizado (do lado português parte da população, mais politizada, capaz de uma análise histórica menos superficial, apoiava os ideais independentistas, e o MPLA mantinha um

[56] Referência à expressão citada em Fernando Mourão (MOURÃO, apud., 2006, p. 33) e nos excertos da entrevista com F.C (capítulo 3).

discurso no sentido da aceitação multirracial), reflete a existência do abismo que separa as culturas quando a exploração desmedida e prolongada se impõe, sorrateiramente, às tentativas de estreitar as diferenças. Mesmo que sincera a condição de quem deixa suas referências sociais, culturais e emocionais com um mar a separar-se delas para enfrentar novos horizontes de vida e com ela todo o novo aprendizado cultural e prático que lhe são imanentes, o resultado deste encontro serve primordialmente ao sistema colonial. Neste contexto, há sempre discrepâncias no exercício do poder, na concessão de favores ou benefícios, que agraciam uns e desfavorecem outros (e os outros são normalmente a maioria). Na fisiologia do colonialismo o corpo social fatalmente envenena-se, assim como o sangue venal e arterial são parte de um mesmo sistema, mas nunca se podem misturar.

CAPÍTULO II

ANGOLA: REALIDADES E IDEALIZAÇÕES

2.1. *As relações Brasil-Portugal-Angola*

Em entrevista concedida à *Revista da Cultura*, o fotógrafo Sebastião Salgado afirma que num dado momento jurou "nunca mais pôr os pés na África". Perguntado em que momento, responde: "Foi nos anos 1974-1975, de violência extrema em Angola, a guerra... E com as barbáries que vi, disse: "Chega, não volto mais!".[57]

Sebastião Salgado retornou, assim como outros milhares de angolanos da diáspora retornaram e continuam a retornar após várias décadas, atualmente com mais entusiasmo e esperança após o término da guerra civil que ali se instalou mesmo antes da independência em 11 de novembro de 1975.

Mas aqui, neste ponto, no tema dos retornos (físico ou simbólico), dê-se, talvez, o fim de uma narrativa sobre a guerra colonial e seus desdobramentos, cuja bibliografia é extensa e cada vez mais se avoluma nas estantes, dado o distanciamento dos fatos - momento oportuno que permite aos historiadores analisá-los à luz de outras perspectivas, que aquelas predominantes no calor dos acontecimentos. E não só: as memórias e o apelo nostálgico - quando não de trauma – dos anos vividos em África por muitos civis e militares, desvela-se num fenômeno recente no âmbito dos lançamentos editoriais portugueses.

No Brasil tal fenômeno não se repete, pois a história de Portugal, ou o vínculo brasileiro para com a nação e independência de Angola, apesar de historicamente importante, passa muito despercebido. Faz parecer tratar-se de uma tênue corrente marítima, aquela que nos liga deste lado do Atlântico à outra margem do rio.[58] Entretanto, basta dizer que o Brasil foi o primeiro país a

[57] SALGADO, Sebastião. Andarilho das Curvas do Mundo. *Revista da Cultura*. São Paulo, edição 6, p. 4-9, Janeiro de 2008. Entrevista concedida a Fernando Eichenberg.

[58] Em relerência ao título do trabalho de Alberto da Costa e Silva sobre as relações históricas do Brasil com a África: SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico**: a África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFRJ, 2003.

oficialmente reconhecer a independência angolana, para inferir que a corrente não era tênue, e nem mesmo o rio, de águas mansas.

O papel do Brasil no contexto das relações internacionais não poderia deixar de ser ambíguo. Nem mesmo no plano teórico o deixaria de ser, pois o lusotropicalismo de Gilberto Freyre foi um dos pilares de sustentação da defesa salazarista do colonialismo português. Entretanto, o Brasil seria o destino de muitos exilados políticos e intelectuais portugueses perseguidos pelo regime salazarista. Este apoio intercontinental seria fundamental no desenrolar dos acontecimentos, ainda que velado, ainda que inicialmente, meramente no plano cultural, intelectuais como Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro[59], dentre outros, fomentaram tanto o interesse de intelectuais brasileiros quanto do Itamarati e de grupos políticos, a prestar atenção ao que acontecia na margem de lá. Um exemplo a ser citado é a formação do Centro de Estudos Afro-Orientais na Bahia (CEAO – Universidade Federal da Bahia) criado em 1959 por sugestão do professor Agostinho da Silva[60], (mais tarde, também um colaborador na criação da Universidade de Brasília) que plantou uma semente - ainda que "semeada no pó" como se diz das plantações no arquipélago de Cabo Verde, dadas as dificuldades – contribuindo para o estudo científico da presença do negro no Brasil[61], e para a formação de uma consciência sobre a sua importância histórica e sua herança cultural, além de inspirar outros grupos na tarefa de criar novos centros de estudos. Nesse sentido, o tema África passa a ser mais visível. Nada mais justo e importante do que refinar o

[59] Cabe aqui lembrar a importância do Jornal *Portugal Democrático*, fruto da corrente de militância antisalazarista no Brasil, em cujas páginas Casais Monteiro teve participação.

[60] Em referência à entrevista concedida por Waldir Freitas Oliveira à *Revista de Estudos Avançados*: OLIVEIRA, Waldir Freitas. As pesquisas na Bahia sobre os afro-brasileiros. **Estud. av.**, 2004, vol.18, no.50, p. 127-134.

[61] O tema designado de estudos sobre o negro no Brasil desenvolveu-se inicialmente na Bahia envolvendo nomes clássicos como Arthur Ramos, Nina Rodrigues, na escola do Recife o professor e médico psiquiatra René Ribeiro. Numa fase posterior, em São Paulo, Roger Bastide, Florestan Fernandes e Oracy Nogueira, todos eles da Universidade de São Paulo. Ainda nesta escola Ruy Galvão de Andrade Coelho que trabalhou nas Antilhas e, na UNESCO com Alfred Métraux. A terceita fase, com enfoque no continente africano, surge com Jânio Quadros. África passa a ter visibilidade, ou seja, o foco é acrescido de estudos sobre o continente africano e sua gente. Nesse contexto, foi criado o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBAA -1961), congregando personalidades como o senador Afonso Arinos, os professores Cândido Mendes e Eduardo Portela, que entre outras atividades passaram a editar textos relativos ao continente africano até que sua atividade foi encerrada pelo governo militar (1964). Posteriormente, no plano universitário surgem o Afro-Asiático do Rio de Janeiro (CEAA) e o Centro de Estudos Africanos Universidade de São Paulo (CEA – 1969).

Os estudos do negro desdobram-se em linha tradicional acadêmica e depois há influência dos movimentos negros norte americanos nos movimentos negros brasileiros.

entendimento sobre a realidade do continente de onde muitos de seus filhos foram trazidos escravos para o Brasil - mão de obra que ajudou o país a construir as bases necessárias para aceder ao capitalismo moderno, sobretudo pela acumulação do capital das monoculturas. Angola, nesse sentido, despontaria não só pelos tristes laços da escravatura como também pelos laços históricos e culturais. Uma vez sublinhado o interesse no plano cultural, mais uma passo seria dado no sentido de também politicamente se estabelecer uma articulação para a aproximação com as ditas províncias ultramarinas. Claro fica nesta aproximação, o interesse brasileiro no potencial econômico e de geração de influências junto ao conjunto de países de língua portuguesa com a queda do último império do ocidente. Desta forma, as relações internacionais entre Brasil e Portugal no contexto das ideologias da Guerra Fria, penderam ora para o lado do apoio à nação portuguesa, ora foram de clara hostilidade ao seu domínio colonial. Ou seja, em determinado momento, houve uma mudança de posicionamento do governo brasileiro em relação à política portuguesa do ultramar.

Cabe aqui dizer que a partir da década de 1930 com a ascensão do presidente Getúlio Vargas ao poder, há uma reaproximação dos dois países em termos diplomáticos, fazem-se esforços no sentido de estabelecerem-se planos de cooperação econômica e acordos na área cultural. Para o diplomata português José Calvet de Magalhães, houve um contributo da obra de Gilberto Freyre no sentido da criação de um clima favorável de aproximação da comunidade luso-brasileira.[62]

[62] Segundo Amado Cervo: "A obra de G. Freyre pôs, em evidência, o papel de Portugal na formação do Brasil, contestando muitas críticas deprimentes para a ação dos portugueses, até então difundidas por muitos intelectuais brasileiros. O sociólogo brasileiro concebia uma comunidade luso-brasileira baseada no que ele chamava de "luso-tropicalismo", a condição original que tinha levado o povo português a promover a interpenetração racial, lingüística e cultural, combinando a cultura européia com a cultura tropical." (CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, Calvet de; CASTRO, Dario Moreira de. (orgs.). **Depois das Caravelas**: as relações entre Portugal e Brasil: 1808-2002. Brasília: Universidade de Brasília, 2002, p. 278).

É curioso constatar que a idéia do lusotropicalismo se tornou conhecida a partir de Lisboa com edição de *Aventura e Rotina* e *O Mundo que o português criou*, da editora Livros do Brasil, em Lisboa. Estas obras resultam de viagem de Gilberto Freyre a convite do governo português a várias colônias, o que se tornou, mais tarde, um elemento de apoio técnico às teses coloniais na concepção do primeiro-ministro Oliveira Salazar. Portanto, foram obras inicialmente editadas em Lisboa, e que eram praticamente desconhecidas no Brasil, que foram postas em evidência a partir de todo um trabalho de divulgação realizado, mormente pela Agência Geral do Ultramar. Antônio Soares Amora, professor da Universidade de São Paulo, em um simpósio realizado no Instituto Francês de Lisboa na década de 50, ao ser inquirido sobre o Lusotropicalismo, deixou claro, nessa ocasião, que o tema era pouco conhecido no Brasil.

Para José Honório Rodrigues, as relações Brasil-Portugal - até à introdução principalmente das idéias de Gilberto Freyre através de *Casa Grande & Senzala* (1934), e da defesa de uma comunidade pautada pelo vínculo da língua portuguesa pelo ministro das Relações Exteriores Otávio Mangabeira (1928) – foi de extrema animosidade sendo mais "uma história de reclamações, de protestos, de dificuldades , que mais parecem um somatório de agravos que uma comunidade de interêsses". [63]

Segundo Rodrigues, "G. Freyre foi, na verdade, com seu revisionismo histórico, quem valorizou o joão-ninguém português".[64] É portanto, a partir deste ponto, da revalorização da herança cultural e da língua portuguesa que se criam condições para que haja uma simpatia no sentido da reaproximação e a sujeição dos interesses mútuos a acordos e concessões, bem como a criação de um espírito de comunidade. Daí a importância de compreender a virada do pensamento diplomático com a Política Externa Independente. O Brasil, antes submerso em afetividades de "filho" para com Portugal, passa a agir como "irmão", um avanço no sentido de atuar com mais propriedade junto à ONU no caso da questão africana, como de fato o fez (neste contexto registra-se ainda a ambição do Brasil de participar mais ativamente nas agendas internacionais).

O autor critica esta política familiar, expressa nas palavras de João Neves da Fontoura, defensor e mentor do Tratado de Amizade e Consulta de 1953, então embaixador do Brasil em Portugal: "A política com Portugal não chega a ser uma política. É um ato de família. Ninguém faz política com os pais e irmãos. Vive com êles, na intimidade do sangue e dos sentimentos".[65] Ora, claramente não se poderia considerar válido que se vinculassem decisões de política internacional por força de tratado. Este seria um erro, que foi de fato corrigido com a mudança de rumo da diplomacia, ao passar a erigir os

No prefácio da Alberto da Costa e Silva para o livro *Aventura e Rotina* de Gilberto Freyre, encontramos logo no primeiro parágrafo o seguinte comentário: " Consta que Aventura e Rotina era, de todas as obras que escreveu, a predileta de Gilberto Freyre. Ou, quando menos, uma das preferidas. Só por essa razão mereceria este livro ser lido com vagareza e cuidado. Há outros motivos, no entanto, que nos fazem correr-lhe a mão sobre a capa e abri-lo com interesse e a esperança de surpresas. Como a que devem ter tido os leitores da metade do século, ao encontrar, com uma dúzia de insistências, em que fora um tenaz opositor do fascismo e do Estado Novo brasileiro, o elogio de Salazar e a justificação de seu regime político." (FREYRE, **Aventura e Rotina**: Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 13).

[63] RODRIGUES, José Honório. **Brasil e África**: outro horizonte. 2º vol. Política Brasileiro-Africana. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964. p. 354.

[64] ibidem, p. 355.

[65] ibidem, p. 357.

interesses nacionais acima dos interesses portugueses; não sem certa ambigüidade calculada (como a abstenção na votação na ONU em 1961) quando do episódio das independências africanas. Ultrapassados os sentimentos de afetividade, o Brasil foi capaz de retomar seu próprio caminho nas relações com o continente africano, dando vazão aos interesses econômicos e estratégicos que, naquele momento, se vislumbravam sob a cortina de fumaça que Portugal fazia arder em nome de um apoio baseado em laços históricos, e de uma comunidade que de fato não existia, dadas as pobres relações econômicas entre os dois países e a dificuldade do Brasil em penetrar no mercado africano[66]; até porque na ocasião, analisando-se o comércio mundial, uma potencial relação da economia brasileira com as economias africanas ainda não fazia sentido, excetuando-se o mercado cafeeiro. O mérito desta abertura na diplomacia retrógrada de até então, dá-se na entrada para o governo do então presidente eleito Jânio Quadros e do seu ministro do Exterior, Afonso Arinos de Melo Franco. E apesar das iniciativas tomadas no sentido de fazer valer as idéias anticolonialistas e cultivar uma política voltada para o estabelecimento de relações com a África e a Ásia, tanto no plano econômico, como no plano cultural, houve diversos entraves causados pela desconfiança do bloco político conservador brasileiro, que atacou a nova postura do governo Quadros para a área internacional, voltada para o eixo sul, e sob a acusação de uma influência político-ideológica do leste europeu. Ante o pano de fundo da história, marcado pela polarização econômica do eixo norte (industrializado e mais desenvolvido tecnologicamente) sobre o eixo sul, e da disputa político-ideológica da Guerra-Fria, cresciam as dificuldades enfrentadas pela nova política externa brasileira, como relata Rodrigues:

> O *new look* do Brasil começava a não agradar às classes conservadoras, e seus aliados na imprensa iniciaram uma das mais vigorosas campanhas de que há notícia no Brasil (...) Em resumo, a idéia de restabelecer relações com a União Soviética, de enviar um observador à reunião de Bucareste, o receio da caminhada para o neutralismo, a posição em relação a Cuba, faziam crer numa reviravolta total do Brasil, apesar dos entendimentos financeiros com os Estados Unidos e a Europa. Acusava-se a presidência de querer

[66] ibidem, p. 364-365.

> divagar com a Ásia e a África, ou, ainda, de que suas principais preocupações eram a África e o Oriente europeu.[67]

Ainda sobre a repercussão interna do novo posicionamento da política externa brasileira, cita Rodrigues:

> No Congresso, a opinião se dividia, refletindo não só tendências ideológicas, o adesismo comum, como as indecisões que marcam as forças partidárias brasileiras. As flutuações da Presidência e do Ministro também influíram nas indefinições parlamentares, porém muitos senadores e deputados marcaram suas preferências em discursos de apoio, sem distinções partidárias, e uns poucos definidos por suas antigas convicções integralistas, recriminaram com veemência o Governo. Outros – e não foram poucos, em visitas a Lisboa, procuraram o ditador Salazar para manifestar-lhe solidariedade, na questão angolana e apoio à Comunidade Luso-Brasileira. Indiscretos, revelando na sua simpatia sempre a mesma lengalenga – "sou neto de portuguêses", faziam, no estrangeiro, censuras ao Govêrno brasileiro exatamente na parte em que divergiam da posição deste.[68]

A abstenção brasileira na ONU para a votação da matéria sobre Angola em 1961 reflete, portanto, as pressões a que estava submetida a política internacional na época. E, apesar de suas manifestações abertamente anticolonialistas, explica-se assim, parte do insucesso na implementação de uma política africana forte. Dado o início desta nova política, a sua continuidade, agora, com mais liberdade e mais convicção, foi fundamental para que o posicionamento do Brasil, junto à ONU inclusive, deixasse de ser absenteísta e passasse para o plano da clara defesa da autonomia de Angola, particularmente.

[67] Ibidem, p. 379.
[68] ibidem, p. 381.

Em 1953 é assinado o Tratado de Amizade e Consulta[69] que dentre outros aspectos equipara os direitos de brasileiros e portugueses (direito de igualdade). Entretanto, como observado por Magalhães, sua aplicação foi circunscrita ao território continental português e arquipélagos da Madeira e Açores, ficando as chamadas províncias ultramarinas de fora do acordo. Neste sentido observa Magalhães que "A infeliz exclusão dos brasileiros de uma equiparação aos nacionais dos territórios ultramarinos portugueses proveio de política de exclusivismo colonial teimosamente prosseguida, através dos

[69] Segundo José Honório Rodrigues, o Tratado de Amizade e Consulta assinado em 16 de novembro de 1953 tinha por principais objetivos (Decreto Legislativo nº 59, de 25 de outubro de 1953) reafirmar as "afinidades espirituais, morais, étnicas e linguísticas que após mais de três séculos de história comum, continuam a ligar a Nação Brasileira à Nação Portuguesa, do que resulta uma situação especialíssima para os interêsses recíprocos dos dois povos'". Ainda continuando, a citação elucida o alcance dos termos: "Visando reafirmar e consolidar a perfeita amizade que existia entre os dois povos irmãos, concordavam as duas partes em que de futuro se consultariam sempre sôbre os problemas internacionais de seu manifesto interêsse comum; concediam aos nacionais da outra parte tratamento especial, equiparando-os aos respectivos nacionais; no campo comercial e financeiro, levando em conta as circunstâncias do momento de cada um dos países, concediam tôdas 'as possíveis facilidades para atender os interêsses particulares dos nacionais da outra parte'; estabeleciam a livre entrada e saída, a fixação do domicílio e o livre trânsito em Portugal e no Brasil, e comprometiam-se 'a estudar, sempre que oportuno e necessário, os meios de desenvolver o processo, a harmonia e o prestígio da Comunidade Luso-Brasileira no Mundo' ". (RODRIGUES, op. cit., p. 358).

Sobre o pano de fundo do Tratado de Amizade e Consulta podemos fazer a referência a: GONÇALVES, Williams da Silva. **O Realismo da Fraternidade.** As Relações Brasil-Portugal no Governo Kubitschek. Tese de Doutoramento. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, São Paulo, 1994, p. 253-301. Na referida tese, explicita-se a ambiguidade da relação Brasil-Portugal no governo Kubitschek, pondo em evidência a posição da Presidência da República, o Catete (note-se que a Presidência da República estava sediada no palácio do Catete no Rio de Janeiro), que começou a demonstrar uma certa simpatia pelas teses emancipacionistas das colônicas africanas; enquanto o Ministério das Relações Exteriores, o Itamarati, ou não tratava ainda da questão, ou então aproximava-se das posições externadas pela sede da embaixada de Portugal no Rio de Janeiro. Golçalves apresenta a política externa do governo Kubitschek como palco de uma "manifestação político-ideológica" entre nacionalistas e ocidentalistas, grupos não homogênios internamente, mas que de forma resumida representavam, de um lado, a voz do progresso e do desenvolvimentismo brasileiro (que passava pelo caminho de uma maior inserção do Brasil nas relações internacionais), em contrapartida à paralizia da prática do Itamarati, voltada para uma diplomacia arcaica e de "uma rotineira aplicação dos precedentes, quase sempre remontando à época de Rio Branco" (ibidem, p. 264). Está portanto desenhado aqui o conflito entre forças nacionais, que defendiam ideais como o crescimento econômico através do apoio ao Plano de Metas, e que se viam engessadas por uma diplomacia não participativa e fora do contexto internacional do momento; das mudanças a que o mundo estaria submetido com as idéias libertárias difundidas a partir da Conferência de Bandoung. A proximidade do Itamarati aos interesses da comunidade portuguesa através de seu apoio à causa colonialista representaria mais tarde um impasse no tratamento de importantes assuntos de cunho econômico, como por exemplo, a disputa do mercado internacional do café que se via ameaçado pela concorrência de Angola. Posteriormente, verifica-se que com a mudança da sede da República para Brasília (dentre outros fatores) propiciou-se um afastamento que proporcinará o arejamento do ambiente diplomático brasileiro. O Itamarati prepara-se então para dar ao Brasil um papel mais ativo na política externa, aproximando-se das correntes ideológicas contra o colonialismo apoiadas na ONU e na defesa dos interesses brasileiros. Nesse contexto, a questão africana seria importante e requereria atenção.

tempos, pelos sucessivos governos portugueses e que se manteve inalterável até a revolução de abril de 74".[70] Ou seja, claramente, os direitos dos cidadãos portugueses, nunca chegaram a se fazer valer para aqueles das colônias.

Em 1954, mais um sinal de apoio brasileiro se expressa em comunicado do Itamarati expressando a solidariedade do governo pela situação de Portugal frente à crise nas colônias do oriente (territórios do então chamado "Estado Português da Índia").[71] O apoio do Brasil na ONU relativamente a esta questão foi sempre de solidariedade à posição de Portugal em relação a sua política do ultramar.

A continuidade desta política verifica-se em 1957, com a assinatura da regulamentação do Tratado de Amizade e Consulta de 1953, deixando muito claros os laços estabelecidos entre as duas nações: por exemplo, o artigo da declaração da colaboração conjunta em questões de política externa em que "ambos países tomam posição, de mãos dadas, na política mundial" e que se consideram "unidos na sua fidelidade aos princípios fundamentais da civilização ocidental cristãs".

Em 1960, na Assembléia Geral da ONU (XV), embora o Brasil desse voto a favor da Resolução 1514 acerca da "concessão de independência aos países e aos povos coloniais", votou contra o pedido da ONU para que Portugal fornecesse àquele órgão informações sobre suas ditas "províncias ultramarinas". A este respeito cita-se no trabalho de Magalhães o discurso do então embaixador brasileiro Freitas Valle: "Não cumpriríamos a nossa obrigação atrasando a sua completa emancipação, mas estaríamos a preencher mal essa obrigação se esquecêssemos a Carta das Nações Unidas para expor esses povos, indiscriminadamente, e sem as necessárias precauções, aos perigos de dois novos colonialismos".[72]

Entretanto, conforme elucida Magalhães, é no governo do recém-eleito presidente Jânio Quadros que começa a mudar o rumo dos ventos nas relações diplomáticas externas entre Brasil e Portugal.[73] O pano de fundo da

[70] CERVO, (op. cit, p. 282).
[71] ibidem, p. 290.
[72] ibidem, p. 293.
[73] Vários autores mostram em seus trabalhos, nomeadamente Fernando Mourão, que uma das principais causas do apoio brasileiro ao processo de descolonização foi essencialmente político, contrariando, alguns poucos autores que deslocavam essa motivação para o fator econômico. Veja-se a controvérsia entre o Itamarati e o Ministério das Finanças. A tese do fator político levantada pelo Itamarati prevalece sobre a tese econômica do Ministério das Finanças.

mudança, segundo o autor, seria a ligação de Jânio com os interesses do setor cafeeiro de São Paulo que sofre com a concorrência de Angola.[74] Além disso, Jânio Quadros apóia algumas teses das políticas do terceiro mundo e, por outro lado, procura um alargamento do escopo das relações diplomáticas através de aproximações junto a Fidel ou à União Soviética.

Deste modo, inicia-se outro capítulo nas relações entre as duas 'pátrias-irmãs', em que o Brasil revisita sua posição e dispõe-se a favor de uma nova política externa em relação à África. Embaixadas são instaladas em vários países africanos, bem como consulados em Luanda e Lourenço Marques.

A presença brasileira e sua influência cultural são referenciadas pelos entrevistados através da literatura (muito citados são os livros de Jorge Amado e a revista *O Cruzeiro*) e da música. A ida do navio brasileiro Custódio de

Contudo, algumas das figuras centrais que conduziram o processo conheciam certos fatores econômicos que colocavam o Brasil e Portugal em linha de colisão. Por exemplo, o Presidente Getúlio Vargas nomeou o professor Miguel Reale como representante do Brasil junto a OIT (Organização Internacional do Trabalho) em Genebra em 1951, com o objetivo específico de denunciar o trabalho forçado nas plantações de café em Angola. Mais tarde, o problema do café, também não era estranho a San Thiago Dantas, o criador da chamada Política Externa Independente, cujo assunto ele conhecia bem, pois durante anos seu escritório de advocacia tinha como clientes os principais produtores e comerciantes de café brasileiro. Na sua coluna diária no Jornal do Commércio, de que foi diretor e um dos proprietários, San Thiago escreveu numerosas matérias relativas ao café, nomeadamente, a relação entre custos e preços de mercado. Segundo Williams Gonçalves (GONÇALVES, op. cit., p. 316-317):"Ante a política do governo brasileiro de preferir arcar com o ônus da queda das exportações e da pressão dos cafeicultores a correr o risco de alterar as bases das relações com Portugal, que considerava vital para sua estratégia internacional ocidentalista, os cafeicultores decidiram-se a apresentar ao governo português um plano pelo qual seria contornada a difícil questão da concorrência entre os dois países, ao mesmo tempo que garantiria a lucratividade da cultura cafeeira. Apresentado, em 1957, por San Thiago Dantas, à época diretor do Banco Moreira Salles e advogado de numerosos grupos ligados à indústria como à lavoura do café, o plano visava, objetivamente, instalar fisicamente um grupo de cafeicultores brasileiros em Angola."

Ainda sobre este ponto, vale citar: "Para San Thiago, a produção e o preço do café africano, e ainda o do cacau, 'colocavam a África em concorrência com a América Latina', além do que 'os recursos minerais do continente africano, quando melhor aproveitados, viriam a entrar seriamente no mercado mundial de matérias-primas'. E considerava oportuno esclarecer que o Brasil, ao reconhecer os incovenientes de manter a sua economia na dependência quase exclusiva das exportações de café, tinha ultimamente prestado maior atenção às possiblilidades de uma mais intensiva exploração de suas riquezas minerais, daí resultando a referida concorrência que a África viria fazer também ao Brasil." (ibidem, p. 325-326).

[74] CERVO, op. cit., p. 293.

Melo[75], como evento que cultiva a idéia de aproximação do Brasil à África, é lembrada por um dos entrevistados[76], como sendo momento de grande festa.

Mesmo após a saída de Jânio Quadros permaneceu a orientação da política externa brasileira de apoio aos países africanos, que ficou denominada pelo chanceler San Thiago Dantas como "Política Externa Independente".[77]

A partir deste momento fica mais claro o posicionamento das autoridades brasileiras, que em discurso na ONU proferido por Afonso Arinos[78], chefe da delegação brasileira, afirma acerca da questão colonial portuguesa:

> Nossas relações fraternais com Portugal e nossa amizade tradicional com a França não nos impedem de tomar posição clara nas dolorosas divergências que a propósito do colonialismo africano se têm apresentado entre as Nações Unidas e aqueles países, aos quais tanto devemos e com os quais tanto ainda temos em comum. Os dois Estados europeus devem, no nosso entender, assegurar a autodeterminação da Argélia e de Angola. Nada deterá a liberação da África. Parede claro que a África não deseja submissão a nenhum dos blocos. Deseja afirmar a sua personalidade, o que é o mesmo que conquistar a sua liberdade. O Brasil auxiliará sempre os países africanos nesse justo esforço.[79]

Em 1962, apesar das conversações entre Franco Nogueira, então ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, e o chanceler San Thiago Dantas, não houve consenso na busca de apoio brasileiro por parte da administração do governo de Salazar em defesa da manutenção das colônias.

---

[75] No período em que o navio esteve ancorado em Luanda foram distribuídos grandes quantidades de livros de autores brasileiros, nomeadamente José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Jorge Amado, etc., muitos deles, autores proibidos em Portugal na altura. Esta inciativa foi importante para a divulgação da cultura e das idéias brasileiras, aproximando Angola ao Brasil. A operação de treinamento militar na costa de Angola, bem recebida por Portugal, na verdade continha mais conteúdo do que o puramente militar, dando a visualizar a imagem do cavalo de tróia.

[76] Entrevista concedida por A. (não transcrita nos anexos).

[77] CERVO, op. cit., p. 295.

[78] Afonso Arinos que conhecia bem o tema, veja o texto Portugal-Brasil-África em seu livro *O Espírito e a Ação.* In FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **O Espírito e a Ação**: ensaios inéditos. Rio de Janeiro: ABL, 2005. p. 463-476 (Coleção Afrânio Peixoto): "[Em 1961] Surgia ao mesmo tempo, na Assembléia da ONU, a questão de Angola e dos compromissos de Portugal, assumidos na Carta, para com os territórios não autônomos. Portugal, porém, já fizera a mágica constitucional da transformação das colônias em províncias, e recusava-se a cumprir os compromissos da Carta, a começar pelo de dar informações, que até a Espanha cumpria. Jânio enviou-me a Portugal, de Dacar, para conversar com Salazar e explicar-lhe nossa nova posição, na ONU, sobre o colonialismo geral em África. Tínhamos o Tratado de Consulta com Portugal, e eu iria em seu cumprimento. Jânio, havendo recebido dramático telegrama pessoal do Presidente Américo Tomás [...], mudou de rumo e mandou o Brasil abster seu voto na ONU, precisamente na reclamação de informações sobre Angola. Mais uma vez, a técnica do sentimentalismo, tão bem usada pela diplomacia lusa, nos levava a reboque." (ARINOS, op. cit., p. 475).

[79] CERVO, op. cit., p. 299.

Nesta altura é evocada pelos portugueses a figura dos acordos assinados, já então considerados ultrapassados pelo governo brasileiro.

Irredutível, a política do regime salazarista posicionava-se radicalmente contra a autodeterminação dos povos sob sua tutela e não estava aberto para negociações nesse sentido. San Thiago Dantas alerta-os, no entanto, que seria arriscado para Portugal contrariar a todos os blocos representativos na ONU[80], quer o bloco democrático, quer o bloco socialista ou o bloco neutro, afirmando que a questão colonial conduzida nestes termos acabaria por isolar Portugal, o que de fato acabou por ocorrer.

Ainda que em 1964 o Brasil tenha sofrido um golpe militar, não houve novo direcionamento nas relações com Portugal tendo o marechal Castello Branco[81] mantido as diretrizes da política externa de João Goulart. Ou seja, contrária ao colonialismo e favorável à criação de uma comunidade afro-luso-brasileira. Esta situação gerou mal estar entre os governos dos dois países.

No pano de fundo do desenho da atuação brasileira destaca-se o papel do Chanceler Gibson Barbosa[82] (a quem foi atribuída chefia do Itamarati em 1969). No governo do presidente Médice entre outros atos, convenceu-o a não assinar, em 1972, um acordo de cooperação entre Portugal e a Petrobrás para a exploração da bacia de Cabinda. Este ato seria motivo de contestação por parte do então ministro da Fazenda Delfim Neto e de Roberto Campos, para quem a defesa de certos princípios ou convicções políticas não deveria afetar oportunidades de desenvolvimento econômico.[83]

---

[80] A Sociedade das Nações (SDN) era essencialmente constituída por países ocidentais e de população branca. A Organização das Nações Unidas (ONU) já tinha ampla representação de países africanos e asiáticos (sinal das mudanças dos tempos no mundo – a *orbi ocidentalis* – estava acabada). Os Estados Unidos, em que pese as conhecidas caracterizações como país imperialista, até por sua formação histórico-política com uma independência que foi uma ruptura de um processo colonial, refletem de certa maneira uma posição de apoio aos processos de independência.

[81] Registre-se que no início da ditadura militar chegaram a ser presos alguns estudantes africanos, nomeadamente angolanos e guineenses com certa expressão política no seio dos movimentos de libertação. Esse fato, embora tenha ocorrido efetivamente, deve-se mais ao "clima ainticomunista" que grassava à época no plano da política interna brasileira. Contudo, em termos de política externa, embora tenha havido uma certa diminuição de atenção, o Itamarati prosseguiu na linha de apoio aos países colonizados na perspectiva da Política Externa Independente, que não foi totalmente interrompida no regime militar e que volta à tona quando do período Médice e principalmente no período Geisel.

[82] O chanceler Guibson Barbosa viaja às ex-colônias francesas e inglesas em busca de conhecimento e aproximação com estes países; visa obter informações precisas sobre os movimentos nacionalistas nas colônias portuguesas; reune-se em encontros eventuais e não oficiais com pessoas ligadas a esses movimentos.

[83] CERVO, op. cit., p. 306-307.

Outro ponto importante é que a política brasileira de aproximação do governo marcelista para tentar exercer uma certa influência favorável à abertura em África, foi mantida com discrição com o intuito de não despertar nos lobistas da comunidade portuguesa no Brasil, posições que pudessem pôr a perder os intensos esforços diplomáticos que estavam em jogo. Esta política foi responsável para que se estabelecessem contatos entre os Governos de Portugal e a OUA (Organização de Unidade Africana) em sinal de uma "certa abertura" ao diálogo concedida pelo então primeiro-ministro Marcello Caetano que substitui Oliveira Salazar no comando do governo português. Entretanto, alegando pressões de ordem interna, Marcello Caetano não conseguiu dar continuidade a estes diálogos. Pairava no ar a suspeição de que, por exemplo, no caso da Guiné-Bissau, caso Portugal fizesse menção de lhe conceder a independência, houvesse uma tentativa de anexação do território português à Guiné-Conakry por parte de Sékou-Touré. Esta suspeita de Marcello Caetano foi transmitida a Gibson Barbosa e repassada ao então presidente do Senegal, Senghor, cujo repúdio a tal idéia foi imediato.[84] Ainda que o caso da Guiné-Bissau fosse tratado como um caso particular na questão das colônias portuguesas, demonstra um dos temores a que Portugal suscitava à sua retirada de África.

Mais uma vez a ausência de iniciativa por parte do governo português levou o Brasil em dezembro de 1973 a novamente abster-se na ONU, quando das duas resoluções condenatórias votadas contra Portugal. Este apoio, que seria de suma importância, foi de certa forma desprezado, reafirmando o isolamento português na tratativa da questão africana.

Em breve, a questão colonial estaria perto do seu desfecho com a Revolução dos Cravos do 25 de Abril de 1975, pouco antes do término do governo Médice.

Há dois importantes pontos de destaque quanto às relações Brasil-Portugal após o 25 de Abril. O primeiro é que imediatamente foi reconhecido pelo Brasil o novo regime que se implantou em Portugal liderado pelos capitães do Movimento das Forças Armadas (MFA), militares veteranos da guerra colonial. O novo regime que derrubou mais de quarenta anos de ditadura tinha

[84] ibidem p. 310-311.

uma liderança fragmentada. No entanto, tinha um objetivo claro de início: por fim ao colonialismo em África através da descolonização rápida e imediata.

O segundo ponto é que o Brasil tinha interesse em se aproximar às negociações com os grupos independentistas dos movimentos de libertação nas colônias. Entretanto, dadas as condições de instabilidade política em Portugal, não houve concretamente, cooperação diplomática no sentido de tornar esta aproximação mais direta. O Brasil, entretanto, acabou por acompanhar os acontecimentos de modo muito próximo. A instalação de uma representação oficial em Luanda em meados de 1975 denota a proximidade política com Angola e o interesse do Itamarati em lá estar presente, no momento crucial de transição para a sua independência. Em 11 de novembro de 1975 o Brasil reconhece a independência de Angola, consumada na vitória do MPLA (Movimento para a Libertação de Angola) de Agostinho Neto, sobre as tropas da UNITA (União Nacional para a Independência de Angola) e da FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), com o apoio dado por Fidel Castro e o envio de tropas cubanas para fazer frente à ameaça Sul Africana.[85]

Esta pequena introdução torna-se importante para compreender, mais uma vez, as dificuldades que permeavam os bastidores da política internacional brasileira acerca da questão das ex-colônias portuguesas em África, mais especificamente, sobre o debate da questão angolana e sua importância na relação luso-brasileira.

Saindo do plano das relações Brasil-Portugal há que se entrar no âmbito da colonização portuguesa em Angola e dos eventos que culminaram no nascimento do nacionalismo angolano e dos movimentos de libertação. A proposta colocada aqui (da mesma forma como o assunto anterior foi abordado) é a de sintetizar os principais acontecimentos de modo a que se possa obter numa linha do tempo, a lógica[86] que permeia os quadros que se pretendem aqui desenhar. Deslocamo-nos

[85] ibidem, p. 329.

[86] A referência ao termo lógica mencionado no texto, não se pauta aqui pelo caminho do debate metodológico, o que seria uma discussão válida se nos voltássemos para a busca de interligação entre os diversos momentos históricos. O termo aqui está no sentido de construir cenários que permitam o entedimento do encadeamento dos acontecimentos, sem necessariamente lhes atribuir hipóteses. Está portanto inscrito no plano meramente descritivo. Entretanto, uma referência para tal estudo (da possibilidade de se formularem leis gerais em história, a exemplo das ciências naturais) está contida no artigo *As funções das Leis Gerais em História* (HEMPEL, Carl Gustav.The function of general laws in history. **Journal of Philosophy**, 1942, Vol. 39, N° 2, Jan. 15, p. 35-48).

portanto, para o eixo de relações Portugal-Angola dentro do que se caracteriza por situação colonial.[87]

2.2. *A colonização em Angola*

A colonização ao longo do tempo em Angola não se deu de forma linear, mas sim, de forma a que se intercalassem momentos de um crescimento ritmado à sua descontinuidade, conforme certos eventos históricos e interesses da Metrópole. A análise desses momentos, através de uma leitura da evolução demográfica e do desenho urbano de Luanda é concebida por Fernando Mourão[88], como modelo, e que adaptamos para outros espaços.

O trabalho efetuado por Mourão tem por foco a análise do "sentido, ou sentidos do processo colonial" que vai do período do século XVI até à independência na década de 70, e passa, principalmente, pelas seguintes etapas: a) A Luanda Feitoria b) A Cidade 'Mestiça' c) A Cidade Colonial d) O período de formação dos movimentos de luta pela libertação.

Acerca de cada um destes períodos podemos destacar os seguintes acontecimentos:

a) O nascimento de Luanda em 1576 com Paulo Dias de Novais, segundo um modelo europeu, marcado pela construção de fortificações e igrejas. A intensificação do comércio escravo leva à cobiça holandesa em 1641, cuja expulsão, em 1648, ocorre com a ajuda de tropas vindas do Brasil comandadas por Salvador Correia de Sá e Benevides. Luanda afirma-se como feitoria, ou seja, um entreposto comercial dedicado ao tráfico de escravos e ao escoamento de produtos advindos do extrativismo interior (marfim, cera,

[87] A Situação Colonial, como coloca Balandier, resulta do expansionismo europeu sobre os povos ditos arcaicos, através do globo. Seus métodos de dominação ao longo do tempo, influência e transformações provocadas no seio desses povos são motivo de estudo sociológico devido, sobretudo, à sua especificidade e à profundidade de seus impactos. O problema colonial merece grande destaque na história recente e sua compreensão como fato social total é primordial. Como fonte de consulta cita-se: BALANDIER, Georges. La situation coloniale: approche théorique. **Cahiers internationaux de sociologie**. Paris: Les Presses universitaires de France, 1951, vol. 11, p. 44-79.

[88] MOURÃO, op. cit., 2006.

borracha). O crescimento da população 'branca' de 1607 quando há o primeiro registro, até 1845 é lento e gradual (de 300 para 1601 pessoas).[89]

b) A cidade 'mestiça' é marcada pelo declínio do tráfico de escravos (que se agrava no episódio do *Ultimatum* do governo inglês em 1890) e pelo nascimento de uma classe de comerciantes, necessária quando dessa fase de transição entre o fim do tráfico e o início de uma atividade comercial e agrária esparsa, sobre o que podemos citar:

> Com o término ou declínio do tráfico de escravos, tal como tivemos ocasião de demonstrar, ocorreu uma mutação na população de Luanda: a população 'branca' reduziu-se, embora passasse a apresentar um maior equilíbrio entre os sexos, e registrou-se um aumento da população 'mestiça' e 'negra'. A população 'branca' passa de 1.601 pessoas em 1845 para 1240 em 1850, enquanto que o número de 'mestiços livres' passa de 475 (1845) para 1835.[90]

Cabe lembrar que outro importante evento anterior ao fim do tráfico está relacionado ao aumento da população 'branca' em 1823, a despeito do declínio citado acima. É a independência brasileira que obriga a Coroa portuguesa a enviar tropas para apaziguar aspirações locais que pudessem motivar os angolanos a seguir o mesmo caminho.[91]

---

[89] ibidem, p. 74-75.

[90] ibidem, p. 303

[91] Em referênca a este episódio podemos citar (MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. A evolução de Luanda: aspéctos sócio demográficos em relação à independência do Brasil e a fim do tráfico. **II RIHA**, 1996: p. 57-73): "Ocorre que em 1823, Cristóvão Avelino Dias chegou em Luanda acompanhado por forças militares (de elementos 'brancos') que haviam sido pedidas pela Junta Provisória de Governo da colônia (1822-1823), na ocasião da independência do Brasil. Em 1822, o então governador Joaquim Inácio Lima (1821-1822) foi deposto por um motim e subiu a junta, tendo à sua frente o bispo D. João Damasceno de Póvoas. Parte dos membros da junta eram favoráveis à independência de Angola. O próprio bispo havia já criado um clero angolano. Nesta ocasião, um dos regimentos de infantaria revoltou-se contra a Junta. A situação era extremamente ambígua entre os partidários de uma independência de uma junção com o Brasil e da permanência dos vínculos com Portugal. Vários deputados foram eleitos e embarcaram via Rio de Janeiro; mas as cortes convocadas para Lisboa não chegaram a se reunir. Entre esses deputados estava Amaral Gurgel, que era favorável à ligação com o Brasil. Nessa ocasião, enquanto as exportações de Angola para o Brasil representavam quatro quintos, para Portugal era apenas um quinto. Quanto às importações 16% vinham de Portugal, e o restante do Brasil. A revolta do regimento de infantaria contra a Junta teve por princípio, ser debelada; a par disso, seria preciso garantir uma presença 'branca' metropolitana, face aos 'brancos' locais favoráveis à autonomia, ou à ligação com o Brasil. Com as devidas reservas e levando em conta que, em 1821, registram-se 443 'brancos' em Luanda, a ação da Coroa cria uma relação de dois metropolitanos para um 'branco' local. Já em 1846, a situação inverte-se novamente com 1.000 'brancos' para 2.000 'mestiços', número este que outras fontes aumentam par 5.570.[..] Do ponto de vista demográfico, o século XIX registra alterações profundas. Nos primeiros vinte anos a população 'branca' mantém o mesmo ritmo anterior. O aumento da população 'branca' em 1823, como já

O aumento da população 'mestiça' também se atribui a um certo isolacionismo de Angola em relação à metrópole. A ascensão dos 'mestiços' até os idos dos anos trinta do século XX, bem como a sua crescente importância em termos econômicos e sociais foi a marca deste período, em que o afastamento da Coroa proporciona o desenvolvimento de uma "sociedade local com interesses próprios". Ora o afastamento ou proximidade dos interesses locais aos da Coroa, bem como a inclusão ou exclusão da participação dos 'mestiços' nesse jogo, é apontado por Mourão, como parte integrante das contradições que "estão na raiz do conceito de angolanidade".[92] Dada a importância do tema, adiante, quando for abordado o período do início dos movimentos nacionalistas será trabalhado este conceito.

c) A cidade colonial surge da necessidade da ocupação dos territórios portugueses em África e sua proposição formal no Congresso de Berlim (1884-1885). Além disso, havia os interesses da burguesia recém ingressada na era do capitalismo industrial. Angola, cujo comércio com Portugal ainda era incipiente (e que se beneficiou da diminuição do comércio angolano com o Brasil, dada a ruptura do tráfico de escravos, cujo marco legal em Angola foi em 1856), desenvolve-se aos poucos e começa a entrar em ritmo de transformação. Também são uma marca desta época os ideais republicanos que vieram a dar mais ênfase aos ideais libertários do homem, imprimindo um certo cunho nacionalista na administração das colônias bem como um certo avanço em termos de políticas públicas e de conceitos de cidadania, conferindo os mesmos direitos aos cidadãos dos territórios portugueses, independentemente do local de nascimento. Entretanto, com o avanço dos interesses burgueses, ainda no período republicano português, que se inicia em 1910, vê-se uma involução no que diz respeito às leis do trabalho, representando uma mudança na aparente busca de um equilíbrio para a 'promoção' dos povos locais frente aos interesses metropolitanos.[93]

---

tivemos ocasião de verificar, é o resultado do envio de tropas para Angola. Em virtude da independência do Brasil, ocorrida no ano anterior desejava-se evitar a anexação de Angola ao novo país (como alguns moradores de Luanda e Benguela desejavam) ou então sua possível autonomia. A influência da Coroa fazia-se sentir nos arredores de Luanda e de seus presídios e ainda no reino de Benguela e em seus presídios."

[92] MOURÃO, op. cit, 2006, p. 58.

[93] ibidem, p. 141-146.

O recrudescimento desta política de interesses, marcada pelo trabalho obrigatório[94], talvez concretize-se na face mais cruel e de maior impacto para as populações, dada a abertura para a exploração sem limites que provocou:

> A ocupação do solo, o estabelecimento de colonos 'brancos' e a necessidade de produzir ou comprar produtos agrícolas a preços baixos de modo a garantir os interesses face à concorrência internacional, levaram a administração colonial, quer a militar e, posteriormente, a civil, a impor o sistema de obrigatoriedade de trabalho aos africanos.[95]

Além disso, o retrocesso nas políticas educacionais é também outro fator a depor contra o sentido que se viria a se imprimir num modelo de colonização que praticou um retrocesso nas leis, através do Estatuto do Indigenato, e foi mitigado pelo sentido de "missão civilizatória"[96], manto sob o qual se encobria a

[94] Sobre este ponto vale citar (ibidem, p. 167): "Os interesses econômicos, quer da metrópole, quer dos colonos, vão aos poucos alterando o espírito da legislação liberal. Surge em 1878 um texto legal bastante ambíguo, que, embora não estabeleça ainda o princípio da obrigatoriedade do trabalho para os africanos, já cria algumas dificuldades ao princípio da livre contratação que, do ponto de vista legal, constitui-se na norma, mesmo que raramente praticada. Este texto, substituído em 1899 pelo Código do Trabalho, determina em seu artigo 1º que o trabalho para os africanos é uma "obrigação legal e moral". Segundo este documento legal, que se deve aos estudos de Antônio Ennes, os africanos que cultivassem terras, ou que tivessem uma profissão definida, não estariam sujeitos ao novo texto legal. Os africanos não só se vêem compelidos à prestação de serviços, como passam a perder a posse de suas terras. A produção agrícola, com exceção do açúcar e, até certo ponto, do café, cabia preferencialmente aos africanos. A disputa das propriedades rurais e mesmo urbanas, passa a ser uma constante. Num relato literário, escrito em 1917, Antônio de Assis Júnior, então procurador judicial da Comarca de Golungo Alto, denuncia o processo de apropriação ilegal das terras de proprietários africanos por parte dos colonos 'brancos' e de empresas comerciais."

[95] ibidem, 148

[96] Cabe aqui conceituar e expor sob que contexto está circunscrita a idéia de missão civilizatória que no início do século XX dá-se a conhecer, através de um ensaio de Mauss sobre Noção de Civilização. (MAUSS, **Ensaios de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005, p. 475-493): "Pode-se, pois, propor a seguinte definição de *uma civilização: é um conjunto suficientemente grande de fenômenos de civilização, suficientemente numerosos e importantes tanto por sua massa quanto por sua qualidade; é também um conjunto, bastante vasto pelo número, de sociedades que se apresentam; em outras palavras: um conjunto suficientemente grande e suficientemente característico para que possa significar, evocar ao espírito uma família de sociedades*. Família que, aliás, temos razões de fato de constituir: fatos atuais e fatos históricos, lingüisticos, arqueológicos e antropológicos; fatos que fazem crer que elas estiveram em contato prolongado e que são aparentadas entre si. Um conjunto de fatos, um conjunto de caracteres destes fatos que correspondem a um conjunto de sociedades, numa palavra, uma espécie de sistema hipersocial de sistemas sociais, eis o que se pode chamar de uma civilização". (ibidem, p. 480).

Uma vez posto o conceito acima, no texto de Mauss coloca-se " os sentidos ordinários da palavra civilização" em que aqui utilizamos o seguinte exemplo, que ajuda por analogia a explicar o sentido de "missão civilizatória": "Enfim, os homens de Estado, os filósofos, o público, mais ainda os jornalistas, falam da "Civilização". Em período nacionalista, a *Civilização* é sempre *sua* cultura, a de sua nação, pois geralmente ignoram a civilização dos outros. Em período nacionalista e geralmente universalista e cosmopotita, e à maneira das grandes religiões, a *Civilização* constitui uma espécie de estado de coisas ideal e real simultaneamente, racional e natural ao mesmo tempo, causal e final no mesmo momento, que um progresso de

ideologia do sistema. Nesse sentido, há uma ruptura em termos ideológicos e práticos no tratamento das colônias que culmina com o Ato Colonial de 1930.[97]

d) O período de formação dos movimentos de luta pela libertação é marcado pelo nascimento do sentido de nacionalidade. Neste sentido, podemos partir do ponto do recrudescimento da política colonial com a ascensão de António de Oliveira Salazar ao poder e o decreto do Ato Colonial de 1930. O retrocesso - que se dá quer no plano ideológico, quer no plano legal – sobretudo com o estatuto do "indígena" e do "assimilado"; sem contar a distinção entre os direitos dos nacionais de Angola perante os metropolitanos (independentemente da raça ou origem, originando a expressão "branco de segunda") geram grandes descontentamentos.

A insatisfação da pequena burguesia negra e mestiça, ameaçada pela crescente emigração de 'brancos'[98], bem como a intensificação no plano internacional do movimento da negritude e da conquista da autodeterminação dos povos colonizados, faz crescer o sentimento do nativismo e posteriormente da consciência da necessidade de um projeto de nação. Neste sentido é importante desenvolver o tema da negritude e da angolanidade.

2.3. Negritude, angolanidade, nascimento do nacionalismo e dos movimentos de libertação

---

que não se duvida ressaltaria pouco a pouco."(ibidem, p. 490-491).

[97] Em relação a este ponto podemos citar: "Com a primeira constituição republicana, de 1911, a tônica foi a de descentralização administrativa em relação às colônias. Após as medidas legislativas iniciadas na década dos anos trinta, quando foi promulgado o Ato Colonial, ocorreram alterações profundas. A literatura oficial passou a usar a denominação Império Colonial Português. A idéia de reconstrução nacional, tão utilizada na época, foi, por extensão, aplicada às colônias. A linguagem nesta primeira fase do novo processo político da metrópole era clara. O uso da designação Império Colonial Português, contudo, apresentava-se desde o início acompanhado de nuanças ambíguas. Colonizar é dominar. Por pressão da comunidade internacional, ou para legitimar (do ponto de vista do Direito Constitucional) a posse dos territórios coloniais, as autoridades metropolitanas resolveram integrar alguns dos mais importantes princípios do Ato Colonial à reforma constitucional, através da Lei nº. 2048, de 11 de junho de 1951. As colônias passaram novamente à designação de províncias ultramarinas, reforçando o caminho ao princípio da assimilação. O princípio da assimilação provocou algumas críticas ao projeto do novo texto legal, texto este que resultara numa política de integração e terminara com o caráter autônomo do Ato Colonial de 1930. Estava aberto, do ponto de vita legal, o caminho à plena integração, dentro do princípio da Nação Una, derradeira ficção legitimadora da posse do Império Colonial." (MOURÃO, op. cit, 1996, p. 151).

[98] Obs: Os dados das tabelas foram transcritos da obra citada

Há, segundo Maria Carrilho, dois aspectos fundamentais em torno do tema da Négritude: o aspecto cultural e o aspecto político. O movimento de valorização do negro manifesta-se primeiro através da produção literária, principalmente através da poesia, tendo sido Aimé Césaire um dos seus grandes expoentes. O movimento carrega diversas nuances e sofre modificações de sentido ao longo do tempo e do lugar. A autora aponta que o movimento se inicia como protesto contra a escravatura e o racismo da sociedade branca norte americana a anular a dignidade do negro. Carrilho aponta Edward Wilmot Blyden como o primeiro intelectual negro a dar expressão a um "sentimento de pertença à raça negra"[99], sendo suas idéias difundidas principalmente entre o mundo anglófilo, influenciando diversas gerações, e, por exemplo, a Nkrumah. A expressão "African personality" foi

Angola: População Segundo o Grupo Somático

Anos Estimativa	Tipos Somáticos						
	'Branca'	%	'Mista'	%	'Negra'	%	Total
1846	1.830	0,03%	5.750	0,11%	5.378.923	99,9%	5.386.503
1900	9.198	0,19%	3.112	0,06%	4.777.636	99,7%	4.789.946
1913	13.800	0,31%	6.300	0,14%	4.500.000	99,6%	4.520.100
1920	20.700	0,48%	7.500	0,18%	4.250.000	99,3%	4.278.200
1922	29.000	0,84%	8.100	0,23%	3.424.000	98,9%	3.461.100
1924	36.192	1,05%	9.710	0,28%	3.400.000	98,7%	3.445.902
1927	42.843	1,48%	10.800	0,37%	2.833.411	98,1%	2.887.054
1931	59.493	1,98%	13.960	0,46%	2.937.665	97,6%	3.011.118
1933	58.698	1,89%	18.957	0,61%	3.020.626	97,5%	3.098.281
1934	58.098	1,80%	19.872	0,62%	3.147.045	97,6%	3.225.015
1940	44.083	1,18%	28.035	0,75%	3.665.829	98,1%	3.737.947
1950	78.826	1,90%	29.648	0,72%	4.036.687	97,4%	4.145.161
1960	172.529	3,57%	53.392	1,11%	4.604.362	95,3%	4.830.283
1970	280.101	4,97%	89.337	1,58%	5.270.174	93,4%	5.639.612

Fonte: (MOURÃO, op. cit., 2006: p. 28)

ANGOLA: População das principais cidades, de 1930 a 1970

Cidade	Fundação	Estimativa 1930	1940	1950	%	1960	%	1970	%
Luanda	1576	50588	61028	141647	132,1	224540	58,5	480613	114,0
Benguela	1616	12674	14243	14690	3,1	23256	58,3	40996	76,3
Lobito	1842	11970	13592	23897	75,8	50164	109,9	59558	18,7
Namibe (ex Moçâmedes)	1849	4558	4926	8576	74,1	7963	-7,1	12076	51,7
Malange	1852	4340	5299	9473	78,8	19271	103,4	31599	64,0
Bié (ex-Silva Porto)	1853	4218	4671	8846	89,4	5606	-36,6	18941	237,9
Lubango (ex Sá da Bandeira)	1885	7692	8521	11654	36,8	15128	29,8	31674	109,4
Huambo (ex Nova Lisboa)	1912	14064	16288	28296	73,7	38745	36,9	61885	59,7

Fonte: (MOURÃO, op. cit., 2006: p. 45)

Analisando as tabelas acima é possível observar que o grande crescimento da população 'branca' deu-se a partir da década de 50 com a emigração maciça portuguesa para afirmar sua presença no continente.
Luanda, a capital, concentra a maior parte da população 'branca' de Angola e se apresenta como o núcleo urbano de maior concentração demográfica sendo portanto, mais representativa para fins de estudo comparativamente a outros agrupamentos urbanos conforme tabela abaixo:

usada por Blyden pela primeira vez em 1893.[100] Para a autora, as idéias de Blyden pertencem a um universo mais amplo, estão mais próximas do Panafricanismo do qual a Négritude seria uma corrente. A principal contribuição de seu pensamento será a valorização do africano, com suas capacidades e personalidade própria dissociadas do mundo branco europeu e pertencentes a uma raça de características singulares. Outro nome citado pela autora, sucessor das idéias de Blyden, é Marcus Garvey, que viria a atrair milhares de

Cidades	'Branca'				'Mestiça'				'Negra'			
Principais	1940	1950	1960	1970	1940	1950	1960	1970	1940	1950	1960	1970
Luanda	9.404	21.018	55.567	126.233	6.191	9.332	13.593	39.255	46.275	133.320	155.325	314.879
Benguela	1.461	3.346	8.706	10.175	1.120	841	3.148	4.421	12.075	10.503	11.402	26.398
Lobito	1.616	4.074	10.686	14.152	557	459	1.569	2.780	11.418	19.364	37.909	42.567
Namibe	2.165	3.545	4.732	4.989	434	377	635	910	2.327	4.654	2.326	6.177
Malange	865	1.592	3.223	3.470	823	691	1.740	1.907	3.595	7.190	14.408	26.222
Bié	663	1.229	1.699	1.570	387	369	633	445	3.621	7.241	3.274	16.916
Lubango	3.361	6.201	9.438	13.429	471	542	1.142	2.538	4.689	4.911	7.160	15.707
Huambo	3.214	4.756	2.692	14.694	1.446	1.185	4.660	3.382	11.627	22.346	21.393	43.795
Total	**22.749**	**45.761**	**96.743**	**188.712**	**11.429**	**13.796**	**27.120**	**55.638**	**95.627**	**209.529**	**253.197**	**492.661**

Dados Comparativos 1940 a 1970 - Luanda

	% do Total			
	1940	1950	1960	1970
'Brancos'	15,20%	12,84%	24,75%	26,28%
'Mestiços'	10,01%	5,70%	6,06%	8,17%
'Negros'	74,79%	81,46%	69,19%	65,55%

Fonte: (MOURÃO, op. cit., 2006: p. 49)

O conceito de “mestiço” (população mista) contém diversas contradições conceituais relacionando-se não unicamente ao aspecto somático mas também ao aspecto da classificação do indivíduo como “civilizado” e “não-civilizado” incorporando um caráter mais social e passível de manipulação consoante os interesses da imagem que a Metrópole gostaria de fazer refletir para a comunidade internacional.

População de Angola

	População "Civilizada"				População "Não-civilizada"				População Total		
Angola	1940	%	1950	%	1940	%	1950	%	1940	%	1950
'Brancos'	44.083	48,1%	78.826	58,2%	-		-		44.083	1,18%	78.826
'Mestiços'	23.244	25,4%	26.335	19,5%	4.791	0,13%	3.313	0,08%	28.035	0,75%	29.648
'Negros'	24.221	26,4%	30.089	22,2%	3.641.608	99,87%	4.006.598	99,92%	3.665.829	98,07%	4.036.687
Outros	63	0,1%	105	0,1%	-		-		63	0,00%	105
Total	**91.611**	**100,0%**	**135.355**	**100,0%**	**3.646.399**	**100,0%**	**4.009.911**	**100,0%**	**3.738.010**	**100,0%**	**4.145.266**

% do Total da População 1950

	"Civilizados"	"Não-Civilizados"
'Brancos'	100,0%	0,0%
'Mestiços	88,8%	11,2%
'Negros'	0,7%	99,3%
Outros	100,0%	0,0%

Fonte: (MOURÃO, op. cit., 2006: p. 54)

Na tabela acima o conceito “civilizado” está ligado à questão da assimilação, que tem uma conotação legal (mudança da condição de cidadania, passando o indivíduo a ter uma condição próxima àquela do “cidadão português”). Em 1950 apenas 0,7% entre mestiços e negros encontra-se nesta categoria assim definida.
Contribuiu para a diminuição da mestiçagem o fato da emigração contar com a presença de famílias, aumentando significativamente o número de mulheres brancas dentre a população.

negros nos Estados Unidos, gerando um movimento ao mesmo tempo de conscientização do negro e também de pregação sionista. Entretanto será Richard Wright que perceberá a vastidão do universo cultural africano, dificultando o estabelecimento de uma solidariedade.[101] O exercício de 'consciência racial' será ultrapassado pelo sentido mais próximo de uma 'consciência de classe'.

Seria através da França e seu ambiente cultural e político favoráveis, que o movimento da Négritude ganharia força. A grande concentração de estudantes africanos em Paris e o interesse do movimento *Art Nouveau* e do surrealismo em torno da cultura africana, foram decisivos para a projeção dos intelectuais negros, dos quais, Césaire e Senghor, que mais tarde tornar-se-iam representantes de seus países nos movimentos de libertação (Martinica e Senegal respectivamente). A palavra negritude aparece com destaque na obra de Césaire, *Cahier d'un retour au pays natal*, prefaciada por Breton numa edição bilíngüe lançada em Nova York.[102]

Inicialmente, as publicações que surgiram à volta da temática do movimento negro, de cunho mais cultural, segundo Senghor, como L'Étudiant Noir (1934), tornaram-se veículo de idéias que lançariam mais tarde o germe de uma ideologia que daria alento ao viés mais político do movimento.[103] A

De certa forma explica a ruptura no processo de assimilação social do negro vem ainda de encontro com a ideia de uma África "branca". Segundo MOURÃO: 'Em 1940, o número de homens para 100 mulheres é de 153.5; em 1960, a taxa de masculinidade passa para 138.9[...]; em 1957 [...] 132.9[...]. O aumento do percentual de mulheres no total de emigrantes que saíram de Portugal é uma tendência que se acentuou neste século[...], alcançando 38.1% no decênio de 1951-1960. A emigração tradicionalmente masculina, passou a se caracterizar *'por um expatriamento de tipo familiar'*. Desde o início da presença portuguesa, as mulheres, embora em número reduzido, tiveram papel muito importante' (MOURÃO, op. cit. 2006: pp.34-35).

Ainda as relações ambíguas do processo colonial e do desenvolvimento social são marcantes em Angola quando analisadas sob o aspecto económico, cultural e de ocupação do espaço territorial, dando indicações sobre sua ideologia, seus efeitos e consequências, sendo o movimento de libertação, a mais profunda.

[99] CARRILHO, Maria. **Sociologia da Negritude**. Lisboa: Edições 70, 1975, p. 65.

[100] A autora faz uma referência importante aos períodos do desenvolvimento do conceito de uma 'idéia africana', cuja divisão é atribuída ao estudioso A. Irele: "[...] o primeiro, que compreende os escritos dos autores negros do século XVIII empenhados na luta antiesclavagista; o segundo, iniciado na segunda metade do século passado [XIX] com Blyden, durante o qual o conceito de personalidade africana foi elaborada, tornando-se uma 'noção funcional do movimento nacionalista'; o terceiro período, iniciado com as independências africanas e ainda em curso, em que se assiste 'à orientação da ideologia africana para os problemas de desenvolvimento econômico e social relativos à construção de uma nova África'". (ibidem, p. 66).

[101] ibidem, p. 71-74.

[102] ibidem, p. 82.

[103] ibidem, p. 81.

partir da Segunda Guerra e da derrota das grandes potências colonialistas, há de fato a "tomada de consciência dos Africanos" que segundo Carrilho fica claramente expressa na seguinte frase lançada por um deputado negro na Assembléia Nacional Francesa: "Ajudando a libertar-vos das botas hitlerianas, provámos o pão da liberdade e não ireis de modo nenhum supor que conseguireis um dia fazer-nos esquecer de seu sabor".[104]

O movimento atingiria o auge entre 1950 e 1960 e passaria a ser mais um "instrumento ideológico"[105] do que meramente um movimento cultural. Neste ponto surgem as críticas quanto ao seu conteúdo que favoreceria, segundo Carrilho, ao neocolonialismo. Pela necessidade de uma ruptura com o colonialismo, os movimentos de libertação passaram a não mais apoiar a negritude como base ideológica no plano da luta. A urgência em romper com o modelo de exploração colonial impunha uma ideologia que se inicialmente foi benéfica como ponto de apoio primário a uma chamada para a consciência de raça e da expressão cultural no negro, não poderia posteriormente assumir que a especificidade do negro lhe concedesse um caráter apenas de complementaridade - a que, por exemplo, segundo Carrilho, Senghor atribuiria o papel da cultura do africano à do europeu. Seria preciso por sua vez, que houvesse consciência de que o europeu não poderia estar ao lado dos que lutavam para conquistar suas independências, quer culturalmente, quer economicamente, pois corria-se o risco da manutenção do *status quo* de uma burguesia branca.

Seria justamente na exaltação de qualidades específicas da raça negra que se poderia criar um fosso, uma polaridade, que em nada contribuiria para os movimentos de libertação. Pelo contrário, tal forma de apresentar os atributos do negro somente seria mais uma forma de manter a distância entre negros e brancos. Este é o paradoxo, para o qual Sartre chamou a atenção. Segundo Carrilho, Sartre, apesar de elogiar o movimento, faz a seguinte crítica:

> Nos textos defensores da negritude, os negros eram apresentados como componentes de uma mesma classe, subordinada ao complexo mundo dos brancos. Sartre chamava exatamente a atenção para a incorrecção filosófica em que se arriscava a cair quem procurasse situar a noção de raça como a de classe. A primeira diz o filósofo francês, é concreta e particular; a segunda universal e abstracta;

[104] ibidem, p. 83 (apud, C. WAUTHIER).
[105] ibidem, p. 86.

> "uma resulta daquilo a que Jaspers chama compreensão e a outra de intelecção. A primeira é o produto de um sincretismo psicológico e a outra é uma construção metódica baseada na experiência".
> Sartre fala, justificando-o do "racismo anti-racista" do movimento Négritude. A defesa da negritude nasce apenas perante a dominação e a prepotência *branca*, pelo que não é mais que o momento negativo de uma progressão dialética; "a afirmação teórica da supremacia do branco é a tese; a posição da negritude como valor antitético é o momento da negatividade", momento insuficiente em si mesmo e que serve para pregar a superação final, a síntese, a realização do homem numa sociedade sem raças. Assim, conclui Sartre, "a negritude é para destruir, é transição e não chegada, meio e não fim último".[106]

Esta crítica, por exemplo, levou Fanon a olhar o movimento com outros olhos. De fato, ficava caracterizada a insuficiência do movimento. E Fanon, que pregava o rompimento com o colonialismo, se deu conta que não havia como "contemporizar". Como comenta Carrilho: "Longe portanto, daquele conceito senghoriano que consegue encontrar em De Gaulle um paladino da independência africana".[107]

Fanon critica a negritude como ideologia apontando sua submissão ao neocolonialismo. Pressupondo que a questão da cultura se dá no plano nacional seria inócuo tentar falar sobre uma cultura africana de modo abrangente sem cair na superficialidade ou falta da especificidade nacional. Portanto a defesa de valores do "mundo negro" levaria a uma "subestimação do fator nacional". Esta posição defendida por Fanon é mais bem explicada mediante a seguinte afirmação:

> No caso africano, a cultura *nacional* é a que é marcada por uma efetiva ligação com a luta de libertação conduzida por todo um povo contra a opressão colonial. E, em geral, em todos "os países subdesenvolvidos a cultura nacional deve situar-se no próprio centro da luta de libertação". Segundo o que Fanon afirma, a Négritude, não tendo diante de si uma perspectiva histórica nacional mas racial, não tem cultural e politicamente um futuro, até porque, "os negros estão a desaparecer, encontrando-se aqueles que os criaram em vias de assistir à dissolução da sua supremacia económica e cultural".[108]

O movimento da Négritude sofre, pouco a pouco, com a falta de apoio dos movimentos de libertação e com o questionamento de qual seria o conceito de cultura adequado para o momento (aspecto muito discutido no seio do

[106] ibidem, p. 170-171.
[107] ibidem, p. 172.
[108] ibidem, p. 175-176.

movimento da negritude). Neste contexto, a luta pela independência e libertação da dominação colonial suplanta qualquer questionamento do papel da cultura africana pela Négritude. “Pôr fim à alienação cultural”[109] dos povos reprimidos seria a primeira e única causa a defender. Do caminho da luta viria a surgir originalmente uma cultura popular e livre dos resquícios de dominação. Este, de fato, seria o aspecto da cultura mais importante naquele momento. Também se forma na liderança dos países libertos a consciência de que para superar os efeitos do atraso econômico causado pela exploração das riquezas dos países colonizados, seria necessário formar quadros técnicos próprios que pudessem suprir as necessidades das novas nações de forma mais autônoma possível.[110]Este pensamento entra também em choque com o líder da Négritude, Senghor, para quem a cooperação seria um aspecto fundamental, na medida em que seria basicamente uma troca entre nações com atributos diferenciados, mas complementares: “matérias-primas contra cérebros instruídos”.[111] Carrilho aponta esta distorção advinda do perigo da visão de especialização das nações, no caso, o povo africano mais intuitivo em oposição ao europeu, racional. Mesmo não se querendo fazer um julgamento de valores, é difícil não cair na ratoeira das comparações. E justamente estas comparações vêem a favor do neocolonialismo, já que passam por justificativa para exercício do domínio. Este quadro está próximo do uso do elogio interesseiro e hipócrita que se faz ao outro quando se quer conquistá-lo.

Assim, mais críticas são feitas ao movimento:

> O conceito de cultura utilizado no sentido de uma clara libertação do condicionamento ainda pesadamente imposto pelos países imperialistas comportava necessariamente uma crítica àquele tipo de ideologia do compromisso, própria da Négritude. Para países como Guiné (Conakri), é evidente que não são os factores de raça mas de classe que devem constituir a base de uma renovação cultural dos povos africanos: não se pode ignorar que “nenhuma cultura do ponto de vista histórico pode escapar ao seu conteúdo de classe”: a África negra não é, como pretendia a Négritude, uma grande sociedade comunitária sem contrastes de classe. [...]

[109] ibidem, p. 178-179.
[110] Numa passagem do livro de Emídio Fernando, *O Último Adeus Português*, o autor comenta sobre o discurso de Agostinho Neto: “Num dos muitos comícios, Agostinho Neto dava a entender que os funcionários públicos portugueses poderiam regressar por não fazer falta em Angola.” (FERNANDO, Emídio. **O Último Adeus Português**. Lisboa: Oficina do Livro, 2005, p. 364).
[111] CARRILHO, op. cit., p. 182.

> Os intelectuais promotores da Négritude são vistos como uma elite resultante da aculturação dos "povos marginais". Era realmente uma elite protestatária "que rejeitava o seu papel de intermediária da escravização político-cultural, mas, embora "sofresse com os golpes racistas que o imperialismo assestava em África, não se deu conta de que, se a ideologia e a prática racista podem ser armas eficazes usadas pelo imperialismo, que representa um racismo activo... a ideologia racista usada por rebeldes não podia deixar de ser uma arma aberrante". Assim, afirma-se ainda na intervenção guineense a Négritude "é objectivamente uma ideologia auxiliar da ideologia imperialista", porquanto aceita uma divisão racial dos atributos humanos. Daqui à reconciliação escravo-senhor falta um passo, e "compreende-se facilmente o esforço feito por toda a máquina de difusão imperialista para propagar a reconfortante negritude". A Négritude é além disso acusada de não ter contestado devidamente o colonialismo, e portanto, de ser uma ideologia que evita a luta: "Longe de remover a dominação colonial, longe de mobilizar e armar os povos agrilhoados, ela constitui a boa-consciência dos colonizadores e dá crédito à tese da existência de uma certa liberdade de pensamento e de acção no interior do regime colonial".[112]

É curioso notar no comentário acima, a questão da boa-consciência dos colonizadores e neste ponto talvez seja adequado ressaltar a comparação citada por Carrilho entre Négritude e Lusotropicalismo: "é interessante notar que ambas se desenvolvem aproximadamente no mesmo período histórico e apresentam pontos de semelhança desconcertantes [...]".[113] Apesar do tema do paralelismo ideológico não ser desenvolvido pela autora, a abordagem merece destaque: "Elogio da mestiçagem, valorização de certos aspectos da vida africana sob a marca civilizadora do catolicismo "biológico", e defesa de uma área cultural política euro-tropical, eis os mais salientes pontos de contato entre a Négritude e o Lusotropicalismo".[114] E conclui:

> A um olhar superficial poderiam parecer os elementos de uma plataforma, senão revolucionária, pelo menos "progressista", se não se desse o facto de o Lusotropicalismo ser a falsa consciência, a ideologia da colonização portuguesa, adoptada pelo regime que insistiu em levar por diante uma sangrenta guerra colonial para impedir o acesso à independência dos povos da Guiné, Cabo Verde, Angola, Moçambique.[115]

A colocação de Carrilho, sob este aspecto, ajusta-se ao que se apreende do ensaio de Maria da Graça Freire, *Portugueses e Negritude*, publicado em 1971 pela Agência-Geral do Ultramar. Todos os elementos que

[112] ibidem, p. 182-184.
[113] ibidem, p. 157.
[114] ibidem, p. 159.
[115] idem, p. 159.

visam explicar o problema da negritude no caso português vão de encontro à formulação de idéias que abracem as relações entre os portugueses e o "portugueses de cor negra" numa esfera de fraternidade cristã. Também o elogio da mestiçagem e do lusotropicalismo, fazendo referência à própria origem mestiça do povo português e ao seu caráter universalista:

> Homem por um lado normalmente mediano e comunicativo no seu comportamento vital, por outro de fusão e fraternidade, o português aceita feições e costumes alheios e respeita as suas imposições sempre com a vaga esperança de que assim talvez seja melhor e admitindo que viva cada um a sua vida como entender. Nas missões, nos empregos, nos esforços de penetração respeitava isso mesmo e, sem dedouro, praticava alguns daqueles usos adaptados às exigências no meio e ao seu feitio fraterno. E neste esforço de integração poder-se-á dizer que realizava o sentido da cultura: definir e conseguir melhor posição perante a vida.[116]

No texto de Freire fica clara a exortação à plurirracialidade, ao relacionamento com outras raças, além da menção a que Portugal foi o primeiro país a abolir a escravatura, numa retórica que denota a intencionalidade do discurso em se fazer acreditar numa unicidade de valores que é marcadamente a defesa da permanência, da continuidade e prevalência do colonialismo. Cumpre então, chamar a atenção para o discurso cômodo na defesa da permanência portuguesa em África. O que se mostra como solidariedade ao homem negro diferenciando-o, antes de mais nada, coloca-o numa condição de dependência, na dependência do intercâmbio, da troca.

O texto de Freire não aponta apenas as características dos portugueses que, de certa forma, emprestam à colonização portuguesa a sua singularidade. O fio da narrativa soa falso por ressaltar as benesses de uma tranqüila adaptação e assimilação à cultura africana (mesmo que limitada) frente aos interesses materiais e exploratórios a que toda colonização ascende, com mais ou menos notoriedade.

Em Angola há a passagem da negritude, como movimento, para a angolanidade, dentro da perspectiva da formação de uma identidade nacional. Esta perspectiva torna-se tanto mais arraigada diante da luta armada de libertação. Este passo é importante e é necessário entendê-lo.

---

[116] FREIRE, Maria da Graça. **Portugueses e Negritude**. Agência Geral do Ultramar: Lisboa, 1971, p. 17.

Se partimos da afirmação de que a identidade "a nível individual e coletivo é, para além da condição econômica, expressão de cultura"[117], podemos dizer que a formação de uma identidade angolana coincide como ponto de partida com a revalorização da cultura do homem negro. No início do século XIX, temos por exemplo, a obra *Voz de Angola Clamando no Deserto*, texto de cunho político e ideológico que expressa na norma culta, a "língua imperial", a indignação contra idéias racistas e denunciando a questão do trabalho forçado, como comenta Mourão:

> [...] a obra *Voz de Angola Clamando no Deserto* (escrita com a maior elegância, digna de um Camilo Castelo Branco) constitui-se num terrível libelo contra o racismo, as injustiças sociais e o obscurantismo.
> [...] É extraordinário que os editores tenham tido a clareza de tratar paralelamente o problema racial e o problema do trabalho forçado; denunciando ambos por estarem em desacordo com o espírito universal, utilizaram os valores da sociedade do século XIX como parâmetro. Os articulistas, que se auto-designam 'naturais de Angola', quando se valem da norma culta nessa terrível denúncia, situam-se num mecanismo próximo ao já descrito, referente à identidade coletiva, no sentido de uma permanente reconversão; tentam superar o problema racial, um instrumento de domínio. Isso lembra a posição que Frazier, quarenta anos mais tarde, vem adotar nos Estados Unidos da América do Norte; a ilustração, idéia condutora do século dezenove, pelo menos no plano teórico, iguala potencialmente todos. Os articulistas falam por si e pelos demais 'naturais de Angola', colocando-se em pé de igualdade com os colonos, a quem arrebatam a norma culta da língua, utilizando-a com muito maior propriedade que a maioria daqueles.
> A norma culta, a língua imperial, ao invés de aparecer como um instrumento de dominação, surge como um instrumento de luta. É uma luta de cunho nacionalista, por um lado, pois envolve a totalidade dos 'naturais de Angola', quando converge para o referencial africanidade, para o referencial cor, não obrigatoriamente para o racial. Esta luta procura a apropriação, ou o melhor, a reafirmação de um espaço, o espaço luandense-angolano. Por outro lado, é reflexo de uma postura de classe.[118]

Portanto, com a formação de agremiações e de jornais nativistas[119] dão-se os primeiros passos da "resistência cultural". Entretanto, há uma evolução

[117] SERRANO, Carlos Moreira Henriques. **Angola**: Nasce Uma Nação – Um Estudo sobre a Construção da Identidade Nacional. Tese de Doutoramento em Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Univesidade de São Paulo: São Paulo, 1988, p. 20 (apud, Amílcar Cabral).
[118] MOURÃO, op. cit, 2006, p. 170-171.
[119] Destas agremiações, associações, podemos citar: "Duas associações formadas a partir de 1929, primeiramente a Liga Nacional Africana, que resulta da fusão de certo número de organizações, e em seguida o Grêmio Africano, que mais tarde passa a denominar-se Associação Regional dos Naturais de Angola (Anangola), tomam essa posição de defesa dos interesses das populações, principalmente num contexto urbano". (SERRANO, op. cit. p. 133).

deste ponto para a tomada de consciência acerca da condição do próprio negro 'assimilado', quer culturalmente, quer economicamente. A impossibilidade de real inserção social será determinante para a formação de uma militância da resistência. Perante a redução do intelectual africano à margem do processo (ou da história), somente a revolta contra a dominação colonial o põe diante de uma nova perspectiva. A este respeito, podemos citar Carlos Serrano:

> Só uma pequena parcela da burguesia urbana e da faixa costeira recebe a influência da cultura do poder colonial. E a medida desse fracasso fica patente quando até mesmo elites africanas assimiladas dão-se conta da falsidade dessa política e da não igualdade de direito, assim como dos privilégios gozados pelo colonizador, e se tornam porta-vozes de uma nova forma de resistência, utilizando um dos principais instrumentos do poder colonial: a língua, através da literatura e do jornalismo nativista (caso específico de Angola). Mas isso apenas vai se manifestar coerentemente quando deixa o seu caráter marginal e individual e se expressa coletivamente por intermédio dos movimentos literários ou das agremiações culturais, quando deixa de lado a sua alienação e a sua revolta de homem dominado para se converter numa militância da resistência. Quando existe um certo grau de "assimilação", esse processo mostra-se impossível, pois essa situação constrange o indivíduo a uma auto-negação por toda a vida, como forma de recusa em aceitar o outro elemento essencial à "assimilação": a sociedade colonizadora. Mesmo quando houve "assimilação", os casos individuais não têm solução senão pela revolta contra a condição colonial e é uma situação que não pode ser mudada senão pela supressão dessa relação. Mas a revolta individual não conduz o movimento coletivo dessa cultura a não ser quando inserida num contexto mais amplo.[120]

Outro aspecto a ser considerado como fator propulsor do movimento nativista é a marginalização de uma burguesia 'negra' e 'mestiça' emergente que perde espaço para a população 'branca', que avança sobre os postos do comércio e do funcionalismo público na formação da cidade colonial. Os dois fatores conjugados, ou seja "uma assimilação que cada vez mais denota os valores do outro elemento da relação – os novos colonos."[121] e a

[120] ibidem, p. 23

[121] MOURÃO, op. cit., 2006, p. 171. Hobsbawn reforça a idéia do problema da assimilação nas nações colonizadas como fator de conflito: "Uma óbvia razão pela qual os membros de algumas nacionalidades recusavam-se a ser 'assimilados' era a de não lhes permitirem tornar-se plenamente membros da nação oficial. O caso extremo é o das elites nativas nas colônias européias, educadas na língua e na cultura de seus donos para que pudessem administrar os coloniais no interesse dos europeus, mas manifestamente não tratadas como seus iguais. Neste caso, era fatal que irrompesse um conflito, cedo ou tarde, mais ainda por haver a educação ocidental, na verdade, fornecido uma linguagem específica na qual articulariam suas reinvidicações. Por que, escrevia um intelectual indonésio em 1913 (em holandês), esperava-se que os indonésios comemorassem o centenário da libertação dos Países Baixos de Napoleão? Se ele fosse um homem holandês 'não organizaria uma comemoração de independência num país em que havia sido roubada a independência do povo'. (HOBSBAWN,

marginalização da classe econômica 'negra' e 'mestiça', atuam no sentido de dar forma e consistência à resistência cultural e, mais tarde, com a tomada de consciência da necessidade de se estabelecer um projeto nacional ao sentimento de angolanidade. Portanto, também em Angola o sentimento universalista característico da negritude tem seu papel transitório, para dar lugar à ação política.

O avanço dos atores no sentido de adquirir o instrumental político necessário para a ação dá-se de fora para dentro. A Casa dos Estudantes do Império, agremiação dos estudantes do ultramar em Portugal (mantida pelo governo português), tem importante papel dentro deste contexto. O trabalho de resgate e divulgação (mesmo que mitigada pela forte censura do governo salazarista e pelo preconceito intelectual e social na metrópole) da literatura africana foi fundamental para a divulgação dos problemas das colônias e da colonização sob outro ângulo (que não o do "centro"), além de dar a conhecer a vida cultural das colônias e valorizar o povo africano. A ela associam-se alguns nomes como os de Agostinho dos Santos, Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral, dentre outros intelectuais que vieram a liderar os movimentos de libertação das colônias portuguesas em África. Segundo Mourão[122], "o microcosmos do que foi todo o histórico do movimento" estava lá contido. Deste modo, para além de ser um pólo de divulgação cultural, havia também a sua associação ao mundo político, já que pelo espaço de convívio, tornava-se um centro de formação.

Ainda sobre este ponto, Serrano cita o surgimento do Centro de Estudos Africanos em 1951, em Lisboa. Também menciona a criação da revista *Mensagem*, importante veículo cultural de difusão da produção literária das colônias. Entretanto, em 1964 a Casa dos Estudantes do Império é fechada pelo regime da ditadura portuguesa. Há perseguição e prisão dos estudantes nacionalistas, bem como a sua fuga para o exterior, em exílio.[123]

Eric J. **A Era dos Impérios**: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 216).

[122] MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. Entrevista a Fernando Vale. Lisboa, 1988. Vale mencionar que Mourão distingue três gerações diferentes (décadas de 1940, 1950 e 1960). Os nomes citados acima pertencem, segundo Mourão à geração dos anos 40, com atuação mais fora da Casa dos Estudantes do Império - ligada mais ao Centro de Estudos Africanos, fundado por Agostinho Neto -; e com atuação nativista.

[123] SERRANO, op. cit., p. 128-129.

A ruptura necessária com o sistema colonial viria, entretanto, com a formação de uma identidade nacional. Sobre este ponto comenta Serrano:

> O conceito de nação não se poderia confundir com o de etnia na medida em que designa um grupo humano caracterizado pela consciência de sua unidade e vontade de viver em comum. Trata-se de um tipo de sociedade política que se identifica com o Estado. É uma sociedade política objetiva, possuindo a sua organização própria nos limites territoriais precisos. Mas é também uma realidade subjetiva constituída pelo conjunto de sujeitos que se unem pelo mesmo sentimento de nacionalidade, nacionalidade esta que se definiria por sua vez como consciência histórica, e é já pelo projeto histórico e político que se distingue nacionalidade de etnia.[124]

Em Angola, a formação desta identidade nacional passaria pela luta de libertação contra o inimigo Portugal. Esta seria a motivação maior para que houvesse união entre as diversas etnias que ocupavam o espaço territorial traçado à régua na Conferência de Berlim de 1884-1885. Havia um objetivo em comum que era romper como o colonialismo. Apesar das diferentes manifestações, divisões políticas de cunho ideológico e criação de grupos distintos de luta armada a representar essas diferentes correntes de pensamento no plano político da luta, todas as expressões dos movimentos de libertação objetivavam derrotar o inimigo em comum que era Portugal. As divisões que por ventura vieram a ser depois o germe da guerra civil que se instalou em Angola antes mesmo da independência, resultaram também da ação da política externa exercida no âmbito da disputa da Guerra-Fria.

Ainda citando Serrano, ao falarmos sobre o processo de formação do "conceito de nação em Angola"[125], considera-se, sobretudo, a mudança contida na idéia de comunidade local para a idéia de unidade angolana com a aglutinação dos vários povos dentro do território angolano. As primeiras revoltas violentas surgiram através das greves nas plantações de algodão da Baixa do Cassange, província do Malanje. Também nos movimentos messiânicos, como o Tocoísmo, a população era alertada da exploração que sofria. Estas manifestações foram duramente revidadas. Nas plantações de algodão, tropas das companhias de caçadores especiais e bombas incendiárias causaram a morte de milhares de agricultores. Se de um lado as agremiações e associações foram fortemente reprimidas pela polícia política

[124] ibidem, p. 25-26.
[125] ibidem, p. 30.

(PIDE), sendo seus idealizadores, mais tarde perseguidos e muitos deles presos, por outro, crescia o sentimento de necessidade de se criar condições para que - uma vez conscientizados os jovens, principalmente da pequena burguesia urbana luandense – se criasse uma organização política mais forte, com capacidade de luta frente ao recrudescimento do regime português. Um dos movimentos importantes neste sentido, ainda na linha da conscientização no plano cultural, foi o movimento *Vamos descobrir Angola*, conduzido por Viriato da Cruz.

Uma vez dispersos pela repressão política haveria necessidade de dar continuidade à luta a partir do exterior. Agora, já mais conscientemente no sentido de se "construir um movimento unitário".[126] Sobre este aspecto, o da consciência de um discurso de unidade, destaca-se o trabalho do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Sobre a articulação do MPLA a partir do exterior, afirma Serrano:

> Uma vaga de repressões surge em Luanda e mais de uma centena de patriotas, entre os quais alguns dirigentes do MPLA, são presos, julgados e, depois, deportados para as ilhas de Cabo Verde. Com as prisões de 1959 e o julgamento público dos militantes angolanos em 1960, o MPLA ganhava a sua primeira batalha política: o reconhecimento implícito de sua existência pelo colonialismo português. Na verdade, até aquele momento o colonialismo português fazia crer que não existia nenhuma reivindicação nacionalista da parte das massas angolanas. Os processos de 1960, a propósito, provaram o contrário.
> Providencialmente alguns líderes do MPLA já se tinham transferido para o exterior, como foi o caso de Mário Pinto de Andrade, membro fundador e primeiro presidente do movimento, que se exila em Paris, em 1954. Também um outro intelectual, membro fundador e secretário geral do MPLA, Viriato da Cruz, um dos autores do manifesto de 1956, se refugia na Europa em 1957, mas a organização do movimento no interior do país resiste à vaga repressão e continua se desenvolvendo na clandestinidade.[127]

A luta nacionalista em Angola ganha uma nova dimensão com o episódio histórico conhecido como assalto às Cadeias de Luanda em 4 de fevereiro de 1961.[128] A ação, comandada pelo cônego Manuel das Neves, repercutiria internacionalmente, até pela presença maciça da imprensa que

[126] ibidem, p. 139
[127] ibidem, p. 141
[128] idem.

naquela altura aguardava a chegada em Luanda do paquete seqüestrado Santa Maria.[129]

Pela primeira vez a mobilização da população dos musseques participa da luta contra a repressão e dá voz à mensagem nacionalista. A invasão à cadeia de São Paulo visava mais do que a libertação dos seus presos políticos; portava um grito desesperado contra o regime repressor que pôs no cativeiro entre 1959 e 1960: André Franco de Souza, Mendes de Carvalho, Belarmino

[129] Vale aqui transcrever de Henrique Galvão, um dos mentores do seqüestro do paquete, as motivações e detalhes da operação Dulcinéia, o assalto ao paquete português Santa Maria em Janeiro de 1961 pela Direção Revolucionária Ibérica de Libertação (DRIL), comandado por Henrique Galvão, que resume-se nas seguintes etapas: "Primeira Fase: Tomada e ocupação do Santa Maria por 'comandos' que receberiam as minhas ordens depois de terem embarcado no porto de La Guaira como viajantes com passagens pagas. Isto far-se-ia nas águas internacionais das Caraíbas, depois de o Santa Maria ter largado de Curaçao. Uma vez sob o nosso controle, o navio mudaria de direcção, navegando secretamente para a costa ocidental da África, pelo Atlântico Sul, de forma a chegar sem conhecimento de ninguém ao seu objectivo. A travessia levaria oito dias. Como o navio só era esperado em Miami três dias depois de sair de Curaçao, contávamos com este tempo para navegar tranquilamente na direcção escolhida sem levantar suspeitas. Poderíamos ganhar mais um dia em absoluto segredo, informando telegraficamente a agência de Miami de que avarias no motor estavam a atrasar o navio. No quinto dia haveria algum alarme, mas que poderia ser dissipado com rumores falsos, envidados de diversos sítios, referentes ao nosso paradeiro e destino. No sexto dia podíamos contar com uma busca geral, dificultada pelo silêncio absoluto do rádio do navio. Assim, poderíamos alcançar certamente nosso primeiro objectivo antes de nos encontrarem. Esta primeira fase da operação despertaria a atenção do mundo livre para o drama dos povos peninsulares, não só devido à publicidade alcançada pela natureza invulgar da operação, mas também à audácia com que fora realizada. Esperávamos assim despertar as consciências dos governos que, até a data, tinham apoiado persistentemente as tiranias de Salazar e de Franco. Contávamos que os ditadores nos acusassem de pirataria, mas contávamos também com a opinião mundial, livre e atenta, a qual nos olharia com aquilo que realmente éramos: rebeldes políticos lutando legitimamente pela liberdade nos nossos países escravizados. Além disso, pretendíamos reavivar as esperanças dos povos Ibéricos relativas à sua libertação e predispô-los para um levantamento futuro. Pretendíamos finalmente reunir à nossa volta, unidos num único propósito, todos os grupos da oposição democrática, espalhados por ambos países. Segunda fase: Com o nosso grupo de origem e os membros da tripulação que – estávamos certos disso – se juntariam a nós após a tomada do navio, faríamos um ataque de surpresa – uma operação nocturna de 'comandos' – à ilha africana, possessão espanhola de Fernando Pó. Aí apoderar-nos-íamos de uma canhoeira e das altas autoridades da Guiné espanhola. Simultaneamente, isolaríamos a ilha, cortando todas as comunicações com o mundo exterior. Então, com o auxílio das forças nativas, que nos seguiriam, atacaríamos a parte continental da colónia. Com as forças adicionais que se nos juntassem e com a canhoeira e lanchas de desembarque – tudo em operações de surpresa muito rápidas, levando um máximo de três dias – e com dois aviões, talvez três, obtidos na ilha e no continente, atacaríamos Luanda, a capital de Angola, às cinco horas da tarde, com o apoio de forças rebeldes locais, numa operação envolvente de 'comandos', apoiada pela canhoeira. Objectivo: conquista e libertação de uma parte do território português, onde pudéssemos constituir um governo e de onde, com recursos adequados, poderíamos desencadear uma guerra contra o regime de Salazar. Para tal propósito, contávamos com levantamentos em Moçambique e até mesmo na metrópole" (GALVÃO, Henrique. **O Assalto ao "Santa Maria"**. Lisboa: Edições Delfos, Coleção Compassos do Tempo nº 14, 1973, p. 152-154).

Somente a primeira parte do plano de assalto foi cumprida, tendo o paquete terminado por aportar ao Brasil, com asilo concedido por Jânio Quadros, aos seus realizadores e mentores (antes do capitão Henrique Galvão, Humberto Delgado foi acolhido pelo governo brasileiro). O assalto foi considerado um sucesso pelos seus realizadores, ainda que a segunda

Van Dúnem, André Mingas, Matias Miguéis, Ilídio Machado, Julieta Gândra Meireles, Amadeu Amorim, Noé Saúde, Hélder Neto e Luandino Veira; dentre outros, gerando o episódio conhecido como o "Processo dos 50".[130] Além disso, o ataque demonstraria o poder da mobilização popular para atingir as autoridades portuguesas. Afinal, segundo entrevista de Mario Pinto de Andrade sobre as idéias do cônego Manuel das Neves: "Não é preciso muita coisa, para se fazer uma guerra e vencer. Não. É só para fazer um acto que dê brado lá fora e quebre o mito".[131]

Mito quebrado, pouco depois, a 15 de março, a UPA (União dos Povos de Angola), liderada por Holden Roberto, deflagra uma série de ataques a fazendas no norte de Angola. Localidades como Nambuangongo, Quitexe, Carmona, Aldeia Viçosa, foram as mais atingidas. "Em apenas dois dias, morriam, de acordo com os cálculos do Governo português, entre 300 a 500 europeus".[132] Essas mortes em circunstâncias brutais foram revidadas pelas tropas militares portuguesas de forma não menos cruel. E claro, perfazendo muitas vezes mais vítimas[133], dada a força desproporcional do exército português contra uma população armada de catanas e armas caseiras. O despreparo militar português antes de 1961 denota o descrédito das autoridades portuguesas em relação à possibilidade de qualquer tipo de levante armado em Angola. Segundo Fernando:

> Em Março de 1961, antes dos acontecimentos no Norte angolano, Portugal mobilizara em Angola, apenas sete mil militares, todos a

parte do plano não se tivesse cumprido. A atenção para o problema português estava chamada e seria inevitável, segundo Galvão, que mais ações contra Salazar e seu autoritarismo e defesa do colonialismo fossem postos abaixo em protestos cada vez mais veementes.

Henrique Galvão retrata a desumanidade da situação colonial, sobretudo pela gravidade do trabalho escravo, falta de assistência às populações, falta de escolas e instrução, além da ausência total de direitos. A exploração completa e total do homem pelo homem. Entretanto, advertia que haveria que se tomar muito cuidado com o que será feito da nação liberta, sujeita a ser manipulada por outros interesses. Segundo afirma, apenas 5% da população negra com alguma instrução teria condições de conscientemente optar pela autodeterminação. Neste caso, como governar um país sem quadros? Alerta, portanto, que a libertação poderia levar ao caos do conflito de interesses externos, acima dos interesses nacionais, em que o acirramento do racismo poria termo às obras coloniais (o que de fato veio a ocorrer...).

[130] FERNANDO, Emídio. **O último adeus português.** Dafundo: Oficina do Livro, 2005, p. 124.

[131] ibidem, p. 173.

[132] ibidem, p. 154.

[133] De Afonso Arinos: "Em Angola, a revolta contra o indigenato levou os negros a massacar mais de mil brancos europeus em 1961, o que provocou uma reação punitiva levada a efeito pelas autoridades e pelos brancos mais bem armados, na qual devem ter perecido, segundo o inglês L.E. Addicott, cerca de 30 mil pretos (ARINOS, op. cit., p. 471).

> cumprir serviço militar obrigatório e 200 polícias, na sua maioria, uns tantos, como outros, oriundos da metrópole. Grande parte das duas forças estava concentrada nas cidades de Luanda, Nova Lisboa e Sá da Bandeira, obedecendo a uma reorganização encetada em 1958. As estatísticas sobre a população angolana, de acordo com o Instituto de Trabalho, Previdência e Ação Social de Angola, apontavam para a existência de 95,2 por cento da etnia africana, 3,5 do grupo europeu e 1,1 por cento de mestiços. O número de colonos já rondava os 200 mil o que por si só constituía a segunda maior comunidade branca, em África, a seguir a da África do Sul.[134]

O episódio dos ataques no norte de Angola ocorre em meio a uma crise na política portuguesa que termina com a tentativa frustrada de golpe de estado por parte de Botelho Muniz. Salazar reformula o ministério e se incumbe pessoalmente das pastas da Defesa e do Ultramar. A frase proferida pelo ditador: "A explicação é Angola. Andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão", ficaria marcada como demonstração de força de recrudescimento frente a qualquer tipo de ameaça ao ultramar português. O envio maciço de tropas para Angola para proteger os interesses portugueses viria a reforçar a intenção de permanência, ainda que a derrota no plano da política internacional, no mesmo ano de 1961 na votação da ONU, estivesse patente.[135]

O papel da população portuguesa neste contexto é um ponto de atenção. Não houve revolta ou forte pressão popular contra a guerra colonial e o envio de seus jovens para o serviço militar obrigatório. Tudo se passava dentro de uma normalidade forjada pela repressão. Um mundo embebido num discurso patriota, que punha a população à margem, sob a vigília do medo e mergulhada na ocultação da realidade. Não sem motivo, dentro do movimento de vanguarda da literatura, poesia e música portuguesa, encontravam-se jovens que vivenciaram o drama de uma guerra irracional.[136] Esses, conscientes das atrocidades presenciadas em Angola e alimentadas pelo espírito dos novos valores do pós-guerra, da geração da liberdade dos anos sessenta, engajaram-se na campanha política contra a ditadura e, sobretudo, contra a guerra colonial. Muitos saíram em exílio de Portugal. Alguns se recusaram a ir lutar. Mas, à exceção dos jovens mais politizados, de modo geral o medo ocupava todos os espaços. Não houve manifestação popular à

[134] FERNANDO, op. cit., p. 166.
[135] Ibidem, p. 170-171.
[136] Como por exemplo: Manuel Alegre, José Niza.

altura que pudesse pressionar o governo a por fim ao colonialismo. Também não por acaso emerge justamente de dentro das forças armadas a consciência política que deu asas ao desejo de liberdade e mudança. Não foi um movimento legitimamente de expressão popular, apesar da marcha do povo pelas ruas de Lisboa ao lado dos militares na Revolução dos Cravos, e das ocupações de fábricas e terras por trabalhadores após o 25 de abril, numa onda ultra-esquerdista que não se disseminou pela totalidade do espaço nacional, e deu origem à contra-revolução em novembro de 1975.[137] Foi o cansaço da guerra, a falta de perspectivas, o sentir-se atroz num mundo em que Portugal escolhera não se inscrever.[138]

É certo que a guerra estende-se não somente pela repressão popular, mas claro, também com uma refinada habilidade diplomática, mantendo um jogo no plano internacional, que permitiu levar a situação das colônias africanas até o limite da derrocada do seu regime interno.

Para encerrar esta etapa é importante mais uma vez exemplificar como a opressão exercida pelo regime hipócrita, roubava o direito sagrado do povo angolano a sonhar:

> Foi no século dezasseis que os conquistadores portugueses chegaram à África. Desde então, gabavam-se da sua "missão civilizadora". Iam "civilizar os indígenas", como diziam.
> Mas, depois de quase 500 anos de "civilização", em 1960, dos seis milhões em Angola somente 104 000 pessoas andavam na escola. E a grande maioria dos alunos eram crianças portuguesas. Em 100 angolanos, não se encontravam mais que oito ou nove que sabiam ler e escrever.
> Os colonialistas construíram algumas escolas, mas quase todas elas foram colocadas nas cidades e nas vilas. Nas aldeias, onde morava a maior parte do povo angolano, não existiam escolas.
> Nem havia hospitais ou postos de saúde nas aldeias. Nem mesmo havia um enfermeiro ou um socorrista. A mortalidade de crianças era terrivelmente elevada, os angolanos viviam em média só 30 anos.
> Os filhos da opressão cresciam, ameaçados por doenças e sem acesso aos estudos. Tornando-se jovens, eram ameaçados pelo trabalho contratado. Matavam-se a trabalhar a fim de conseguirem o dinheiro para os impostos e outras dívidas mais. Vendiam barato as suas colheitas aos comerciantes portugueses e tinham de pagar muito caro o sal, o sabão, o tecido e outras mercadorias necessárias.[139]

Realidade muito distante da "missão civilizatória" alardeada.

---

[137] MAXWELL, op. cit., p. 154-204.
[138] GIL, José. **Portugal hoje, o medo de existir**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007, p. 23.
[139] NILSSON, Vivi. **Filhos da Opressão. Filhos da Liberdade** – crianças e jovens de Angola. Estocolmo: União dos Escritores Angolanos, 1979, p. 9.

2.4. Lutas de Libertação e Descolonização

Os Condenados da Terra, última obra de Frantz Fanon, destaca-se aqui para o entendimento do fenômeno histórico que é a descolonização. Suas reflexões têm, por vezes, propriedades premonitórias[140], que vão de encontro aos desdobramentos da descolonização em Angola.

O conteúdo do livro está bem definido neste trecho do prefácio de Alice Cherki à obra:

> Numa verdadeira corrida contra o tempo e a morte, Fanon quis transmitir uma última mensagem. Para quem? Para os deserdados, que não eram mais essencialmente os proletários dos países industrializados do fim do século XIX, cantando "De pé, condenados da terra; de pé forçados da fome". Os condenados da terra aos quais Fanon se dirigia eram os deserdados dos países pobres, que queriam realmente terra e pão, ao passo que, na época, a classe operária do mundo ocidental, muitas vezes racista e evidentemente ignorante sobre as populações de além-mar, demonstrava uma relativa indiferença pelo destino das colônias de que, indiretamente, se beneficiava.[141]

A mensagem de Fanon sobre o mundo colonial e seu remédio, a descolonização, é transmitida em tom profético e, por vezes, fatalista. Entretanto, vale lembrar que a mensagem está calcada na experiência de vida do médico psiquiatra, que sofreu com o racismo e com as mazelas da guerra colonial. Fanon acreditava sobretudo que a libertação, mais do que os povos submissos, também liberta o indivíduo, "uma descolonização do ser".

Alice Cherki afirma que, em *Os Condenados da Terra*, Fanon questiona primordialmente, a alienação provocada pelo dominante sobre o dominado, que "altera tanto as coletividades quanto aos sujeitos, em seu devir pessoal".[142] Esta idéia resume a obstinação de Fanon acerca da criação do novo sujeito, totalmente liberto do jugo e da mentalidade colonial, aquele que rompe com o mundo concebido e surge da desconstrução deste mundo, do movimento de ruptura e do caos da descolonização.

Ainda para a autora, uma das acusações mais freqüentes a Fanon, é a apologia à violência. Quanto a esta questão, nada mais seria para Fanon que um reflexo da condição desumanizante do colonialismo, que explodiria em

[140] FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006, p. 369.
[141] ibidem, p. 12.
[142] ibidem, p. 13.

descontrole e que deveria ser canalizada para os movimentos da luta de libertação. Esta força concentrada conduziria a uma superação redentora, que levaria inclusive, ultrapassados quaisquer vestígios do colonialismo, a dirimir entre os povos as questões de racismo, cor e choque de culturas, apontando o desaparecimento do "medo do outro".[143]

Alice Cherki chama a atenção, entretanto, para o fato de que muito diferente se mostra o prefácio de Sartre para *Os Condenados da Terra* e cuja incitação clara à violência, ultrapassa o discurso do próprio Fanon, numa espiral de argumentos que visam chocar o público europeu. Entretanto, a descrição de Sartre sobre a situação colonial apresenta-se como uma relação dialética que retrata com agudez a crueldade que atinge tanto colonizado como colonizador e que prediz uma contradição que "levará até a descolonização".

No quadro desenhado por Sartre, sabe-se do embrutecimento do colonizado, atirado ao ostracismo, aviltado de sua cultura sem que se possa inscrever na cultura do colonizador. Um mundo de restos e humilhações em que o colonizado mantém-se servil na escravidão do pouco que comer, no silêncio de lamúrias caladas com a violência (como "em Angola, onde recentemente furavam-se os lábios dos descontentes, para fechá-los com cadeados")[144]; também se sabe do genocídio adiado do colonizador. Este, nunca concretiza a totalidade da atrocidade final, sem que sua condição de dominador fique fragilizada. Sem colonizado não há colonizador. A este propósito, Memmi[145] também descreve com precisão a dialética da colonização. Colonizado e colonizador estão um dentro do outro, como que universos a formar círculos concêntricos dentro de um plano histórico mais amplo.

Outra observação importante de Sartre é o impacto cultural ou no nível das mentalidades. O colonizado transita entre "Dois mundos, duas possessões: dança-se a noite inteira; quando amanhece, corre-se para a igreja para ouvir missa; a cada dia, a fissura aumenta."[146] Conclui Sartre afirmando que "O indigenato é uma neurose introduzida e alimentada pelo colono nos colonizados *com o consentimento destes.*"[147]

[143] ibidem, p. 14-15.
[144] ibidem, p. 32.
[145] MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
[146] FANON, op. cit., 2006, p. 37.
[147] ibidem, p. 37.

Quando se refere à onda de violência contra os europeus, é curioso notar que Sartre assertivamente defende a explosão de ódio que atinge tanto os "liberais" quanto os "maus colonos".[148] Ainda afirma que:

> A arma de um combatente é a sua humanidade. Pois, no primeiro tempo da revolta, é preciso matar. Abater um europeu é matar dois coelhos com uma só cajadada, suprimir ao mesmo tempo um opressor e um oprimido: restam um homem morto e um homem livre; o sobrevivente pela primeira vez sente um solo *nacional* sob a planta dos pés.[149]

É feita no trecho acima, para além da apologia à violência, menção à luta nacionalista como produto e bem maior do espírito da luta. Sob este ponto, a questão da descolonização e da luta nacionalista, há que se debruçar sobre o texto de Fanon.

A descolonização, para Fanon, dentro do que se nomeia libertação de uma nação, ou "restituição da nação ao povo", é sempre um processo de ruptura: violento, portanto. E no mais representa "a substituição de uma 'espécie' de homens por uma outra 'espécie' de homens".[150] Esta mudança de estado reclamada pelo colonizado representa "um programa de desordem absoluta" que "não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de entendimento amigável".[151] Vale citar a transcrição do parágrafo em que Fanon explica o sentido e os efeitos da descolonização:

> A descolonização nunca passa despercebida, pois diz respeito ao ser, ela modifica fundamentalmente o ser, transforma expectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, tomados de maneira quase grandiosa pelo rumo da História. Ela introduz no ser um ritmo próprio, trazido pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade.[152]

Daí conclui-se que mais do que um processo de libertação nacional, para Fanon, a descolonização leva à libertação do próprio ser.[153]

---

[148] Nesse sentido a idéia procura ressaltar que mesmo que se possam atribuir categorias para os colonos, como "liberais" e "maus", o colonialismo em si é um mal e seu combate atingirá a todos.
[149] ibidem, p. 39.
[150] ibidem, p. 51.
[151] ibidem, p. 52.
[152] ibidem, p. 52-53.
[153] Ibidem, p. 12-13.

Qual será o destino das nações recém independentes é segundo Philippe Lucas, a pergunta mandatória em os *Condenados da Terra*:[154]

> Existe la apoteosis de la independencia; y existe la maldición de la independencia. Y la significación histórica más profunda de *Los condenados de la tierra* reside en ese punto. En el último ensayo de Fanon, sin duda, la suerte de las factorías y de los mercenarios europeos, tiene menos importancia que la suerte del África nueva, de los tres continentes.

O autor alerta para o fato da descolonização não ser um fenômeno "*unívoco*". Há contradições que são próprias da descolonização e inerentes a ela, tal como a possibilidade de eclosão de fraturas e disputas entre grupos que se mantiveram de alguma forma, unidos no período da luta de libertação. Esta seria a preocupação de Fanon, o devir dos povos africanos. Entretanto, se há esta problemática característica à descolonização (cuja crise do Congo[155] é um exemplo para Fanon), também há particularidades nas lutas nacionais. Para exemplificar a particularidade do significado da luta pela independência dentro dos diversos quadros sociais vividos pelos povos africanos, Lucas cita o problema de Ruanda:

> La crisis del Congo, que Fanon considera como la primera gran crisis de la nueva África, constituye, sin duda, su manifestación más notable. Pero hay que agregar que la reivindicación de la independencia no siempre tuvo la significación histórica que se le atribuyó. Pudi haber revestido el carácter de una verdadera petición reaccionaria. Así, por ejemplo, en Rwanda, para asegurarse el mantenimiento de la sociedad jerarquizada dominada por ella, la casta de los campesinos Tutsi reivindica la independencia inmediata y lo que le interesa es contener el movimiento de liberación *social* emprendido en su contra por la masa de los Hutu. Una vez alcanzados los objetivos sociales se plantea, inmediatamente después, el problema de la liberación *nacional*, pero el fenómeno que llamamos descolonización dista mucho de ser unívoco.[156]

O fenômeno da descolonização como fenômeno complexo e heterogêneo, dadas as nuances a que pode asceder e conforme as características intrínsecas a cada sociedade, deve ser analisado do ponto de

[154] LUCAS, Philippe. **Sociología de la descolonización**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC, 1973, p. 8.
[155] Em referência a separação da região do Katanga em 1960, liderada por Tchombe e sufocada por Joseph Kasavubu com apoio da ONU.
[156] LUCAS, op. cit., p. 11.

vista interno, ou seja, além do sentido histórico, deve-se também procurar interpretar seu significado espacial.

Em Angola podemos dizer que a descolonização ocorre dentro do quadro tipificado por Fanon, na medida em que primeiro concebe a reabilitação do colonizado como sujeito histórico, por exemplo, no plano intelectual, através da literatura, próximo do movimento da expressão da negritude. Este aspecto tem grande relevância, pois é um elemento de aproximação das lideranças intelectuais à mobilização popular em Angola. Esta mobilização, posteriormente, ganhou força para dar sentido ao sentimento de angolanidade (a negritude pertence a um movimento mais amplo e anterior ao surgimento da angolanidade).

Este entendimento está expresso no texto de Fanon, comentado e destacado por Lucas:

> El intelectual colonizado sólo encuentra su liberación después de haber superado la búsqueda apasionada pero solitaria de un pasado, aunque sólo sea el pasado de "su pueblo"; para Fanon, esta búsqueda es la de la negritud. Cuando se adhiere al movimiento de rebelión espontánea de las masas *transformándolo*, alcanza el reconocimiento de sí y se convierte en sujeto histórico. Lo alcanza poniéndose al servicio de una fuerza social que supo, a costa de una resistencia cotidiana y espontánea, conservar las estructuras económicas y sociales sobre las cuales puede desarrollarse la lucha por la liberación nacional. "El intelectual colonizado, escribe Fanon, se dará cuenta sin embargo, tarde o temprano, de que no demuestra la existencia de la nación a partir de la cultura sino que se la pone de manifesto en la lucha que realiza el pueblo contra las fuerzas de ocupación".[157]

O fator de ligação entre os intelectuais do movimento e as massas teria de passar pelo aspecto cultural, ou seja, pela valorização do negro, das culturas africanas, do sentimento de pertencer a uma nação.

O sentimento de angolanidade viria a ser fundamental, porque ultrapassa o aspecto cultural para ir de encontro ao plano político.

O papel do intelectual para Fanon é o de conduzir e organizar as massas, que por iniciativa própria não têm a possibilidade de conduzir seus destinos. Há que se servir da espontaneidade das massas sem, contudo, esquecer que há uma direção a percorrer. Ou seja, Fanon ao mesmo tempo expõe a idéia de formação de uma luta consciente através da politização das

[157] ibidem, p. 33.

massas, sobretudo o campesinato, que para ele é o elemento chave na tomada de consciência e de luta, não relega ao segundo plano o papel de direção desempenhado pelos dirigentes nacionalistas, defendendo a formação de um equilíbrio de forças. [158]

Novamente encontramos aqui, dentro da criação dos partidos em Angola e no início das lutas pela independência, elementos que corroboram as etapas do processo de descolonização, descritas por Fanon.

Outro aspecto que não deve ser esquecido é que o pano de fundo das lutas de libertação está inscrito no plano da luta de classes, ou seja, no antagonismo entre exploradores capitalistas/imperialistas, e colonizados. A questão da dominação e poder faz parte de uma dialética colonialista. Inspirado no marxismo, Fanon elege uma pequena burguesia colonial como inimiga e a serviço do colonialismo; burguesia esta que deve ser extirpada. As interpretações de Fanon neste aspecto são bastante criticadas, sobretudo em Lucas.

Memmi também coloca o colonialismo em termos de uma relação dialética. Os retratos do colonizador e colonizado são concebidos dentro de uma moldura de violência em que o primeiro oprime o segundo até o limite do desejo de aniquilá-lo, dado que a aniquilação deste resultaria na própria extinção da sua condição de colonizador. Nestas circunstâncias, há uma caracterização do colonizador que beira a ambivalência. A constatação de ser um privilegiado ou, um usurpador dos privilégios que antes eram conferidos ao colonizado choca-se com a defesa de seus interesses que, em última instância, são mantidos, e sem o que haveria a negação da sua própria condição.

A afirmação do seu *status* pressupõe a existência de uma justificação que se dá através da imposição de uma condição de "superioridade" perante o colonizado, mantida sob a forma do racismo, que confere a este um traço de imutabilidade na condição de "inferior" a ele atribuída, ou seja, o colonizado é desacreditado como agente passível de assimilação da cultura que lhe é imposta.

Este distanciamento afirmado através do racismo é fundamental para massificar o colonizado e, portanto, desprezá-lo como indivíduo, ignorando suas capacidades. Assim, ao mesmo tempo em que o colono tem a missão de

[158] ibidem, p. 35-39.

"civilizar" e trazer o progresso para a colônia, ele anula esta possibilidade quando da negação do colonizado como indivíduo, legitimando a colonização e absolvendo a si próprio:

> O racismo aparece, assim, não como pormenor mais ou menos ocidental, porém como elemento consubstancial do colonialismo. É a melhor expressão do fato colonial, e um dos traços mais significativos do colonialista. Não apenas estabelece a discriminação fundamental entre colonizador e colonizado, condição *sine qua non* da vida colonial, mas funda sua *imutabilidade*. Somente o racismo permite colocar na eternidade, substantivando-a, uma relação histórica que começou em certa data. Donde o extraordinário desenvolvimento do racismo na colônia; a coloração racista da menor atitude intelectual ou prática do colonialista e mesmo de todo colonizador.[159]

O papel do racismo, conclui-se como crucial neste jogo de dominação. O colonizado enquanto elemento inferior é visto como massa, com uma identidade única de rebanho. A desumanização e a bestialidade fortalecem a posição do opressor. Enquanto o colonizado permanecer sem nome, sem face, e for considerado "selvagem", será apenas tratado como um objeto.

Memmi, a exemplo de Fanon descreve a ruptura como necessária. A aceitação pelo colonizado de sua exclusão, exploração e amputação, chega a seu limite quando da tomada de consciência sobre a impossibilidade da assimilação. Ocorre nesse momento, portanto, a revolta e a negação dos valores e cultura que lhe foram impostos e da figura negativa que lhe foi atribuída. Essa negatividade, ou movimento de contramitologia é o elemento impulsionador da revolta e da sua reconstrução como indivíduo. Essa afirmação surge de forma violenta e nessa violência encontra a sua redenção:

> A revolta, porém, é para a situação colonial, a única saída que não é miragem e o colonizado descobre isso cedo ou tarde. Sua condição é absoluta e reclama uma solução absoluta, uma ruptura e não um compromisso. Foi arrancado de seu passado e detido no seu futuro, suas tradições agonizam e ele perde a esperança de adquirir uma nova cultura, não tem nem língua, nem bandeira, nem técnica, nem existência internacional, nem direitos, nem deveres: nada possui, nada mais é e nada espera. Além disso, a solução é cada dia mais urgente, cada dia necessariamente mais radical.[160]

[159] MEMMI, op. cit.,1967, p. 71-72.
[160] ibidem, p. 111-112.

Ainda sobre o mecanismo de funcionamento do colonialismo sob o ponto de vista fanoniano, vale voltar ao texto do livro *Os Condenados da Terra* para retirarmos outros elementos esclarecedores.

Começamos por destacar o mundo colonial como citado por Fanon como um mundo compartimentado, que passa por um arranjo social e geográfico de cidades divididas e que coexistem (como por exemplo, as *medinas* e as cidades européias no mundo árabe ou a cidade alta e baixa em Luanda); mas que são excludentes. Para Fanon, a "zona habitada pelos colonizados não é complementar à zona habitada pelos colonos [...] Regidas por uma lógica puramente aristotélica, elas obedecem ao princípio de exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais".[161] As duas cidades, a do colono e dos africanos não se encontram; portanto, há um fosso entre a cidade asfaltada e a cidade dos musseques.[162] Na afirmação final de

[161] FANON, op. cit., 2006, p. 55.

[162] Com a maciça ida de europeus para Luanda a partir da dc. 50, houve um deslocamento da população africana do centro (baixa) para a periferia. Os musseques crescem e passam a abrigar uma população de alfaiates, pedreiros, motoristas, responsáveis pela prestação de inúmeros serviços nas cidades, fica cada vez mais confinada aos chamados bairros operários."O aumento brutal da população 'branca' em Luanda, o desenvolvimento do comércio e do polo industrial consolidam a configuração da cidade colonial, dividindo-a em duas grandes áreas: a 'cidade branca' e a 'cidade negra' ". (MOURÃO, op. cit., 2006, p. 310). Ou ainda: " Na encosta, para leste, aparecia o bairro das Ingombotas, onde, a par de maioria de habitações construídas em adobe, apareciam moradias erguidas com materiais mais caros; isto na dependência da posse dos moradores, africanos com poucos recursos, a par de moradores pertencentes à classe média africana, nesta época já em crise. Além das crises econômicas dos anos trinta, é nessa época que se manifesta a queda de importância da classe média africana que, face ao aumento do custo da construção, vê limitada sua possibilidade de assentamento físico; a par do fato que paulatinamente a população 'branca' passa a ocupar o espaço da administração pública que tradicionalmente pertencia à classe média africana. A expansão do ensino público e privado, com a vinda de novos contingentes de imigrantes europeus, passou a servir preferencialmente a população 'branca'. É neste período que a população africana das Ingombotas, incluindo elementos da classe média africana, por alegados motivos técnicos – racionalização da expansão da cidade para leste – é expulsa para outras áreas, entre as quais o Bairro Operário, onde se dá uma relativa proletarização dessa camada social africana [...]. A cidade progressivamente passa a se configurar por uma bipolaridade 'branca' e africana passando a proliferar os musseques, locais de habitação da reserva de mão-de-obra africana para atender à cidade." (MOURÃO, op. cit., 2006, p. 308).

Também Luandino Vieira em seu romance, *Nosso Musseque*, narra a expulsão da população 'negra' e mais pobre, das Ingombotas: " E essa paz [...] começou a ser falada com saudade e com medo na hora que, pela Ingombota acima, telhados vermelhos de casas começaram a espreitar o nosso musseque com seus olhos invejosos. Muitos papéis da Câmara tinham sido entregues nas pessoas lá para os lados do Braga e a gente soube, meses mais tarde, que o tractor veio com os serventes e deitou abaixo as casas, alisando o terreno. E as pessoas que não tinham acreditado no papel tiravam suas coisas nas cubatas, nas corridas, na hora dos serventes despregarem as chapas de zinco e, ainda quentes dos moradores, as paredes resistiam na faca do tractor, para depois, duma vez só, a máquina entrar por cima de tudo, no meio da poeirada vermelha do barro desfeito [...] E a paz do nosso musseque, mesmo com o capim verdinho e os cajus ao sol de Janeiro, cheirava às vezes ao fumo do tractor e cobria-se de fina nuvem de poeira que o vento do Mussulo empurrava, à tarde, para cima de nós". VIEIRA, José Luandino. **Nosso Musseque**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003, p. 72.

Fanon, a observação: “A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros [...] A cidade do colonizado é uma cidade faminta, esfomeada de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz”.[163]

Sobre este ponto, vale citar trecho do depoimento de D. acerca do fosso social que havia em Luanda, cidade dividida:

“Em Luanda...Uma infância cheia de sonhos, porque Luanda era uma cidade resplandecente, era a capital, era bonita, era nova, tinha mar, tinha praia, tinha tudo; mas, era como eu te falei, dentro do universo branco; isso é importante colocar.

Tem uma outra coisa muito curiosa que é importante colocar: o branco não se integrava de forma nenhuma com a população negra, quer dizer que quando alguém diz: não, os brancos se integravam, se integravam alguns brancos que por alguma razão familiar se uniam à população negra, faziam parte comercialmente daquela fronteira de ligação. Eu não tinha amigo negro em Luanda. Eu não tinha um amigo mestiço, mulato e a minha família era liberal. Então, veja bem, havia uma dicotomia na fronteira. Havia outras cidades em Luanda [...].”[164]

Mais do que um fosso social, um estigma de miséria marca o colonizado. O estigma de inferioridade que explode, segundo Fanon, compreensivamente num sentimento de cobiça:

> O olhar que o colonizado lança sobre a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todos os modos de posse: sentar-se a mesa do colono, deitar-se na cama do colono, se possível com a mulher dele. O colonizado é um invejoso. O colono não ignora isso e, surpreendendo o seu olhar vago, constata amargamente e sempre em alerta: “Eles querem o nosso lugar”. É verdade, não há um colonizado que não sonhe, ao menos uma vez por dia, instalar-se no lugar do colono[165].

No depoimento de FA.[166], a caracterização de Fanon sobre o desejo do colonizado de tomar o lugar do colonizador é vivenciada quando os conflitos entre os grupos de libertação atingem a região em que moram, e na sequência dos acontecimentos culmina com a fuga para Luanda. Ainda aqui se pode

[163] FANON, op. cit., 2006, p. 55-56.
[164] Entrevista concedida por D. - verificar texto completo nos anexos.
[165] FANON, op. cit., 2006, p. 56.
[166] Entrevistado. Texto não transcrito nos anexos.

constatar a "falsificação"[167] das relações sociais, que estavam presas pelo subjugo. O antigo colega e o antigo empregado deixam de ser fiéis ao colono:

"Eu estive lá na minha terra a 300km de Luanda quando arrebentou aquilo tudo, do dia para a noite ficou tudo num estado...Havia lá dois partidos, a FNLA e o MPLA. Eram os dois ali, os outros [UNITA] estavam para o sul. Cada um tinha o seu território. Praticamente divididos. Um dia, com 400 ou 500 militares de cada lado, numa cidade pequenina que era Bula-Atumba, eles estouraram toda a cidade. E nós tivemos que retirar todos. Viemos todos embora, fugimos para Luanda. Eu, depois passados uns quinze dias, voltei lá... nove ou dez, fomos num camião. Cheguei lá, os meus caminhões, os carros que eu tinha, pedi para pelo menos deixarem trazer um para baixo, para Luanda. Pedi ao comandante do MPLA, porque ele é que ganhou a guerra. Naquela altura ele tomou a cidade. E o governador lá era um ex-meu colega quando eu era empregado de uma loja em que ele era sub-gerente. Era um rapaz estudado, e esse indivíduo era muito meu amigo, porque nós trabalhamos juntos. Eu cheguei lá e pensei que ele me ia atender. Ele era angolano, na altura era a pessoa mais estudada, a pessoa mais culta. Ele estava sentado lá na administração, na Câmara... Aí eu cheguei lá e disse pra ele: camarada B., eu venho aqui para ver se você me deixa levar ao menos um caminhão... para a capital para eu começar a vida outra vez, porque nós ficamos sem nada... A fazenda ficou abandonada; ao comércio e nossa casa eles tinham tirado tudo: portas, janelas, tudo! E ele disse: Vocês vieram de carro e vocês vão embora no mesmo carro, daqui não tiram nada! E nós assim fizemos, pois eles estavam cheios de armas, e nós desarmados. Alguns até eram nossos ex-empregados, os mecânicos dos camiões."[168]

Em segundo lugar, Fanon aponta um mundo dividido. Num mundo capitalista ocidental não colonizado, o opressor disfarça a própria dominação a que submete o operário com pequenas premiações ("a honestidade exemplar de operários condecorados depois de cinqüenta anos de bons e leais serviços")[169] e cuja estrutura moral e religiosa, constrói um ambiente de submissão, em que a autoridade policial tem um papel coadjuvante. Em contrapartida, no mundo colonizado o colonizador impõe respeito através da força e da presença policial. Não há premiações nem discursos morais que possam intermediar as relações entre opressor e oprimido. O discurso é normalmente o da violência. "O intermediário não disfarça a dominação". O

[167] Segundo Memmi: "A colonização falsifica as relações humanas, destrói ou esclerosa as instituições, e corrompe os homens, colonizadores e colonizados." (MEMMI, op. cit., 1967, p. 125-126)
[168] Excerto da entrevista concedida por FA.
[169] FANON, op. cit., 2006, p. 54

intermediário é a força policial[170]. Ou, seja, não há atenuante, não há disfarces retóricos.

Neste mundo dividido, o colonizado tem que tomar uma posição sobre de que lado afirmará sua concepção de mundo. Para Fanon, não há escolha que não a expulsão, a recusa de qualquer tipo de acordo que possibilite a concomitância de dois mundos. A descolonização significa enfim, mais do que transformar a realidade, em tornar verdade o ditado: “Os últimos serão os primeiros”.

Há no entanto, críticas às teorias da descolonização de Fanon quanto a importância do fator violência e o papel do campesinato. No artigo intitulado *A estratégia de Nkrumah: originalidade e classicismo*, Charles Martin defende que as previsões de Fanon não se concretizaram.

---

[170] Em *Viragem,* de Castro Soromenho, o papel do chefe de posto, autoridade máxima local, fica evidenciado quando este discursa para os sertanejos sobre a propriedade das terras e do algodão produzido por eles, após prender e à seguir torturar o velho Murique acusado de roubo, de vender algodão fora do mercado do Governo: ”E o Alves recomeçou a falar sobre as obrigações que os negros tinham para os brancos do Governo. – O branco do Governo é o pai dos pretos. – Voltado para os sobas, acusou os negros de ingratos para os brancos, que trouxeram àquelas terras a civilização, acabando com as guerras entre as tribos, abrindo estradas e construindo pontes. E fez-lhes ver o que significava para a vida de todos o comércio introduzido pelos brancos, com os seus panos, o sal, as missangas, tantas coisas boas que todos queriam, tudo para trocar por bolas de cera, um produto que eles obtinham de ‘graça’ nas florestas e que nada valia antes de os brancos chegarem às terras de mato.[...] E voltou a dizer que a terra era do Governo, mas que nunca os brancos proibiram que os indígenas se servissem dela sem nada pagar. O Governo dava-lhes a terra e a Companhia as sementes, a mãos cheias, e eles só tinham que pagar à Companhia em algodão e ao Governo nada. E o chefe do posto estava ali para ver se o algodão era bem pesado no mercado oficial, defendendo os interesses dos plantadores. Se havia anos que as chuvas estragavam os algodoais, os brancos perdiam as sementes, o que representava muito dinheiro, e eles, que perdiam? Nada. A única coisa que não ganhavam era o trabalho, porque quem manda as chuvas e os ventos é Zambi (Deus). Mas a Companhia perdia as sementes.[...] Mas que todos, todos, vissem bem o castigo que o ladrão ia apanhar em frente dos sobas e do povo. Um castigo que havia de ficar na memória e seria falado em todas as terras do algodão.” Neste romance, a hipocrisia do chefe de posto, é a própria hiprocrisia do colonialismo a falar. A exploração denunciada por Soromenho, numa tradução das violências praticadas e das misérias sofridas pelos negros da Lunda, do interior de “cu do mundo” a que o chefe de posto não tem alternativa a não ser odiar e a transferir este ódio através da opressão do “outro”. (SOROMENHO, Castro. **Viragem**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1979, p. 107-109).

Este romance é um testemunho do mundo, das práticas e da mentalidade do colonizador. O tempo que parece não querer correr, imútáveis entardeceres a ver no terreiro os negros reunírem-se para irem à sanzala se recolher. O mesmo ritual sem futuro, enterra todas as esperanças, enterra o homem “civilizado” que não encontra alternativas ou rotas de fuga da armaldilha do regime colonial. Vale mencionar que o drama da mulher também se coloca em Soromenho. A personagem Paulina, recolhida no desterro da espera pelo marido doente, num local de asperezas e crueldades, em que a mulher também se brutaliza e é brutalizada pelas constantes ameaças do isolamento, quer fisicamente, quer afetivamente.

O artigo de Martin também pode ser tomado como exemplo das múltiplas faces que a descolonização pode assumir dependendo do contexto interno de cada sociedade e do processo que ela desencadeou.

A experiência de Gana no governo de Nkrumah e do Partido da Convenção do Povo (PCP) foi, para o autor, uma experiência bem sucedida de um projeto político cuja estratégia levou à implementação de bases para a reestruturação do país no período de descolonização. Martin afirma que a descolonização pode ser vista sob os seguintes aspectos: a) retomada do controle econômico; b) elaboração de um projeto desenvolvimentista para que o país, assolado pelo mal da exploração colonialista, redescubra seu potencial e o use de forma equitativa.

A crítica de Martin dá-se sobre a possibilidade dos movimentos nacionalistas serem capazes de atuar nas duas fases. Em nota faz a seguinte afirmação:

> Isso depende, parcialmente, da forma específica de devolução colonial em cada país (luta armada ou pressões políticas e negociações) e, igualmente, da composição dos movimentos nacionalistas (e das tendências ideológicas nele presentes). Contudo, tais fatores podem ter sido exagerados na análise do processo de descolonização africana. Cf., por exemplo, Fanon sobre o papel positivo da violência (devolução) e dos camponeses pobres (composição dos movimentos nacionalistas). Nem mesmo a descolonização de Argélia confirmou sua análise![171]

Martin ainda faz o seguinte comentário:

> Até agora nos referimos diversas vezes ao governo de Nkrumah-PCP como uma experiência em descolonização. Há não muitos anos atrás, Fanon proclamou em seu *Les damnés de la terre* que "a descolonização é um programa de absurda desordem" e celebrou, de forma eloquente, suas virtudes. Annouar Abdel-Malek atualmente considera-o como um conceito restritivo, eurocentrista.[172]

É importante esclarecer que em Gana, de 1951 a 1957, foi implementada uma 'diarquia', ou seja, o poder do PCP foi compartilhado com a administração inglesa, conforme lembra Martin. Outro fato que deve ser lembrado é que a colonização em Gana não teve as mesmas características de

[171] MARTIN, Charles. A estratégia de descolonização de Nkrumah: originalidade e classicismo. In: SANTIAGO, Théo (org.) et allii. **Descolonização**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977, p. 137
[172] ibidem, p. 113

uma colônia de povoamento, como Angola, de modo que os conflitos entre colonizado e colonizador não se deram no retesamento acirrado dos ódios por via de regra, em função da direta exploração da população negra, e sim, dos seus recursos econômicos; portanto, no plano da luta pela descolonização, o contexto é diferenciado.

O elemento chave da descolonização para Martin, é a capacidade de implementação de um projeto de nação (o que também é a grande preocupação de Fanon). A crítica de Martin a Fanon está justamente no seu radicalismo, na sua defesa da impossibilidade de uma transição de gestão, como aquela que se deu em Gana.

Em Angola não houve transição. Houve de fato uma ruptura pautada no modelo concebido por Fanon. Portanto, novamente chama-se a atenção para o fato da descolonização ser, destarte, um fenômeno datado e enraizado na história, não se pode tomá-lo por homogêneo. O seu entendimento está diretamente relacionado às condições internas de cada lugar e sociedade.

Para encerrar esta etapa, citamos o historiador Ki-Zerbo, que faz um comentário agudo sobre o colonialismo português e sobre as motivações da descolonização em suas colônias: o governo ultraconservador de Salazar (adjetivado de hipócrita, fossilizado) e a exclusão da população africana das benesses do desenvolvimento econômico, proeminente em Angola e Moçambique:

> Será difícil a descolonização nas colónias a que Portugal chamava províncias ultramarinas. Com efeito, simplificando um pouco, poder-se-ia dizer que a colonização portuguesa é a colonização francesa sem a inteligência e a laicidade. Encontra-se aqui na verdade, um sistema pesado, muito pouco latino, uma teimosia meio sádica, meio iluminada, um verbalismo de parolice em que a hipocrisia rivaliza com a auto-satisfação. Será isso para admirar quando Portugal fez parte das forças do eixo hitleriano durante a última guerra e quando Salazar, que de 1932 a 1968 dirigiu Portugal com uma rigidez de fóssil, não hesitou em declarar publicamente: “Somos antiliberais. Somos contra o parlamentarismo, contra a democracia, e queremos construir um Estado corporativo”? A evolução dos territórios africanos que dependiam da democrática Grã-Bretanha não se podia, portanto, repetir nas colónias portuguesas. De 1950 a 1960 assiste-se, no entanto, a um grande esforço económico para modernizar esses territórios. Mas, como esta promoção não foi complementada por uma evolução sócio-política paralela, deflagrou a violência.[173]

[173] KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra – II**. Viseu: Publicações Europa América, s.d., p. 272-273.

CAPÍTULO III

ANGOLA: SONHOS E IDEALIZAÇÕES

3.1. *O Tempo e a Memória, um trabalho de reconstrução*

A importância deste estudo remete ao tema da imigração, do exílio, da adaptação e enraizamento, privilegiando as trajetórias de vida. Insere-se portanto no campo da história oral. Neste caso, trabalharemos com depoimentos de um grupo de pessoas de interesse[174] para o tema: majoritariamente luso-angolanos que vieram para o Brasil, sobretudo em consequência da descolonização; ainda que este grupo constitua um universo heterogêneo, dadas as suas experiências, será importante extrair de seus relatos fatores que nos indiquem se há a possibilidade de uma leitura do grupo dos entrevistados como tal.

Em se tratando de depoimentos, algumas considerações sobre a técnica de pesquisa da entrevista serão expostas (como foi a forma de abordagem dos entrevistados e as impressões recolhidas pelo pesquisador), bem como será fornecido um *petit portrait* dos entrevistados (verificar anexos). Vale salientar que nem todos os entrevistados que constam na lista citada no anexo tiveram aqui suas entrevistas transcritas na íntegra. Além disso, o recorte do material foi efetuado de forma a dar destaque às facetas relevantes para a análise.

O relato oral ou história oral, além de técnica de recolhimento de dados utilizada pela pesquisa social, aparece, segundo Maria Isaura P. de Queiroz, "através dos séculos" como "fonte humana de conservação e difusão do saber".[175] A narrativa constitui uma importante fonte de análise para a pesquisa

[174] Cumpre ressaltar que foram realizadas entrevistas com portugueses que emigraram para Angola na década de 40 (refletidas neste trabalho nos excertos da entrevista de F.C.) e que atualmente residem em Portugal, com a finalidade dar a visualizar o ponto de vista do colono que saiu do interior de Portugal para ir buscar melhores condições de vida em Angola. Além disso, F.C. serve de interlocutor a F., alemã que emigrou para Angola no mesmo período, e que atualmente reside no Brasil. Os entrevistados F.A. e E.A., por exemplo, são portugueses que vivem atualmente no Brasil e que vieram de Angola com a descolonização – não são portanto, luso-angolanos.

[175] QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do "Indizível" ao "dizível". In: LUCENA, Célia Toledo; CAMPOS, M. Cristina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, (orgs). **Presquisa em Ciências Sociais**: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo, CERU, Humanitas: 2008, p. 37.

social e, uma vez transcrita, vem somar a outras fontes documentais (documentos históricos, artigos da imprensa, dados estatísticos, etc.) o rico universo simbólico individual e coletivo (pois as duas visões cruzam-se) das experiências vividas e relatadas através do trabalho da memória. Assim, afirma Queiroz:

> A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e se insere nas coletividades a que o narrador pertence. [...] Avanços e recuos marcam as histórias de vida: e o bom pesquisador não interfere para restabelecer cronologias, pois sabe que também estas variações no tempo podem constituir indícios de algo que permitirá a formulação de interferências; na coleta de histórias de vida, a interferência do pesquisador seria preferencialmente mínima.[176]

Os depoimentos tornam-se tanto mais um instrumento de trabalho quanto mais conter profundidade de sentimentos, opiniões e valores. A profundidade das narrativas permite que se mergulhe no mundo interior ao mesmo tempo em que revela o ambiente social e as circunstâncias dos acontecimentos vividos pelos narradores.

Nesta pesquisa, foram recolhidos vários depoimentos de vida, suficientemente longos e com amplo grau de liberdade concedida pelo pesquisador ao fio da narrativa (mínima e pontual interferência), para se evitar cair na univocidade. Ou seja, a multiplicidade de depoimentos (ou fragmentos de histórias de vida) enriquece a análise e possibilita o aprofundamento da construção de uma visão de mundo do grupo. Ecléa Bosi coloca a importância da leitura da visão de mundo:[177]

---

[176] ibidem, p. 43-44.

[177] Visão de Mundo: **"Concepción del universo** es la comprensión de conjunto de la esencia, origen, valor, sentido y finalidad del mundo y de la vida humana. Concepción del universo es esencialmente algo más que 'imagen del universo'; por ésta se entiende la reunión y elaboración conceptual de los resultados de las ciencias naturales en una visión científica (o también filosófico-natural) de conjunto; considerada en cuanto tal, ésta se queda en un plano puramente teórico y no plantea las cuestiones últimas, metafísicas, acerca del ser y sentido del mundo visto como un todo. Por el contrario, la concepción del universo es una superación esencial de los límites de las ciencias particulares, una toma valorativa de posición frente a la totalidad de aquél e incluye, por lo mismo, una respuesta a las cuestiones supremas acerca del origen, sentido y finalidad del mundo [...]. (WALTER BRUGGER, S.I. **Diccionario de Filosofía**.

> Grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época; a do militante penetrado de consciência histórica e a dos que apenas buscaram sobreviver. Podemos colher enorme quantidade de informações factuais mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo.[178]

Nesse sentido podemos dizer da história oral, como instrumento que permite dar subsídios para a construção de uma história das mentalidades.

As entrevistas foram realizadas em local de trabalho ou na própria residência do depoente de forma a não gerar uma quebra de rotina que pudesse criar algum tipo de ansiedade. Houve grande receptividade tanto no contato inicial para agendamento, quanto no decorrer das entrevistas, em todos os casos sem exceção. De algum modo, a necessidade de falar, que estava retesada, encontrou espaço para se exercitar. Naturalmente, o ambiente envolvente era de confiança. Por exemplo, algumas indicações para novos contatos foram passadas por meio dos próprios entrevistados. Este ambiente amistoso favoreceu a que houvesse a abertura necessária para que os relatos alcançassem a profundidade desejada.

Em relação à linha metodológica, pensamos ser o caminho da fenomenologia o mais adequado para o tratamento dos depoimentos, tendo em vista a abordagem do tema do imigrante, do exílio e da angústia no Capítulo I. Do mesmo modo, o papel da memória será analisado principalmente através do olhar fenomenológico, utilizando como apoio teórico-conceitual o trabalho de Paul Ricoeur. Passaremos assim, a delinear e a conceituar os elementos que se inserem como instrumentos de análise das entrevistas.

Ressalta-se aqui a importância da memória: tempo e reconstrução. Não se pode esquecer-se da temporalidade. Ser é ser no espaço e no tempo.

Paul Ricoeur, em seu trabalho *A memória, a História, o Esquecimento* introduz o polêmico debate acerca da natureza da memória: se, primordialmente pessoal ou coletiva; lembrando que a discussão entre os filósofos da antigüidade (Platão, Aristóteles) era compreender “o que significa

Barcelona: Editorial Herder, 1958, p. 102).

[178] BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 19.

ter ou buscar uma lembrança".[179] Observa ainda, que Maurice Walbwachs pertence à escola durkheimiana, em que a análise dos fenômenos sociais é concebida no âmbito do naturalismo e holismo metodológico; e em cujo modelo a consciência coletiva se inscreve como objeto de pesquisa. Desta forma, seu "estatuto ontológico não é questionado".[180]

Ainda para Ricoeur, a memória individual, "pretensamente" a *célula mater* da memória coletiva, sofre com a especulação de reducionismo aos psicologismos, a partir das críticas à recente corrente de explicação fenomenológica.

O embate das memórias rivais fica assim posto e a tarefa de Ricouer coloca-se aqui neste ponto, no intuito de "lançar pontes entre os dois discursos, na esperança de dar alguma credibilidade à hipótese de uma constituição distinta, porém mútua e cruzada, da memória individual e da memória coletiva".[181] Cabe aqui acompanhar os passos do autor no desenvolvimento de sua proposta.

Em defesa de uma natureza primordialmente individual, Ricoeur cita Santo Agostinho, cujo reforço das idéias de Aristóteles se traduz na idéia de que a memória é passado, e que o passado, é um passado de impressões pessoais, garantindo o sentido de "continuidade temporal da pessoa".[182] O sentido da continuidade está no fato de remetermos a tempos diferentes do presente, acessando lembranças e podendo percorrê-las através da memória, sem romper com o sentido do eu. Portanto, os eventos passados são reconhecidos como passado, em distinção ao presente e ao futuro. O papel que a narrativa desempenha neste processo é o da articulação entre as lembranças e a memória.

A filosofia de Santo Agostinho evidencia este deslocamento no tempo através da idéia do "homem interior que se lembra de si mesmo".[183] Assim, a memória é parte da interioridade do homem.[184]

---

[179] RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 106.
[180] ibidem, p. 106.
[181] ibidem, p. 107.
[182] Idem.
[183] ibidem, p. 108.
[184] O sentido de interioridade como espaço íntimo está exemplificado em Ricouer em nota de retirada do texto das *Confissões* de Santo Agostinho: "Quando estou nesse palácio, convoco as lembranças para que se apresentem todas as que desejo. Algumas surgem na hora; algumas se fazem buscar por bastante tempo e como que arrancar de espécies de depósitos mais

Na continuidade da investigação da idéia de interioridade, Ricoeur cita a importância do filósofo John Locke. Apresenta sua filosofia como totalmente singular "na corrente filosófica do olhar interior". Situa o filósofo como inventor das noções de *identity*, *consciousness* e *self*. Estes três conceitos estão ligados intrinsecamente, "pois a consciência sempre acompanha o pensamento, ela é o que faz com que cada um seja o que chama de si e o distingue de todas as outras coisas pensantes". O desdobramento temporal deste pensamento reflete-se na seguinte afirmação: "a identidade de tal pessoa estende-se tão longe que essa consciência consegue alcançar retrospectivamente toda ação ou pensamento passado; é o si em si mesmo agora e então, e o si que executou esta ação é o mesmo que aquele que, no presente, reflete sobre ela". Assim estão ligados os conceitos de memória, consciência e identidade, cujo elo é o tempo (e, por conseguinte o espaço, pois uma pessoa desloca-se no tempo e espaço sem deixar de ser "a mesma que ela mesma e não uma outra").[185] Ricoeur ainda faz a seguinte ressalva: "Por não dispor da categoria de intencionalidade, Locke não distingue a memória de suas lembranças, as das percepções e das operações. A memória é, por assim dizer, sem lembranças".[186]

Uma vez acrescentada a idéia de consciência, Ricouer irá investigar "a terceira testemunha da tradição do olhar interior"[187], Husserl. Segundo o autor, é de Santo Agostinho que mais se aproxima a filosofia de Husserl a respeito da ligação entre interioridade, memória e tempo. Na obra de Husserl, *Lições para uma fenomenologia da consciência íntima*, o tempo, "que o senso comum considera como exterior à consciência" sofre uma "redução" para o conceito de "consciência-tempo", ou seja: "do tempo imanente do curso da consciência". Neste caso, aproxima-se de Santo Agostinho, que "dissociou o tempo da alma do tempo físico". Esta noção revela uma dificuldade: "A consciência íntima do

---

secretos; algumas chegam em bandos que se precipitam; e, embora seja outra que pedimos e procuramos, elas pulam na frente como a dizer: 'Talvez sejamos nós?' E a mão de meu coração as rechaça do rosto de minha memória, até que surja da escuridão a que desejo e que avance sob meus olhos ao sair de seu esconderijo. Outras lembranças se colocam diante de mim, sem dificuldade, em filas bem organizadas, segundo a ordem de chamada; as que surgem primeiro desaparecem diante das seguintes e, ao desaparecerem, ficam em reserva, prontas para ressurgir quando eu assim desejar. Eis plenamente o que ocorre quando conto com algo de memória (*cum aliquid narro memoriter*)." (Ibidem, p. 109).

[185] ibidem, p. 114-115.

[186] ibidem, p. 117.

[187] ibidem, p. 119.

tempo se fecha desde o início sobre si mesma. Quanto à natureza da "apreensão" pelo espírito do fluxo de consciência[188], e portanto, do passado, trata-se de saber se este tempo *sentido* é suscetível de ser apreendido e *dito* sem empréstimo ao tempo objetivo, em particular no que diz respeito à simultaneidade, à sucessão e ao sentido da distância temporal".[189] Assim, questiona-se até que ponto haveria a possibilidade de se ultrapassar o subjetivismo da consciência íntima, e entrar na esfera de "uma consciência simultânea da memória individual e da memória coletiva".[190] Esta dificuldade, para Ricoeur, pode ser analisada da seguinte forma:

> [...] se permanecermos na perspectiva da quinta *Meditação cartesiana*, o conceito sociológico de consciência coletiva pode resultar apenas de um processo secundário de objetivação das trocas intersubjetivas. Basta, então, esquecermos o processo de constituição que deu origem a essas entidades para que as tratemos por sua vez como sujeitos de inerência para predicados semelhantes aos que atribuímos primeiramente à consciência individual. Pode-se então estender a esses produtos da objetivação das trocas intersubjetivas o caráter analógico que Husserl atribui a todo alter ego com relação ao ego próprio. Graças a essa transferência analógica, somos autorizados a empregar a primeira pessoa na forma plural e atribuir a um nós – independentemente de seu titular – todas as prerrogativas da memória: minhadade, continuidade, polaridade passado-futuro. Nessa hipótese, que transfere à intersubjetividade todo o peso da constituição das entidades coletivas, importa jamais esquecer que é apenas, e em relação à consciência individual e à sua memória, que se considera a memória coletiva como uma coletânea dos rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos, e que se lhe reconhece o poder de encenar essas lembranças comuns por ocasião de festas, ritos, celebrações públicas. Uma vez reconhecida a transferência analógica, nada impede que essas comunidades intersubjetivas superiores sejam consideradas como o sujeito de inerência de suas lembranças, que se fale de sua temporalidade ou de sua historicidade, em suma, que se estenda analogicamente a minhadade das lembranças à idéia de uma possessão por nós de nossas lembranças coletivas. Isso basta para dar à história escrita um ponto de apoio dentro da existência fenomenológica dos grupos. Para o fenomenólogo, a história das "mentalidades", das "culturas", não pede nada menos, nada mais.[191]

Após a introdução a respeito do olhar interior da memória, Ricouer passa à análise crítica da obra de Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*, que Ricouer chama agora, de "o olhar exterior". Ricouer abre a análise afirmando:

[188] Ricour esclarece que a metáfora do fluxo é compartilhada, por exemplo, por Bergson.
[189] ibidem, p. 120-121.
[190] ibidem, p. 124.
[191] ibidem, p. 129.

"O texto [*A memória coletiva*] diz fundamentalmente isto: para se lembrar, precisa-se dos outros" E a estratégia escolhida por Halbwachs para chegar a esta conclusão, segundo Ricoeur, parte do ponto da análise da "experiência individual de pertencer a um grupo" e "do ensino recebido dos outros" para que a memória individual tome "posse de si mesma".[192] Neste sentido, têm destaque os fenômenos mnemônicos da recordação e do reconhecimento. O testemunho assume, por sua vez, a forma como a memória individual reforça uma idéia do passado através do recebimento do discurso do outro.

A crítica de Ricouer vai no sentido da teoria de Halbwachs cair num certo dogmatismo ao concluir que é ilusório acreditarmos que as convicções, crenças individuais, o posicionamento relativo a um grupo ou a um ponto de vista, possa pertencer ao indivíduo - uma vez que, sendo múltiplas as influências do domínio social captadas pela consciência individual, a percepção dissipa-se - fazendo-o acreditar numa falsa idéia de independência. Entretanto, questiona Ricoeur:

> Seria esta a última palavra desse estudo, por outro lado notável, que termina se enrijecendo num dogmatismo surpreendente? Creio que não. O ponto de partida de toda análise não pode ser abolido por sua conclusão: é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social. Ora, esse ato de recordação é a cada vez nosso. Acreditá-lo, atestá-lo não pode ser denunciado como uma ilusão radical. O próprio Halbwachs acredita poder situar-se no ponto de vista do vínculo social, quando o critica e o contesta. A bem da verdade, o próprio texto de Halbwachs contém os recursos de uma crítica que pode ser voltada contra ele. Trata-se do uso quase leibniziano da idéia de ponto de vista, de perspectiva: "De resto, diz o autor, embora a memória coletiva extraia sua força e duração do fato de que um conjunto de homens lhe serve de suporte, são indivíduos que se lembram enquanto membros do grupo. Agrada-nos dizer que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupo e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios."[193]

As contradições internas que possam vir a ser suscitadas da obra de Halbwachs, no entanto, não diminuem a importância das considerações abordadas na obra *A Memória Coletiva*, sobretudo, no aspecto do papel do testemunho como confrontação entre o "eu" e o "nós". No modo como lembramos diz-se de como nos relacionamos com o grupo.

[192] ibidem, p. 130.
[193] ibidem, p. 133-134.

Ricoeur conclui na terceira parte da análise as dificuldades da derivação de uma fenomenologia da memória coletiva e uma "derivação sociológica da memória individual" em função da forte posição que a fenomenologia da memória individual e a sociologia da memória coletiva ocupam, cada uma, no campo da atribuição dos sujeitos aos fenômenos mnemônicos. Entretanto, Ricoeur faz um cruzamento das teses fenomenológicas e sociológicas para se "desdobrar na direção de uma fenomenologia direta aplicada à realidade social" e definir uma fenomenologia da memória que abarque os sujeitos como "portadores da marca do outro". Para Ricoeur:

> Em sua fase declarativa, a memória entra na região da linguagem: a lembrança dita, pronunciada, já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo. Ora, o pronunciamento desse discurso costuma ocorrer na língua comum, a lingua materna, da qual é preciso dizer que é a língua dos outros. Ora, essa elevação da lembrança à palavra não se dá sem dificuldades. [...] Assim, posta na via da oralidade, a rememoração também é posta na via da narrativa, cuja estrutura pública é patente.
> Essa ampliação da fenomenologia à esfera social deu lugar a uma obra notável, a de Alfred Schutz.[...] Para ele, a experiência de outrem é um dado tão primitivo quanto a experiência de si. Sua imediatidade é menos a de uma evidência cognitiva que a de uma fé prática. Acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele e somos afetados por sua ação. É assim que a fenomenologia do mundo social penetra sem dificuldades no regime do viver juntos, no qual os sujeitos ativos e passivos são de imediato membros de uma comunidade ou de uma coletividade. Uma fenomenologia do pertencimento é convidada a dar a si mesma sua conceitualidade própria sem se preocupar com uma derivação a partir de um pólo egológico. Essa fenomenologia é facilmente emparelhável com uma sociologia compreensiva com a de Max Weber [...].[194]

No plano do desenvolvimento da fenomenologia da realidade social esta "se dirige ao fenômeno transgeracional", que seria o "encadeamento formado conjuntamente pelos reinos dos contemporâneos, dos predecessores e dos sucessores".[195]

> O reino dos contemporâneos serve de eixo: ele exprime "a simultaneidade ou quase a simultaneidade da consciência de si do outro com a minha"; em seu aspecto vivenciado, ele é marcado pelo fenômeno do "envelhecer junto" que põe em sinergia duas durações em desdobramento. Um fluxo temporal acompanha o outro, enquanto eles duram juntos. A experiência do mundo compartilhada repousa numa comunidade tanto de tempo quanto de espaço.[...] Os mundos dos predecessores e dos sucessores estendem nas duas direções do

[194] ibidem, p. 138-139.
[195] ibidem, p. 140.

> passado e do futuro, da memória e da expectativa esses traços notáveis do viver juntos decifrados primeiro no fenômeno de contemporaneidade.
> Essa extensão da fenomenologia à esfera social, como acabamos de dizer, a fez avizinhar-se da sociologia.[196]

A fenomenologia nesta esfera passa, portanto, a privilegiar as relações de interação e historiografias, alargando seu campo de atuação, marcado pelos "fenômenos perceptivos e cognitivos em geral".[197]

Para nosso estudo, são sensíveis as relações de contemporaneidade entre os entrevistados. Principalmente no aspecto citado acima da experiência compartilhada num tempo e espaço comuns.

Vale ainda transcrever este trecho do prefácio de Jean Duvignaud à obra *A Memória Coletiva* com considerações sobre o conceito de tempo em Halbwachs:

> Mais profundamente ainda, o que se esconde sob esta análise da memória é uma definição do tempo. Este não é mais, com efeito, o meio homogêneo e uniforme onde se desenrolam todos os fenômenos (segundo uma idéia preconcebida dentro de toda a reflexão filosófica), mas o simples princípio de uma coordenação entre elementos que não dependem do pensamento ontológico, porque colocam em causa regiões da experiência que lhe são irredutíveis. Contra uma visão platônica do tempo que faz do tempo "a imagem móvel da eternidade", contra interpretação de um espiritualismo antiquado que afirma que "a matéria lança sobre nós o esquecimento", contra uma concepção hegeliana de um futuro único portador de uma lógica racional, a sociologia francesa com Halbwachs começa a tirar as consequências da Revolução einsteiniana. **O tempo não é mais o meio privilegiado e estável onde se desdobram todos os fenômenos humanos**, comparável àquilo que era a luz para os físicos de outrora. Podemos falar dele como de uma categoria de um entendimento fixada uma vez por todas?[198]

O trabalho do tempo pela memória nos permite ir e voltar sem que a intromissão linear do calendário imponha-se por completo. Através da narrativa é possível perceber que a localização dos fatos nem sempre obedece a uma ordem cronológica, mas sim de importância, importância atribuída pelo sujeito que narra. Nem sempre a última experiência vivida na ordem da narrativa é a mais decisiva e mais marcante sobre o indivíduo e sua realidade. Alguns

---

[196] idem.
[197] idem.
[198] HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 13 - [Grifo nosso].

momentos vividos, por exemplo, na infância (ou que a ela remetem), são recorrentes como mote de reflexão e de ligação com o presente.

Apenas para exemplificar a questão da percepção do tempo, Albert Camus, ao narrar suas memórias no romance *O Primeiro Homem*, confronta o personagem, Jacques Cormery, com um tempo absurdo, que desconstrói a noção de linearidade. Aparentemente sólida e imutável desmancha-se ironicamente diante de um simples raciocínio matemático:

> Foi nesse momento que leu no túmulo a data de nascimento de seu pai, que só então descobriu ignorar. Depois, leu duas datas, 1885-1914, e fez um cálculo maquinal: vinte e nove anos. Súbito ocorreu-lhe uma idéia que chegou a lhe agitar o corpo. Ele tinha quarenta anos. O homem enterrado sob aquela lápide, e que tinha sido seu pai, era mais moço que ele.
> E a onda de ternura e pena que subitamente lhe encheu o coração não era movimento da alma que leva o filho à lembrança do pai desaparecido, mas a compaixão perturbada que o homem feito sente diante da criança injustamente assassinada – alguma coisa ali não seguia a ordem natural, e na verdade não há ordem mas somente loucura e caos quando o filho é mais velho que o pai. A sequência do próprio tempo se despedaçava em torno dele, imóvel entre os túmulos que não mais enxergava, e os anos deixavam de se ordenar segundo esse grande fluxo que corre em direção a seu fim. Os anos eram feitos apenas de fragor, ressaca e esteira de espuma, em que Jacques Comery agora se debatia tomado de angústia e piedade.[199]

É notória a reação do personagem totalmente indiferente ao pai morto na guerra que se transfigura, em atenção ao pedido da mãe para visitar o seu túmulo, abandonado pelo tempo e pela memória. De repente, uma ternura o invade, inexplicavelmente o pai transcende a inscrição de um nome e data numa lápide. Um sentimento que brota subitamente, humanizando, ultrapassando a fria distância do tempo cronológico.

Também as culturas têm percepções diferentes do tempo. Na cultura bantu por exemplo, o tempo é marcado pelo evento e sua duração definida por ele. Evento que ocorre em um determinado lugar, a ponto das duas concepções fundirem-se numa única entidade, o lugar-tempo. Enquanto o evento durar, este será considerado presente. O tempo passado é o tempo dos ancestrais, que dão razão ao presente. A trajetória existencial desenrola-se no tempo presente e conecta-se com o passado através da ancestralidade. E o

[199] CAMUS, Albert. **O primeiro homem**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994, p. 29-30.

futuro “sem as possibilidades do ser marcado por eventos reais, não responde à ação do tempo conhecível”.[200]

O tema da memória poderá, também, a título de exemplo, ser abordado pelo prisma da patologia, ou seja, podemos descrevê-lo no que possui de antinomia; ou seja, através da “desmemória”. A ausência da memória ilustra bem a sua necessidade primária.

Desmemória é a palavra com que o escritor José Cardoso Pires denomina o seu estado de ausência de memória como vítima de um acidente cerebral, uma afasia, provocada por um minúsculo coágulo de sangue que constrange a irrigação cerebral; motivo da perda da memória, da fala, da escrita. O estado de confusão em que mergulha é descrito em *De Profundis, Valsa Lenta*. Algumas imagens, alguns sons, um novo alfabeto e a cor branca do ambiente hospitalar são as suas novas referências. As antigas e mais primordiais como seu próprio nome e os das coisas, a mulher e os filhos fazem parte de um elo perdido na mente de um outro ser, batizado como “Ele”. O eu passa a ser o outro, “Ele”, irreconhecível, dentro de uma mesma pessoa. Metamorfose perfeita, kafkiana. A noção de tempo e memória enfim desaparecem. Pentear os cabelos com a escova de dentes ou não compreender as lágrimas de um amigo que o vai visitar na enfermaria de um hospital são, de repente, a normalidade. Raramente vislumbram-se em suas atitudes as reminiscências de um tempo afeito aos restos de humanidade treinada nos hábitos da escrita e do questionar. Se questiona, não sabe bem o que questiona e apenas algumas imagens escapam à obstrução física momentânea. A sua angústia (ou ausência dela) é narrada num pequeno (mas profundo) ensaio sobre a condição humana. Sem memória a presença é pelo avesso, torna-se ausência. Um conflito da razão ou da falta dela.

A relação de causalidade fica claramente identificada no diagnóstico médico, mas o significado fenomenológico daquela experiência, fica registrado na sua antítese, na falta de propósito e sentido da vida “desmemoriada”:

> Nesta introdução à perda de identidade que um transtorno do cérebro tinha acabado de desencadear, o que me parece desde logo implacável e irreversível é a precisão com que tão rápido espaço e

[200] KAGAME, A. Percepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento Bantu. In: RICOEUR, P (org.). **As culturas e o tempo**: estudos reunidos pela Unesco. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p. 118.

> tempo fui desapossado das minhas relações com o mundo e comigo próprio. Como se acabasse de dar início a um processo de despersonalização, eu tinha-me transferido para um sujeito na terceira pessoa (Ele, ou o meu nome, é) que ainda por cima tornava mais alheio e abstracto pela imprecisão *parece que*.[201]

Ou ainda:

> Sim, foi ali. Tanto quanto é possível localizar-se uma fracção mais que secreta da vida, foi naquele lugar e instante que eu, frente a frente com a minha imagem no espelho mas já desligado dela, me transferi para um Outro sem nome e sem memória e por consequência incapaz da menor relação passado-presente, de imagem-objecto, do eu com outro alguém ou do real com a visão que o abstracto contém.[202]

Nada mais contraditório que o apagar-se total das cognições sem que os sentidos deixem de algum modo de funcionar. Uma quase razão, uma razão sem alma, sem subjetividade. Um contracenso no cerne da palavra. Relatar é impossível. Agarrar-se ao que resta, algumas cores e imagens sem sentido, espaçadamente e tanto quanto lhe permitir a razão transfigurada.

O quadro da não-memória atira-nos ao vácuo, ao caos. Mesmo quando percebemos a realidade caótica, é numa visão crítica que a colocamos. Mas ausente esta condição, a da consciência dos fatos, alienamo-nos.

Na explicação do oposto de memória aproximamo-nos da sua importância como instrumento de análise, e mais do que isso, como possibilidade de existir.

[201] PIRES, José Cardoso. **De profundis, Valsa lenta**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997, p. 23.
[202] ibidem, p. 24.

3.2. As vozes dos entrevistados

Dar alento aos projetos de vida, aos sonhos. Cada um sonha à sua maneira, mas há sonhos que são coletivos, assim como as memórias; e é difícil estabelecer limites entre individual e coletivo, que se interpenetram.[203] Que signos estão contidos no sonho colonial? No encontro com um mundo desconhecido? Também cabe perguntar, verificar o que acontece do outro lado (dialeticamente), que sonhos alimenta o colonizado? Quantos mitos[204] não foram adaptados (ou melhor, destruídos) para digerir a corrupção acintosa dos seus valores culturais frente aos valores ocidentais, ditos "superiores"? Que sonhos passam a ter quando os valores como a negritude, a angolanidade, carregam consigo a esperança de libertação?

Sonhos podem ser construídos pela imaginação individual ou coletivamente instigados. É um trabalho do imaginário pessoal ou coletivo, trazer os sonhos (devaneios) para o plano concreto dos projetos (*praxis*), a

[203] Roger Bastide em seu ensaio *Sociologia do Sonho*, abre o tema avisando que talvez possa parecer paradoxal falar numa sociologia do sonho, uma vez o sonho inscrito "no domínio do *privado*, em oposição do *social*". E explica: "Quer fosse por uma diminuição da atividade dos nossos centros de coordenação intelectual, por efeito de uma diminuição da censura social ou em decorrência de desaparecimento dos quadros sociais da memória, o fato é que a noite era porta aberta apenas às lembranças puras, ou seja, não-socializadas, ou a porta entreaberta para a expressão, mais ou menos disfarçada, dos desejos de uma *Libido* específica." Entretanto coloca que os sonhos são interpretados ao despertar, e interpretados à luz do grupo a que se pertence. Ainda: "mesmo que as imagens de nossos sonhos não sejam mais que a expressão simbólica de nossas pulsões particulares, ainda assim esses símbolos são fornecidos pela cultura circundante e mudam, portanto, de uma civilização para outra, o que fica particularmente claro quando se estudam sociedades em estado de aculturação; vemos, através dos inventários dos sonhos [...], que as mesmas pulsões, para se expressar, utilizam-se de uma linguagem diferente quando se trata de grupos tradicionais, fiéis ao passado, ou grupos mais ou menos ocidentalizados." (BASTIDE, Roger. **O Sagrado e o Selvagem e outros ensaios**. Companhia das Letras, São Paulo, 2006. p. 127-128)

[204] A relação dos mitos e sonhos está definida por Bastide do seguinte modo: "[...] os sonhos se alimentam dos mitos primordiais; mitos e sonhos se dão em dois registros diferentes do imaginário, um coletivo e outro individual; são a mesma linguagem, e se se tem certeza de que o sonho possui uma realidade objetiva, e não subjetiva, é porque há continuidade entre ele e o mito e porque eles utilizam as mesmas representações coletivas; diríamos que o mito justifica o valor do sonho, pois o sonho se enraíza nele [...]. Esse mito primordial de fato oferece a estrutura em que toda realidade social deve se situar; mas as realidades sociais mudam, colocam problemas novos [...]. Bastide continua sua explicação acerca do impacto da entrada do homem branco em contato com os povos indígenas e a modificações que sofreram os mitos como forma de entendimento da nova realidade (povos Melanésia). E os sonhos seriam a chave de transformação do mito. No mundo ocidental estas explicações são normalmente fornecidas através da leitura da história, através dos "processos lógicos da Razão". Entretanto, Bastide continua, afirmando que: " O sonho, portanto, é mais que o mito: é a resposta mítica para situações novas [...] Assim, se o sonho se alimenta do mito, o mito, reciprocamente, se alimenta do sonho. [...] Finalmente, mitos e sonhos, estando sempre a interprenetar-se, constituem um conjunto que Burridge denomina *'myth-dream'*. [...] todos os povos, com ou sem escrita, participam de um *myth-dream* particular." (BASTIDE, op. cit. 132-134).

partir, respectivamente, de algumas referências próprias ou dadas. Construção que se modifica, ao longo do tempo, se adapta, se reinventa. O caudal das circunstâncias sempre pode resultar numa interrupção desta dinâmica e vir a por fim aos sonhos, e dar lugar a novas preocupações, gerir novos problemas e criar novos mitos.

O sonho de uma vida inventada nos trópicos; tal como a persistência do existir de Portugal dá-se, para parafrasear Agostinho da Silva[205] - na invenção de uma nação em meio a um sonho de glória e lutas que resultaram singulares – e que, posteriormente, se assenta na mítica retórica da aventura do ultramar narrada por Camões em epopéia. Dos sonetos dos *Lusíadas* nasce a forma moderna da língua portuguesa e o conteúdo histórico que funda a mitologia de uma nação que emigra. Talvez o pequeno território português - "donde a terra se acaba e o mar começa"[206] - de fato não fosse suficiente para abarcar os sonhos de grandeza impulsionados pela vitória militar de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, sobre o reino de Leão e Castela[207]; ou ainda, o sonho fomentado por uma pequena burguesia renascentista, que com o domínio das técnicas de navegação e ávida de mercados para enriquecer, se lança numa viagem em que seus navegantes "novos mundos ao mundo hirão mostrando".[208] O terceiro império português[209], entretanto, ruiu com a descolonização em África. Para os que deixaram Angola em fuga: a passagem, a transmutação do sonho em pesadelo. Para a nação angolana egressa do pesadelo de 500 anos de servidão: a esperança, o sal da terra.

Portugal foi o último país a deixar África. A queda do regime salazarista em Abril de 1974 com a Revolução dos Cravos representou o fim da mais longa ditadura da Europa. Com a prática de um fascismo dito "disfarçado" amparado na cultura do medo, ao controle institucionalizado e generalizado, à ignorância das massas e à Igreja Católica; António de Oliveira Salazar manteve-se à frente da Presidência do Conselho sempre à distância, "quase

[205]Conversas vadias com Agostinho da Silva. Portugal: Lisboa, RTP, 1990. 5 DVDs.
[206] CAMÕES, Luis de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951, p. 273. Em alusão ao Cabo da Roca, ponto mais ocidental da Europa (Canto VIII, 78).
[207] SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal.** Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2003. p. 45-47.
[208] CAMÕES, op. cit., p. 60.
[209] Em Castelo encontramos a seguinte referência: "Convencionou-se chamar terceiro império colonial português ao império africano de Portugal entre 1825 e 1975, uma vez que sucedia ao segundo império – das plantações e minas do Brasil -, que por sua vez tinha sucedido ao império comercial do Oriente" (CASTELO, op. cit., 2007, p. 41).

sem se levantar"[210] de sua cadeira no Palácio de São Bento. Ironicamente, em férias no forte de Santo António do Estoril, Salazar sofre um acidente ao supostamente desequilibrar-se e cair de uma cadeira de lona em agosto de 1968. Das seqüelas deste acidente vem a falecer em julho de 1970.[211]

Para entender melhor o período que abrange a vivência em Angola dos entrevistados, que vai do período da Segunda Guerra Mundial até pouco depois da independência em 1975, ou seja, estende-se por quase quatro décadas, as entrevistas serão apresentadas em ordem cronológica (ou genealógica, do ponto de vista das gerações) de modo que possam ser rastreados os fatos históricos relevantes de cada período (somente serão inclusos excertos documentais se for necessário ir mais profundamente no tema histórico para entendimento do contexto das entrevistas) para que a construção das identidades sociais, através das histórias de vida, possa se entrecruzar, ora com os registros ditos formais (textos históricos, estatísticas, documentos legais), ora com a literatura e outras fontes relevantes. A adaptação no Brasil será normalmente o ponto de chegada e o desfecho que cada um dos diálogos pretende abordar. Não se trata de um grupo totalmente homogêneo, já que, por exemplo, os entrevistados nasceram e viveram em localidades diversas. Não obstante, Luanda, a capital de Angola, em algum momento da vida dos entrevistados, passa a ser o local de moradia ou referência.

A origem, as condições de vida de cada entrevistado, classe social, ocupação, nível de instrução e nível de politização, têm algumas semelhanças, mas não têm exatamente um padrão; entretanto, esta diversidade é fulcral no

[210] Sobre a pouca ou nenhuma mobilidade de Salazar, um ex-PIDE cuja entrevista está transcrita no livro de Dalila Cabrita Mateus, João dos Reis Pestana Pau Branco comenta: "Sabe qual foi o maior erro de Salazar? É que acreditava nos relatórios que lhe escreviam, nunca ia lá. Só foi à Madeira como deputado do tal Partido Democrata Cristão. O mal dele é que ficava sentado no gabinete. Foi uma ou duas vezes a Espanha, perto da fronteira, mais nada." (MATEUS, Dalila Cabrita. **Memórias do Colonialismo e da Guerra**. Edições ASA, s.d., p. 376.)

[211] Referência a matéria do jornal português Diário de Notícias de 03-08-2008, intitulada *O dia em que Salazar caiu da cadeira*, contendo a seguinte introdução: "3 de Agosto de 1968. Há exactamente 40 anos, o todo poderoso Presidente do Conselho gozava um período de férias, no forte de Santo António do Estoril, quando o improvável aconteceu. Não se saberá nunca se foi por descuido, desiquilíbrio - ou por mera debilidade da cadeira de lona. O que é certo é que bateu violentamente com a cabeça no chão de pedra. Nunca mais recuperou. Morreu dois anos depois. O regime ainda lhe sobreviveu mais quatro anos". (NAVE, Luis. O dia em que Salazar caiu da cadeira. **Diário de Notícias**, Lisboa, 3 de ago. 2008. Centrais. Disponível em :http://dn.sapo.pt/2008/08/03/centrais/o_em_salazar_caiu_cadeira.html).

intuito de ajudar a compreender fora de uma alta elite colonial (talvez esta seja a característica comum a todos, dado que nenhum dos entrevistados estava ligado a grandes grupos capitalistas, era extensivo proprietário de terras ou tinha elevado cargo no funcionalismo público), a mentalidade deste grupo de pessoas que depois da saída de Angola com destino a Portugal, escolheram o Brasil, mais especificamente São Paulo, para reconstrução de suas vidas, proporcionado pelo enraizamento através da educação, estabelecimento profissional, nascimento de filhos e netos brasileiros, enfim, por uma nova inserção social.

Mais do que classificar grupos ou interpretar sonhos será posto o foco nas experiências, memórias e narrativa, na busca de características comuns.

Os depoimentos de F. e F.C. retratam a ida de colonos 'brancos' para Angola durante a Segunda Guerra mundial. F., refugiada do nazismo alemão e recém casada em Portugal, vai para Angola acompanhar o marido. F.C., também em fuga, só que da miséria do interior de Portugal. Parte para Angola com uma carta de chamada concedida pelos padrinhos e vai à procura de trabalho e melhores condições de vida. F.C. volta definitivamente a Portugal em 1965, depois da independência do Congo-Brazzaville. F., para proteger os filhos da guerra colonial, desloca-se para Portugal em 1961, de lá saindo finalmente e definitivamente para o Brasil, em 1962.

São dois depoimentos paralelos que dão voz à imigração que pouco antecede ao grande *boom* da ida de europeus para as colônias portuguesas em 1950. São testemunhos de um período de transição política na África, em que iniciam-se os movimentos para a independência dos países colonizados, do movimento político-cultural da negritude, dos movimentos nacionalistas e, mais tarde, do início da luta armada em Angola na década de 60.

Um período de conturbada agitação na política internacional. Trata-se do marco estabelecido pelo fim da Segunda Guerra mundial e o início da Guerra Fria, polarizando a política mundial entre comunismo e capitalismo. Também deu origem (e posteriormente fomentou) uma série de guerras internas, em algumas das ex-colônias que se dividiram com a queda dos impérios coloniais europeus. O financiamento, o apoio a estas guerras intestinas, resultava num confronto militar indireto entre norte americanos e soviéticos, competidores na corrida pela demarcação de zonas de influência política (e econômica); e que

levou posteriormente ao envolvimento militar direto dos Estados Unidos no Vietnã (1965-75)[212], e mais tarde, da URSS no Afeganistão (1982-88).[213]

Outro marco do pós-guerra é a fase de reconstrução da Europa e de expansão econômica com a injeção de capitais oriundos do Plano Marshall.[214] Ao contrário das previsões de crise econômica e convulsões sociais no pós-guerra, efetuadas pelo economista Samuelson[215], houve na Europa ocidental e Estados Unidos, acentuada prosperidade econômica e um crescimento

[212] Em Hobsbawn, o fim dos impérios coloniais é relatado. O autor comenta que o processo da descolonização política, a partir da segunda guerra mundial, inicia-se na Ásia, sendo que no norte da África é ainda mantido apesar dos sinais de instabilidade. Na África Sub-Saariana mantêm-se o poder colonial. A resistência deu-se no sudeste da Ásia, na Indochina francesa, onde ocorre o conflito do Vietnã em que os EUA participam para fazer frente à revolução comunista: " Not surprinsingly, the old colonial systems first broke in Asia. Syria and Lebanon (formerly French) became independent in 1945; India and Pakistan in 1947; Burma, Ceylon (Sri Lanka), Palestine (Israel) and the Dutch East Indies (Indonesia) in 1948 […] Islamic North Africa and the islands of the Caribbean and Pacific remained relatively quiet. Only in parts of South-east Asia was this political decolonization seriously resisted, notably in French Indochina (the present Vietnam, Cambodia and Laos) where the communist resistance had declared independence after liberation under leadership of the noble Ho Chi Minh. The French, supported by the British and later the USA, conducted a desperate rearguard action to re-conquer and hold a country against the victorious revolution. They where defeated and forced to withdraw in 1954, but the USA prevented the unification of the country and maintained a satellite regime in the southern part of a divided Vietnam. After this in turn looked like collapsing, the USA waged ten years of major war in Vietnam itself, until it was finally defeated and forced to withdraw in 1975, having dropped more high explosive on the unhappy country than had been used in the whole of the Second World War." (HOBSBAWN, Eric. **Age of Extremes**: The short Twentieth Century 1914-1991. London: Abacus, 1997, p. 217).

Vale ainda citar a observação do autor sobre o isolamento de Portugal neste movimento: "At all events, by the late 1950s it had become clear to the surviving old empires that formal colonialism had to be liquidated. Only Portugal continued to resist its dissolution since its backward, politically isolated and marginalized metropolitan economy could not afford neo-colonialism. It needed to exploit its African resources and, since its economy was uncompetitive, could do so only through direct control." (ibidem, p. 221).

[213] Sobre este ponto, Hobsbawn comenta: "Though the most obvious face of the Cold War was military confrontation and ever-more frenetic nuclear arms race in the West, this was not its major impact. The nuclear arms were not used. Nuclear powers engaged in three major wars (but not against each other). Shaken by the communist victory in China, the US and its allies (disguised as the United Nations) intervened in Korea in 1950 to prevent the communist regime in the North of that divided country from spreading to the South. The result was a draw. They did so again with the same object in Vietnam, and lost. The USSR withdrew in 1988 after eight years of providing military support for a friendly government in Afghanistan against American-backed and Pakistan-supplied guerrillas." (ibidem, p. 237).

[214] Sobre o Plano Marshall: "Fortunately for America's allies, the west European situation in 1946-47 seemed so tense that Washington felt that the development of a strong European, and a little later, a strong Japanese economy was the most urgent priority, and the Marshall Plan, a massive design for European recovery, was launched accordingly, in June 1947." (ibidem, p. 240).

[215] A respeito das previsões do economista: "Western belief, absurd in retrospect but natural enough in the aftermath of the Second World War, that the age of Catastrophe was by no means at an end; that the future of world capitalism and liberal society was far from assured. Most observers expected a serious post-war economic crisis, even in the USA, on the analogy of what happened after the First World War. A future Nobel prize economist in 1943 spoke of the possibility, in the USA, of 'the greatest period of unemployment and industrial dislocation which any economy has never faced' ". (ibidem, p. 230).

acelerado no curtíssimo prazo, ajudados pelo rápido avanço tecnológico (traduzido em maior conforto material e na popularização do acesso a bens de consumo antes reservados a uma pequena elite), corrida bélica, crescente nível de especialização e industrialização, e ainda, a inserção da mulher no mercado de trabalho.

F. nasceu na Alemanha num tempo em que o nazismo e o anti-semitismo ganhavam força, tendo ido para Portugal com a família, fugindo ao regime de Hitler. Perguntada sobre a sorte da família em outras localidades, F. afirma:

> "Não, na verdade, na Alemanha nós não tínhamos família assim...que os meus pais tinham vindo da Rússia. Não, mas na Alemanha mataram tudo [...] tínhamos amigos, mas aquilo foi tudo morto, não tem ninguém, não tem ninguém [...]. Na Romênia eu tinha família, mataram; na Rússia, foi tudo arrasado, morreu tudo."[216]

Casa-se em Portugal e vai para Angola em 1942, para juntar-se a seu marido, administrador de uma fazenda de sisal em Membassoco, localidade entre a Ganda e o Cubal, na província de Benguela.

Na altura em que ela deixou Portugal, já o regime do Estado Novo havia sido implementado há quase dez anos, fruto do golpe militar de 1926. Em 1933, portanto, António de Oliveira Salazar assume a Presidência do Conselho, iniciando um governo ditatorial que só iria terminar em 1974. Para ter algumas nuanças da ideologia do regime (ou dos matizes que atenuavam ou acentuavam seu tom sombrio – que nos reporta aos *Cegos de Madrid*, quadro a óleo do pintor português Julio Pomar, composto em 1957-59, no exílio em Espanha), vale verificar o texto comemorativo aos dez anos do golpe militar – texto este de autoria do próprio Salazar, e originalmente publicado em francês, intitulado: *Como se reergue um Estado* (*Comment on relève un État)*, encomendado pela direita francesa (conforme afirma António José Ferreira no prefácio) -, e que esclarece a ideologia em que se assentavam as diretrizes

[216] A íntegra da entrevista concedida por F. está nos anexos.

deste governo comandado por Salazar, dito fascista[217] ("absolutamente fascista e disfarçadamente ainda por cima", nas palavras de F.).

Inicialmente Salazar expõe as razões da sublevação armada em 1926: a profunda desordem política e instabilidade que se seguiu ao início da República em 1910. A confusão de inúmeros partidos e clientelismos institucionalizados que desequilibravam a vida política, social e econômica. Portanto, a "obra de reorganização" da vida pública consistiu nas seguintes providências: "[...] encerramento e dissolução das Câmaras, dissolução dos partidos, instituição de um governo forte e independente e mais algumas restrições necessárias relativamente à liberdade de imprensa e de reunião". [218]

Nesta altura, Salazar foi incumbido da pasta de finanças e iniciou uma reforma monetária que permitiria a redução dos juros de 11% para 3,75% ao ano (lembrando que o texto foi publicado em 1937, portanto às portas da Segunda Guerra mundial, e num contexto em que pouco antes, a Alemanha sofrera com uma histórica hiperinflação) e a progressiva redução da dívida externa e interna. A organização orçamentária foi revista, redistribuída a carga tributária e criadas condições para aumento do crédito necessário ao setor produtivo. Salazar ressalta ainda a importância para a economia, de se limitar a intervenção estatal na esfera privada e da importância do livre comércio.[219] Sobre a diretiva para as colônias, Salazar comenta:

> Um dos princípios fundamentais da nossa reconstituição económica é que as economias devem ser o complemento umas das outras e tender para a constituição de um todo. Essa política, constitucionalmente definida no Ato Colonial de 1930, não pode ser causa de espanto de ninguém. De resto, o princípio da comunidade económica nos limites do Império não é mais do que a extensão do princípio da comunidade política, tradicional em Portugal entre a Metrópole e as colónias, que são as nossas *províncias ultramarinas*. Deste princípio essencial decorrem relações aduaneiras especiais

[217] A questão do fascismo português dada a sua singularidade, expressa por exemplo, na falta de um controle dito total sobre a vida dos indivíduos, em comparação a um regime fascista "típico" como o de Mussolini na Itália, é sempre polêmica. Assim, diz-se que um certo "relachamento" nas liberdades concedidas pelo regime português, dificultam a sua classificação como tal. Já HOBSBAWN, por exemplo, aponta o regime em Portugal como *"semi-fascist"*: "That fascist movements tended to appeal to nationalist passions and prejudices is obvious, though the semi-fascist corporate states, like Portugal and Austria 1934-38, being largely under Catholic inspiration, had to reserve their unqualified hatred for peoples and nations of another religion or godless ones." (HOBSBAWN, Eric. **Age of Extremes**: The short Twentieth Century 1914-1991. London: Abacus, 1997, p. 135).

[218] SALAZAR, António de Oliveira. **Como se reergue um Estado**. Lisboa: Esfera do Caos, 2007, p. 31.

[219] ibidem, p. 35-36

> entre a Metrópole e as próprias colónias. Além disso, a dita integração constitui um obstáculo a que qualquer das nossas colónias possa ser considerada – em detrimento do todo a que pertence – como fazendo parte de uma economia estrangeira qualquer: quer dizer, as actividades dos estrangeiros que se exercem nas colónias portuguesas devem desenvolver-se unicamente em proveito da nossa economia nacional.[220]

O princípio condutor da economia do Estado português é, segundo o autor, o Estado Corporativo:

> Ora, se não queremos que o Estado organize e dirija ele próprio a economia da Nação, transformando-a assim em economia de Estado, só há uma solução: a organização corporativa, graças à qual o Estado pode colher um beneficio de todas as forças produtivas, mantendo os princípios da propriedade privada, da iniciativa particular, da concorrência moderada, ao mesmo tempo que usa toda a sua autoridade para reprimir abusos.[221]

A conduta moral do cidadão do estado novo deve obedecer aos princípios do "sentido da Pátria", respeito à família, "célula social por excelência", à "autoridade e hierarquia", à religiosidade, ao trabalho. Salazar arremata o pensamento: "Somos, pois, contra todos os internacionalismos, conta o comunismo, contra o socialismo, contra o sindicalismo libertário, contra tudo o que diminui, divide, dissolve a família, contra a luta de classes, conta os sem pátria e os sem Deus, contra a escravatura do trabalho, contra a concepção puramente materialista da vida, contra a força como origem do direito". [222] Um Estado pautado pelo lema "Deus, Pátria e Família". No prefácio, António José Ferreira faz a seguinte observação sobre o lema:

> [...] o lema que acabaria por se consagrar como sendo o do salazarismo, passando à posteridade como 'Deus, Pátria e Família', não é curiosamente da autoria do próprio Salazar, mas uma adaptação de um escrito do brasileiro Afonso Pena, que Salazar leu ainda jovem, quando ocupava as funções de prefeito e professor no Colégio da Via Sacra em Viseu, adoptando-o para si e para a sua futura governação.
> A divisa original, para que se saiba é 'Deus, Pátria, Liberdade, Família'. Salazar, obviamente, omitiu a Liberdade![223]

[220] ibidem, p. 36-37.
[221] ibidem, p. 38.
[222] ibidem, p. 42.
[223] ibidem, p. 20.

E sobre a liberdade subtraída à frase de Afonso Pena, Salazar deixa claro que "*é somente contra o interesse comum que a liberdade não existe*".[224] Afirma ainda que o Estado português não é fascista; e, num rápido sobrevôo a respeito do regime do nacional-socialismo - que na altura se manifesta na Europa -, critica a crescente expressão do racismo e de certa forma, lucidamente prediz a explosão do uso da violência pelo Estado em nome de um direito superior.[225]

No entanto, cumpre ressaltar que a lucidez de Salazar talvez seja proporcional à forma astuta com que qualifica a sua doutrina como "uma política *sem política*".[226] De forma sutil e apoiado na exortação a valores que não se põe em causa, exercita o poder autoritário e ditatorial, incutindo de forma sistemática o medo, a repressão das expressões individuais e coletivas, tornando reféns algumas gerações de portugueses. Se inicialmente a ditadura parecia o melhor remédio para por ordem na casa e porque as circunstâncias políticas e econômicas (tanto internamente quanto externamente) apontavam para a fatalidade de um regime autoritário, passada a Segunda Guerra mundial, o engessamento das estruturas o induziu ao erro de não acompanhar os ventos da história, criando para si as armadilhas de uma economia dependente das colônias e de uma nação incapaz de reagir à superprotetora e austera figura do estado paternalista, representado na figura de Salazar. De certa forma, um processo de infantilização coletiva.

As gerações portuguesas que estudaram no período de 1930 a meados de 1970 lembram-se de freqüentar salas de aula decoradas com o retrato de Salazar, de um lado, o crucifixo ao centro e o retrato do Presidente da República, do outro lado. A tríplice representação da autoridade e do medo.

Enquanto no interior de Portugal passava-se fome e ia-se à Espanha comprar pão mais barato, como recorda F.C.[227] - dando origem a um invulgar "contrabando de pão" - a perfeita retórica sobre a importância de o trabalhador ser remunerado à medida de um salário justo, que suprisse as necessidades básicas do homem, está magistralmente registrada no ensaio de Salazar. No entanto, as dificuldades experimentadas pela ausência de quase tudo o que

[224] ibidem, p. 46.
[225] ibidem, p. 48-49.
[226] ibidem, p. 27.
[227] Entrevistado. Excertos da entrevista no corpo do texto.

confere dignidade a uma vida, a uma casa, a uma família, na prática traduzia-se em fuga para o além-mar; e se a desagregação da família não ocorria por conta do trabalho feminino fora do lar, como acreditava Salazar, ocorria na emigração dos filhos, esposos, e outros familiares para as colônias.

O ensaio de Salazar é concluído enfim, com a seguinte afirmação:

> Para as almas dilaceradas pela dúvida e negativismo do século, tentámos restituir o reconforto das grandes certezas. Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua História; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o dever de trabalhar.[228]

Após esta pequena introdução ao espírito do Estado português no regime salazarista, necessária para o entendimento dos acontecimentos futuros, do processo colonial, do sentimento de que se imbuíram os emigrantes a partir da exortação do nacionalismo indissociável do imperialismo, cumpre dar continuidade às experiências e destinos narrados pelos entrevistados F. e F.C.

F. relata que chegou a Angola sem ter a mínima idéia do que seria África, do que iria enfrentar. No meio da noite, o trem da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela deixou-a numa estação que se resumia a uma cubata solitária num local ermo. Seu marido e um motorista a esperavam para levá-la à fazenda. A chegada à casa, sem porta nem janelas, marca o início de uma vida dura de trabalhos e privações. F. conta sua chegada a Menbassoko, distante duzentos quilômetros de Benguela, oito horas de trem no meio da noite:

"Nós fomos quatro meses depois de casar e em Angola é assim a primeira coisa que ele conseguiu foi um emprego, nós pensávamos que... talvez ele pensasse que era fácil, mas não era fácil também em Angola tomar pé . Então, ele arranjou emprego no interior de Angola em uma fazenda de sisal. Eu fui atrás dele, eu me lembro que quando cheguei de noite à fazenda, eu tinha a sensação que estava na face da Lua. Não havia nada, nada, a estação do trem não existia, existia uma barraquinha, uma cubata. Então, o trem parou no meio do escuro. Meu marido veio me buscar, chamava-se carrinha, era uma rural e nós fomos até uma casinha, a casa era boa, era uma casa feita em pedra, só que não tinha janelas nem porta, tava tudo aberto. Então nós chegamos naquela... Olha, o trajeto foi estranho porque no meio da

[228] ibidem, p. 83.

noite voavam os pássaros e se viam olhos de animais de caça e o chofer que foi conosco, queria aproveitar para caçar. Então, ele dava volta com o carro para matar os animais com a roda. Eu fiquei logo horrorizada, mas eu não disse nada, porque naquele tempo é assim: a gente tem um marido, faz tudo que ele quer e fica lá. Engole tudo, tinha que ser, eu achava que era assim. Bom, então aí, naquela casinha eu já tive um primeiro filho que morreu, depois...Porque lá morriam muitas crianças, não havia assistência boa, não se sabia o que tinha, tinha febre alta, então morreu o primeiro bebê, depois tive meu outro filho, que hoje tem 63 anos, depois tive outro filho que é o D., que você falou e depois voltamos para Portugal. Porque nós... eu queria ficar em Portugal...Eu já tinha visto Angola, já chegava para mim, eu queria outra vez estar na Europa, mas meu marido não conseguiu, ou ele não quis, ele não tinha muita vontade, ai voltamos para Angola e aí tive mais um filho na fazenda [...] e todos nasceram na mesma fazenda. Nasceram três, quer dizer, nasceram quatro homens, o primeiro morreu, ficaram três... [...] [o local] Chamava-se Membassoko, era entre a Ganda e o Cubal. Era no caminho de ferro de Benguela, no caminho que vai, lá para cima, para a Lunda, é mais ou menos duzentos quilômetros de distância de Benguela. Mas era longe... era no meio do mato, o trem andava umas oito horas no meio da noite, era... não era fácil."

Segundo Cláudia Castelo, entre a década de 20 e o início da Segunda Guerra mundial, há duas principais correntes ideológicas quanto ao modelo de colonização a ser adotado pelo governo.

A primeira, adotada por Norton de Matos, baseava-se no apoio financeiro da Metrópole (e de capitais estrangeiros) para criar em Angola as infra-estruturas básicas necessárias para cumprir a nova orientação das políticas coloniais da Sociedade das Nações (SDN) pós-Primeira Guerra mundial, ou seja, que as potências européias desenvolvessem seus territórios, economicamente e socialmente, a fim de cumprir a alardeada "missão civilizatória" de que estavam incumbidas.[229]

Como resultado, neste período pós-República, houve uma involução no que diz respeito a uma "visão humanista"[230] do africano, refletindo-se por exemplo, como já dito, na adoção do trabalho obrigatório para os "indígenas", levando as sociedades tradicionais a um processo de anomia. O avanço dos assentamentos brancos sobre as terras dessas populações e a sua arregimentação para o trabalho forçado desagregou suas estruturas de poder, seus valores e cultura. Além disso, a progressiva ocupação de cargos do funcionalismo público pelos novos colonos nas cidades e o deslocamento da população negra para a periferia, resultou na queda dos índices de mestiçagem

[229] CASTELO (op. cit, 2007, p. 61-62).
[230] ibidem, p. 64.

e na marginalização do negro.[231] Portanto, é justamente na fase posterior ao fim da Monarquia Constitucionalista que ocorre o paradigma do rompimento com um modelo de colonização mais progressista por parte da metrópole e menos interferente sobre a vida da colônia, que tinha uma dinâmica própria e caminhava para a formação de uma estrutura de classes e não de "castas".[232]

O modelo de Norton de Matos (governador geral de Angola entre 1912-1915 e Alto Comissário entre 1921-1924), baseava-se ainda, no assentamento planejado de colonos brancos no meio rural, de forma a fixar uma população que garantisse a soberania portuguesa sobre os territórios africanos. A idéia resumia-se em implantar um modelo de assentamento em que fosse reproduzido o modo de estar português e a sua vocação para a agricultura e a pesca. Segundo Norton de Matos, esta seria a forma de lançar as bases para o desenvolvimento do capitalismo industrial em Angola. Para o assentamento das famílias, contudo, haveria a necessidade de apoio financeiro do governo, responsável por prover uma instalação salubre, os instrumentos de trabalho e propiciar condições favoráveis no arrendamento das terras. A colonização, nesta corrente de pensamento, funda-se portanto, sobre os alicerces da família e tradição portuguesas, para isso, reproduzindo o ambiente e os valores da casa portuguesa de forma que os trabalhadores do ultramar, pudessem prosperar e criar uma nova civilização com o auxílio do trabalhador da terra sem contudo misturar-se a ele, para que o indígena pudesse livrar-se dos seus vícios e progredir. Vale lembrar neste contexto a importância da ida da mulher 'branca' para Angola.[233] Com a imigração familiar, começam a cair os índices de miscigenação. Norton de Matos, à inspiração das correntes racistas do fim do século XIX, condenava a mestiçagem. Mas, o que está por trás deste tratamento ambíguo à questão do indigenato (suposta proteção contida na

[231] ibidem, p. 65

[232] Segundo MOURÃO (Op. cit., 1978, p. 21-22): "No plano social a política arquitetada e executada pelo General Norton de Matos sustou a evolução que se vinha processando na sociedade angolana no sentido de que os planos sociais estavam evoluindo de uma sociedade de castas: o branco e o negro, para uma sociedade de classes. O negro voltou à sua posição anterior e, aos poucos, vamos assistindo ao afastamento, sustação de promoções ou mesmo ao rebaixamento de funcionários negros do quadro administrativo. Volta-se à sociedade com sua fase organizadora assentada na divisão entre brancos e negros […] Cabe ressaltar que o processo que vimos descrevendo em termos de relações raciais, da passagem de uma sociedade de "castas" para uma sociedade de classes, apenas se registrou nas ilhas de Cabo Verde, São Tomé e nas cidades costeiras de Angola, pois no interior da colônia a tônica era a luta entre o branco, boa parte das vezes ajudado por mestiços, com o negro – gentio."

[233] C.f. nota 98.

idéia de progresso *versus* segregação) e à idéia da não miscigenação, está claramente exposta por Mourão:

> O elemento africano deveria, pois ser apenas e exclusivamente orientado para uma função de produtor, a exemplo da tradição escravagista, não já na dependência direta do capataz, mas de uma única possibilidade de formação que, forçosamente, pelo menos a médio prazo, o colocaria em uma posição subalterna em relação aos brancos que, deste modo, asseguravam a preparação conveniente da força de trabalho de que se necessitava para dar andamento ao plano da Grande Angola Branca. Um tal plano assim, com as expectativas dos liberais da fase anterior, portava em si uma boa dose de utopia, pois a economia portuguesa não estava preparada para tal empreendimento sem se comprometer totalmente com interesses estrangeiros, o que não estava no plano do Alto Comissário, Norton de Matos.[234]

Ora, o conceito de progresso aí estabelecido para o indigenato estava ligado tão-somente, ao sentido exploratório da mão-de-obra e não no sentido intelectual, pois realmente não havia interesse concreto na "assimilação", tendo em vista a invocação do separatismo racial que provocou em Angola um acirramento da condição subalterna do negro, segundo Mourão, sob todos os aspectos.

As difíceis condições financeiras em Portugal e o cenário de crise internacional (que culminaria com a quebra da bolsa de Nova York em 1929) viriam, em 1926, a por em prática o plano de reestruturação financeira do Estado - o que pôs um fim aos planos de Norton de Matos.

Segundo Castelo, com a entrada de Armindo Monteiro à frente da pasta das Colônias (1931 e 1935), criou-se, por sua vez, uma política de mistificação em torno do império, parte da ideologia nacionalista do Estado Novo. Neste segundo momento, ou segunda corrente, a defesa de uma colonização sem fomento foi defendida, e idéias como a livre iniciativa para colonizar e as qualidades dos cidadãos portugueses para tal, foram valorizadas: a "sua capacidade de adaptação, o seu espírito de iniciativa, o seu profundo nacionalismo e o talento com que tratavam as raças inferiores".[235] O ministro defende, primordialmente, a ida para as colônias de mão de obra especializada, com qualidade técnica e iniciativa para conduzir a mão de obra local na produção de matérias primas para a Metrópole, bem como as colônias

[234] MOURÃO, op. cit., 1978, p. 21.
[235] CASTELO, op. cit., 2007, p. 75.

tornarem-se consumidoras dos manufaturados portugueses. Deste modo, o sentido econômico do pacto colonial torna-se mais evidente.

Conforme ainda coloca a autora, na seqüência, até a década de 40 "não houve nenhuma tentativa de colonização oficial de Angola".[236] No entanto, cumpre apontar que surgiu por volta de 1935, o projeto de estimular a fixação de colonos portugueses ao longo dos trechos servidos pela Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela (CCFB), já que a presença de colonos estrangeiros, principalmente alemães, instalados no planalto de Benguela, era considerada uma ameaça à soberania.

A CCBF estaria incumbida de dar apoio financeiro em parceria com o Estado português.

Na altura em que F. imigrou (1942) este processo estava vigente. Entretanto, havia grandes entraves para que os colonos se mantivessem, já que havia escassez de mão de obra "indígena", necessária para a manutenção das propriedades. Somente os colonos que faziam paralelamente à atividade rural, um comércio de interior, conseguiam tem melhores condições de vida. A pobreza era pungente entre os colonos. A atividade agrícola não era suficiente para a manutenção de condições materiais mínimas. A evolução do quadro de colonização livre, no entanto, levou à ocupação das poucas terras produtivas, descolando a população local (ovimbunda). Uma concorrência de prática de ocupação desleal e desagregadora.[237]

A vida na fazenda não poderia prescindir da mão de obra local. F. relata as dificuldades de sobrevivência no interior, tempo e lugar que não deixa saudades:

"Do lugar em si não porque o lugar de luta de sobrevivência, não era fácil não, e depois a pessoa tinha que se encaixar, se adaptar à vida de lá. Olha, lá era assim: eu cheguei lá eu não podia fazer o meu serviço em casa, tinha que ter os criados, lá chamavam-se os criados, serviçais; porque o fogão não era fogão era um buraco, o combustível eram grandes árvores que tinham que rachar com o machado, o pão era feito, isso era no mato onde era um buraco, era tudo muito violento, a água vinha do rio, vinha um moço com um barril empurrando, tudo era incapaz de atender a essas nossas necessidades, tinha que ter esse pessoal...No quintal tinha cobras, eu tinha que ter um rapazinho que andava atrás dos meus filhos para os guardar um pouco, não era uma vida... Quando se diz da vida nas colônias... Para mim, pode ser que

[236] ibidem, p. 87.
[237] ibidem, p. 98-102.

tenha gente que tivesse se instalado de uma maneira muito, muito maravilhosa, para mim foi difícil embora o aspecto era tudo bonitinho, porque a gente fazia, não tinha nada para comprar assim roupas, eu costurava os meus vestidos e as roupas dos filhos, eu nunca tinha aprendido, mas tive que aprender.[...] Olha, os meus primeiros filhos nasceram com a luz de querosene, dentro da nossa casa no interior, não tinha luz elétrica, então ficava o meu marido assistindo o parto, vinha um médico de outra cidade e meu marido e na hora de nascer o bebê, meu marido tinha que segurar o candeeiro de petróleo, assim, para o médico poder dar uma ajudinha. Não foi fácil a minha vida, não foi fácil. Eu não sei, mas eu fui levando."

F.C. foi para Angola num navio cargueiro, o Malange, em fevereiro de 1940, aos dezessete anos de idade. À sua espera, os padrinhos e um emprego prometido em Sá da Bandeira. O navio normalmente faria o percurso em 10 ou 11 dias. Mas a viagem durou 39 dias. Ao recordar-se afirma: "Passei fome que se farta". A lentidão da ida deveu-se à armada inglesa, que durante a Segunda Guerra mundial deu instruções ao navio para aportar na costa de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Em alto mar, o entrevistado avistou navios de guerra de grande porte: "O nosso navio, viemos a saber depois, estava carregado de material de guerra para o Lobito, para a defesa militar portuguesa em Angola. O comandante até deixava-nos sair, mas íamos comer ao navio, já que não tínhamos dinheiro."

Saiu de Portugal com a quarta classe. Para ajudar seu pai alfaiate fazia "um par de calças por vinte e cinco tostões a ainda assim estava um ano para receber". Desembarcou no Lobito e foi de trem para Benguela, na CCFB. Lembra-se que a companhia "ligava o interior com produtos, milho, feijão, cera. Havia armazéns carregados com feijão. E lá punham um gás para matar o gorgulho. Às vezes os negros que carregavam os sacos deixavam-se dormir e ficavam para sempre, morriam dois ou três de vez em quando."

Havia naquela altura no Lobito, segundo o depoente, um forte comércio ligado à agricultura (milho, feijão), ao minério de ferro e à permuta de produtos como a cera, que os negros traziam do interior para o porto:

"O governo português comprou aquilo [CCFB] aos belgas. O minério de ferro vinha do Catanga em lingotes para o Lobito, que tinha um comércio, forte.

Os negros vendiam bolas e bolas de cera. Toneladas e toneladas de cera. Estou a ver uma grande caldeira, metiam lá, derretiam. Também o negro era malandro, punha pedras no meio para fazer mais peso. A cera era trocada

por peixe seco, vinho, farinha de milho. Faziam a permuta. O empregado fazia que deixava cair a bola e via que havia uma pedra."

Em Sá da Bandeira, veio a compreender a realidade da condição do trabalho do negro, os maltratos e a exploração. A narrativa frui no tempo, e salta para o Congo Francês[238], onde se fixou como comerciante para dar lugar à comparação que gira em torno das condições de trato do negro e da melhoria da sua própria condição de trabalhador. A melhoria do salário pago no Congo, bem como a presença do negro "mais evoluído" são os pontos que chamam a atenção. Em Sá da Bandeira, relata a discriminação, a segregação da população negra e o preconceito contra os casamentos inter-raciais:

"Como minha viagem estava marcada Benguela, tinha que descer em Benguela e no Lobito queriam que eu voltasse para trás. Meu destino era Sá da Bandeira. Era para onde eu ia empregado. Demorei dois dias e uma noite num camião de carga. Em Sá da Bandeira então é que eu vim ver de fato o tratamento que davam aos negros. Era desumano. E é por isso que havia um certo ódio de certos negros já mais evoluídos que não gramavam os brancos. E tinham razão! Só mais tarde é que eu comecei a compreender a vida africana quando fui para o Congo Francês. Então, no Congo Francês vim encontrar o preto mais evoluído do que em Angola. Apesar de que em Angola, já naquela altura eu conheci negros médicos, advogados, mas em mil encontrava um. Ainda recordo de ver um negro médico em Sá da Bandeira casado com uma européia. Esse negro passava mal! Mesmo até com os próprios brancos, havia uma discriminação, mesmo até a própria senhora, havia uma certa coisa: "tás casada com um negro! Mas, os negros aceitavam, tem piada que os negros aceitavam! Aceitavam que o próprio negro [...] era uma pessoa evoluída. Conheci este médico, era uma belíssima criatura, ia muito até a loja onde eu estava empregado. E a pobre senhora sentia-se diminuída.

[...] Sá da Bandeira era uma cidade branca, os negros viviam fora da cidade.

[...] E minha vida foi assim, eu tive que deixar Angola, porque aquilo era para meia dúzia deles. Eu ganhava 1200 angolares e não dava para viver. Nós éramos os escravos brancos. Eu considerei-me um escravo em Angola. Eu tinha a quarta classe, o meu patrão nem a segunda classe e eu era chamado de burro...Era para me diminuir para não aumentar meu salário. Em 40 era assim... Aquilo praticamente só começou a se desenvolver em 60, com o terrorismo, porque até aí, nem havia caminhos, nem havia estradas, eram picadas...

É por isso que Angola não me deixa saudades...

Quando fui para Ponta Negra, tive que ir num barco a vela, em alto mar, passei fome... Era só eu, dois negros, o mecânico e o capitão. E quando cheguei a Ponta Negra foi o céu. E fui para lá ganhar seis vezes mais do que em Benguela e ainda tinha 1% de comissão."

[238] Parte integrante da federação da Africa Equatorial Francesa, atual República do Congo.

Ao descrever Sá da Bandeira (atual Lubango), F.C. ressalta a degradação de colonos brancos (no que critica o modelo de colonização implantado pelo governo português) que lá se fixaram, principalmente madeirenses, os chamados "chicoronhos"[239], e também, a semelhança do clima do planalto ao clima europeu:

"Era muito bonita [Sá da Bandeira], tem um clima quase como o nosso. Frio como em Portugal. Havia geada. Às vezes eu era obrigado a trabalhar até a meia noite, uma da manhã a torrar café, e quando saía estava tudo branquinho...Quando era no verão não era aquele calor como em Benguela, era diferente, era um planalto.

Sá da Bandeira foi colonizada por madeirenses, eram conhecidos pelos chicoronhos - talvez por terem uma fala muito esquisita, não sei... -, eles não gostavam nada desse nome... Eles dedicavam-se à criação gado, à agricultura; comércio muito pouco porque eles não tinham habilidade para o comércio, porque não tinham cultura, muitos eram analfabetos, a maior parte deles...E mandavam as famílias para lá, eram despejadas... Famílias, para colonizar...Aquela colonização nossa era essa...Prometiam-lhes mundos e fundos, despejavam-lhes e agora, governem-se! É por isso que eu encontrei lá brancos miseráveis mesmo em Sá da Bandeira."

Gradativamente, há a formação de uma consciência política e social. O entendimento do que é a situação colonial[240], que se apropria do trabalho do negro e o explora sem parcimônia (como a questão do imposto de cabeça), forma uma consciência política crítica ao governo português em Angola. Esta consciência talvez tenha sido formada não só através dos episódios presenciados em Angola, mas também através da experiência vivida no Congo Francês, permitindo comparações entre os modelos de colonização, mais significativamente no quesito educação:

"O que me estranhou mais tempo, quando a gente começa abrir os olhos, foi o negro ter que pagar o imposto de cabeça[241], que eram oitocentos

[239] Fernando Pimenta faz referência à origem da designação *chicoronho*. A palavra significa colono na língua local e é utilizada para designar os filhos dos colonos madeirenses fixados à terra (apud, Carlos Alberto Medeiros - **A colonização das Terras Altas da Huíla (Angola)**. Estudo de Geografia Humana. Lisboa: 1976, p. 31). (PIMENTA, Fernando Tavares. **Ideologia Nacional dos Brancos Angolanos (1900-1975)**. 2004, p. 12). Disponívelem: www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel35/FernandoPimenta.pdf

[240] Cf. nota 88.

[241] SERRANO comenta a respeito do Imposto Indígena de Cubata: "Citamos o 'Boletim Oficial' de Angola de número 42, de 20 de outubro de 1906, que nos dá exemplo de legislação adequada à conveniência dos colonizadores, estabelecendo um imposto sobre as populações

angolares por ano, que para ele, para o negro, aquilo era uma facada. Eles viam-se aflitos para arranjar dinheiro para pagar ao chefe de posto, porque quem mandava em Angola eram os chefes de posto. Os chefes de posto é que recebiam esses dinheiros. Havia o chefe de posto, havia as secretarias nas cidades, o governador civil e o governador geral de Angola. Bom, aquilo estava tudo dividido entre eles. Quer dizer, Angola era um saco muito grande, uma riqueza muito grande, mas só dividida por meia dúzia deles.

Era assim que se vivia naquela altura que fui para África, antes disso já não sei...Contavam histórias daqueles colonos que iam e tal...ouvia contar histórias do Gungunhana, dos mucubais, da guerra dos mucubais em que eu...foi no meu tempo a guerra dos mucubais[242], acho que aquilo foi a maior vergonha para a nossa história, e é por isso que a nossa história não conta a realidade da guerra dos mucubais, dos cuanhamas, não conta nada disso...Porque o cuanhama era um grande militar, um negro forte, alto, inteligentes... Tanto mais, que no sul de Angola, eles queriam cuanhamas para sipaios, sipaios que era a polícia, contínuos nas secretarias, que eram muito fiéis...O que é que para militares não gostavam, não gostavam de ser mandados. E foi daí que o Savimbi fez aquela guerra contra [...] Ele levava aquela zona toda, eram uns guerreiros... O Savimbi se tinha sido ajudado pelos americanos, tinha tomado conta de Angola. Tá certo que depois o acusaram de falsidade... O Savimbi era apoiado pelo governo português, mas onde é que havia dinheiro para isso? Depois tinha a Guiné etc...O rumo talvez fosse outro. Mas os americanos são muito difíceis de compreender. Eu nunca compreendi o que é que eles queriam d'África..."

"[...] No Congo Belga, havia a pena de morte para o negro, por enforcamento e todos, negros e brancos eram obrigados a assistir. Por isso tá claro havia mais ódio.

---

locais e que demonstram não só essa tentativa de inserção do trabalho africano no mercado colonial como também os aspectos ideológicos que essa política comportava. Diz-nos essa portaria que o ministro das Colônias atendeu à representação que lhe foi dirigida pelo governador geral da Provínvia de Angola, sobre conveniência financeira e política de estabelecer o Imposto Indígena de Cubata, na mesma província, considerando que o Imposto Indígena, quer sob a forma de contribuição predial, quer sob a forma de imposto de captação, é hoje generalizado em quase todas as colônias inglesas e francesas da África e no Estado independente do Congo. Mais adiante diz que: 'O Imposto Industrial, desde que seja lançado equitativamente e cobrado com suavidade, não somente se justifica como contribuição direta destinada a cobrir ou diminuir os encargos do Estado resultantes das necessidades do policiamento e desenvolvimento das regiões já ocupadas mas é também perfeitamente legítimo como tributo significativo da verdadeira e efetiva submissão das tribos indígenas à nossa soberania e como taxa de civilização, por obrigar o indígena ao trabalho para obter recursos necessários ao seu pagamento' ". (SERRANO, op cit., p. 131-132).

[242] René Pellissiér relata a perseguição aos cuvales (ou mucubais) no sul de Angola em 1940-1941: "Outra maneira de liquidar a insubmissão será posta em acção cinco anos mais tarde em Angola. Aquela nada deve aos recursos infinitos da 'maneira portuguesa de estar no mundo', tão cara ao sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Também não será exposta em qualquer relatório publicado pelas imprensas oficiais ou privadas. E com razão. O esmagamento, em 1940-1941, dos últimos Hereros 'independentes' da África austral (ou pelo menos de Angola) não é uma página gloriosa da história colonial lusitana, e se Môngua se apagou a pouco e pouco das memórias portuguesas actuais, a perseguição aos Cuvales, por seu lado, nunca nelas entrou, uma vez que foi cuidadosamente ocultada aos contemporâneos." (PELLISSIÉR, René. **As Campanhas Coloniais de Portugal**: 1844-1941. Lisboa: Editorial Estampa, 2006, p. 415).

O que é que o nosso governo nunca se convenceu que o negro tivesse capacidade para lutar[243]...O Congo Belga também se não convenceu...Mas o general De Gaulle convenceu-se e para mim foi o homem mais honesto que apareceu...Porque o general De Gaulle, "eu, vou-vos dar a independência, mas primeiro vou vos dar a autodeterminação"; e tal que foram vários deputados do Congo-Francês para França, eu conheci vários deputados desses, quando já estavam no Congo-Francês.

[...] E o preto já mais evoluído porque já havia escolas [Congo Francês]... Havia as missões católicas e eles tinham interesse em desenvolver...

Não havia educação para o negro [Angola]. Se Salazar em 57 tivesse dado outras condições, aquilo tudo em Angola teria sido diferente."

F.C. casou-se em Benguela e foi em 1945 para o Congo Francês, onde teve um filho. Em 1965 regressa a Portugal. E a experiência de cinco anos em Angola "não deixa saudades" ante a exploração do seu trabalho.

Também para F., ante a difícil missão de manter os filhos vivos, a terra não deixa saudades. Os dois depoentes viveram no interior de Angola e defrontaram-se nesse período com a realidade de uma colonização 'branca' em ascensão e as mudanças na política mundial provocadas ao fim da Segunda Guerra mundial.

F., apesar de não ficar saudosa da terra, tem saudades das gentes e dos bons momentos vividos, principalmente com a ida para Luanda e o aumento da convivência social. Em uma passagem cita a convivência de sua família já em Luanda, com a família de Luandino Vieira, rapaz na altura:

"E para Angola eu não fui mais... Ah quem eu vi aqui de Angola uma vez foi o escritor Luandino Vieira. Eu gosto muito dele porque conheço ele quando era rapazinho. Ele ia lá no nosso bairro, ele chama-se José Graça pois ele

[243] Curiosamente há um comentário de HOBSBAWN sobre a perda da supremacia dos impérios 'brancos' ocidentais (até 1943) ante a investida dos japoneses (também imperialistas) na Segunda Guerra mundial: "What fatally damaged the old colonialists was the proof that white man and their states could be defeated, shamefully and dishonorably, and the old colonial powers were patently too weak, even after a victorious war, to restore their old positions." (HOBSBAWN, op. cit., 1997, p. 216).

No fim, trata-se da mesma questão colocada pelo depoente: Se o 'branco' foi vencido é porque o 'outro' tem capacidade para fazê-lo. E mais, o exemplo da vitória, mesmo que parcial sobre os antigos impérios ocidentais; e depois o socorro dos Estados Unidos e União Soviética, anti-colonialistas, a definir a vitória sobre o "eixo do mal", inspirou a deflagração dos movimentos de independência justamente na Ásia. Vale ainda ressaltar que, então, não por acaso, foi feita em Bandung (1955), na Indonésia a conferência que buscava reunir esforços entre os povos da Ásia e África contra a exploração imperialista e proclamar pelos direitos territoriais e políticos dos povos dominados. Este evento é considerado um marco do movimento de descolonização (Em referência ao artigo: LACOUTURE, Jean. Bandung ou la fin de l'ère coloniale. **Le Monde diplomatique**. Paris, abr. 2005. Archives. (Disponível no sítio: www.monde-diplomatique.fr/2005/04/LACOUTURE/12062).

tomou esse nome. [...] E ele esteve aqui uma vez e nós fomos visitá-lo [...] Noutro dia ele esteve aqui na Livraria da Vila, pertinho, mas ninguém me avisou antes... Parece que não me avisaram para eu não ir correndo. Os meus filhos têm medo que eu saia de noite [...]. Ele sabia: a mãe pega o carro e vai logo, mas eu não posso [...] eu tenho que ter cuidado.

Ele era mocinho quando eu o conheci ele devia ter uns 14 anos coisa assim. [...] Depois eu o conheci lá na rua ele andava de bicicleta com os meus filhos, ele tinha um barco e eles andavam com ele. Eu conheci os pais dele, eu conheci o lugar onde ele lia, ele lia embaixo de uma buganvília, e sabe, uma buganvília é uma primavera, grande árvore, um carramanchão, tudo ocupado com aquela flor; e tinha bancos e ele tinha lá muitos livros. E a mãe um dia me pediu para ver se ele estava lendo livros de literatura boa [...]"

Com a ida de F. para Luanda a vida melhora, porém, quando começa a guerra, paira uma ameaça sobre a integridade dos filhos. Num clima de violência em Luanda, desencadeada com a morte de policiais no assalto à cadeia de São Paulo em 4 fevereiro de 1961, os ódios acirram-se e a possibilidade de que os filhos fossem convocados para lutar numa guerra sem sentido, passou a assombrar a família. Para F., ainda mais dolorosa esta hipótese se colocava, pois foi justamente para fugir da violência e perseguição do nazismo que ela refugiou-se em Portugal:

"E aí também uma coisa que eu não me lembro, quer dizer, eu falo como eu vi, não posso dizer por outra pessoa, eu sei só que havia a mocidade portuguesa, mais ou menos como na Alemanha e Hitler tinha a juventude nazista; e na Itália a juventude de Mussolini, juventude criada já militarmente dentro do regime fascista. E um dos grupos do Liceu, que já era mais velho que os meus filhos, um dia levaram [os jovens] para os arredores de Luanda à procura de terroristas, e eu disse: Onde é que eu estou? Vão levar os meus filhos para combater, para caçar angolanos, que é que é isso, eu vou embora já! Eu não vou admitir... que levassem um filho meu, estava com medo que me levassem amanhã os filhos nessa aventura, nessa maldade, nessa tolice, e aí fiz tudo para vir embora. Eu não queria saber de nada mais, eu queria meus filhos fora disso!"

Perguntada se naquela altura já havia rumores sobre uma descolonização entre as pessoas do seu círculo de convivência, F. alerta que não se cogitava abertamente a hipótese. Porém, considera que as pessoas disfarçavam suas intenções e sabiam mais do que do que queriam dizer:

"Olha... eu as pessoas com quem eu... Quem pensava isso era a minha cunhada, tinha uma cunhada em Benguela eles pensavam que Angola era dos

brancos. Agora, eu vivi mais uma coisa: quando começaram a vir - isso foi antes do movimento de libertação de Angola -, começaram a vir refugiados do Congo Belga, e eu ia para a praia, e eu ouvia a conversa das senhoras, as pessoas que estavam bem, as pessoas diziam – não, agora nós vamos para Portugal. Eu sempre quis viver lá e aquela ia para Portugal, aquela ia para Portugal, gente que já se preparou, mas não falavam abertamente, não dizia: nós precisamos ir; diziam: foi sempre o nosso desejo, e já iam pondo ao largo. Então, nós também resolvemos ir à força né? Agora é difícil dizer porque, com as pessoas com quem eu convivi, eu tenho a impressão de que as pessoas deviam saber, eu tenho impressão, as pessoas deviam saber. Havia outras pessoas como os vizinhos que diziam se nós deixarmos isso aqui, isso vai cair nas mãos dos angolanos, nós não podemos, nós temos que estar aqui para segurar. Iam segurar com o corpo deles, não é? Com a presença. Agora não sei muito bem responder porque eu não convivi, tinha o meu circulo fechado né? Eu não trabalhava fora [...] em Angola, não sei mesmo."

Outro aspecto importante destacado é a educação, efetivamente voltada para um ensino totalmente fora do contexto africano, dentro de uma ideologia totalmente imperialista e retrógrada.

"A escola. A matéria era igual à de Portugal, assim loucamente, pois na escola primaria tinha que aprender o caminho de Ferro de Portugal, os rios de Portugal, não incluíam a história de Angola, incluíam as colônias da vida, café, cacau, cola e não sei o quê, isso já aprendiam de cor, era tudo decorado, um ensino bem retrogrado, mas nessa altura o ensino era assim, quando na Europa era mais aberto, lá era tudo assim, decorado..."

Há no método de escolarização um aspecto ideológico importante, no sentido de diminuir a cultura, os valores locais e exaltar a conquista portuguesa. Um ensino totalmente desvinculado da realidade local.

Em 1962, F. e a família chegam ao Brasil através do contato de amigos. A adaptação foi boa e a preocupação maior, a formação dos filhos, foi concluída (todos os filhos com formação universitária). F. tem hoje oito netos brasileiros, motivo e reflexo de enraizamento, numa trajetória de vida marcada por muita luta e sofrimento, mas que aportou em São Paulo, para deitar amarras.

"Então, adaptamo-nos assim maravilhosamente. Não, aliás, nós não tínhamos em vista, aliás, nós não conseguimos, nós não conseguimos bem estar monetário nunca. Estamos sempre mais embaixo, porque o objetivo não era esse. O meu objetivo sempre foi ter filhos vivos, que não morressem e que tivessem cursos superiores. E esse objetivo nós conseguimos alcançar."

Para D., filho de F., que deixou Angola ainda adolescente, com 14 anos em 1961, um imigrante é sempre um imigrante. Não há como modificar esse *status* adquirido em circunstâncias sempre muito particulares de cada família, mas também reflexo de "algum tipo de desajuste familiar". Há também alguns questionamentos, dentre muitos, nessa busca de uma identidade angolana ou "afro-descendente": o que é ser um angolano, 'branco' ou 'negro'? Há que se colocar a necessidade de distinguir a um e outro? A resposta à questão dada por D. é que há necessidade de se distinguir os universos que eram, no fundo, diferentes; paralelas que não se cruzam. Para D., mesmo que na luta pela independência houvesse um ideal em comum, não necessariamente o sentimento e o plano cultural eram os mesmos. Em sua experiência a população negra não se misturava à sociedade branca. Aponta uma clara separação, não em termos de restrição à própria circulação, não exatamente como no regime sul africano de *apartheid*, mas em Luanda onde havia maior concentração da população 'branca' não havia espaço para os negros, "havia uma dicotomia na fronteira, havia outras cidades em Luanda". Mesmo nas memórias dos confrontos de garotos de escola, a "fronteira" se mostra:

> "O liceu que eu freqüentava, a escola primária que eu freqüentava não tinha um negro, um. Eles já existiam na escola técnica, já existia uma miscigenação maior. Então agente sempre via que quando havia brigas entre as escolas técnicas e o liceu, a turma que vinha das escolas técnicas era mais mestiça e nós tínhamos medo porque eles eram negros, tinham um outro tipo de postura, eram mais agressivos; pelo menos na nossa visão. E como a gente era garoto a gente fugia."

D. aponta a profunda ausência de consciência política:

> "[...] também falando desse branco, a grande maioria eram pessoas incultas que acabaram se ligando afetivamente à cultura africana, mas acho que acima de tudo esses brancos tinham muita dificuldade de deixar de servir o estado colonial português quer dizer serviam simplesmente o estado colonial português de alguma forma quer trabalhando como comerciantes quer trabalhando numa fazenda ou numa exploração. Poucos adquiririam uma consciência política, uma consciência crítica em relação ao que eles estavam lá fazendo e o que aquilo poderia dar."

Desta construção em que uma pequena elite branca de altos funcionários do governo e uma classe média branca que não se mistura cresce

o fosso social entre brancos e negros. Um grupo intelectual de esquerda, entretanto, apóia os movimentos de libertação para que se criassem as condições necessárias para a independência de Angola. Com o aumento das tensões entre Portugal e o povo angolano, cresce a desconfiança da família sobre a possibilidade de um conflito militar. O temor de uma guerra, temor este que logo verificar-se-ia verdadeiro, desperta a urgência em sair do país.

Já no Brasil, D. exercita suas convicções políticas no exercício de apoio à causa da independência de Angola, mesmo que à distância. Novos círculos de amizade são aqui formados, elos de uma corrente de um grupo de pessoas com as mesmas convicções e objetivos. Hoje, entretanto, passados mais de trinta anos da independência em 1975, D. convida os que participaram daquela luta, daquele momento, a fazer uma profunda reflexão sobre os rumos, o destino de Angola.

Persiste em D. a motivação para voltar ao passado e tentar analisar os acontecimentos à luz de um outro tempo e questionar os porquês, quem participava do "jogo de xadrez", suas estratégias políticas e motivações (que poderiam ser de ordem econômica, étnica ou simplesmente refletir sobre a complexidade do fenômeno da descolonização). Estes questionamentos mostram a dispersão dos elementos de análise no tempo e à distância, que se recombinam no tempo presente da narrativa e se assemelham mais a uma seqüência de quadros, dinâmica, portanto (porque divaga sobre o devir), do que propriamente a uma fotografia, estática. A dinâmica do processo de colonização e das suas múltiplas faces revela-se num enredo, numa trajetória vivida sob a ótica dos valores do luso-angolano que tem consciência da condição do imigrante que é, do que foi a vida de seus pais em Angola, a luta para sobreviver, os ideais que tinha e que não vieram a se concretizar, por circunstâncias que a própria história delimitou.

Quanto à questão do retorno D. explicita a sua condição de imigrante e a impossibilidade de um retorno a uma Angola muito distante do sonho. Essa busca por Angola, ou o retorno se faz através do acompanhamento e da crítica à atualidade:

"Uma das coisas, eu nunca tive, a história em Portugal a geografia era baldada, os professores eram péssimos, quer dizer em Angola não se dava

geografia angolana, não se estudava a história angolana. Então eu sou muito ligado a essa carência então eu vou atrás dessa informação então eu gosto muito do meu passado ligado à língua, a história, a geografia que eu não consegui tê-la no seu pleno. Então, eu estou sempre em busca disso, então eu continuo sendo um eterno imigrante.

É uma forma de retorno, porque está na minha memória e está na minha carência afetiva essa plenitude de conhecimento. Essa plenitude de conhecimento da língua, da geografia...E eu tenho muita ligação em Portugal porque tinha uma outra coisa curiosa: os pais meus além de serem imigrantes, eles tinham sempre aquela vontade do retorno à Portugal que era uma utopia completa porque nunca se poderia retornar porque não tinha espaço para toda gente que de lá emigra. Então eu tinha na mente sempre essa idéia que um dia vamos para Portugal, então eu já fui algumas vezes à Portugal, constantemente eu vou para Portugal. Angola eu não vou, isso é uma das coisas, Angola não vou. Primeiro isso é importante colocar, porque eu acho que realmente não houve a oportunidade, em primeiro lugar, porque a minha profissão não estava ligada às possibilidades de ligação aos projetos angolanos, houve a guerra e tudo mais, mas eu acho que eu tenho muito receio em ir para Angola e encontrar a Angola que não é da minha utopia, que não é a Angola dos meus sonhos nem a Angola da minha memória e realmente eu vou encontrar uma outra Angola."

J. deixou Angola em 1962, com 12 anos de idade. Sua família sofreu forte perseguição das autoridades portuguesas em função da atuação política do seu pai, um dos membros fundadores da FUA (Frente de Unidade Angolana). No caso de J., as memórias de Angola avivam-se através da trajetória do avô, mas, sobretudo da trajetória turbulenta do pai. A narrativa gira, portanto, não em torno das suas próprias memórias, mas, por assim dizer, à volta de uma memória herdada. Poderíamos aqui abrir a seguinte citação de Pollak:

> Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo. Aqui estou me referindo ao exemplo de certos europeus com origens nas colônias. A memória da África, [...], pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento. Outro exemplo seria o da segunda geração dos *pieds noirs* na França, que na verdade nem chegaram a nascer na Argélia, mas entre os quais a lembrança argelina foi mantida de tal maneira que o lugar se tornou formador da memória.
>
> [...] Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no

> seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.[244]

A afirmação de uma identidade angolana em J., mesmo tendo deixado Angola muito jovem, e em contrapartida, a apatia dos irmãos em relação a Angola, deixa entrever a forte ligação com o pai a exercer uma grande influência sobre a formação da identidade, através da memória herdada, como afirma Pollak.

A este respeito, podemos destacar o seguinte fragmento da entrevista de J.:

"A questão da identidade comigo eu tenho até hoje eu tenho muitos brasileiros amigos que se irritam e brigam comigo: "você é brasileiro você tem mais tempo de vida de Brasil do que fora, você morou 12 anos lá na tua terra e agora aqui no Brasil você está a mais de 40 anos!" Mas, para mim não é! Eu digo que sou um cidadão do mundo, eu me considero um cidadão do mundo; até talvez por essa coisa de eu ter andado mundo afora trabalhando, talvez tenha a haver com isso não sei, nunca parei para pensar, pode ser que tenha um fundo disso. Aqui eu me sinto bem aqui no Brasil, vivo bem aqui, mas não é a minha terra, não vejo isso aqui como sendo a minha terra.

[Quando pensa na sua terra qual é a primeira...]

É Angola

[...] E quando eu vou lá em Angola eu me sinto em casa, quer dizer quando eu estou lá eu me sinto em casa, eu me sinto bem lá.

Não tem jeito, essas diferenças todas... E os meus irmãos apagaram...Pura e simplesmente eles apagaram da memória essa parte de Angola. Fala-se, fala-se em Angola em família, mas nada muito...não têm ligações nenhumas perderam essa identidade. Eles não fazem a menor questão de saber de falar de ou de ir lá, nenhuma...

Para mim não, sempre foi o contrário eu sempre falei muito com o meu pai sobre Angola, saber as coisas e os meus irmãos nunca tiveram curiosidade por isso. A minha família, o meu pai nasceu na Ilha da Madeira por acaso, mas a minha mãe nasceu em Angola também.

Minha mãe era angolana nascida em Benguela

Tinha uma tia que era muito ligada à minha mãe, enquanto ela estava lá a minha mãe tinha interesse em ir..."

É curioso que haja na entrevista de J. um certo grau de imprecisão no depoimento em relação a datas e eventos históricos. Fator este também apontado por Pollak como relacionado aos vestígios da memória datada.[245]

[244] POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 202-204.
[245] idem.

Antes de dar continuidade aos relatos, vale contextualizar o plano político-ideológico em que se deu o conflito intelectual entre Camus e Sartre, na medida em que reflete as idéias correntes acerca do contexto da Guerra Fria e do uso da violência no processo de descolonização. A problematização da descolonização da Argélia leva a que reflexões feitas por ambos intelectuais, refinem o entendimento das nuances deste grupo de entrevistados.

O conflito Camus versus Sartre, resume o panorama intelectual e político do pós-guerra. Sartre engajou-se ferinamente ao Partido Comunista Francês (PCF) e à luta revolucionária. Camus, diante dos desastres do stalinismo tomaria uma posição mais crítica às idéias do partido. Aos poucos, sem deixar de ter uma posição de esquerda, contudo, expressa suas dúvidas em relação às revoluções e à visão historicista de Sartre. Defende uma esquerda que se volte não para a apologia da violência como Sartre, mas apaziguadora dos ânimos, em que a violência seja sempre o último recurso, a última ação. Privilegia o diálogo. Privilegia uma esquerda mais crítica, menos extremista e mais ciosa de sua influência sobre as massas. Essas idéias se expressam claramente na obra *O Homem Revoltado*, severamente criticada por Sartre.

É preciso lembrar que havia uma forte amizade entre os dois intelectuais que descamba numa espiral de mútuas ofensas. Para além das divergências políticas e intelectuais, houve o rompimento do respeito que sentiam um pelo outro, culminando no desentendimento permanente. Desta forma, o plano intersubjetivo da amizade também poderá ter contribuído para o acirramento das posições que um e outro tomaram. O intenso contato da vida social em comum desfaz-se e não se sabe até que ponto este fator interferiu no recrudescimento no plano das idéias e vice-versa. Mas é possível ilustrar as posições tomadas por cada um, e que refletem de certo modo a disputa ideológica do pós-guerra:

> Mais do que todos os outros *insights* do livro [*O Homem Revoltado*], permanece relevante hoje o censo de Camus de reciprocidade e contenção, e sua interpretação da violência. 'Toda liberdade humana, em sua essência... é relativa'. A liberdade de cada pessoa limita a dos outros e, *a fortiori*, limita a liberdade dos governantes. Contra a tendência da filosofia revolucionária de agir como se pudéssemos saber e ordenar tudo, uma filosofia da revolta 'seria uma filosofia sem limites, de ignorância calculada e de risco'. Esse pensamento não

> impõe uma não-violência absoluta, mas certamente implica 'a renúncia à violência por princípio' – a violência abordada abstratamente e justificada pela filosofia. Camus insiste que a violência é sempre injustificável. Para evitar se corromper por ela, Camus rejeita todos os esforços de justificar teoricamente o uso da força na imposição da vontade de alguém sobre os outros. É por isso que Camus considera tão importante a liberdade de expressão. Impor o silêncio isola as pessoas umas das outras e lhes destrói a solidariedade [...].
> Na mesma época em que Camus estava completando *O Homem Revoltado*, Sartre estava completando sua transformação num revolucionário. Tomando como seu mentor o pró-comunista Merleau-Ponty, como Camus fizera com o anticomunista Koestler, Sartre foi um passo além e abraçou a violência como caminho necessário à superação da opressão humana [...].
> Sartre condenava a violência dos governantes e aprovava por antecipação a violência dos oprimidos. Ele sequer admitia que a violência do oprimido fosse lamentável ainda que inevitável, aceitável dentro de certos limites, mas não quando os excedesse.[...] Exatamente nesse ponto, a direção de Sartre é mais nitidamente oposta a de Camus. Enquanto Camus havia devotado todas as energias a escrever contra a violência, Sartre vinha gradualmente a abraçando, especialmente a violência revolucionária. [246]

Vale lembrar o prefácio de Sartre à obra *Os Condenados da Terra* de Fanon. Claramente está lá caracterizado o posicionamento descrito acima.

O conflito da Argélia encerra bem o antagonismo de Camus e Sartre. Camus à espera de uma "reconciliação entre iguais sob a bandeira francesa".[247] Sartre percebeu entretanto, que "a violência colonial francesa só poderia ser encerrada pela violência da FLN"[248] (Frente de Libertação Nacional). A guerra deflagrada estava perdida no plano político apesar da superioridade militar francesa.

Há um ponto importante a ser esclarecido acerca do posicionamento de Camus e que, segundo Aronson, justamente o coloca numa posição de fragilidade perante a defesa que fazia da superioridade da liberdade e da verdade. O silêncio acerca da violência da opressão do colonizador sobre o colonizado o coloca no mesmo plano do silêncio de Sartre sobre os abusos do regime comunista. Segundo Aronson é Memmi quem melhor explica o silêncio de Camus. O termo criado por Memmi: "o colonizador de boa vontade" viria a traduzir a condição do argelino *pied-noir* que Camus era:

---

[246] ARONSON, Ronald. **Camus & Sartre**: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p. 212-221.
[247] ibidem, p. 342.
[248] idem.

> Colega norte-africano de Camus, Albert Memmi, cujo primeiro romance, *The Pillar of Salt* (*Le Statue du sel*), foi agraciado por Camus com um prefácio, desenvolveu um termo para explicar esse tipo de silêncio, o "colonizador de boa vontade". Memmi havia ficado ao lado de Camus quando do confronto com Sartre, mas agora, em abril de 1957, o *Les Temps Modernes* publicou os dois primeiros capítulos de seu futuro livro, *Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. De acordo com Memmi, o colono de esquerda compreendia a condição dos colonizados, mas não podia apoiar genuinamente a luta deles sem atacar sua própria existência, bem como a de sua comunidade. "Existem creio eu, situações históricas impossíveis, e esta é uma delas". Incapaz de imaginar o fim de seu próprio povo, de se identificar completamente com o colonizado, o colonizador de boa vontade viria a se sentir politicamente impotente, lentamente percebendo que "a única coisa a fazer, para ele, é permanecer calado".[249]

Acerca do colonizador de boa vontade Memmi publica um artigo. Camus rompe o silêncio, em Estocolmo, na altura em que recebia o Prêmio Nobel e faz uma declaração que, conforme relata Aronson, "choca seu público":

> Eu sempre condenei o terror. Devo também condenar um terrorismo que se exerce cegamente, nas ruas de Argel por exemplo, e que um dia pode atingir minha mãe ou minha família. Eu creio na justiça, mas defenderei minha mãe antes da justiça. [250]

Camus defende-se dos ataques à sua opção, à verdade em sua declaração, atacando não os argelinos em luta, mas franceses que ousavam fazer comentários sem conhecer a situação por dentro.

Para Aronson, Memmi pontua o erro de Camus: acreditar que seria possível uma mudança de mentalidade dos *pied-noirs* em relação ao seu papel dentro de uma sociedade que passaria a ser comandada por árabes.

> Foi Memmi quem explicou onde Camus errou. Antes de se calar, Camus declarara que o colonialismo havia terminado, enquanto insistia para que suas relações políticas essenciais fossem mantidas. Ele falou em igualdade entre franceses e árabes privilegiando os primeiros e ignorando a principal demanda dos segundos, recusando-se até mesmo a mencionar seus representantes. Ele falou em reconhecimento da dignidade dos argelinos enquanto imaginava a permanência do domínio francês. Esta desonestidade, ou desilusão, se baseava numa realidade subjacente – a posição vulnerável da Argélia francesa. Uma vez que o governo francês, sob De Gaulle, fizera o suficiente, os *pieds-noirs* da Argélia ficaram num beco sem saída. A OAS[251], aquele movimento ensandecido de assassinos fascistas, expressou perfeitamente esta dialética desastrosa. Não

[249] ibidem, p. 344-345.
[250] ibidem, p. 346.
[251] *Organization Armée Sécrete*

> querendo perder sua identidade de força dominante, alimentados pela violência, os adeptos da *Algérie française* escolheram uma explosão genocida, e então o suicídio político e social, ao invés de se transformarem numa minoria não hegemônica.
> Havia uma ligação interna entre o silêncio final deste grande e generoso espírito e o *Götterdämmerung*, o crepúsculo dos deuses, da OAS, decadente após a morte de Camus. Provavelmente ninguém e nada poderia ter convencido um milhão de colonos a abandonar seus privilégios, especialmente aqueles decorrentes de sua pele branca, e a embarcar num caminho de reformas que os levariam a se transformar numa minoria dentro de uma sociedade dominada por árabes.[252]

A esperança (ingenuamente?) depositada por Camus na possibilidade do diálogo entre colonizado e colonizador, não era compartilhada (no caso de Angola), pelos angolanos brancos de esquerda, nacionalistas e independentistas.

No artigo intitulado *Ideologia Nacional dos Brancos Angolanos (1900-1975)*, Fernando Pimenta faz uma análise da participação política em Angola destes movimentos nacionalistas brancos. Ao longo do texto é apresentada a trajetória destes movimentos consoante às diversas fases da política colonialista portuguesa, bem como seus reflexos econômicos, sendo estes movimentos apresentados inicialmente como expressão dos interesses dos colonos brancos sob o comando destas duas variáveis; para depois ganharem um cariz mais político e ideológico, participando na "formação de uma identidade nacional angolana". O autor faz a seguinte observação final:

> [...] a participação dos intelectuais brancos na construção de uma cultura nacional e na elaboração de uma idéia de angolanidade construíram elementos essenciais na evolução do nacionalismo angolano no seu todo. Os brancos progressistas e alguns liberais levaram o protesto nacionalista até às suas últimas conseqüências, assumindo integralmente a sua angolanidade e sofrendo por isso a repressão do regime colonial português. A sua luta ia no sentido da emancipação completa da população angolana, aproximando-se assim dos objectivos dos movimentos armados de libertação de Angola. O fim das estruturas de exploração colonial e a independência de Angola eram metas comuns a todos os progressistas angolanos, facto que permitiu a entrada – ainda que tardia – de alguns brancos no MPLA. Em todo o caso, a análise evidencia que os brancos angolanos não foram simples instrumentos ou agentes de exploração colonial portuguesa, mas, pelo contrário, souberam transcender os limites do colonialismo e chegaram mesmo a lutar pela sua eliminação. Estas conclusões desafiam-nos a adoptar uma perspectiva menos simplista e maniqueísta em relação ao lugar ocupado pelos colonos brancos na África, às suas ligações com os regimes coloniais e aos seus papéis nos movimentos nacionalistas.

[252] ARONSON (Op. cit., p. 359-360)

> Por fim, e talvez mais importante, **desafia-nos a estudar a identidade desses colonos enquanto africanos brancos e não como mero expatriados europeus**.[253]

Este último ponto insere-se cabalmente no contexto da pesquisa.

Pode-se então, deste ponto, retomar esta narrativa com depoimento de E., angolano branco, que pertence à geração a seguir a de F. e F.C., e que já tem outra forma de estar, outra mentalidade, não só pelo fato de vivenciar enquanto jovem, um momento atravessado pelos ideais de abertura no mundo, simbolizado nas manifestações estudantis que reivindicavam aos governos mais abertura política, direitos civis, e garantia das expressões e liberdades individuais em todo o mundo - marcado pelo maio de 68 na França - como também enquanto angolano descendente de portugueses fixados na terra há mais de três gerações. Portanto, os acontecimentos vivenciados por E., já são interpretados de um outro modo. Apesar de Angola estar sob o peso do Salazarismo à mesma, há na juventude de E. uma ânsia de ajudar a construir um novo país em Angola. Mas, de fato, tem dificuldade em sustentar sua posição ante a violência do momento. O sentido de autopreservação ou preservação da família transpôs o idealismo. O sofrimento provocado por este duelo interno, e exteriorizado no reconhecimento do desencanto com a situação vivida reflete-se na idéia difícil do retorno. Reavivar a memória é para E., mais do que contar a trajetória de uma vitória sobre as adversidades no Brasil é despertar a angústia dos projetos interrompidos. Mais ou menos como a idéia de um livro que teve seu prefácio escrito e foi depois abandonado.[254]

E.[255] nasceu em Luanda. Segundo relata, seus antepassados estavam no Brasil, em Pernambuco, e fugiram com os movimentos antiportugueses que surgiram no Brasil com a independência.[256] Nestas circunstâncias, imigrantes

[253] PIMENTA, op. cit., 2004, p. 26-27 – [grifo nosso].

[254] Friedrich Nietzsche escreveu cinco prefácios para livros que nunca foram escritos. Como coloca Pedro Süssekind, são livros no futuro do pretérito (NIETZSCHE, Friedrich. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 7).

[255] Entrevista concedida por E.. Verificar anexos.

[256] Amado Cervo, relata a seguinte passagem sobre a revolta contra os portugueses no Brasil por ocasião da independência: ”Além das condições de vida inerentes à fase de transição do trabalho escravo para o assalariado nas lavouras ou de abertura de colônias agrícolas, nativismo e nacionalismo influíam na configuração do ambiente de chegada dos imigrantes portugueses. A guerra de independência provocou ressentimentos que duraram décadas. Eles eram repostos em qualquer situação de conflito de interesses. Ademais, os portugueses eram fiéis a suas origens, dominavam o comércio de início, portanto tinham ascendência sobre a economia, alguns abusavam dessas funções. Essas causas minúsculas provocavam manisfestações antiportuguesas que, pela dimensão relativa do fenômeno, não têm a

portugueses que estavam no Brasil fugiram e foram ter à costa sul de Angola, fundando Moçâmedes (Namibe) e Porto Alexandre (Tombua). Portanto, desde 1830 - data atribuída pelo depoente - a família de sua mãe estava presente em Angola. Seu pai também era angolano, mas de primeira geração, ou seja, angolano filho de portugueses.

Este apelo a uma identidade angolana, de angolano branco, abre a entrevista. E. chama também atenção para o fato de ter tido contato com uma cultura mais abrasileirada no sul de Angola, justamente pela origem dos antepassados. Posteriormente, irá relatar a proximidade com a cultura brasileira através da música e da literatura.

"O Cruzeiro, a Manchete, Jorge Amado, Érico Veríssimo. Era tudo que eu li em adolescente era brasileiro, quase tudo, música, meu pai cantava para

importância que a historiografia tradicional, sob influência daquele sentimentalismo quis lhe atribuir. Os tumultos que repercurtiram com maior gravidade no Brasil e em Portugal foram os de 1848 em Pernambuco e de 1873-1874 no Pará. Os distúrbios de 26 e 27 de julho em Pernanbuco ocorreram quando era pública uma memória escrita por Simão José da Luz Soriano, que fazia a apologia da emigração dos portugueses do Brasil para Angola. Pareciam provocados para estimular a partida, que efetivamente ocorreu, de algumas levas" (CERVO, op. cit., p. 164).

Ainda se pode citar sobre o assunto o livro do relato da travassia à vela do Rio de Janeiro ao Mussulo, de Francisco G. de Amorim, que comenta sobre o Namibe:"A cidade do Namibe, assim chamada depois da independência de Angola, chamou-se primeiro à sua bela baía, com cerca de 5 milhas entre os cantos interiores Sul e Norte, *Angra do Negro*, e, em 1785, por ordem do então governador de Angola, barão de Mossâmedes, para ali foi enviada uma expedição com vistas a se estabelecer uma feitoria. O chefe da expedição, tenente-coronel Pinheiro Furtado, em homenagem ao governador, chamou-lhe então baía de Mossâmedes, segundo a grafia da época, para depois se alterar para Moçâmedes. São grandes e vêm de longe as ligações desta baía e desta cidade com o Brasil. [...] Em 1848, o governo central, *em face das lamentáveis perseguições sofridas por colonos portugueses, em Pernambuco, Brasil, resolveu aproveitar a oportunidade para ativar a colonização de Moçâmedes*. Por decreto de 19 de Abril de 1849 foi criado o governo de Moçâmedes. *Os primeiros colonos, 170 indivíduos de ambos os sexos e todas as idades, acompanhados de três máquinas de engenho de açúcar, com ferramentas e mais pertences, prontas a serem montadas, chegaram no brigue 'Douro' e na barca 'Tentativa Feliz', nos dias 1º e 3 de agosto de 1849, respectivamente, sendo devidamente alojados e bem recebidos pelos moradores. Passados os primeiros otimismos, surgiram as mais graves dificuldades, filhas da pobreza dos colonos e da natureza virgem da terra. Para acudir a estas dificuldades fizeram-se subscrições em Luanda e Benguela. Na fase mais aguda destas dificuldades chegou à baía, ida de Pernambuco, nova leva de colonos, no mesmo brigue 'Douro' e na barca 'Bracarense', num total de 144 portugueses, dos quais 37 seguiram para Luanda*. Sempre constou em Moçâmedes, e consta agora no Nabime, que os portugueses que ali chegaram, idos do Brasil em 1849, seriam pescadores e teriam fugido do Brasil. Ao chegarem a tão inóspito lugar terão vivido os primeiros tempos em miseráveis buracos, furnas, feitos nas encostas de areia mesmo, em cima da praia. Pelo que a história indica – era bom que algum nabimense nos corrigisse ou confirmasse -, esses colonos nem eram pescadores, visto terem levado os seus engenhos de açúcar, nem terão sido obrigados a viver em miseráveis buracos, onde mal cabe uma pessoa [...]" (AMORIM, Francisco G. de. **Mussulo**: um abraço à vela: Brasil-Angola-Brasil, o realizar de um sonho / Francisco Gomes de Amorim e o Diário de Bordo de José Guilherme Mendes Pereira Caldas. Rio de Janeiro: Velejar, 2007, p. 119-120).

mim, músicas da, como é que chamava...a cantora brasileira que era portuguesa, Carmem Miranda, meu pai cantava para mim. Carmem Miranda e não cantava fado não. E porque, porque era uma família que veio lá do Sul e de imigrantes de Pernambuco."

O fato de pertencer a uma família de angolanos 'brancos' põe logo de início um entrave ao trabalho do pai, funcionário público, que não podia crescer de posição, pois as "as direções dos institutos tinham que ser de portugueses natos".[257] Cita sua condição social em Luanda como a de angolano 'branco' pobre, filho de funcionário público que residia em bairro construído por Salazar para funcionários públicos. Com a idade militar completa em 1966-1967 surge o primeiro grande embate pessoal: ir lutar pelo MPLA ou obrigado pelo medo de retaliações da PIDE, servir ao exército português:

"E eu estava nessa altura como músico e como estudante eu fazia a duas coisas, eu estudava e era músico. E chegou a um ponto em que eu queria sair para fazer shows e tal e a PIDE não deixava ir por causa da idade militar. Eu estava adiado devido ao interesse que Portugal tinha no meu grupo, no nosso grupo. E eu estava com dois anos de adiamento até que chegou a um ponto que eu disse: não, eu tenho que resolver. E eu fui para a tropa, acabei indo para a tropa...obrigado. Ou fugia...Só que do lado de lá, eu fui para a tropa por Portugal. Eu meti-me no avião e fui para Angola e apresentei-me. A outra opção era fugir e apresentar-me para o MPLA, que era o movimento de libertação mais importante, que era da minha cidade, um movimento multirracial, os outros movimentos eram tribais, o sul e o norte, a Unita e a FNLA, antiga UPA eram movimentos de libertação, mas eram que racistas, tribais. A Unita também...O MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, fundado por Agostinho Neto, congregava as forças políticas, as forças intelectuais de Angola que, e nasceu no meu bairro. O MPLA nasceu no meu bairro! Eu conhecia toda a gente. Ainda hoje eu conheço quem está no poder lá. Bom, apresentei-me para a tropa, porque eu tinha um filho já, era casado, tinha um filho, e tinha os pais e tinha primos, e tinhas tios e tinha irmãos e tinha um monte de gente que eu não podia arriscar, com uma fuga, lembre-se que estava Salazar lá, Oliveira Salazar. Alguém que fosse marcado, a família ficava toda marcada, a família ficava marcada, pelo menos vigiada."

O conflito de ter que lutar contra caras conhecidas, amigos, fica marcado:

[257] PIMENTA faz menção à diferença entre o português e o angolano 'branco': "De facto, o regime colonial português construiu uma hierarquia racial baseada no cruzamento de dois conceitos distintos – raça e naturalidade. Assim, os brancos naturais de Angola foram oficialmente classificados de euro-africanos, a fim de os distinguir dos metropolitanos ou reinóis. Os euro-africanos eram considerados inferiores aos metropolitanos, daí a expressão muito difundida de 'brancos de segunda'". (PIMENTA, op. cit., 2004, p. 10)

"Então, eu pertencia a um ambiente, absolutamente familiar e absolutamente simpático ao MPLA. Então fiz uma guerra de quatro anos na artilharia. Passei pedaços maus e pedaços bons, uma guerra de guerrilha, né? Quando do lado de lá estavam os meus amigos. Terrível, né? Terrível...Quando terminou isso já era 71, eu já não tinha vontade e nem chances de voltar a ser músico e tal."

Para além da terrível perspectiva de entrar em combate com amigos do outro lado, a obrigação militar que descontinua uma carreira musical. Este rompimento forçado pela brutalidade da guerra colonial o impulsiona na busca de uma nova carreira profissional. Assim, concluiu em Luanda a formação como técnico de informática e ingressou no Bando de Angola, banco emissor; na altura (1971), sob o controle português. Sobre seus momentos na tropa – pouco antes de começar carreira no banco - faz a importante observação:

"[...] mandaram-me na tropa, na guerra, e na fase final, no último ano eu deixei de fazer operações, passei a ser o assessor do segundo comandante, e aí...Aí aconteceram coisas engraçadas, a artilharia tinha oficiais portugueses, sargentos e coronéis angolanos, assimilados portugueses, e a tropa básica que mexia nas bombas eram angolanos, todos do MPLA todos sem exceção estavam ali obrigados a estar, aliás, todos nós, obrigados a estar, então você convivia com uma tropa, colonialista, mas também colonizada [...]."

O que se percebe na entrevista de E. é que há uma forte ligação com as gentes e com terra. De fato as memórias sinestésicas que são uma manifestação da condição do exílio e que estão presentes no depoimento, por exemplo, através da comparação do cheiro familiar da terra do Recife com a do sul de Angola: "Luanda tá no paralelo de Recife, a terra de Luanda, o cheiro da terra, o barro, você entra no Recife, você sente tal e qual o cheiro".

Esse elemento soma-se a outro item importante: a tomada clara de posição a favor da independência que traria, dentro de um movimento multirracial, a possibilidade de contribuir com este novo momento da vida do país. Mas, as pressões internas de uma guerra civil e com ela a degradação quase que total da vida material e da ordem; ante a impossibilidade de absorção social, levantaram-se barreiras intransponíveis, mesmo para aqueles inicialmente mais otimistas em relação ao futuro.

Sobre o agravamento da situação com a luta entre os movimentos que atingia Luanda pouco antes da independência, a descrição que E. faz da situação é a seguinte:

"[...] e aí começou o 25 de Abril em Portugal, tava eu no Banco de Angola, a descolonização, a guerra civil, a vinda dos movimentos de libertação para a capital, a independência. A independência foi uma coisa incrível! Tava Luanda com o MPLA e o resto de Angola todo ocupado, o Sul pela África de Sul e o Norte pela FNLA e o Congo, por Mobutu, o presidente do Congo – Zaire, Zaire né? Estava tudo ocupado, todo o norte de Angola até Luanda, até o rio Bengo, que é o rio que abastece Luanda de água, e ao sul vinha a África do Sul com a UNITA, até o rio Cuanza, que é um dos maiores rios do mundo, o maior caudal, ao sul, 70 quilômetros de Luanda e aqui são sete quilômetros. Foram três independências. No Norte pela FNLA, Em Luanda pelo MPLA, em Nova Lisboa, é Huambo hoje, se une com a África do Sul, África do Sul ainda racista daquela época. Então, nessa época eu estava em Luanda, eu e a minha família. Meus pais estavam no sul em Moçâmedes, ficaram do lado da UNITA, e o resto da minha família estava todo em Luanda, a minha irmã estava de férias em Lisboa com o marido e já não voltou. Não conseguiu voltar mais, o marido era português, ficou com medo e tal, e eu fiquei. Eu era o diretor de informática já, do banco emissor. Houve uma ponte aérea; saída dos portugueses, e de quem quis sair, entraram no avião e saíam, isto em Luanda, nas capitais né. Quem estava mais no mato sofreu mais, não é? Nesses locais ainda havia muito resto de guerra, não digo vingança, mas havia problemas graves no interior, mas na capital nada. O Brasil foi o primeiro pais a reconhecer aquela independência de Luanda, foi um risco danado, porque aparentemente Luanda ia perder... As tropas todas... Angola estava ocupada só tinha Luanda. Mas ai veio quem... Aí veio Fidel. Aí veio Cuba clandestinamente, desembarcou armamentos...Por parte aérea o MPLA tinha o que a força aérea portuguesa tinha deixado lá estava nas mãos do MPLA... As bases aéreas do interior não funcionavam, não tinha pilotos não tinha nada...O que funcionava estava em Luanda. Então, com a força aérea...Nessa altura, tínhamos bombas em Luanda, nós tínhamos que estar no chão...Era terrível, terrível, uma guerra muito pior que a colonial, porque você não sabia de onde que vinham as bombas...Na colonial a gente sabia que a guerra estava ali, ou tava lá e cuidado...Agora na cidade era terrível...Então, passou-se esses momentos terríveis. Aí veio as tropas cubanas, desembarcaram ao sul e ao norte de Luanda expulsaram... em dez dias. Em dez dias recuperaram Angola e o MPLA [...] tudo. Dez dias. Aí começou a paz, entre aspas. Vamos reconstruir a coisa que eu tava lá para reconstruir o país, para ajudar. Embora eu não fosse político, os meus amigos todos estavam lá no poder...eu não queria, eu era um técnico. E eu tinha uma coisa contra...eu era branco.

[...] Você imagina 40 anos guerreando ouvindo nos ouvidos para expulsar os brancos...Era a política errada, né? E, de repente, eles estão com o poder, saem da mata com o poder muitos analfabetos, e tem que ter um prêmio tem que ter alguma coisa, um emprego, um poder alguma coisa, e é isso...depois teve os oportunistas e tal, embora a política do governo fosse multirracial sempre, inclusive fuzilavam, lá em Luanda houve fuzilamentos por

motivos raciais, tanto de um lado como do outro. O governo era, aliás, nós tínhamos três ministros brancos, o primeiro governo de Angola tinha três ministros brancos angolanos, além de mulatos tinha um monte de mulatos. O Agostinho Neto era casado com uma portuguesa. As filhas dele todas mulatas, então não havia o porquê duvidar de uma coisa dessas. Aliás, ele estudou em Coimbra, teve preso em Caxias lá no cadafalso [...] Enfim, ele tinha uma história não havia dúvidas, só que os discursos dele antes da Independência e que muita gente se aterrorizou e foi embora estupidamente né, depois voltaram hoje estão lá todos de novo, tem muita gente que voltou e está lá. Então, o pós-independência foi muito difícil os portugueses e os angolanos brancos e mulatos que saíram com medo da independência, da guerra e tal, erradamente que saíram porque havia uma ponte aérea, era grátis, recebiam cinco mil escudos, o governo português dava e chegavam a Portugal tinha o IARN que era o movimento para absorver os retornados como se dizia lá, os retornados iam para hotéis e tal, então isso proporcionou uma fuga em massa e as pessoas levavam mobílias, carros, era tudo encaixotado, montes de navios estrangeiros tudo carregado, quer dizer, terra arrasada...[...].”

E. estava em Luanda no dia da independência de Angola. Recorda-se que o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola.

O discurso de se construir em Angola uma sociedade multirracial não é questionado. Mas, as circunstâncias *a posteriori* com perseguições no trabalho somadas à alta degradação da cidade de Luanda, levaram a uma situação de conflito interno, de dúvida, adiando a difícil tomada de decisão de deixar Angola:

“Após a independência Luanda ficou pacificada. Não havia nada para comer, nada para beber, não havia, não havia água, semanas sem água, semanas sem luz e eu trabalhando lá no banco, conseguindo recuperar atrasos e por motivos políticos, por motivos simplesmente políticos, eu não vou explicar porque é muito complicado...Eu desencantei, simplesmente fiquei desencantado com o que se estava fazendo e desacreditei.”

A vinda para o Brasil mostrou-se como possibilidade em função do contato com a cultura, já que não tinha parentes no Brasil; apenas havia a indicação de uma pessoa amiga que o poderia acolher nos primeiros tempos no Rio de Janeiro. E. usou compra de passagens para guardar algum dinheiro que havia conseguido em Angola (dado que saiu de Angola com um salvo-conduto, nada poderia ser levado), e que depois foram utilizadas para a viagem ao Brasil, em busca de uma nova oportunidade. As grandes dificuldades encontradas nos primeiros momentos pós-revolução em Portugal, tanto para arranjar emprego, quanto à própria situação econômica instável proporcionada

pela descolonização e pela instabilidade política e de governo, motivaram a partida. E. aponta as semelhanças entre Angola e Brasil:

"A gente sai de Angola e vem para o Brasil e não nota nenhuma diferença, nada. Nem de clima, nem de gente, aqui tem os mesmos problemas sociais, os mesmos problemas raciais, é igualzinho. Agora de Angola para Portugal é uma diferença astronômica. A maneira de viver, a mentalidade, a visão do mundo, Portugal é um país pequenino que se expandiu para o mundo todo, mas não deixou de ser pequenino. E frio. Embora seja o mais quente país da Europa, ainda é frio."

Apesar das dificuldades iniciais, a adaptação foi completa. E. ainda hoje se emociona com a ajuda prestada por desconhecidos no Brasil, com o encontro com amigos que também fizeram o mesmo trajeto que ele, entre Angola, Portugal e Brasil; e que lhe deram abrigo e apoio. Conseguiu dar continuidade à carreira de informático com sucesso no Brasil, fixando residência em São Paulo. A adaptação familiar foi bem sucedida para ele, a esposa e o filho (que deixou Angola com 10 anos e tem planos de regresso). Hoje tem três netos brasileiros. Entretanto, não tem desejo de retornar a Angola, devido às circunstâncias atribuladas de sua saída. A visão de um "angolano nato" que se distingue de um "português de Angola" (imigrante), diz no fim de sua declaração muito acerca da sua identificação com Angola, tanto pelo aspecto social, do grupo de afinidade e convivência, quanto pelo aspecto afetivo:

"Agora essa é uma visão de um angolano nato, a visão de um português de Angola é um pouco diferente devido às lutas internas lá... Na escola era assim, depois de começada a guerra em 61, na escola tinha os jogos de futebol nos sábados. Dizia assim: de um lado cabelo que voa, do outro lado cabelo que não voa, (risada) advinha de que lado que eu jogava? Do que não voa.[...] embora voasse, porque do outro lado eu não conhecia ninguém, eram os filhos dos capitães, dos generais...Agora, quem era natural da terra ficava do lado de lá, mas não era que fôssemos inimigos, não éramos inimigos, era outra maneira de estar, outra cultura. Você conhece bem Portugal? [...] A maneira de estar em Portugal é totalmente diferente da maneira de estar aqui.[...] Não há duvida, e a maneira de estar aqui era a nossa maneira, em Angola, igualzinho...Então há uma diferença grande entre o português de Angola e o angolano português, uma diferença entre aquele que estava lá pouco tempo e aquele que estava lá para sempre [...] Nem depois da guerra, nem depois da Independência jamais me passou pela cabeça sair, as pessoas iam saindo pela ponte aérea e eu quase que segurava elas, porque estava vendo que ia se

tornar impossível ficar lá, a classe média saiu toda, então ficou impossível, mas mesmo assim eu não ia sair, não ia sair, eu sai por motivos pessoais graves, deixei de acreditar simplesmente, por isso desencantei [...]"

G. nascido em 1949 em Luanda, contemporâneo de E. e assim como ele, angolano com ascendência portuguesa por parte de pai e de mãe angolana, permaneceu em Angola após a independência, até 1978, quando chegou ao Brasil - São Paulo, por sugestão de seu pai, que veio primeiro. Neto do cônego Manuel das Neves, figura histórica de Angola, esteve no serviço militar português obrigatório e depois lutou pela Frente Armada para a Libertação de Angola (FAPLA). Com dezenove anos entrou para a vida militar. Militante do MPLA, imbuído do espírito de liberdade e justiça, doutrinado na formação da ideologia comunista, lutou no *front* da guerra civil e sentiu, assim com E., ou talvez mais, pelo total engajamento e mais ativa militância e participação na luta armada pós-independência, a decepção dos bastidores das cisões partidárias, das situações sobre as quais não se tem controle e que acabam por deteriorar as expectativas. Para salvalguardar os filhos mandou-os para Portugal junto dos avós. O trauma da separação foi sentido e somente três anos depois veio o reencontro. A difícil escolha de ter de sair. O burocrático drama do salvo conduto para poder deixar para trás um ideal, um sonho. Do alto da torre da Sé de Luanda, ao pé dos sinos, G., rapaz, assistia às corridas de carros. Em terra firme fazia a propaganda para o Departamento de Informação e Propaganda (DIP) do MPLA. Cartazes com os retratos de Agostinho dos Santos, Lênin, Marx, Engels, eram desenhados por G.. Sua esposa na altura também colaborava com as atividades do partido. A atração pelo MPLA e pela ideologia comunista e os ideais de libertação atraíram o jovem que se perguntava: se cada país é soberano por que Angola não é exceção?

"[...] em 73 estava no exército português, mas já com consciência [...] de que a colonização não era boa, havia uma consciência, né? Só que a ideologia do MPLA atraía os jovens todos, porque a história do Che Guevara, já era meia contada escondida, atraía os jovens, a ideologia comunista, né? Mas ainda não se participava, éramos muito jovens para participar ativamente. Depois, no meio do período que eu estou no exército português, aí eu sinto sim que há uma necessidade de colaborar, porque a França era dos franceses, a Inglaterra de ingleses, Portugal de portugueses, porque que Angola não é de angolanos?

Mas a gente sem aquele, sem saber que a nossa história para dar certo como os outros países, não era fácil... Aí eu sou atraído pela ideologia comunista e começo a militar, e no meio do percurso, eu sinto que a história é muito longa da guerra, né, e começa a atrapalhar a minha vida também..."

Ao definir seu sentimento nacionalista, como angolano, e justificar o engajamento à luta; além da difícil decisão de sair, G. coloca:

"[...] Ai eu fiquei. 74,75,76,77, em 78 eu disse vou-me embora, não dá mais, mas chegando a essa conclusão depois de muito... difícil decidir, a saída de Angola foi muito difícil eu só sai mesmo por causa da família, eu também tenho família, tenho que cuidar da família [...]

[Não podia sair] porque representava primeiro fuga de técnicos, representava uma série de coisas, a nossa situação não era tão fácil, e nós só saíamos de Angola com salvo-conduto, não havia emissão de passaporte de Angola, Angola não tinha passaporte, chamava-se salvo-conduto, você sai por um período X, tem que voltar, porque aquilo não é um documento que vale, não vale mais depois daquilo, é um papel, eu tenho aí, era um papel, e enfim, pronto essa decisão foi tomada, doeu muito porque na verdade eu não militei nessas coisas por vaidade não, era nacionalismo de verdade, só que as coisas começaram a acontecer de uma forma complicada até dentro do MPLA, uma divisão muito extremista, tinha um MPLA muito extremista."

Segundo G., este extremismo do MPLA seguiu pelo caminho do "angolanizar" e aí considerar possíveis os quadros brancos ou "africanizar" e excluí-los. A decisão de sair justifica-se no sentido de proteger-se e acreditar na possibilidade futura do retorno:

"[...] O MPLA chegou a ter um modelo: vamos angolonizar ou vamos africanizar? – isto chegou a – o angolanizar, Angola tem brancos, mas o africanizar era negros, ai começou-se a ter um problema muito sério dentro do MPLA.

[...] Com os brancos aí começou-se a ter problemas, você tinha que ter uma visão antecipada, até quem sabe não era bem isso, mas essa visão antecipada, antes que aconteça alguma coisa vamos tomar atitudes, quem sabe o nosso trabalho fora possa valer mais porque a gente fica vivo e talvez possa voltar um dia para a reconstrução [...]."

Logo quando Luanda é ocupada, há algo importante descrito por G., que seria a entrada de congoleses na capital. Houve um estranhamento com chegada de uma cultura diferente da local. Perguntado sobre o desaparecimento da Luanda da infância e da adolescência, G. remete à imagem do conflito e à correspondência com o momento atual:

"[...] Luanda foi muito castigada, Luanda foi invadida, esse é que é o problema que existe hoje, por isso o angolano que saiu não consegue mais se integrar, porque Luanda foi invadida por congoleses que diziam que eram filhos de angolanos e daí não eram, na verdade não eram, era uma invasão do próprio Mobutu Seseku através do Holden Roberto, que era o presidente da FNLA, o Holden Roberto não tinha militares, não tinha, era um movimento mais fraco, a UNITA sim, a UNITA tinha, captava os seus... Praticava tribalismo, então eles eram todos da região do sul né? Dos Bailundos, né? Agora a FNLA não, A FNLA com Mobuto Seseku era mais uma, era mais uma invasão do Congo para entrar em Luanda, e é o que tá lá hoje...[...] Uma super população e se tu vais ver a maioria não fala nenhum dos dialetos de Angola, não falam Kimbundu, só falam mesmo Kicongo lá, tu não entendes nada, eu tive esse problema, eu ouvia os caras falarem, eles só falavam mesmo zairense né, o zairense... É, foi invadido né? Acabou, vai fazer o quê? Eu cheguei a ver o que se passava no Congo, começou a acontecer lá na cidade de Luanda, o tipo de mercado, o cara costurar na rua, isso era no Congo, em Luanda não, não se fazia isso não, a costureira costurava dentro da casa, a negra, ela costurava dentro da casa, não, fora na rua, isso, já não era a nossa cultura, não era, não era! E eram eles mesmos, eram os congoleses, não tinha nada de filho de angolano, mentira, e essa Luanda, ficou uma Luanda estranha, estranha [...]."

Sobre a descolonização e a possibilidade de permanência dos luso-descendentes G. observa que inicialmente se acreditava que haveria a possibilidade de continuidade da permanência desses grupos, que eram de fato, privilegiados. Só que a guerra, a disputa interna pelo poder pôs fim a essa possibilidade. A ameaça contra a segurança foi sentida de forma dura. E ainda que houvesse o reconhecimento da necessidade de manter os quadros técnicos, mote de propaganda da militância do MPLA da qual o depoente participa, e que é a favor da permanência dos quadros 'brancos' (mesmo tendo que depois dificultar a sua saída), a guerra e a confusão em torno do poder tornaram a situação insustentável:

"[...] tinha muitos caras brancos que queriam ir embora, a gente esclarecia: é pá fica, o MPLA tem gente boa, vai governar, não vai fazer mal; para não deixar sair as pessoas, a gente tentava manter as pessoas no país... Senão o país ia a falência, o país ia acabar, os técnicos começavam a fugir todos, o país ia morrer, então a gente estava a fazer esse papel, informando que o negro não tinha nada contra os brancos, tinha sim contra o regime que os brancos usavam, era um regime de colonização que isso ia parar, tentávamos fazer essa propaganda, eu fiz muito, eu tentei esclarecer muita gente, isso como eu te falei, no começo, aquela ideologia toda, ficava afoito com a política e a minha ex-mulher também, era da linha da frente [...]"

A vinda para o Brasil se deu antes com a passagem por Portugal onde G. trabalhou por dois anos no atelier de Troufa Real em Lisboa. Tendo estudado em Luanda, faz trabalhos na área de arquitetura no Brasil. Para G. o Brasil representa Angola e Portugal juntos, e observa:

"[...] eu acho que o Brasil é que é Angola e Portugal então eu estou bem aqui, o Brasil é tudo isso, eu estive em Salvador e é impressionante. Eu tive no Recife, eu vejo Luanda, uma Luanda direitinha não tem nada diferente, e Salvador, Salvador me faz-me lembrar Portugal e faz-me lembrar Angola, por causa da arquitetura colonial que é muito forte, muito forte, muito forte, e é isso..."

A adaptação no Brasil foi boa, onde reside com o filho mais novo. Aqui já tem uma neta brasileira da sua filha. A possibilidade de lutar pela vida no Brasil e a continuidade da permanência através de filhos e netos, cria raízes. Entretanto, a expectativa de que surja a possibilidade do retorno é grande. Desde 1978 G. não retornou mais a Angola.

Numa rápida passagem sobre o assunto, para concluir, G. descreve as circunstâncias da morte do seu avô, o cônego Manuel das Neves:

"O cônego Manuel das Neves foi acusado de terrorista, porque acusaram que ele tinha catanas, escondidas, atrás do altar, e numa dessas missas, que era uma missa do governo, e as patentes altas do exército português iam a missa, que era normal não é? E o governo português sempre tinha a igreja católica no âmago. [...] Era um parceiro direto [a igreja católica em relação a Salazar]. Pronto ele foi acusado disso e foi levado para Portugal, preso, condenado, morto e enterrado às três da manhã."

É curioso notar que "os papéis guardados" são uma constante nos depoimentos. Não sem um motivo que de fato ultrapassa o valor como documento histórico: trata-se de reter materialmente os vestígios da vitória sobre situações únicas, pessoais. Com o passar do tempo, a prova da existência de um obstáculo é um troféu que simboliza um momento de dor e superação.

Com este último depoimento de N.[258] fecha-se o presente capítulo. Nascido em Cabinda em 1957, o mais jovem dos entrevistados tinha 17 anos em 1974 quando saiu de Angola na ponte aérea do governo português com a

[258] Entrevista concedida por N. Verificar anexos.

família. Antes de vir para o Brasil seu destino foi o Canadá, onde residiu durante um ano.

É curioso que seja Antuérpia o local de sua preferência para repouso entre uma apresentação e outra quando está em *tournée* pela Europa. O mesmo local em que supostamente Ícaro mergulha no quadro de Breughel, a que se refere o ensaio de Lourenço.[259] O sonho do músico, a exemplo do sonho de Ícaro, ganha altitude diante da casa que supostamente seria um entreposto comercial em 1920, para cair talvez no rio Scheldt, diante do hotel em que fica hospedado. A casa que se tornou referência leva o nome Congo, menção ao local de nascimento do irmão e à proximidade geográfica do enclave de Cabinda. Um retorno, mesmo que desacreditado, ao passado, ao seu passado e aos lugares das andanças da família. N. diz o seguinte:

"também acontecem umas coisas que a gente vai... Quando eu toco na Europa o lugar que eu mais quero ficar é na Antuérpia, sempre, porque o empresário é sempre belga, de Bruxelas, e a estrutura, a van, o coiso, ficam em Antuérpia, então entre uma tounée e outra você fica em Antuérpia. Para começar você ia para Paris, depois o cara te pega, te leva para Antuérpia, você vai para Bruxelas, Antuérpia, fica ali e eu sempre gostei dali, não sei, tanta coisa legal na Europa, mas eu sempre gostei, todo mundo fala quando eu vou para Antuérpia, porque que o cara quer ficar em Antuérpia? Então eu adoro aquilo. E um dia, eu tô do lado do hotel lá em Antuérpia, fica em frente ao rio Scheldt lá, e tem lá: entreposto não sei que lá do Congo, sabe? É uma daquelas casas antigas, ainda com a pintura dos anos 20, sei lá...Então fiquei pensando, essa...Porque era Congo Belga, Congo Francês, era Cabinda... Eu não sou dado assim a espiritualismos, nem energias, essas coisas todas que o pessoal relaciona, mas não deixei de pensar: por que será que eu gosto tanto de Antuérpia? Por alguma coisa, porque o que eu vejo ali era que aquilo era um embarcadouro de mercadoria que vinha do Congo, chegava ali pelo rio, sei lá, porque aquilo ali dá no mar e chega e entra no rio Scheldt etc. Provavelmente vinha pelo Atlântico acima, sei lá eu pensei: vai ver tem... Tudo acaba... Vai saber se não tenho essa relação estranha, especial com Antuérpia, se não tem a ver com o lugar onde eu nasci... Mas enfim nunca penso nesses termos, mas não deixei de pensar, olhei pra quilo e falei, olha, sabia que tinha alguma coisa a ver com essa cidade."

Nova Lisboa (atual Huambo) marca-lhe a infância. Um lugar seguro, de bom clima e com um desenho urbano cheio de simetrias; em oposição a Luanda, de altos e baixos, cheia de "ameaças" para o menino de dez anos, mas que com o passar do tempo torna-se idílica.

[259] C.f. nota 24.

Luanda, lugar dos amigos do liceu, dos passeios de moto, dos primeiros amores e da paixão pela música. Lá mora também a recordação dos conflitos de guerra civil. A luta dos movimentos de libertação nas ruas, trazendo uma ruptura definitiva na rotina, fazendo mudar de rumo o destino escolhido manifesto nas palavras de N. adolescente: “Nunca mais deixo Luanda, nunca mais”. Os anos vividos na adolescência em Angola foram anos cruciais no aprendizado da guitarra, mas não deixar Luanda, isso não foi possível, pelo menos, no aspecto físico, pois a Luanda daquele tempo ainda habita uma dimensão própria no retorno simbólico. Contudo, a imagem do passado fica parcialmente desfeita em visita posterior à cidade, já muito desfigurada pela guerra civil. Parcialmente desfeita, porque a esperança de encontrar vestígios da juventude nas garatujas das paredes do liceu, não desapareceu. Mora num tempo e espaço utópicos.

Para um adolescente arrebatado pelo *Rock n’ Roll*, a presença do regime autoritário dá prova da sua existência na censura ao filme *Woodstock*; ou na dificuldade em compreender porque o pai de um colega seu da escola está preso. Ações repressivas pontuais e marcantes. Perguntado como percebia a situação naquela altura, responde:

“Antes eu quase não percebia. Era um anestesiado político, como o Salazar queria. Aquilo era ditadura e toda a informação era vedada. Então eu adorava...uma das coisas que mais me doeu foi não poder assistir o filme *Woodstock*, porque lá não podia passar. Porque tinha drogas e *rock n’ roll*, cabeludos e não sei que. Não sei, não passava. O que acontece... A minha mãe tinha ideais de esquerda, mas nunca abriu a boca, porque você, bastava pensar para ser preso. E como nós éramos crianças, ela não podia dar a opinião dela nesse sentido porque eu poderia comentar com algum coleguinha e o pai dele ser da PIDE, sei lá. Então era um clima de terror. Mas, uma vez a minha mãe falou que o meu amigo Vasco, que estudava comigo na escola, meu coleguinha, um dia eu descobri que o pai dele estava preso porque discordava do regime colonial e havia, por exemplo, o Fausto, que é um cantor, um compositor conhecido em Portugal, era meu vizinho, e aqueles caras eram todos de esquerda, tinham problemas com a polícia.

[...] Mas essas coisas eram camufladas para as crianças, para a gente não falar com ninguém, e havia aquela coisa, se o cara tava preso era porque o cara não era boa pessoa, então na minha cabeça ficava isso, ih! O cara tá preso, e tal...E a minha mãe tentava dizer que não é bem assim, mas não comente nada. Então na verdade eu cresci e sou poeta desde criança, eu não atentei, não tinha consciência daquilo... Se eu tivesse consciência daquilo tudo, eu teria saído antes dali porque era praticamente certo que quem tava ali ia ter que sair um dia, não sei como é que ninguém viu isso...Os adultos já deviam

saber disso...[...] eu acho que não queriam acreditar, ou, eu acho que não queriam acreditar ou era esse processo de anestesia mesmo. Depois, aqui no Brasil eu saquei que aquela coisa do regime fechado [...] Analisando hoje, vejo que aquilo era uma coisa...Todos os países já tinham feito a independência das colônias, todos, não tinha acho que nenhum, só os portugueses não tinham... Então, bastava fazer uma análise histórica dos últimos anos para saber que aquilo ia acabar. Eu não sabia porque eu era moleque, andava ali...Pra mim qual era a história: eu adorava aquilo, nunca mais sairia de Luanda, nunca mais, assim, já tinha jurado, olha só! Essa consciência eu já tinha, que eu ia tocar blues pro resto da vida, isso me ocorreu num determinado momento, aquilo foi um negócio tão forte que eu falei...Nossa! Até gravei isso para um amigo, em vez de mandar uma carta eu mandei um k7, falando: nunca mais deixo de tocar blues na vida."

Não ouve outra solução que não sair. Por que vir para Brasil ao invés de permanecer no Canadá? O frio ou distância da língua portuguesa? Para o pai de N., melhor seria escolher um ambiente supostamente mais próximo de Angola em termos de clima e cultura. Portugal estava fora de hipótese pela grande distância de mentalidades. A estranheza do contato inicial com o Brasil foi menos traumática do que a ruptura com Angola. Entretanto, a errância do pai por diversos empregos no Brasil, afinal, "ele nunca mais foi o mesmo", dói no adolescente, também ele deslocado. Refazer a vida torna-se urgente, mas o sentimento de perda acompanha N. pelo tempo afora. Mesmo que a vida se apresente com um outro sentido, direcionada pela família, filhos brasileiros e pela carreira musical, ainda assim, algo delicado se quebrou. A busca desses fragmentos da memória reflete-se na lembrança dos lugares da infância, ou materializa-se nas composições musicais da adolescência.

N. Ainda guarda consigo o *slide*[260] oferecido pelo amigo em Luanda. Um cano de construção serrado, o melhor que na altura poderia fazer o seu precoce fã. Um dos únicos bens pessoais que restou daquela época. Enfiou-o no bolso e veio com ele.

[260] Anel metálico ou acrílico utilizado para tocar guitarra.

CONCLUSÃO

Os relatos percorrem as origens da família, a infância, a escola, a profissionalização, o casamento, o nascimento dos filhos, a guerra, os momentos de pânico da população 'branca', a cidade esvaziada de um momento para outro, frente à ameaça da guerra civil[261]. Vivos na memória, a violência das relações politizadas (e mesmo não politizadas), o problema racial, o "tudo perder" de um dia para outro e, por outro lado, a solidariedade prestada no Brasil por estranhos. Ou ainda, a dura decisão de ter que deixar Angola e a difícil tarefa de ter que digeri-la ao longo do tempo, malogradas as expectativas da possibilidade de um rápido retorno. Aos poucos, torna-se evidente que não se tratava de uma situação transitória e, dificilmente, no curto prazo, seriam apaziguados os confrontos entre os movimentos de libertação.

O uso da violência, a certa altura, foi inevitável. Foi uma explosão, solução defendida pela maioria dos movimentos de libertação e criticada por alguns. De fato não sobreviveram aqueles movimentos que não tiveram poder beligerante. Fundiram-se com outros movimentos ou apenas deixaram suas impressões em alguns manifestos, não diminuindo a sua importância inicial

[261] Vale citar aqui o relato de Adolfo Maria sobre a saída da população 'branca' de Angola, em entrevista concedida a Fernando Pimenta: "A intranquilidade entre a maior parte da população branca começa a sentir-se logo que, nos primeiros meses de 1975, rebentam os combates entre a direcção do MPLA e a facção de Chipenda, em Luanda. A partir de Abril a situação agrava-se em Luanda, devido à troca de tiros, raptos e assassinatos entre militantes dos três movimentos. Mas ainda não há um êxodo dos brancos. O que se verifica são os preparativos para o envio temporário das famílias (mulheres e filhos) para Portugal, enquanto os homens permanecem em Angola. Eles acreditam que a situação vai acalmar, por isso ficam para ver o que é que se passará até a data da proclamação da independência, marcada para 11 de Novembro de 1975. […] Os sucessivos e sangrentos combates entre os três movimentos em quase todas as localidades do país alteram radicalmente a situação. O medo instala-se entre a população branca. E vem o pânico a partir da batalha de Luanda, em Julho-Agosto de 1975, conduzida pelo MPLA para a expulsão dos outros dois movimentos da capital, e das batalhas em outras cidades, nomeadamente Uíje, Malanje, Huambo, Benguela, em que a FNLA ou a UNITA expulsam o MPLA de algumas delas. Muitos brancos começam a encaixotar os seus bens para os enviar para Portugal, atafulhando os portos de Luanda, Lobito e Moçâmedes. Numerosos começam a partir e outros ainda não partem. Mas, entretanto, a maior parte coloca seus bens a salvo, porque começam a partir. Em Setembro, Outubro e Novembro de 1975 dá-se o grande êxodo dos brancos, que abandonam uma terra mergulhada na tragédia e no desespero de uma guerra civil acirrada pela invasão de tropas estrangeiras. Julgo que a maioria dos brancos (sobretudo os naturais de Angola) queria sinceramente permanecer em Angola e contribuir, de alguma maneira, para o futuro do país que se considerava parte. Mas as terríveis circunstâncias em que se produziu a independência levaram a maior parte da população branca a deixar Angola, privando o país de um grande número de quadros, que eram importantes para o desenvolvimento da economia e sociedade angolanas" (PIMENTA, Fernando Tavares. **Angola no Percurso de um Nacionalista. Conversas com Adolfo Maria**. Porto: Edições Afrontamento, 2006, p. 136).

como mais uma voz de protesto contra Portugal a engrossar o coro da luta pela independência. Na prática, a luta armada foi o único caminho possível encontrado dada a renitente postura do governo português. A luta arregimentou populações interioranas, desenganadas por promessas de ambos os lados (de colonos e revoltos). Nem as crianças escaparam ao cerco da guerra brutal que se travou. Inicialmente controlada pelos portugueses (e de uma logística tão pobre quanto o país que mandava para lá lutar todos os homens em idade militar) viu surgir de dentro, da geração dos nascidos por volta dos anos 50 – jovens que cresceram sob a influência dos valores do pós-Segunda Guerra Mundial-, a revolta contra a situação colonial. O enjôo pelas misérias sofridas despertou as consciências dos oficiais milicianos para o fato de que algo desproporcional e sem sentido estivesse a se passar. Foi uma conclusão a que se demorou quatorze anos para chegar. Enfim, pela exaustão, pelo cansaço, eclodiu a Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974. O ranço das gerações de velhos no poder, aliado à violência da guerra, os empurraram a reagir contra a falta de sentido e a anulação contínua dentro de um regime esclerosado. O escritor António Lobo Antunes, que esteve na tropa em Angola, aponta um exemplo da mentalidade rançosa da época, no início do livro *Os Cus de Judas*[262], em evidente e irônica defesa da tia, da ida do sobrinho à guerra: "felizmente que a tropa há de torná-lo um homem".

Em silêncio contínuo permaneceu a ida de militares para África. Nem um pio da população, cerceada pela PIDE. O medo, ao longo de 40 anos de ditadura, arraigou-se de tal forma ao cotidiano, que uma nação construída sob o seu signo, dele descolou-se por pressão do cansaço, das violências e injustiças praticadas na colônia.

Parafraseando o poema de Tiago de Mello[263] a liberdade, de fato, não deveria fazer parte do vocabulário. Deveria ter uma relação de simbiose com a vida. A luta pela liberdade, então, seria algo impensável. Mas, havia legitimidade da luta levada a cabo tanto pelos movimentos de libertação quanto pelos capitães da revolução. Havia um inimigo comum que lhes negava o

[262] ANTUNES, António Lobo. **Os Cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 14.

[263] Excerto do poema: *Os Estatutos do Homem*, escrito no exílio, em 1964, Santiago do Chile. 1964: Artigo Final.*/* Fica proibido o uso da palavra liberdade, /a qual será suprimida dos dicionários /e do pântano enganoso das bocas. / A partir deste instante/ a liberdade será algo vivo e transparente/como um fogo ou um rio, / e a sua morada será sempre /o coração do homem. (Disponível em: www.revista.agulha.nom.br/tmello.html#estat).

direito de decidir por si próprios. Era o regime salazarista. Em algum momento, portanto, o confronto tornou-se união, mesmo que subliminarmente. Assim, o 25 de Abril em Portugal acelerou a independência de Angola e das demais colônias. Entretanto, a rapidez dos acontecimentos precipitou a "morte anunciada" de uma sociedade colonialista e nisto implicava a saída dos colonos. O instrumental de dominação gerou um reflexo de ódio que atingiu a todos. Mesmo àqueles que não seriam à princípio, o alvo.

A dolorosa experiência portuguesa de uma guerra de guerrilha em Angola, sabidamente demorada e penosa, trouxe por outro lado um desenvolvimento nunca antes experimentado na colônia. Esqueceram-se os governantes da metrópole que, entretanto, a maioria da população, negra, não participava do "boom" econômico. A guerra gerou um grande desenvolvimento econômico na colônia, porém a oportunidade de implementar mudanças na administração colonial foi perdida pelo governo do primeiro-ministro Marcello Caetano, ao assumir a fatal cadeira de Salazar em 1968.

Não houve paz política nem condições para permanência. Houve, contudo, algumas insistências (mas no fundo mais desistências) por parte dos que tinham planos para construir um futuro na recém nação independente, Angola. O estranhamento hediondo no convívio com as novas atitudes de velhos conhecidos: amigos, colegas de trabalho, partidários políticos; além da separação da família para salvaguardá-los - fatores cruciais no momento da decisão. Poucos resistiram à mutilação emocional que uma guerra civil provoca. Poucos se adaptaram ao caos gerado pelas disputas de poder, os quadros técnicos esvaziados paralisando os serviços essenciais, as duras condições materiais, ao desconforto de permanecer calado diante da impensada realidade, que não se resolveria fora do caos. Talvez ao largo, e no devido tempo, com a devida distância, fosse possível encontrar um caminho para o retorno. O lugar da infância, da escola, dos amigos, do "contato com a liberdade". Liberdade em parte, porque reconhecidamente lugar de desumanidades e injustiças. No pacto colonial também os "brancos de segunda" tinham os seus direitos limitados.

Aos olhos do mundo o apoiar Angola não foi sem desinteresse. O conflito da Guerra Fria se fez sentir numa grande disputa internacional. O acirrado confronto ideológico externo repercutiu nas disputas políticas internas.

Entretanto, a configuração de um governo assinalado como marxista não foi de fato o que mais interferiu na decisão de sair. Outros fatores, como a degradação provocada pela guerra civil e a componente racial no plano do nacionalismo, que não deixou de ser assunto esgotado depois da independência, sobrepuseram-se (ou cruzaram-se) com o receio à linha ideológica sobre a qual se assentaria o novo governo angolano[264].

Dentro do grupo de entrevistados há de fato um grau de "angolanização"[265] maior por parte dos que nasceram em Angola ou

[264] Adolfo Maria comenta que oficialmente os três movimentos reconheciam como angolanos todos os naturais de Angola, desde o Acordo de Alvor. Entretanto, havia hostilidade das "populações, militantes e quadros negros em relação aos brancos em geral, salvaguardando-se, dentro dos movimentos de libertação, os seus elementos brancos reconhecidamente militantes. […] Essa hostilidade existia porque o próprio sistema colonial tinha criado uma situação em que a população branca era um instrumento da política colonial portuguesa, portanto era muito fácil confundir o branco com o colonialista, nomeadamente em meios pouco instruídos." (PIMENTA, op. cit., p. 137).

[265] É curioso notar as definições dos vários "graus" de angolanidade atribuídos à minoria 'branca' angolana por Adolfo Maria: "Existia uma angolanidade primária, que podemos designar de grau 1, aquela sentida pelo colono português que, ao fim de muitos anos de permanência em Angola, volta à metrópole para visitar a família ou os amigos, mas que já não se sente bem no lugar em que nasceu. Na realidade, foi em Angola que ele obteve melhoria de condições económicas e sociais tendo também assimilado um conjunto de características culturais da terra de adopção (comida, comportamento, etc.). Esse colono perdeu a postura do metropolitano em terra exótica, integra certos elementos culturais da terra de adopção, com a qual se identifica. Mas que tipo de identificação é que tem com o país? Há uma identificação com o espaço e com os materiais, mas entra em contradição com a população aborígene, da qual se serviu para a sua ascenção económica. Permanece membro de uma cultura diferente e mantém uma situação de privilégio e dominação em relação aos demais; A angolanidade que chamaríamos de grau 2 pressupõe um conjunto de condições muito diversas e é encarnada pelo filho do colono, natural ou criado desde tenra idade em Angola, que cresceu na terra, convivendo na escola ou fora dela com elementos de outras raças. Esse indivíduo não concebe outro espaço de vivência senão aquele que conhece, o que implica, por um lado, um afastamento completo da metrópole, mas, por outro, a manutenção de um conjunto de práticas e de privilégios sociais que continuam o sistema colonial, sob outras formas. Este seria o caso de Venâncio Guimarães Sobrinho que julgava que os brancos é que deviam dirigir o país. As semelhanças com o caso rodesiano são, neste caso, inevitáveis; Por fim, existiria a angolanidade de grau 3, a mais completa, que implica uma total identificação com o espaço, a cultura e as gentes do país, de tal forma que o povo é considerado um todo e a nação fica acima de qualquer discriminação, seja ela económica, social, racial ou cultura. A forma como é entendida a nação é muito importante. Recorde-se que os brancos norte-americanos ou brasileiros fizeram a independência dos seus países, mas a verdade é que mantiveram a escravatura. Em Angola, uma grande parte dos intelectuais brancos angolanos, provenientes sobretudo dos centros urbanos, estavam na situação de tal completa angolanização que acabo de referir. Foi lento esse processo no país. Na década de 1920 seriam muito raros os brancos que tinham atingido a angolanidade que chamo de grau 3, mas na década de 40 já ela alcançava alguma relevância em Luanda, Benguela e Huambo. À data da independência, essa tal angolanização tinha conquistado um número considerável de brancos naturais de Angola, em quase todas as cidades angolanas e, possivelmente, até em algumas zonas rurais." (PIMENTA, op. cit., 2006, p. 53-54).

Ao contrário do que afirma Adolfo Maria, não acreditamos que tenha havido lentidão no processo de angolanização mais profundo. O que ocorreu foi uma aceleração no crescimento do número de naturais 'brancos' com o aumento da emigração a partir de 40, que se cruza com a mudança de mentalidade no pós-Segunda Guerra, e atinge os jovens da geração dos anos 60. Os ideais dessa geração passam pelo ideal de abertura política, das expressões das

portugueses emigrados há mais tempo. Estamos nos referindo a um lapso de tempo de duas décadas, àquela geração nascida nos anos 50, e que pelos idos dos anos 70, em idade militar, teve que dificilmente escolher entre o MPLA (conforme depoimentos) e conseqüente perseguição pela PIDE, ou ir lutar obrigado no exército português. O drama de lutar obrigado pelo dever cívico, imposto. Lutar contra um inimigo-irmão. E foi uma luta entre irmãos. A certa altura entre vizinhos, amigos de infância. Obrigados a ir para a tropa portuguesa viram, do outro lado, caras conhecidas a passar por inimigas.

No grupo dos militares mandados de Portugal, perfilou todo o tipo de gente. Homens de pouca instrução, jovens do campo, das cidades, homens casados e com filhos; todos em idade militar obrigatoriamente eram arregimentados. Ou desertavam, buscando refúgio fora de Portugal. Entretanto, aos poucos, as pressões em Portugal aumentavam e faziam-se sentir na música de alguns compositores como José Afonso, Sérgio Godinho, Francisco Fanhais, Mario Viegas, Adriano Correia de Oliveira e tantos outros. Uma resistência poética e musical. Também na literatura e comedidamente na imprensa (o que escapava à censura), artigos criticavam o modelo de Estado fascista com seus disfarces para que a guerra nem sequer se sentisse, a não ser como um fado, um destino, ao qual se aceita e pronto.

Cumpre lembrar que os luso-angolanos entrevistados não faziam parte da alta burguesia 'branca'.[266] Pertenciam a uma pequena burguesia que freqüentemente transitava mais à vontade entre os "filhos da terra" e apoiavam abertamente a independência.

À parte dos que ativamente tiveram participação política e lutaram pela independência e contra o inimigo Portugal, muitos ex-colonos, "retornados", que deixaram o interior de Portugal com o sonho de ter outras condições materiais (a maioria dos que deixaram o interior de Portugal iam "com a 4ª classe") acreditavam no projeto colonial e no Portugal uno de Salazar. Uma mentira que não poderia sobreviver num mundo em rápida transformação, e

individualidades, rompendo como os valores vigentes.

[266] A elite branca tinha ideais a respeito de uma África austral branca, com uma Angola independente liderada por um poder branco e de cariz mais próximo ao do regime sul-africano do *apartheid*. Adolfo Maria comenta que a direita reacionária da elite branca e sua expressão militar, o ELP (Exército de Libertação Português) apoiaram a FNLA após o anúncio do Acordo de Alvor, com o objetivo de implantar um governo mais próximo à África do Sul e combater assim o MPLA (PIMENTA, op. cit., 2006, p. 138-139).

cujos indícios deixados pela própria vizinhança dos países fronteiriços a Angola, eram evidentes demais para por em causa a continuidade da situação colonial. É essa geração que foi colonizar Angola a partir da década de 40. Educados no "centro", no universo salazarista, sofria de fato de uma certa anulação ideológica, dado o completo cerceamento à informação e ao isolamento a que estavam submetidos. Destes, poucos entenderam o processo que estava em andamento. Há uma característica no modo de ser do português que José Gil define como a "não-inscrição"[267] no mundo, ou seja, trata-se da própria dificuldade dos portugueses em realizar uma leitura da realidade. E quando a realidade choca-se com a "névoa" de um mundo muito particular, inventado, é que surge o fator surpresa a explicar as histórias, as existências, como se sempre se tivesse vivido de sobressalto a sobressalto, sem nenhum momento de racionalidade entre eles.

São saudosos alguns depoimentos. Outros são construções a partir de memórias de pais, avós. Outros estão mergulhados ainda na paixão política, outros ainda, num sonho. A dureza da realidade de uma Angola perdida no tempo e espaço se atenua no guardar documentos, fotografias e objetos pessoais que puderam ser salvos; no compartilhar momentos de reencontro com amigos, na culinária.

Hoje, há uma extensa rede de angolanos no exílio que, graças à *Internet,* trocam impressões sobre atualidades de Angola, fatos do passado, depoimentos de vida, imagens, vídeos, selos, livros. Há uma exortação do passado que rompe o silêncio de mais de trinta anos sem contato. Agora que as preocupações dantes voltadas para a reorganização material da vida não estão tão centradas nesse ponto, eles voltam-se para a reflexão, o "voltar a si" (ou a um "nós" que compartilhamos experiências), para um encontro, ora amargo, ora doce.

Há depoimentos que entram por caminhos ora mais afetuosos, ora mais ásperos. Evita-se falar da guerra, das atrocidades. Nenhum dos entrevistados que estiveram no cumprimento do serviço militar entra em detalhes acerca dos combates. Apenas citam-se algumas mortes. E os mortos são para se esquecer.[268] Os diálogos estabelecidos com o passado assemelham-se

[267] GIL, op. cit., p. 15-32.

[268] Esta observação opera-se no sentido do coletivo, não no plano da dificuldade mais do que natural dos particulares externar os momentos de trauma. José Gil faz uma interessante

àquelas conversas com os mortos[269], que já não se podem ter, mas que invadem os momentos do presente, das novidades que se quer compartilhar como se eles ali estivessem, ao alcance das palavras ou dos pensamentos. No teor são conversas íntimas, de cumplicidade. Assim são muitas das conversas sobre Angola dos idos coloniais. Um morto que em vida deixou obra deixou marcas e que dialoga com o presente, constantemente, mas impassível porque inalcançável.

Presente na vida de quem esteve em Angola, as gentes, os cheiros, o marulhar nas praias de Luanda, o clima, o imbondeiro que cresce, hoje, algures dentro de vasos espalhados por quintais e sacadas em São Paulo. Símbolo de um país que não ficou esquecido. Adormecido, talvez, no mesmo sono com que se embalam as crianças, que crescem enquanto dormem.

observação quanto ao tratamento dos mortos no âmbito do coletivo em Portugal, denotanto a dificuldade dos portugueses a vivenciar o luto: "Limitemo-nos a constatar um aspecto que pode iluminar a atitude geral dos portugueses relativamente à morte: a velocidade de esquecimento do morto por parte dos vivos. Ela é tal que, uma vez acabada a cerimônia fúnebre e enterrado ou cremado o cadáver, a saída do território do cemitério opera um corte brusco. Excepto para os familiares e amigos íntimos, esse retormar o contato com a vida, com a sua versatilidade, com o sol ou a chuva, as pequenas contigências do tempo, da circulação, dos encontros, dos horários, etc., desviam imediatamente o espírito (já moldado e vocacionado para a não-inscrição) da concentração pesada na morte a que fora obrigado [...]. Significa isto que a vida portuguesa não comporta verdadeira tragédia. Se a morte nela não se inscreve, se não há morte trágica, nunhum outro acontecimento conseguirá realmente produzir sentido. Porque a morte, como acontecimento irremediável e necessariamente trágico (ontologicamente trágico, como des-inscrição radical de uma inscrição na vida), deve inscrever-se na vida para que esta se torne possível e faça sentido para os vivos. Todo o cerimonial do luto visa precisamente *reinscrever* nos vivos o morto, sob a condição de ele ser bem inscrito no reino dos mortos (morto e enterrado de maneira a tornar-se um "antepassado", que dá força aos vivos)." (ibidem, p. 20).

José Gil ao referir-se ao papel do "antepassado" revela sua origem moçambicana.

[269] Florbela Espanca, escreve a respeito do irmão morto: "E o meu olhar acaricia, de passagem, o vulto do meu irmão: o meu amigo morto; demora-se, encantado, nas flores das minhas jarras, agora: andorinhas brancas, todas brancas, lírios roxos feitos de finos crepes georgette, camélias vestidas de duras sedas pálidas. A chava, lá fora, trauteia baixinho a sua clara e doce cantiga de inverno, a sua eterna melodia simples que embala e apazigua. Sinto-me só. Quantas coisas lindas e tristes eu diria agora a alguém que não existe!" (ESPANCA, Florbela. **Diário do Último Ano seguido de um poema sem título**. Venda Nova: Editora Bertrand, 1988, p. 18).

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário Pinto de. *Origens do Nacionalismo africano*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

ARONSON, Ronald. *Camus & Sartre: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

AUGÉ, Marc. *A Construção do Mundo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BALANDIER, Georges. La situation coloniale: approche théorique. *Cahiers internationaux de sociologie*. Paris: Presses universitaires de France, 1951, vol. 11, p. 44-79.

BASTIDE, Roger. La Causalité externe et la causalité interne dans l'explication sociologique. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1956, p. 77-99, Volume XXI.

_____. *O sagrado selvagem – e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRAZIEL, Jana Evans; MANNUR, Anita. Nation, Migration, Globalization: Points of Contention in Diaspora Studies. In: *Theorizing Diaspora* - A Reader. Blackwell Publishing, February, 2003, p. 1-22.

BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: EDUSC, 2006.

_____. *Fenomenologia e ciências humanas*. São Paulo: EDUSC, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política.* Lisboa: Relógio d'Água , 1992.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BLACKBURN, SIMON. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOSI, Ecléa. *O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOXER, R. Charles. *O Império Marítimo Português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAETANO, Marcello. *Tradições, princípios e métodos da colonização portuguesa*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1951.

CARDOSO, Silva. *Angola, Anatomia de uma tragédia*. Lisboa: Oficina do Livro, 2000.

CARRILHO, Maria. *Sociologia da Negritude*. Lisboa: Edições 70, 1975.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1945, p. 71-98.

CASTELO, Cláudia. Passagens Para África: *O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole (1920-1974)*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

_____. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, Calvet de; CASTRO, Dario Moreira de, (orgs.). *Depois das Caravelas: as relações entre Portugal e Brasil: 1808-2002*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

CHAVES, Rita; Macêdo, Tânia; VECCHIA, Rejane, (orgs.). *A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nzila, 2007.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; CUNHA, Daniel. Os colonos da África portuguesa sob o regime colonial e seu deslocamento para o Brasil no pós-independência. In: *Cadernos CERU-Centro de Estudos Rurais e Urbanos*. São Paulo. CERU/USP, v 19, n.1, junho 2008, p. 121-137.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

_____. *Pele negra Máscaras brancas*. Porto, s/d.

_____. *Pour la révolution africaine: écrits politiques*. Paris: La Découvert, 2006.

FERNANDO, Emídio. *O último adeus português*. Dafundo: Oficina do Livro, 2005.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *O Espírito e a Ação: ensaios inéditos*. Rio de Janeiro: ABL, 2005, p. 463-476. (Coleção Afrânio Peixoto).

FRANCK, Didier. *Heidegger e o problema do espaço*. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.

FREIRE, Maria da Graça. *Portugueses e Negritude*. Agência Geral do Ultramar: Lisboa, 1971.

FREYRE, Gilberto. *Aventura e Rotina: Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

FROCHTENGARTEN, Fernando, *Memórias de vida Memórias de guerra*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

JUNIOR, Benjamin Abdala, (org.). *Incertas Relações*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

GALLO, Donato. *O saber português: antropologia e colonialismo*. Lisboa: ER – Editores Reunidos, 1988.

GALVÃO, Henrique. *O Assalto ao "Santa Maria"*. Lisboa: Edições Delfos, 1973. Coleção Compassos do Tempo, 14.

GASSET, José Ortega Y. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Libro Ibero Americano Ltda, 1967.

GIL, José. *Portugal hoje, o medo de existir*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni; GUELFI, Maria Lúcia Fernandes; JUNQUEIRA, Renata Soares, (orgs.). *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira: depoimentos e estudos*. São Paulo: Editora UNESP; Bauru: EDUSC, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

HEMPEL, Carl Gustav. The function of general laws in history. *Journal of Philosophy*, 1942, Vol. 39, N° 2, Jan. 15, p. 35-48.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. *Age of Extremes: The short Twentieth Century 1914-1991*. London: Abacus, 1997.

HOLANDA, Lourival. *Sob o Signo do Silêncio: Vidas Secas e O Estrangeiro.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992 – (Criação e Crítica; v. 8).

KAGAME, A. Percepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento Bantu. In: RICOEUR, P. (org.). *As culturas e o tempo*: estudos reunidos pela Unesco. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p. 102-135.

KAPUSCINSKI, Ryszard. *Ébano*, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Another day of life*. London: Penguin Books, 2001.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra – II*. Viseu: Publicações Europa América, s.d.

_____. *Para quando África?: entrevista com René Holenstein*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LEAL, Cunha. *A gadanha da morte – Reflexões sobre os problemas euro-africanos*. Lisboa: Edição do Autor, 1961.

LÉONARD, Yves. Salazarisme e Lusotropicalisme, Histoire D'une Appropriation. *Lusotopie*, 1997, p. 217-226.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et Histoire*. France: Folio Essais, 1987.

LUCAS, Philippe. *Sociología de la descolonización*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.

LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARGARIDO, Alfredo. *A Lusofonia e os Lusófonos: novos mitos portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

MATEUS, Dalila Cabrita. *Memórias do Colonialismo e da Guerra*. Edições ASA, s.d., s.l.

MARTIN, Charles. A estratégia de descolonização de Nkrumah: originalidade e classicismo. In: SANTIAGO, Théo (org.) *et alli*. *Descolonização*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977, p. 111-140.

MAUSS, Maurice. *Ensaios de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005, p. 475-493.

MAXWELL, Kenneth. *O Império Derrotado – Revolução e democracia em Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Retrato do Descolonizado – árabe muçulmano e de alguns outros*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MIGUEL, Salim. *Cartas d'África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. A evolução de Luanda: aspectos sócio demográficos em relação à independência do Brasil e a fim do tráfico. *II RIHA*, 1996.

_____. *A sociedade angolana através da literatura - Ensaios 38*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *Continuidades e Descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda: uma interpretação do desenho urbano.* São Paulo: Terceira Margem, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

NILSSON, Vivi. *Filhos da Opressão Filhos da Liberdade – crianças e jovens de Angola*. Estocolmo: União dos Escritores Angolanos, 1979.

NUNES, António Lopes Pires. *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África: Aspectos da Actividade Operacional – Angola*. Lisboa: Europress, 6º v., Tomo I, Livro I, 1988.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. As pesquisas na Bahia sobre os afro-brasileiros. *Estud. av.*, 2004, vol.18, no.50, p.127-134.

PELLISSIÉR, René. *As Campanhas Coloniais de Portugal: 1844-1941*. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.

PIMENTA, Fernando Tavares. *Angola no Percurso de um Nacionalista. Conversas com Adolfo Maria*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

_____. *Brancos de Angola: autonomismos e Nacionalismo (1900-1961)*, Coimbra: Minerva Coimbra, 2005.

PIRES, José Cardoso. *De Profundis, Valsa lenta*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

_____. *E Agora José? - Ensaios*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 202-104.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do "Indizível" ao "dizível". In: LUCENA, Célia Toledo; CAMPOS, M. Cristina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, (orgs). *Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. São Paulo: CERU, Humanitas, 2008, p. 35-78.

REIS, Eneida de Almeida dos. *Negro-não-negro e/ ou Branco-não-branco*. São Paulo: Editora Altana, 2001.

RIBEIRO, Margarida Calafate, *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África: outro horizonte. 2º vol. Política Brasileiro-Africana*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

SALAZAR, António de Oliveira. *Como se reergue um Estado*. Lisboa: Esfera do Caos: 2007.

SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal.* Mira-Sintra: Publicações Europa-América. 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. *L'immigration ou les paradoxes de l'altérité*. Paris: Éditions Raisons D'Agir, 2006.

SILVA, Alberto da Costa e. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFRJ, 2003.

SPÍNOLA, António de. *Portugal e o Futuro: análise da conjuntura nacional*. Arcádia, 1974, s.l.

TEIXEIRA, Rui de Azevedo. Batalhas da História de Portugal, *Guerra de África – Angola (1961-1974)*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, v.22, QuidNovi, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les outres*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

VENTURA, António. *Batalhas da História de Portugal, Campanhas Coloniais : Angola, Moçambique, Guiné e Timor (1850-1925)*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, v.17, QuidNovi, 2006.

WALTER BRUGGER, S.I. *Diccionario de Filosofía*. Barcelona: Editorial Herder, 1958.

WEIL, Simone. *O Enraizamento*. Bauru: EDUSC, 2001.

YOUNG, Robert J. C. *Postcolonialism: A very short introduction.* UK: Oxford Press, 2003.

Literatura, ficção e outros:

AGUALUSA, José Eduardo, *As mulheres do meu pai*, Rio de Janeiro: Lingua Geral, 2007.

AMORIM, Francisco G. de. *Mussulo: um abraço à vela: Brasil-Angola-Brasil, o realizar de um sonho / Francisco Gomes de Amorim e o Diário de Bordo de José Guilherme Mendes Pereira Caldas*. Rio de Janeiro: Velejar, 2007.

ANTUNES, António Lobo. *Conhecimento do Inferno.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

_____. *Os cús de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

_____. *O Esplendor de Portugal*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951.

CAMUS, Albert. *A Peste*. Rio de Janeiro: Record, s/d.

_____. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *O Mito de Sísifo*. Lisboa: Livros do Brasil, 2005.

_____. *O Primeiro Homem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

CONRAD, Joseph. *O Coração das trevas*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

COUTO, Mia. *O último vôo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Cada homem é uma raça*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

ESPANCA, Florbela. *Diário do Último Ano seguido de um poema sem título*. Venda Nova: Editora Bertrand, 1988.

GONÇALVES, Jonuel. *Café Gelado*. Rio de Janeiro: CBJE, 2007.

LE CLÉZIO, J. M. G. *O Africano*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MAGALHÃES, Júlio. *Os Retornados: um amor nunca se esquece*. Lisboa. A esfera dos livros, 2008.

MENDES, Pedro Rosa. *Baía dos Tigres*. São Paulo: Sá/Rosari, 2001.

ONDJAKI. *Bom dia Camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

PEPETELA. *Predadores*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006.

ROY, Sébastien. *Fragments D'Angola*. Actes Sud, 2006, s.l.

SALVADOR, Paulo. *Recordar Angola: fotos e gentes de Cabinda ao Cunene*. Lisboa: Quetzal Editores, s/d.

SEBALD, W. G: *Os Emigrantes*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SOROMENHO, Castro. *Viragem*. Lisboa: Sá da Costa,1979.

TAN, Shaun. *The arrival*. New York: Arthur A. Levine Books, 2007.

VIEIRA, José Luandino. *Nosso Musseque*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

Teses:

SERRANO, Carlos Moreira Henriques. *Angola: Nasce Uma Nação – Um Estudo sobre a Construção da Identidade Nacional*. Tese de Doutoramento em Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1988.

GONÇALVES, Williams da Silva. *O Realismo da Fraternidade: As Relações Brasil-Portugal no Governo Kubitschek*. Tese de Doutoramento. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, São Paulo,1994.

Artigos de Jornais, Congressos e outros materiais:

CRUZ, Viriato da. Angola Informations. In: *Front National de Libération de l'Angola, Bulletin d'Information*. Alger : Mission d'Alger du Gouvernement Révolutionnaire de l'Angola en Exil, 1964, 19 oct., p. 8.

LACOUTURE, Jean. Bandung ou la fin de l'ère coloniale. *Le Monde diplomatique*. Paris, abr. 2005. Archives. Disponível em: www.monde-diplomatique.fr/2005/04/LACOUTURE/12062

NAVE, Luis. O dia em que Salazar caiu da cadeira. *Diário de Notícias*, Lisboa, 3 de ago. 2008. Centrais. Disponível em: www.dn.sapo.pt/2008/08/03/centrais/o_em_salazar_caiu_cadeira.html

PIMENTA, Fernando Tavares. *Ideologia Nacional dos Brancos Angolanos (1900-1975)*.2004.

Disponível em: www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel35/FernandoPimenta.pdf

SALGADO, Sebastião. Andarilho das Curvas do Mundo. *Revista da Cultura*. São Paulo, edição 6, p. 4-9, Janeiro de 2008. Entrevista concedida a Fernando Eichenberg.

Conversas vadias com Agostinho da Silva. Portugal: Lisboa, RTP, 1990. 5 DVDs

Sites:

www.angonoticias.com
www.angolanistas.org/
www.desabafosangolanos.blogspot.com
www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/malta_naus.html
www.revista.agulha.nom.br/tmello.html#estat
www.ala.nletras.com/imprensa/2005.htm
www.artafrica.info/html/artistas/artistaficha.php?ida=321
www.monde-diplomatique.fr
www.dn.sapo.pt
www.bcea.iscte.pt/
www.instituto-camoes.pt
www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr11.htm
www.canalangola.net/
www.casadasafricas.org.br/
www.ceas.iscte.pt/etnografica/
www.cplp.org
www.consuladodeangola.org
www.angolanosnadiaspora.com/
www.macua.prg
www.memoria-africa.ua.pt
www.ilo.org
www.uea-angola.org
www.ces.uc.pt/lab2004/programa/sessao10.html
www1.ci.uc.pt/cd25a
www.portugal-linha.pt

ANEXOS

Óleo sobre madeira, de Manuel Ngombo Nodfula; 31 x 60 cm. 1974. Coleção Particular. [Sem tíltulo]

Guia para as Entrevistas

Local:
Data:
Horário:

Dados Pessoais:

Nome:
Endereço:
Telefone:
Data de Nascimento:
Local de Nascimento:
Nacionalidade (situação Legal):
Profissão:
Grau de Instrução:

Memórias sobre Angola

Estabelecimento em Angola
Em que ano foi para Angola?
Por quanto tempo permaneceu em Angola?
Para que localidade? Sozinho ou acompanhado por família?
Como foi tomada a decisão de ir para Angola, e em que contexto? As motivações para a mudança foram no plano econômico: melhor oportunidade de emprego ou mobilidade sócio-econômica; social: família, amigos, prestação de algum serviço; ou político?
Já lá tinha parentes ou amigos?
Foi necessária a carta de chamada? Se sim, que a enviou?
Estabeleceu-se na localidade de desembarque ou se fixou em outra localidade?
Estudou no local? Qual o nível de estudos que desenvolveu e em que instituição?
Havia uma estrutura de ensino organizada (pública ou privada)? Qual a sua avaliação do nível de ensino?
Casou-se no local?
Teve filhos no local? Quantos?
Maioria 'negra', 'mestiça' ou 'branca' na localidade onde se fixou?

Vida econômica
Qual atividade ou atividades desempenhadas em Angola?
Como era a administração e infra-estrutura local (meios de locomoção-comunicação-moradia-diversão)?
Como era o abastecimento e comércio local? Produtos vindos do exterior? Produzidos localmente? Como era a dinâmica econômica no local (agricultura-indústria e comércio)? Maioria dos negócios conduzidos por maioria 'negra', 'mestiça' ou 'branca'?
Havia fábricas na localidade onde se fixou? Qual a principal atividade econômica do local? Havia uma classe operária?

Havia classes sociais? Se sim, como era a divisão dessas classes? Se não, como poderia ser descrita a estrutura sócio-econômica?
Havia bancos na localidade? Quais?
Como eram as relações de trabalho? Empregadores 'brancos' ou 'negros'? Havia abusos por parte dos empregadores?

Organização Política e Administrativa
Como era a organizada a localidade administrativamente e Politicamente?
Havia partidos políticos? Quais?
Como eram constituídos os partidos?
Administração local era feita totalmente por portugueses? Havia cargos públicos ocupados por 'negros' ou 'mestiços'?
Os cargos públicos eram eleitos por nomeação direta ou havia alguma forma de eleição, mesmo que indireta?
Havia participação política ativa (partidária) ou as questões políticas eram apenas discutidas em âmbito privado (associações, clubes, cafés, outros)?
Havia alguma forma de coação ou vigilância política?
A PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) exercia poder sobre o comportamento e opinião das pessoas no local?
Havia liberdade de expressão? A manifestação pública de opiniões ou militância contra o governo português sofria censura?
A qual órgão era facultada a manutenção da ordem pública?
Qual era a opinião geral sobre a administração de Portugal sobre a colônia?
Como os portugueses em Angola interpretaram os acontecimentos iniciais de revolta em março de 1961 na baixa do Cassange, que marcaram o início dos movimentos da luta pela independência? Havia a sensação de insegurança, revolta ou qual outro entendimento?
Com a chegada das tropas portuguesas garantiu maior "controle da situação" ?
Havia liberdade para que um civil portasse armas?

Organização Social
Como estavam organizadas as famílias angolanas na localidade? Famílias seguiam tradições locais ou já havia muita influência portuguesa (ou de outras culturas estrangeiras) nos costumes?
Maior influência dos hábitos portugueses nas cidades (por se tratar de organizações mais complexas e com maior presença da comunidade)?
E o oposto? Quais as influências locais em termos de hábitos e valores que se incorporaram às vidas das famílias portuguesas/outras culturas imigrantes?
As diferenças culturais e de mentalidade causavam conflitos ou barreiras de convivência?
Havia respeito às culturas tradicionais africanas?
Havia interesse em conhecê-las?
O 'negro' era tratado como inferior?
O 'mestiço' era discriminado por 'brancos' e 'negros'?
A mestiçagem das famílias era vista com preconceito?
O que mudou na visão de mundo do português? Havia a consciência de que se ocupava um espaço dentro de um sistema colonial (animosidade entre os nativos e colonizadores)?
Havia negociação com os povos locais para ocupação de terras e estabelecimento de regras na sua utilização?

Como as injustiças em relação ao tratamento do 'negro' eram absorvidas?
Havia segregação racial no sentido de um *apartheid*?
Havia um sentimento de angolanidade? Manifestação somente de 'negros' ou também de 'brancos' e 'mestiços'?

A Guerra Colonial
Como era vista politicamente a ocupação das tropas portuguesas depois dos conflitos no Norte de Angola em 1961?
Como mudou a dinâmica da localidade depois do envio das tropas?
Houve uma certa "tranquilização", sentimento de proteção da comunidade portuguesa?
Como eram vistos os movimentos de libertação?
Sofreu alguma violência física direta na guerra, ou passou por alguma situação de grande perigo?
Combateu ou prestou serviço militar em Angola? Por quanto tempo e onde?

A Descolonização
Como vê a descolonização?
Cogitava-se em algum momento a possibilidade de que os colonos portugueses teriam que deixar Angola?
Acredita que os portugueses interiorizaram o discurso do governo salazarista de Portugal como nação com vocação essencialmente colonial? Ou seja, a idéia das províncias ultramarinas como "extensão do território português".
Em que condições deixaram Angola? Como foi a saída em termos práticos (meio de transporte, houve possibilidade de levar pertences) ? Havia consciência de que havia de fato uma guerra entre os movimentos de libertação e as tropas ou se pensava como uma situação transitória para contenção da violência?
Qual o destino quanto partiram? Retorno para Portugal?
Como foram recebidos em Portugal?
Quais os meios de subsistência? Havia trabalho? Houve possibilidade de transferir recursos de Angola para destino antes de partir?
E se retornaram a Portugal, por quanto tempo e em que condições?

Angola/Portugal/Brasil
Quando decidiram vir para o Brasil qual o motivo da escolha? Já havia parentes no Brasil?
Onde se fixaram no Brasil? Em que condições econômicas? Houve apoio da família?
Como foi o período de adaptação no Brasil? Em termos de relacionamentos pessoais, organização social e costumes? Quais as semelhanças e diferenças encontradas?
Como foi a adaptação em termos de trabalho? Continuou a desenvolver a mesma atividade no Brasil que desenvolvia em Angola?
Teve filhos no Brasil? Quantos?
Voltou a Angola? Quando, onde e com que propósito?
Ainda mantém algum vínculo familiar ou de amizade com os angolanos?
Voltou a Portugal? Quando e com que propósito?
Acompanha os acontecimentos em Angola?
Arrepende de ter vindo para o Brasil?
Qual característica em si é mais angolana, portuguesa ou brasileira?
Há retorno possível a Angola?
Como seria reconstruir a vida em Angola?

(Alguns trechos das entrevistas transcritas foram editados)

Entrevista concedida por F.

C -...Então, quer dizer há uma ligação entre África, Brasil e Portugal?
F-Muito grande
C- Como é essa ligação, também África, Brasil e Portugal com as pessoas que moraram em Angola ou nasceram em Angola e de repente tiveram que sair naquela situação da descolonização, na guerra e como é que elas se adaptaram aqui no Brasil. Como é que essas famílias se adaptaram aqui no Brasil? Por que elas vieram para o Brasil? O Brasil foi a primeira escolha? Muitas famílias voltaram para Portugal? Depois chegaram lá não se adaptaram bem?
F- Então, eu posso contar.
C- A idéia é que as pessoas contem como é que enxergaram aquele momento e como é que a distancia hoje como vocês enxergam o passado e contar um pouco dessa história de vida, como foi a adaptação aqui no Brasil. Então começar desde o início a sua família veio da Alemanha é isso?
F- Não. Os meus pais já vieram da Rússia para a Alemanha, no fim da guerra 14/18, eu e a minha irmã nascemos na Alemanha, no tempo do nazismo, nós emigramos para Portugal eu me apaixonei, eu era muito nova e meu marido foi mais ou menos chamado para Angola e eu tinha uma irmã que tinha casado com um rapaz em Angola, e havia a possibilidade de ele ir lá viver e ela estava insistindo de eu ir, e eu quis ir, e eu fui para lá e o pelo meu marido me apaixonei, não sabia o que era Angola, então eu fui com ele.
C- A senhora casou-se com um português em Portugal? E foi para Angola?
F- Em Portugal e fui a Angola.
C- Em que ano isso?
F- 42.
C- Foi em 42.
F- Nós fomos quatro meses depois de casar e em Angola é assim a primeira coisa que ele conseguiu foi um emprego, nós pensávamos que... talvez ele pensasse que era fácil, mas não era fácil também em Angola tomar pé. Então, ele arranjou emprego no interior de Angola em uma fazenda de sisal. Eu fui atrás dele, eu me lembro que cheguei de noite a ir na fazenda e eu tinha a sensação que estava na face da Lua. Não havia nada, nada, a estação do trem não existia, existia uma barraquinha, então o trem parou no meio do escuro. Meu marido veio me buscar, chamava-se carrinha, era uma rural e nós fomos até uma casinha, a casa era boa, a casa era feita em pedra, só que não tinha janelas nem portas, tava tudo aberto. Então nós chegamos naquela... olha, o trajeto foi estranho porque no meio da noite voavam os pássaros e se viam olhos de animais de caça e o chofer que foi conosco queria aproveitar para caçar, então ele dava volta com o carro para matar os animais com a roda, eu fiquei logo horrorizada, mas eu não disse nada, porque naquele tempo é assim, a gente tinha um marido, faz tudo que ele quer e fica lá e engole tudo, tinha que ser, eu achava que era assim, bom então ai naquela casinha eu já tive um primeiro filho que morreu, depois...porque lá morriam muitas crianças, não havia assistência boa, não se sabia o que tinha, tinha febre alta, então morreu o primeiro bebe, então eu tive meu outro filho, que hoje tem 63 anos, depois tive outro filho que é o D., que você falou e depois voltamos para Portugal.

Porque nós... eu queria ficar em Portugal...eu já tinha visto Angola, já chegava para mim, eu queria outra vez estar na Europa, mas meu marido não conseguiu, ou ele não quis, ele não tinha muita vontade, ai voltamos para Angola e ai tive mais um filho na fazenda (...) e todos nasceram na mesma fazenda. Nasceram três, quer dizer, nasceram quatro homens, o primeiro morreu, ficaram três...
C- Em que lugar isso? De Angola?
F- É...Chamava se Membassoko, era entre a Ganda e o Cubal era no caminho de ferro de Benguela, no caminho que vai, lá para cima, para a Lunda, é mais ou menos duzentos quilômetros de distância de Benguela, mas era longe, era no meio do mato, o trem andava umas oito horas no meio da noite, era...não era fácil, depois meu marido conseguiu um emprego em Luanda, na cidade da capital, isso já foi melhor para mim, porque eu sou muito sociável eu faço muitas amizades, eu fazia todos os dias tinha outros amigos, mais amigos, e na cidade nasceu minha última filha, ah, minha caçula, é 52 a idade que tem a minha filha. Olha em Luanda já gostei mais de viver, era uma cidade onde tinha muito convívio, as crianças andavam na rua de um lado para o outro, tinha praia, era mais bonito já...
F – Olha quando cheguei, quando chegamos a Luanda eu não sei muito bem, porque a minha filha nasceu depois...ela nasceu em 54, nós devemos ter ido para Luanda em 52, parece-me, nós ficamos dez anos em Luanda, ah depois em Luanda começou a Revolução, podemos chamar revolução, como hoje me lembro, olha nós fizemos lá uma amizade muito boa, que era mais tarde nossos amigos faziam parte do governo português, que era a família Tito Moraes, nós nos apegamos muito a eles e eles eram muito politizados e nós tínhamos muito contato só que ficávamos por fora, a gente tinha que cuidar dos filhos, é isso que quero dizer, mas o que eu queria dizer é que quando começou a Revolução em Luanda, o que eu vivi foi assim...ah no interior de Angola, soubemos que no interior de Angola, não...começou em Luanda, em Luanda as pessoas da oposição, sim havia uma oposição ao regime do Salazar, e foram presos muita gente, entre eles um grupo de angolanos negros mesmo, estavam na polícia e uma noite houve um outro grupo que quis libertar esse grupo e nessa altura faleceu um policial português, no dia seguinte houve o enterro nas ruas de Luanda e nós ouvimos, isso eu ouvi, muitos gritos, a cidade toda ressoava de gritos, porque depois do enterro as pessoas saíram, houve uma chacina assim, matavam, matavam, olha houve uma matança qualquer que se escutava os gritos, daí seguiu-se uns dias de apreensão, ninguém saia de casa, porque nós sabíamos que havia de começar um revide e esse revide realmente começou no interior, no interior começaram, sim, os próprios angolanos, começaram a se armar, se armaram com catanas e pedras e começaram a revidar esse levante de Luanda, nessa altura mais tarde vieram já tropas portuguesas e eu disse assim eu não quero os meus filhos em uma guerra, filhos que eu criei com tanto custo, eu não quero guerra eu vou embora, eles não vão combater os patrícios deles, porque os angolanos são patrícios dele, eu não vou deixar isso vamos embora, então peguei um barco cargueiro e fui com os filhos para Portugal e o meu marido ficou, porque ele tinha que ganhar o ordenado e aí ele ficou.
C- E qual era a profissão dele?
F-Ele era topógrafo. Nessa altura, antes disso... (...) era muito perigoso também porque ele tinha que ir demarcar terras no interior, então essa situação

dele era muito perigoso, alias já aconteceu uma coisa com ele, bom, ai, em Portugal eu achei, bem o caminho era eu me empregar e ganhar alguma coisa para o meu marido poder vir,ai me empreguei na AIG, como eu sei alemão consegui o emprego de secretaria, mas eu nunca tinha trabalhado, era dona de casa, eu não sabia o que uma secretaria faz, então eu fui despedida dois meses depois: a senhora é incapaz, pronto fui despedida, ai consegui um emprego em uma firma suíça , daí uns dias me chamam no escritório e eu digo ai to perdida, para elogiar o meu trabalho, sabe eu já tinha olhado um pouco, mas entre tantos os meus filhos eles tinham vindo de angola, não sei se eles tinham malaria...então eu deixei de trabalhar e disse olha eu tenho que ficar com eles senão ainda morrem alguns dos meus filhos que tinham febres altas, depois...ah...depois eu achei, achamos que precisamos, vamos precisar mandar vir o pai e precisávamos ir para outro país porque se ficássemos em Portugal os filhos iam para a guerra também ele já tinha idade mais ou menos, ai o meu filho mais velho entretanto eu tinha feito outros contatos mas não consegui, ele escreveu para os nossos amigos Tito Moraes que ele já estava aqui pedindo para ele poder vir para o Brasil, ele sozinho, e eles escreveram não, sozinho não, só se vierem todos, eles eram pessoas muito generosas, muito pela vida não é? Então eu escrevi ao meu marido, perguntando se ele estava disposto a ir para o Brasil e ele mandou um telegrama dizendo que sim, ai nós choramos todos muito felizes, ele lá não disse que ia para o Brasil, ele deixou o emprego, ele disse que vinha nos visitar, ele veio ter conosco e nós viemos para o Brasil como turistas, não tínhamos chamada.

C- E vieram todos juntos?

F- Todos juntos. E foi muito bom, mas nós não tínhamos dinheiro que desse para a passagem de todos, mas lá em Portugal vendemos um carro velho, eu tinha uma barraca de campanha geladeira, fomos vendendo tudo, até tem graça eu nunca consegui vender nada na minha vida, mas com aquela necessidade e vendi tudo e conseguimos bilhetes para todos e viemos para a casa dos Tito Moraes e claro que eles não tinham tanto lugar para nos habitar que eles estavam aqui há pouco tempo, então os nossos filhos foram distribuídos pela casa, varias pessoas que faziam parte da oposição portuguesa, que faziam parte do centro democrático, eles ficaram cada um com um dos meus filhos, até nós conseguirmos juntar todos, fazer alguma coisa, agora meu marido dez dias depois de chegar ao Brasil tinha emprego, naquele tempo era uma pais do futuro, nada do que é hoje, mas era fácil e ele tinha trazido uma carta de recomendação que ele tinha conseguido em Portugal, amigos, eu fiz muitas amizades nesse tempo e ele começou a trabalhar, alugamos um apartamento sem móveis, não tínhamos nada, mas uma loja deu-me crédito e eu comprei o que era necessário, uma cama para cada um, um sofá, uma mesa, também uma mesinha para cozinha, e pronto, viemos todos para aquele apartamento, os filhos conseguiram, todos, lugares em escolas estaduais, isso nossos amigos tinham dito, venham para o Brasil que aqui se pode estudar gratuitamente e realmente todos entraram em escolas estaduais e assim foi indo a vida, foi indo, foi o meu marido trabalhando e eu cuidando da casa, por que eu realmente, como casei nova não tinha profissão nenhuma e foi...e eles foram eles entraram na universidade e foram andando muito bem, todos se formaram não é? Todos têm cursos superiores, foi formando um atrás do outro e eu comecei a trabalhar depois dos 50 anos, porque ai o meu marido começou a ficar cansadinho, começou a ficar desanimado, acho que é a

velhice chegando, não é? A idade chega... aí eu vi um anúncio no jornal...e eu disse que ia responder...e ele a vai crer que com essa idade, sem experiência, vão...mas me aceitaram, eu fui dar aulas no Yazigi, eu fui dar aulas de alemão, e lá deram-me treinamento de didática, e eu gostei muito e eles gostaram muito de mim e eu fui me desenvolvendo, mas tarde...eu fui convidada, depois por todo lugar, nunca mais procurei, eu fui convidada para Wolkswagen para um seminário, e depois fui convidada pela Mercedes, então trabalhei, até os 75 anos trabalhei assim dando aulas em escolas, meu marido faleceu, deixou-me sozinha, então essa é a adaptação ao Brasil, mas se eu lhe falar um coisa, não estou jogando confete, o lugar que eu gosto mais é do Brasil mesmo, acho muito mais interessante, tem mais para me dar, para eu ver, para eu conversar é mais tipo para minha cabeça...
C- Do que Angola naquela época ou do que Portugal?
F- De tudo. Agora a única coisa que eu tenho saudade é das pessoas que deixei nesses lugares, tenho muitas saudades e gostaria realmente, às vezes eu gostaria, às vezes eu gostaria que tudo não tivesse acontecido e que tivéssemos ficado em Portugal com a família, porque os anos vão passando e a pessoa se distancia, mas aconteceu e agora não dá para voltar...
C- E a sua família permaneceu em Portugal?
F- A minha irmã, porque tínhamos vindo da Alemanha a minha irmã ficou lá, casou lá e ficou lá, e a minha irmã tem, ela já faleceu também, mas ela tem quatro filhos como eu também tive, eu tive cinco só que um faleceu, a minha irmã tem quatro e eu gosto muito deles e do lado do meu marido também tenho sobrinhos dos irmãos dele que faleceram, mas eu e os sobrinhos estamos muito ligados.
C- Todos em Portugal?
F- Todos em Portugal. De Angola também tenho amigos, mas que não estão lá mais, saíram, e nós mantemos contato com eles... telefonemas e muita amizade, e
C- Como é que era a vida em Luanda em Angola naquela época?
F- Olha a vida em Angola...eu passei por isso porque dei uns contornos, a vida era muito difícil, quando se pensa em Angola, um bem-estar era muito difícil, porque nos primeiros anos havia muita malária , então as pessoas estavam sempre em função, as crianças brincavam e eu punha sempre a mão nas cabeças, para ver se a febre subia e quando vinha aquele febrão, começava a tarde a testa quente, e a febre ia até os quarenta. Olha, era uma luta para ter as crianças vivas, a verdade é esta que eu senti, agora quando chegamos a Luanda, a cidade era muito mais limpa e não havia malária, aí, já tive uma vida melhor, aí a minha dificuldade era só falta de dinheiro, meu marido era funcionário, funcionário não, empregado em uma firma e ganhava justinho para se poder sobreviver, não havia nem dinheiro para o ônibus, mas eu consegui manter sempre uma coisa bonita em casa, não tava, tava tudo arrumadinho, tinha uma mesa boa, mas tudo, não havia dinheiro que sobrasse, mas também não havia, então não era fácil a vida em Angola, não era bom para outras pessoas nem para nós, não era, meu marido era topógrafo ganhava naquele tempo sete mil e quinhentos não sei o que, não sei o que isso representa eu sei só que era difícil pagar as contas todas e depois ficava sem nada.
C- E havia convivência entre brancos e negros? Como era essa convivência ou não era separado?

F- Olhe, uma coisa completamente impossível, os negros eram feitos (...) povo de serviçais, incrível não podia acontecer isso, a gente conversava com eles claro que conversava com eles mais convívio, conviver com eles na minha casa, coitados viviam lá nos (...), bom como aqui também há grupos sociais são diferentes, mas é injusto porque era o país deles não é, agora vou lhe contar uma história de um negro que era chegado à minha família, foi um acaso assim um acaso do destino, a Maria Emilia Tito Moraes que eles eram políticos e tinham os grupos políticos, uma vez ela me apresentou a um senhor negro que era muito raro porque eles eram desligados, esse fato é interessante, um senhor todo elegante, quando me apresentaram me deu um beijo na mão, um gentleman, Câmara Pires, se bem me lembro, mas tarde quando eu fui uma vez visitar meus tios em Portugal e eles perguntaram: você conhece o Câmara Pires, foi-me apresentado, mas quem que esse senhor é, quando meu pai vivia na Alemanha conheceu um rapaz novo que estava estudando lá, um senhor negro que eram abastados e era muito amigo do meu pai, por isso eu senti quando me foi apresentado, eu senti qualquer coisa, parecia um tio meu, parecia qualquer coisa de família, os gestos e tudo, porque ele foi criado lá em Berlim perto do meu pai e do meu tio e depois fazia parte da oposição portuguesa em Luanda, mas eu nunca, ah depois mais tarde, Maria Emília Tito Moraes esteve com ele em Paris e ele confirmou que realmente teve contato com a minha família, coisas do destino, coisas assim bonitas que acontecem...
C- E a ligação a questão com a politização?A questão política, eu percebi que o D., muito politizado ,era de uma família muito politizada...
F-Agora vou me lembrar de uma coisa bonita... ouvíamos sempre a radio (...), era proibido, não era proibido, mas era proibido e a minha filha era pequenininha, tinha dois anos, mas era muito esperta, e ela estava no jardim, andava pelo muro, assim acho que ela era muito levada e a vizinha, nós estávamos ouvindo o noticiário lá dentro, e a vizinha no muro perguntou onde está tua mãe, a minha mãe está ouvindo o programa (...).
C- Não podia dizer...
F-Não podia dizer... é nós estávamos muito interessados em tudo que se passava, né? Estávamos muito a par não é, porque toda a nossa vida foi influenciada pela política, não é? Essa coisa de eu vir da Alemanha para Portugal já era um passo político, né? Ai, estávamos ligados, os amigos todos que nos rodeavam...
C- Também.
F- Agora, não me lembro mais contei tanta coisa...
C- Tem um episódio que a senhora começou a contar e não contou que o seu marido teve algo interessante quando ele fazia medições, topógrafo, no interior...
F- Ah, não era interessante, era trágico até, estava trabalhando em uma firma suíça no Porto, quando de manhã todos liam jornal e eu vi um avião da CAOP, CAOP era a firma em que trabalhava o meu marido, ai eu disse, não posso, não posso, que o meu marido, que meu marido trabalhava naquela fazenda, ele estava em Luanda e trabalhava, não eu não quero nem ler e eles leram pois não, não seu marido não está, meu marido como era topógrafo, ele foi, naquele tempo ele teve que ir para a fazendo no interior para demarcar um campo de aviação, e ele foi já era muito perigoso, já havia minas, quer dizer em Portugal eu não sabia nada disso, eu só soube mais tarde o que acontecia, ele

disse que para não acontecer nada ele foi correndo, não sei quantos quilômetros, abriu o campo, voltou e a comitiva, a comitiva da firma, alguns superiores foram para a fazenda, daquele campo e coitados caíram todos, morreram todos, meu marido salvou-se, ele fez o caminho mais perigoso, ele abriu o lugar para não acontecer nada aos chefes e morreram, porque eles bateram contra um monte, não sei bem o que houve. Sabe que na vida né, acontece tantas coisas estranhas na vida, realmente muitas histórias.
C- Eu estava aqui com uma pergunta para fazer...
F- Faça perguntas, porque são minhas histórias essas você pode jogar todas fora...você na verdade queria saber como é que se adaptavam as pessoas no Brasil, não é?
C- Sim, sim
F- Então, adaptamo-nos assim maravilhosamente, não, alias nós não tínhamos em vista, alias nós não conseguimos, nós não conseguimos bem estar monetário nunca, estamos sempre mais embaixo, porque o objetivo não era esse, o meu objetivo sempre foi ter filhos vivos que não morressem e que tivessem cursos superiores, e esse objetivo nós conseguimos alcançar, agora depois que estávamos, depois que criamos os filhos eu e meu filho também, estamos vendo que há necessidades monetárias que a pessoa coitada precisa, isso nós não conseguimos cuidar dessa parte, mas...pronto, cá estamos.
C- As pessoas, os portugueses que viviam em Angola naquele tempo...
C- Os portugueses que estavam em Angola enfim as pessoas da sua convivência, da sua família, eles perceberam, quer dizer acreditaram, perceberam o que iria acontecer com Angola ou eles acreditam que Angola ia se tornar independente que eles teriam que sair, que eles teriam que sair de Angola em algum momento? Ou não, ou havia uma ilusão de que aquilo pertencia a eles.
F- Olha... eu as pessoas com quem eu... quem pensava isso era a minha cunhada, tinha uma cunhada em Benguela eles pensavam que Angola era dos brancos, agora eu vivi mais uma coisa, quando começaram a vir, isso foi antes do movimento de libertação de Angola, começaram a vir refugiados do Congo Belga, e eu ia para a praia, e eu ouvia a conversa das senhoras, as pessoas que estavam bem, as pessoas diziam – não agora nós vamos para Portugal eu sempre quis viver lá e aquela ia para Portugal, aquela ia para Portugal, gente que já se preparou mas não falavam abertamente, não dizia nós precisamos ir, diziam foi sempre o nosso desejo, eu , já iam pondo ao largo, então nós também resolvemos ir à força né, agora é difícil dizer porque com as pessoas com quem eu convivi, eu tenho a impressão de que as pessoas deviam saber, eu tenho impressão,as pessoas deviam saber, havia outras pessoas como os vizinhos que diziam se nós deixarmos isso aqui, isso vai cair nas mãos dos angolanos, nós não podemos, nós temos que estar aqui para segurar iam segurar com o corpo deles não é com a presença, agora não sei muito bem responder porque eu não convivi, tinha o meu círculo fechado né, eu não trabalhava fora não é, em Angola, não sei mesmo
C- A Portugal a senhora disse a razão porque não vai a Portugal basicamente porque seus filhos poderiam ter que ir combater...
F- Com certeza.
F- Por que era obrigatório?
F- Com certeza eles teriam porque tinham idade todos, todos os jovens iam combater

C-Independente da condição...
F- Nós tínhamos que sair de qualquer maneira, eu tentei vários lugares, eu tava com idéia de nós irmos para a Alemanha, porque na Alemanha se podia trabalhar como trabalhadores convidados chamava-se (...) nós podíamos ir como trabalhadores estrangeiros para lá trabalhar, mas a minha família a minha irmã todos acho que eles não estavam muito encantados com essa idéia, porque ninguém queria ficar com os meus filhos, eu disse eu vou até a Alemanha, vou ver como é que eu posso encaixar ai, arranjar um emprego para o meu marido e tinha pedido para alguém ficar com eles com os quatro mas ninguém quis, então de repente apareceu a idéia do Brasil e quem fez esse contato com o Brasil foi o meu filho que nessa altura tinha 17 anos, mas era um rapaz cheio de energia e ele se correspondeu com nossos amigos e conseguiu a resposta positiva e viemos para o Brasil.
C- Ele tomou a iniciativa de conversar com os amigos aqui no Brasil?
F- Ele tomou a iniciativa e ele escreveu, na hora pediu para ele porque ele já estava com 17 anos e com 18 nessa altura já não poderia sair. E foi nessa altura que surgiu a proposta deles virem todos.
C-E coincidentemente vocês vieram para cá em 64? 62?
F- Em 62 nós viemos para cá.
C- Em 64 começa o regime militar no Brasil...
F- Logo em seguida começou, engraçado...
C- Foi até uma coisa que eu comentei com o D.
F- Engraçado, os nossos amigos diziam onde começa a F. começa o fascismo é só a F. por os pés lá, fascismo não podemos chamar aqui mas a ditadura...
C- Sim a ditadura...
F- Começou logo em 62 não em 64
C- Em 64 pouco tempo depois, mas mesmo assim não havia outra alternativa, quer dizer o Brasil ainda era um lugar bom para se ficar.
F- Foi a única alternativa que se nos colocou e nós viemos a esse caminho, não deixa de ser difícil vir com quatro filhos, sem dinheiro, só o dinheiro direitinho contado, ah! E esse dinheiro que tínhamos não é que tivéssemos ganho em Angola. Porque nós nunca pusemos nada de lado, porque não havia dinheiro o meu marido ganhava e gastava, tinha que ser, tínhamos quatro filhos eu fui indenizada pelo governo alemão porque eu era perseguida pelo nazismo então eu tinha direito a uma indenização e com essa indenização é que nós conseguimos vir, conseguimos sair de Angola, conseguimos vir para o Brasil. Isso dói doutra época mais foi o que valeu.
C- Foi o que valeu, e ai nunca mais voltou nem para Angola, nem para Portugal?
F- Angola não.
C- E nem para a Alemanha?
F- Já, para a Alemanha, uma coisa bonita, a prefeitura de Berlim fez uma oferta para quem se inscrevesse, quem tivesse sido perseguido ou tivesse saído contra a vontade, e eu realmente não tinha muita vontade mas o sogro do D., o primeiro sogro do D. me veio com essa idéia e eu me inscrevi e depois de 16 anos ganhei uma viagem para a Alemanha e fui para a Alemanha, para Berlim, foi muito bom.
C- Depois de 16 anos aqui no Brasil?

F- Aqui no Brasil eu fui para a Alemanha, para Portugal eu fui várias vezes, fui ver a minha irmã que eu tinha saudades, para Portugal é bem mais baratinho é só a passagem lá eu não tinha despesa nenhuma.
C- Com estadia.
F- É, estadia e tudo eu fui várias vezes mais depois que morreu a minha irmã não se tocou mais eu tenho medo de ir, não sei não consigo viajar mais todos esses anos.
C- Bom é assim, a gente cria raízes num determinado lugar...
F- Cria raízes, eu tenho aqui 8 netos já, que são brasileiros não é pouco não, e que mais que eu posso contar da minha vida turbulenta, ela não é quando para é desassossego eu fico muito instável, eu sou uma pessoa que fico muito na minha casa, na família, não saio muito fora disso
C- Então a vida no Brasil foi muito boa a adaptação é muito mais tranqüila
F- A vida?
C- É muito mais estável a vida aqui no Brasil.
F- Ah! Sim
C- Claro que é uma vida de luta mas mais estável
F- É uma vida de luta mais eu me sinto bem aqui, não sei na televisão eu vejo sempre coisas tão terríveis mas eu pessoalmente me sinto bem embora eu já tenha sido assaltada várias vezes mais vai indo ([...]). E para Angola eu não fui mais, ah quem eu vi aqui de Angola uma vez foi o escritor Luandino Vieira eu gosto muito dele porque conheço ele quando era rapazinho ele ia lá no nosso bairro, ele chama-se José Graça pois ele tomou esse nome...
F- E ele esteve aqui uma vez e nós fomos visitá-lo, meu filho mais velho, noutro dia ele esteve aqui na Livraria da Vila pertinho mas ninguém me avisou antes, parece que não me avisaram para eu não ir correndo, os meus filhos tem medo que eu saia de noite [...], ele sabia a mãe pega o carro e vai logo, mas eu não posso [...] eu tenho que ter cuidado
C- E ele era menino quando
F- Ele era mocinho quando eu o conheci ele devia ter uns 14 anos coisa assim...
C- Ele também sofreu um bocado.
F- Depois eu o conheci lá na rua ele andava de bicicleta com os meus filhos, ele tinha um barco e eles andavam com ele eu conheci os pais dele, eu conheci o lugar onde ele lia, ele lia embaixo de uma buganvília. Sabe, uma buganvília é uma primavera, grande árvore um caramanchão, tudo ocupado com aquela flor e tinha bancos e ele tinha lá muitos livros, e a mãe um dia me pediu para ver se ele estava lendo livros de literatura boa [...]
C- E estava?
F- Estava, tava lendo livros muito interessante, livros para jovens muito interessantes
C- Ficou preso 14 anos
F- Ficou preso 14 anos mais depois disso nós o vimos aqui, ele veio aqui depois veio aqui não sei onde está a minha filha mais ela me trouxe o recorte de jornal...
C- E o assunto dele os livros dele eram bonitos...
F- Ele imita um bocadinho a fala dos angolanos negros pode-se dizer porque eles distinguem pelo aspecto, quando eu falo isso não é depreciativo, é a realidade por que fugir?

F- Aliás, a pessoa habitua-se tanto a ver essas caras que gosta mais do que a cara branca, me lembro de uma outra vez quando eu vivia no interior, na fazenda veio visitar-nos o meu cunhado e ele foi a caça com, sabe lá basta andar pelo mato que já caça passarinho, caça pombo e ele foi a essa caça com um amigo nosso, vizinho nosso, chovia muito quando eles voltaram de longe eu vi-os na estrada os dois com o corpinho todo nu eu achei tão feio essa brancura, [...] que branquela, que coisa, eu estava habituada a ver aqueles fortes negrões lá e vem aqueles dois muito clarinhos embaixo da chuva.
F- Não combinava, não combinava, muitas histórias não sei se encaixa na sua idéia,
C-Claro,claro.
F-Depois você tira um pedacinho de cada uma
C- Com certeza todos os itens são importantes
F- Mas tem gente que fica saudosa d' Angola e tudo eu não sinto saudades de terra, sinto saudades de pessoas, de momentos bonitos, não é
C- Do lugar em si não
F- Do lugar em si não porque o lugar de luta de sobrevivência, não era fácil não e depois a pessoa tinha que se encaixar, não se adaptar a vida de lá, olha lá era assim, eu cheguei lá eu não podia fazer o meu serviço em casa, tinha que ter os criados, os serviçais porque o fogão não era fogão era um buraco, o combustível eram grandes árvores que tinham que rachar com o machado, o pão era feito, isso era no mato onde era um buraco, era tudo muito violento, a água vinha do rio, vinha um moço com um barril empurrando, tudo era incapaz de atender a esses nossas necessidades, tinha (...) no quintal tinha cobras, tinha um rapazinho que andava atrás dos meus filhos para guardar um pouco, não era uma vida quando se diz a vida nas colônias, para mim, pode ser que tenha gente que tivesse se instalado de uma maneira muito, muito maravilhosa, para mim foi difícil embora o aspecto era tudo bonitinho, porque a gente fazia, não tinha nada para comprar assim roupas, eu costurava os meus vestidos e as roupas dos filhos, eu nunca tinha aprendido mas tive que aprender...
C- Aprender lá...
F- Tive que aprender sozinha, sabe como é que se faz um vestido – eu vou lhe dizer, pega um vestido e põe em cima de um papel, não é? Põe todo juntinho ai você desenha, desenha uma parte ai você junta, junta bonitinho como quer e quem provava era o meu marido [...] mas, ele era muito exigente, porque depois de eu juntar as vezes fazia pregas, e ele (...) tem que tirar daqui mandava desmanchar tudo, fazer tudo outra vez e assim a roupa vai saindo, vai, vai...
F- Então é isso que nós fazemos, a mulher, os criados limpavam, cozinhavam, quer dizer davam a ordem e nós ficávamos durante o dia costurando...
C- Meu pai faleceu aqui no Brasil
F- Ai meu Deus, jovem?
F- Sim , existe uma diferença, o nosso passado sempre traz uma diferença, há diferença, mas as pessoas criam hábitos, raízes. E depois começar tudo de novo e um outro países às vezes vale a pena, as vezes vale a pena fazer essa força para ficar na Europa, agora é difícil.
C- É um outro mundo realmente.
F- Realmente. Um momentinho eu vou ver se arrumo...(...)
F- Olha sente-se ai.
C- Obrigada.

F- Pronto se quiser um bolinho...
C- Obrigada. E seus filhos ficaram todos em São Paulo?
F- Ficaram todos em São Paulo. O meu mais velho estudou em Brasília. Na FAU, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, mas em Brasília, e depois veio pra cá, mas estão todos aqui.
C- Ainda bem, estão todos por perto, estão todos por aqui.
F – Ainda bem, Ainda bem há toda estão aqui.
F- Estou pensando o que você pode precisar de Angola a mais, você já deve ter uma idéia, mas o D. já deve ter te dito isso...
C- Sim, sim ele contou, disse que eles tiveram uma infância muito felizes, ele lembra com muita alegria de Angola.
F- A infância deles foi boa, sabe porque, as crianças lá eram livres, as crianças lá andavam sozinhas, tinha a casa a cidade e o portão e eu não sei eles iam pela cidade toda, eles eram donos da cidade, entravam em tudo conheciam toda a gente e não havia-se perigo, não havia perigo nenhum, eles tinham essa liberdade de andar, não precisa da mãe para dar a mão nem nada. Só a minha filha foi diferente, menina a pessoa guarda mais, a menina eu sentia um receio porque, porque se ouvia muito caso assim, as pessoas, não sei, se ouvia muita coisa de terem relações sexuais com meninas, não havia essa idéia de que a mulher tem primeiro que crescer, mulher é mulher, então eu já guardava minha filha em casa, não andava sozinha, havia um caminho talvez da cultura, não precisavam esperar o pessoal de Angola, mesmo que uma vez eu fiquei admirada, eu tinha uma lavadeira e uma vez veio a filhinha dela, uma menina de onze anos e ela disse, olha ela tem que ir para casa o companheiro dela a está esperando, mas nós sabíamos disso e as outras mães também e menina a gente guardava mais, não ficavam correndo pela rua, agora rapazes tinham uma liberdade muito grande, outra cultura é preciso respeitar, mas também a pessoa tem que ter cuidado, agora não sei se isso era o acaso, não, não era, aconteciam muitas coisas. Angola não era fácil para os adultos, para as crianças era bom. Eles pegavam a bicicleta, iam para todos os lugares, iam para um baile, pescavam, sei lá...
C- E a escola? A Educação?
F- A escola a matéria era igual a de Portugal, assim loucamente, pois na escola primária tinha que aprender o caminho de Ferro de Portugal, os rios de Portugal, não incluíam a história de Angola, incluíam as colônias da vida, café, cacau, cola e não sei o que, isso já aprendiam de cor, era tudo decorado, um ensino bem retrógrado, mas nessa altura o ensino era assim, quando na Europa era mais aberto, lá era tudo assim, decorado...
C- Puxado? E as professoras geralmente eram austeras?
F- Batiam, batiam sim, mas é que nós tínhamos ido, meu marido tinha ido lá e disse que não se batesse nos nossos filhos, mas o meu filho mais novo diz que tinha vergonha dos outros por ser privilegiado, eles todos apanhavam e ele não porque o pai tinha ido lá dizer que não podia e ele diz que esse fato o deixava envergonhado...
F- É bruto sim , o português é bruto com as crianças.
C- São. E a senhora tem oito netos?
F- Oito netos. E agora o que você vai fazer com esse mestrado sobre Angola, é difícil, o tema é: Adaptação dos Angolanos no Brasil. Bem angolanos são os meus filhos, lá eles nasceram todos.
C- Nasceram todos lá, né?

F- Olha os meus primeiros filhos nasceram com a luz de querosene, dentro da nossa casa no interior, não tinha luz elétrica, então ficava o meu marido assistindo o parto, vinha um médico de outra cidade e meu marido e na hora de nascer o bebê meu marido tinha que segurar o candeeiro de petróleo, assim, para o médico poder dar uma ajudinha. Não foi fácil a minha vida, não foi fácil. Eu não sei, mas eu fui levando.
C- A senhora...
F- Olha quem nasceu no mato foram os três rapazes, a outra que já nasceu na cidade,
C- No hospital ou em casa?
F – Em casa, não era fácil e quando, antes de o bebê nascer eu fervia água para o banho dele, a água tinha que ser eu fervia umas latas, e eu fervia a água, a água vinha meio suja, ela vinha do rio... Angola é assim...também naquele tempo eu não me queixava, estava assim habituada e ia indo , ia vivendo.
C- Meu avô falava muito das tempestades em Angola
F- Tempestades, ai a tempestade era terrível, parece que as casas iam embora, agora acontece o seguinte...lá no mato onde eu estava quando vinham as tempestades eu colocava as crianças debaixo da mesa, porque eu pensava, se cair o telhado eles não vão ser esmagados, punha um cobertor, punha dois e o que eu fazia para eles não terem medo, eu cantava muito, muito, as vezes o criadinho dele batia com as panelas para eles não ouvirem os estrondos, eram muito fortes e outras vezes fazíamos assim, antes de vir a tempestade íamos a casa de uns vizinhos passar juntos com outras pessoas...
C- Para não ficarem com medo?
F- Para dar mais segurança.
C- Meu avô dizia que realmente não dava mesmo...
F- Dava medo!! Vamos ver depois quando você acabar o seu mestrado, vamos ler.
C- Eu realmente tenho tido conversas muito boas, muito interessantes e muito boas
F - Mas devem ser muito diferentes umas das outras ou não?
C- São muito diferentes, mas tem algumas coisas em comum, mais aquelas pessoas que saíram mais para o final da guerra quando houve a Independência.
F- Ah no final. Nos somos diferentes, nós saímos quando surgiu a guerra. Já estavam vindo as tropas foi no inicio.
F- Eu tinha mandado a minha filha antes, porque uns amigos nossos pegaram um avião e vieram embora e perguntaram se eu queria mandar a minha filha e a mandamos para Portugal sozinha e nós fomos uns meses depois. Eu trágico, não senti nada trágico, difícil.
F- Nós também deixamos tudo, mas não nos interessava mais os objetos, a certo ponto o que interessava era trazer os nossos filhos
C- Tirar os filhos para fora do perigo.
F- Para fora do perigo.
F- E aí também uma coisa que eu não me lembro, que a gente, eu falo como eu vi, não posso dizer por outra pessoa, eu sei só que havia a mocidade portuguesa, mas ou menos como na Alemanha tinha a juventude nazista e na Itália a juventude de Mussolini, juventude criada já militarmente entre o regime fascista. E um dos grupos do Liceu, que já era mais velho que os meus filhos,

um dia levaram para o (...) de Luanda a procura de terroristas, e eu disse, onde é que eu estou, vão levar os meus filhos para combater, para caçar angolanos, que é que é isso, eu vou embora já! Eu não vou admitir que levassem um filho meu, estava com medo que amanhã me levassem os filhos meus nessa aventura, nessa aventura, nessa maldade, nessa tolice, e aí fiz tudo para vir embora. Eu não queria saber de nada mais, eu queria meus filhos fora disso.
C- D. F.. a senhora se refere ao regime do Salazar como fascista. Há pessoas que acreditam que não era fascista...
F- Absolutamente fascista e disfarçadamente ainda por cima. Bom, política é sempre, mas absolutamente fascista.
C-Disfarçadamente por quê?
F- Olhe, eles diziam por exemplo assim:uma coisa interessante, eles diziam que não, não havia discriminação, não havia discriminação até de judeus, nós estávamos bem lá, nunca fomos discriminados, mas quando um grupo de judeus quis entrar em Portugal que vieram fugindo da guerra.da última guerra, não é? Um eles entraram em Portugal fugindo da França, passaram pela Espanha e entraram em Portugal, houve um cônsul português, que é o Sousa Mendes, por iniciativa dele deu vistos a eles todos, então eles entraram em Portugal, quando Salazar descobriu que eles estavam entrando ele mandou destituir esse cônsul, e perseguiu a família do Sousa Mendes toda, nenhum Sousa Mendes mais pôde ter emprego, mas quer dizer houve uma carta aberta proibindo a entrada desses judeus em Portugal. Então eram lá tudo fascismo não é? Eu tenho uma fita sobre isso. E este Sousa Mendes, hoje em dia, ele é homenageado pelo governo português, mas atos desses, eu lembro de Salazar, então para vista, ele era bom e acolhia, mas por outro lado, mas por outro lado saiam leis que coibiam uma vida democrática. Então com certeza você vai contar isso que há pessoas que as opiniões divergem umas das outras.
C- E a senhora ficou com a família, uma parte em Portugal e na Alemanha não ficou mais ninguém? Saíram todos na altura da Segunda Guerra?
F- Não., na verdade, na Alemanha nós não tínhamos família assim...que os meus pais tinham vindo da Rússia. Não, mas na Alemanha mataram tudo, não, não tinha mais ninguém, tínhamos amigos, mas aquilo foi tudo morto, não tem ninguém, não tem ninguém.
C- Desapareceram todos?
F- Na Alemanha não tem, na Romênia eu tinha família, mataram, na Rússia, foi tudo arrasado, morreu tudo. Agora, engraçado, foi aquela vez quando eu tive aquele convite da Alemanha, que eu fui para Alemanha, para Berlim e eu também tive uma bolsa para fazer um curso no *Goethe Institut* e eu fiz lá e minha coordenadora, a minha professora, ficou muito minha amiga e veio aqui ao Brasil já várias vezes, acaba de ir embora, esteve aqui dois dias, ela e o marido.

Entrevista concedida por D.

D.-Acho que é importante a gente contar um pouco da história de cada um, porque cada um tem o seu universo, o seu mundo, né? E eu acho que como é que a gente vê esse contato tanto você quanto eu. Eu acho que é o mais importante agora são as memórias de um angolano e eu tenho pensado muito nesse conceito do que é ser angolano e cada vez mais está muito sedimentado, principalmente, depois desses últimos contatos que o Brasil está tendo com a Angola e a gente está tentando rememorar quem eram esses angolanos, o que era ser angolano. Acho que claramente tem que distinguir ser angolano negro e ser angolano branco. Isso para mim é nítido, cada vez mais nítido, a cada vez mais um fosso que nos separa talvez nos una algum ideal do momento que algum de nós tínhamos com a população negra de alguma forma afetiva ou não, mas acho que é importante colocar que nós somos brancos né claramente e porque chegamos aqui e porque fomos para a Angola e ai também há um universo infinito de pessoas que migraram para a Angola quer dizer acima de tudo havia essa população marginalizada em Portugal sem perspectivas que quer imigrar para o Brasil inicialmente ou para a África não havia outras alternativas. Mais tarde, na década de 70, passou a ter a alternativa da Europa, da França e Alemanha principalmente, e Luxemburgo; mas o português não favorecido tinha que imigrar. Muitos vinham para o Brasil, pois já tinham raízes aqui e muitos também iam para Angola possivelmente por ter alguma raiz ou através de missões estatais, mas acima de tudo, também falando desse branco, a grande maioria eram pessoas incultas que acabaram se ligando afetivamente à cultura africana, mas acho que acima de tudo esses brancos tinham muita dificuldade de deixar de servir o estado colonial português quer dizer serviam simplesmente o estado colonial português de alguma forma quer trabalhando como comerciantes quer trabalhando numa fazenda ou numa exploração. Poucos adquiririam uma consciência política, uma consciência crítica em relação ao que eles estavam lá fazendo e o que aquilo poderia dar. E outra coisa que eu sempre comparo, que eu distingo: esse fosso, esse fosso também é estatístico - quantidade de negros e quantidade de brancos. Naquela época, nós falávamos que havia de 6 a 7 milhões de população negra e no meu tempo, antes da guerra colonial, se falava em 250 mil brancos. Então, isso para mim era um universo. Agora analisando um universo ínfimo, quer dentro do papel colonial português, quer dentro do papel da população negra, quer dizer, se você comparar com a realidade da população brasileira é um universo, é um micro universo onde nós estamos inseridos. E aí eu faço um outro paralelo muito curioso, quer dizer, se o processo colonial durante 500 anos não conseguiu fazer uma verdadeira colonização em termos populacionais de colonização de exploração econômica, então ela tinha simplesmente alguns delegados que faziam esse papel, e agora faço um pequeno paralelo: Angola recentemente fez um acordo de cooperação com a China por conta de um crédito de milhões de dólares talvez bilhões e vai colocar 3 a 4 milhões de homens trabalhando em Angola. Então aí eu me questiono: Qual é o verdadeiro processo colonial? Quem é verdadeiramente o colonialista? É o Portugal que ficou 500 anos explorando a população negra ou será agora esse dito regime de transição chinês que coloca 3 milhões a 4 milhões de chineses para, eventualmente, servirem de válvula de escape da sua superpopulação? Para poderem fazer trabalhos que

vão representar, acima de tudo, um papel político no governo atual de Angola. São trabalhos de infra-estrutura básica que o governo atual de Angola precisa para se fortalecer politicamente e porque tem dinheiro. Então, esses números para mim (a estatística para mim é uma curiosidade) e aí dentro desse universo de brancos, negros, colonizadores, não-colonizadores, colonizadores do passado e colonizadores do presente, o que é que significa 3 a 4 milhões de homens que os chineses vão colocar lá, perto daquela população que esteve em trânsito colonizando Angola em cinco séculos? O que significa isso aí? O que é que significará no futuro essa pressão, vamos supor, demográfica de novos trabalhadores que vão trabalhar em Angola? Essa população chinesa já ocorreu no passado quando os ingleses construíram o caminho-de-ferro de Benguela. Parte da mão de obra que construiu o caminho de ferro de Benguela já era chinesa, que a colônia da China, que era inglesa, mandava para construir os caminhos de ferro pelo mundo à fora, e naquela ocasião, mandou para construir o caminho de ferro de Benguela também milhares de chineses. Então, eu analiso agora, muito mais a colonização branca porque agora estamos fazendo análise porque somos nós brancos e nosso micro somos nós quem era Eu que era eu, talvez eu não pertencente exatamente àquela população majoritariamente branca de nível cultural muito baixo, porque meu pai, era de um status diferente. Já era um outro tipo de pessoal que imigrava. O que era esse outro imigrante? Essa é uma análise que eu faço atualmente. Eram pessoas eventualmente com pequenos desajustes sociais familiares em Portugal que querem imigrar para o Brasil ou Angola, mas que já era um nível de classe média alta para cima. Meu pai, eu considero nesse ponto. Não sei se eu estou familiarmente, não sei se estou profissionalmente não conseguiu se distanciar daquela camada que limitava Portugal quando você saia daquela camada e podia se separar ou você ficava num nível baixo Então, ele emigrou. Emigrou também numa situação de fim de guerra, da Segunda Guerra mundial e casado com uma senhora que você vai conhecer, entrevistar, judia alemã recém chegada a Portugal. No entanto, um biótipo diferente mesmo. Bom, então aí, prosseguindo um pouco mais, moramos em Angola. Meus pais imigraram para uma fazenda de sisal ao sul de Angola perto do caminho-de-ferro de Benguela na Ganda onde nós nascemos. Éramos em três homens, rapazes. Depois nossa irmã mais nova nasceu em Luanda; e depois, a minha mãe vai te contar um pouco mais detalhadamente essa situação. Mas eu queria separar um pouco depois, o nosso elo de ligação com o Brasil para depois você saber como é que resulta isso no Brasil. Bom, e aí eu dizia que parte da população de Angola também era formada, vamos supor: degradados socialmente culturalmente. E ai, agora politicamente e também o passado politicamente haviam alguns degradados que faziam parte dessa população branca, mas eram minorias dentro do processo colonial português. Quando houve nós já estávamos em Luanda começaram a surgir pessoas interessantes. Começaram a surgirem alguns brancos imigrantes muito cultos muito educados e nós viemos descobrir posteriormente que eram pessoas que haviam sido presas em Portugal por processos políticos muitos deles ligados ao partido comunista português e essas pessoas, quer, vindas pela missão do partido comunista, quer vindas pela missão, por terem sido praticamente não reintegradas a Portugal, acabavam aparecendo em Angola e eles se fixavam basicamente nas grandes cidades e formavam alguns núcleos políticos culturais de conscientização. Esse era o papel do processo político desses

partidos de esquerda na ocasião, isso na década de 50, por quê? Porque havia tido uma eleição em Portugal do Norton de Matos e esse Norton de Matos perdeu as eleições e muitos desses ditos opositores dessa época tiveram que sair porque foram presos, faziam parte de grupos políticos. Foram parar lá em Angola.
D.-Em 60, 61 começou haver uma movimentação política maior por conta primeiro da libertação do Congo Belga. Essa libertação do Congo Belga trouxe novos ares para Angola e começou de uma nova atividade política e se esperava que houvesse algum tipo de independência semelhante, porque você deve ter ouvido falar Patrice esquerda havia outros líderes Mobuto líder direita e havia lideres separatista Tchom Be no Catanga onde havia minas de cobre. Então você vê que já naquela ocasião, no próprio... havia já uma separação entre três grupos políticos nitidamente ligados. Depois esse fato vai se repetir em Angola de um lado Mobuto apoiado pelos americanos, Patrice apoiado pelos socialistas e Tchom Be apoiado pelos europeus como grupo separatista no Catanga onde havia as minas de cobre onde terminava o caminho de ferro de Benguela que foi construído exatamente para explorar o cobre de lá. Então, esses ares de aparente movimentação política também iam começar a ocorrer em Angola e nesta ocasião já após as eleições de Humberto Delgado e o surgimento dessa nova onda, surgiu em Portugal a polícia política da PIDE. Até então a PIDE não estava mais instituída em Portugal. Então a PIDE começou a trabalhar em Portugal, a reprimir esses movimentos e ai foram presos todos esses grupos de brancos ligados a esse movimento. Negros, mestiços ligados a esses movimentos culturais e que mais ou menos formavam já um embrião desses movimentos políticos que vieram (mais tarde e o T.M. foi preso em Luanda junto com Vieira Meirelles Calazam), todos eles, uma série de brancos o pai de F. no sul...Então você junta essas ligações porque havia grupos em Luanda e grupos em Benguela não tinham uma ligação muito forte entre si, mas eles se comunicavam. No fim, no meu entender, havia por trás de tudo isso já o embrião do partido comunista do Macela trabalhando o embrião da célula do OS, trabalhando politicamente, tá. E esses grupos, então o que aconteceram? No meu entender alguns ficaram presos em Angola outros foram degredados para Portugal outros foram para Cabo Verde na famosa prisão do Tarrafal com mais alguns grupos que agora já não me recordo o nome. Bom, e o T.M. era muito influente politicamente porque o pai dele tinha sido almirante. Então eles conseguiram pressionar politicamente o Salazar e ele voltou para cadeia em Portugal e Portugal estava passando mal e eles achavam que conseguiram que ele fosse viesse exilado para o Brasil ele morreria ou poderia ocorrer muitos destes lutadores políticos e eventualmente até ligados de liberação em Angola. Mas eu diria que culturalmente não havia uma movimentação tão consciente. Os movimentos de libertação já começavam a ter uma certa conformação própria. Eu diria que esses movimentos dos brancos surgiram em função desses grupos políticos e culturais que embriões desses partidos políticos (agora não tenho muito receio de falar que esses partidos tinham um papel importante). Não é uma ideologia, mas uma constatação, porque antigamente, tinham receio de nomear quem era o responsável por tudo isso claramente. Agora após a queda do muro de Berlim a gente sabe que o partido comunista era um elo de ligação das forças de esquerdas ditas de esquerda porque agora a gente não sabe mais esquerda...Mas eram realmente pagos esses grupos para fazer as atuações

políticas. Havia um todo jogo de xadrez, havia todo um papel de posicionar a politicamente nas colônias neste caso Portugal e colônias. Bom, aí T.M. veio para o Brasil e entretanto, surgiu o início da grande guerra, a guerra colonial em Luanda e em Angola, Norte de Angola. E a minha mãe, que já havia passado um pouco da Segunda Guerra mundial, sabendo que aquilo não ia dar em bom resultado, resolveu emigrar. E essa emigração se deu inicialmente em Portugal e de Portugal nós contatamos o Tito Moraes aqui no Brasil e viemos para o Brasil. E aqui viemos parar.
D.-Agora, passado esse tempo todo, nós temos uma visão crítica um pouquinho diferente...fazer, uma outra análise, mais fria...O resultado que se obteve foi bom ou não foi bom? Se que a dignidade que o povo angolano tem agora alcançada era aquilo que a gente queria ou se a miséria que ele conquistou 1 milhão de mortos justificam toda essa dignidade? Não sei te dizer nem de 3 a 4 milhões de chineses que vão agora trabalhar pela infra-estrutura de Angola por conta dos petrodólares e dos diamantes daquela meia dúzia que dominam Angola. Então, essas perguntas que eu fico lá, assim...Atualmente, uma revisão um pouco crítica. Temos que ponderar tudo isso, para saber se valeu a pena essa coisa. E eu te diria porque nós somos diferentes dos imigrantes, porque temos essa história toda a maioria da população branca, ah, bom deixo, eu te dizer: e meu pai sempre foi uma pessoa muito consciente do seu nível ouvia muito rádio nós nascemos numa fazenda de café de sisal, perdão e naquela ocasião ouvia-se muito rádio por questão da guerra, fim da guerra, então meu pai acompanhava todas as histórias da guerra e depois disso no processo colonial todo no início da grande convulsão colonial em torno de 56 a gente ouvia rádio Brazzaville a propósito de seus familiares, a rádio Brazzaville era uma rádio patrocinada pela rádio e televisão francesa e que fazia oposição ao regime português e que tinha noticias muito importantes, pessoas também ditas da oposição, brancos da oposição e que davam notícias sobre Angola e Portugal, sobre a situação política que era totalmente fechada. Não se sabia de nada, então meu pai ouvia muito rádio...então, uma das ligações muito fortes que eu tenho com o rádio, com a informação, era através do rádio.
C.-Provavelmente quem estava em África estava mais bem informado do que quem estava em Lisboa.
D.-Sim, em Lisboa havia uma coisa curiosa: a maioria das pessoas conscientes, a maioria da população portuguesa consciente ouvia rádio estrangeiro e uma das rádios que se ouvia era a rádio Moscovo e a rádio Moscovo depois o regime salazarista era tão primário e tão que a gente poderia dizer tão piada de português que fez um programa de contrapropaganda que dizia assim a verdade é só uma a rádio Moscovo não fala a verdade esse era o título do programa e todo dia ele tinha um editorial na rádio oficial portuguesa com esse editorial chamando assim a verdade é só uma a rádio Moscovo não fala a verdade, todo mundo ia ouvir a rádio Moscovo para depois ouvir, era um absurdo...em Portugal, as pessoas conscientes ouviam a rádio do exterior para se informar e depois o rádio naquela época...informação agora mudou tanto né, veio a televisão...
D.-Nós retornamos em Portugal o início da revolução inicial comemorado em Angola é 04 de Fevereiro houve outros fatos históricos Luanda foi cadeias de Luanda foi o ataque as cadeias de Luanda mas houve também outros ataques no interior promovidos pela UPA ai eu vou contar um pouco dos trechos

políticos de Angola por similaridade pelo Zaire. Por coincidência havia a UPA, União dos Povos de Angola que tinha o Holden Roberto como líder. Depois tinha o MPLA comandado pelo Agostinho Neto e mais tarde, surgiu apoiado pelos países ocidentais, a UNITA comandada pelo Jonas Savimbe.
C.-Cláudia: E o grupo branco?
D.-O grupo branco não, o grupo branco na verdade assim: O grupo branco por estar ligado ao partido de esquerda, praticamente se filiou ao MPLA. Todos eles apoiavam o MPLA só que ilusoriamente não havia espaço para brancos no MPLA. Havia alguns colaboradores, mas de fato, nunca houve uma possibilidade porque a dicotomia entre negros e brancos ainda havia necessidade de se reparar para poder haver uma aceitação plena. Por exemplo, alguns desses nossos amigos eram muito ligados ao MPLA, mas não tiveram uma participação. Tanto é que pudessem retornar e participar efetivamente, que dizer, em Angola não há discriminação de fato entre as etnias, mas cada vez mais eu não vejo espaço a grande maioria da população como em Portugal era alienada era salazarista eu não cada vez mais me dou conta que a grande massa ignota, como dizia o Ponte Preta, ela caminha conforme ela não tem uma consciência crítica isso é uma questão real. Outra coisa que a gente pode fazer uma avaliação crítica vem da União Soviética. Passados uns 80 anos da revolução socialista que visão crítica tinha aquela população? Ela baldeou para direita para esquerda conforme anda na França o eleitorado ora vota esquerda ora vota direita não tem consciência crítica e em Portugal a mesma coisa. Quando houve o 25 de Abril foi aquela grande festa socialista revolucionária e tal depois passaram a voltar a direita tem Cavaco Silva tem de tudo um pouco, então a grande massa definitivamente é uma antítese as teorias marxistas a grande massa ignorante eu dou todo crédito ao Stanislau Ponte Preta porque essa massa não tem poder nenhum de voto, tanto é, que essa população branca que tinha adquirido direitos, propriedades bens em Angola nunca se manifestou no poder de revolução após 25 de Abril. Nunca, nem mostrou interesse em pegar as armas ela foi manipulada por quem tem direito e a outra pergunta que eu faço que não tenho: quem no mundo ocidental e no mundo oriental manipulou os pauzinhos para tirar de lá naquela ocasião cerca de 500 mil brancos? Um explicou isso aí, mas há um acordo secreto todas as potências para tirar não se tira 500 mil pessoas numa ponte aérea assim e saíram 500 mil brancos então assim porque essa população ficou lá falta de consciência política total essa população não tinha nenhuma ligação efetiva com a África não tinha nenhuma ligação não tinham o porquê lutar não lutaram por nada nem ideologicamente nem por suas propriedades e foram assim, primeiro havia um grande desequilíbrio populacional. Havia um desequilíbrio entre já naquela ocasião de 6 a 7 habitantes negros e 500 mil brancos, então esse desequilíbrio era gritante. Mas outra coisa gritante: agora os americanos impuseram um acordo de paz na África do Sul; impuseram o Mandela e impuseram os brancos. Os brancos não saíram da África do Sul e por que não houve esse acordo na África branca dos portugueses? Então, é uma das coisas que eu me pergunto. Outra coisa que eu me pergunto me questiono é por que as pessoas, ditas de esquerda do passado, não fazem essa crítica para saberem? Por que essas posições agora têm que ser reavaliadas pela ação nesse passado porque talvez não tivesse ocorrido 1 milhão de mortes que houve em Angola. Talvez não tivesse ocorrido toda aquela divisão na guerra que houve estivesse permanecido como ocorreu na

África do Sul na África do Sul não se morre, morre por outras razões, mas não se matam brancos e não se matam negros e que isso é uma paz imposta pelos americanos e por que os americanos impuseram? Porque eles tinham colocado usinas nucleares dentro da África do Sul e eles não podiam deixar que essas usinas caíssem em mãos de populações que não pudessem controlá-las. Então essa revisão crítica eu acho que as esquerdas todas agora têm que fazer uma cobrança que eu falo efetivamente porque o panorama da África seria outro. Até Angola recentemente eu tinha visto por reportagens da Regina Casé que é claro que sobre a ótica do meio de comunicação que se aprofunda muito pouco, mas que dentro nota a miséria que ficou aquela África. Primeiro é um país nada instituído como é que aquele governo ficou 30 anos aquele governo de esquerda e não conseguiu impor uma estrutura social econômica compatível com o socialismo? Distribuição de renda, escolaridade.

D.-Eu acho que não falamos do essencial, eu só te coloquei historicamente como é que eu me posiciono dentro desse aspecto angolano no Brasil, que é para você ter um pouco desse histórico, quem sou eu, esse branquelo, esse afro-descendente, como eles denominam dentro desse panorama e o que eu fiz no Brasil. Talvez convém agora você perguntar mais se é um pouco do histórico do Brasil, adaptação, você queria falar um pouco mais sobre isso, né?

C.-O novo regresso para Lisboa houve uma não adaptação pela situação política ou pela mentalidade que já…

D.-Não, na verdade, é o seguinte, primeiro Portugal estava passando por uma situação muito difícil e o meu pai tentou se firmar profissionalmente em Portugal e não havia perspectivas nenhumas. Primeiro era uma família que tinha cinco pessoas, seis pessoas, era um casal com quatro filhos e não havia perspectivas nem familiar de auxílio porque era muita gente.

C.-Ainda não foi naquela época que houve a saída um pouquinho antes da independência um pouco depois da independência?

D.-Não, não a minha saída, nós imigramos para Portugal e viemos para o Brasil, nós saímos logo depois do 04 de Fevereiro. Nós saímos um mês depois nós saímos em 61, a minha mãe com medo de que a guerra pudesse prosseguir, nós imigramos para Portugal por conta dessa ligação que nós tínhamos com o T.M. e tal, né. Fomos para Portugal e em Portugal tentamos ficar. Ficamos ainda um ano e meu pai voltou para Angola para trabalhar para ganhar um pouco mais de dinheiro, porque ele era um profissional liberal, ele era topógrafo empregado numa firma, mas ele não conseguiu nada em Portugal, então a única saída seria imigrar. Primeiro, a razão básica não era só essa, a razão básica era que nós estávamos sendo considerados homens como eles chamavam em Portugal de reserva de guerra, quer dizer os jovens depois de 17 anos não podiam sair de Portugal por nenhuma razão porque já faziam parte de uma reserva de tropas que iriam lutar no processo colonial, que pelo jeito, Salazar já considerava.

D.-Bom, então nós estávamos dizendo que o processo era que nós seríamos a reserva de guerra e a minha mãe seguramente não queria que os homens que éramos três mais velhos participassem desse processo de guerra, porque ela já havia participado do início da guerra da Alemanha. Tinha fugido do nazismo, então ela sabia bem quais eram os perigos e os riscos de uma guerra algum dos filhos, pelo menos algum de nós poderia sofrer algum dano, né? Então viemos para o Brasil sim aí a convite do T.M. que era essa pessoa esclarecida que estava aqui exilado no Brasil.

C.-Foi um pouco por causa dele?
D.-Foi por causa dele, porque ele é que nos chamou para virmos até aqui.
C.-Vocês tinham família aqui?
D.-Não, nós não tínhamos família nenhuma. O pretexto era visitar família, mas a família era o T.M. não contamos com ninguém. Fomos a PIDE: eu meu pai e meus irmãos, muito bem vestidos, vestimos a roupa mais elegante que a gente tinha e o agente da PIDE com um certo olhar de condescendência e tolerância nos deu essa licença de imigração. Eu me lembro muito bem com muita perfeição do dia que nós fomos nessa delegacia da PIDE no Porto, um prédio muito soturno muito de estilo bem de filme policialesco.
C.-Que idade você tinha D.?
D.-Eu tinha 14 anos, que eu me lembro, mas nós éramos muito politicamente esclarecidos participávamos muito politicamente. Então nós já tínhamos muita consciência política, então nós sabíamos exatamente o que nós iríamos fazer e tal, tanto é que quando nós chegamos aqui no Brasil engajamos nesse papel de distribuir de editar, editar não propriamente dito, mas de embrulhar o jornal Portugal democrático do grupo desse núcleo do partido comunista então era isso aí. E aí viemos para o Brasil, chegamos aqui no Brasil também por mão ou por indicação de um senhor do partido comunista em Portugal viemos para São Paulo direto e esse senhor que era representante do partido comunista arrumou um emprego para o meu pai logo 15 dias depois então foi uma coisa rara muito interessante e nós acabávamos estudando porque meu irmão era também ligado com um senhor do partido comunista brasileiro. Eu falo isso com muita ênfase porque agora já não há mais receio de se falar da importância do núcleo na ocasião do significado de ser esquerda na ocasião, posso até rever isso aí atualmente naquela ocasião era extremamente importante era uma pessoa muito participativa e esse senhor nos indicou uma escola estadual onde nós fomos nos inscrever e fizemos o curso secundário, terminamos o curso secundário aqui no Brasil, os três, numa escola estadual na Barra Funda. E depois disso foi já um processo de integração rápida e sempre participando dos movimentos quer português quer de Angola quer de auxílio aos movimentos e de acontecimentos políticos. E depois fomos nos engajando na vida brasileira fomos entrando no ensino e assim foi a vida. Nós chegamos na véspera de 64, nós chegamos aqui em 62 em Agosto de 62 e passamos pleno 64 que foi um balde de água fria em todos nós porque nós sonhávamos com aquela idéia libertária de uma democracia plena e tal e de repente a coisa caiu, virou completamente pelo avesso. Aí passamos também a revolução dita redentora já formada, cursando o curso na faculdade participando dos movimentos políticos, mas eu pelo menos nunca quis e nem podia ter uma participação política mais efetiva eu tinha muito receio de ser deportado para Portugal porque aqui o … era muito ameaçava muito com este tipo de coisa, então eu não tinha uma participação política muito aparente muito evidente sempre participava meio por trás.
C.- Eu entrevistei a viúva do poeta João Apolinário, e o João, também saiu em sessenta e pouco, 66 65 veio para o Brasil também com essa expectativa de achar um pouco mais de liberdade. Quando chegou aqui veio para cá e chegou a ditadura. Parece que a PIDE segundo ele, eles eram cavalheiros em relação ao DOPS em São Paulo... mas, violência é sempre violência...
D.-não existe violência civilizada.

D.-Não, diria assim, quer dizer, na Europa apesar de tudo a polícia, agora a gente faz uma retrospectiva era mais civilizada porque havia um respeito a vida, quer dizer ela podia criar um recolhimento ao indivíduo, afastá-lo socialmente, mas raramente matava era muito raro em Portugal a PIDE matar, quer dizer ela realmente enclausurava as pessoas cercava e punha durante 20 a 30 anos como Álvaro Cunhal e tantos outros como o próprio Luandino Vieira ficou no Tarrafal 14 anos, então é um absurdo agora a gente fazendo uma retrospectiva e aqui não aqui era um pouco mais brutal, o Brasil é um pouco mais brutal mais tropical, então é essa visão. Não sei se você quer fazer uma outra pergunta mais específica sobre a minha evolução histórica, claro que tudo isso essa história nós estamos resumindo são 45 anos então eu to te resumindo de uma forma tão sintética.
D.-Eu acho que o mais significativo agora eu acho que é essa necessidade de uma revisão daqueles ideais do passado, quer dizer o que significava ser de esquerda no passado ser um cara que apoiava os movimentos de libertação no passado perante o que está acontecendo agora e mudanças no mundo em geral e principalmente nos processos de descolonização, quer dizer esses processos de descolonização são muito complexos e por outro lado a gente percebe que é uma forte manipulação de poderes que a gente não identifica com clareza.
C.-Mesmo à distância isso incomoda?
D.-Incomoda ainda porque eu dediquei parte do meu ideal a uma utopia e essa utopia tem sido uma frustração quer uma utopia da libertação de África uma utopia que não se realizou conforme os nossos modelos, o socialismo no Brasil não se realizou sobre aqueles modelos, então essa revisão é necessária, é necessário que a gente brade aos quatro[...] As pessoas têm que olhar isso ai com uma visão crítica em função para que a gente não se iluda, para mim é muito importante. Então, eu diria que meu pai chegou a ser socialista utópico e passou para nós essa idéia do socialismo comum, mas real e nós lutamos por ele, e de repente, a gente vê grandes frustrações. Então, por que eu vejo grandes frustrações? Porque o processo colonial angolano foi muito difícil muito complexo e não está se realizando de uma forma correta. O que está acontecendo agora é uma espoliação da maioria da população por conta de meia dúzia de pessoas que de um poder político se baldaram de um poder econômico, veja que coisa complexa, quer dizer eles eram líderes políticos saíram de lá e agora são donos do poder econômico são milionários e a maioria da população continua na miséria. E a mesma coisa no Brasil se você fizer um paralelo no Brasil é a mesma coisa. Quem é o grupo do PT? Quem é o grupo que faz o mensalão? O J. já disse que nunca foi socialista, diz que agora é consultor, ele é consultor por conta do Chaves, por conta do grande monopolista das comunicações mexicanas, quer dizer podemos ser ingênuos. Eu conheço pessoalmente quem ele é, falo com ele, ele sabe meu nome não se pode enganar muito tempo isso aí. Então, essas utopias nossas, a gente tem que ter um pouco de revisão. Então eu acho importante alertar isso aí, que dizer, apesar de eu ser branco angolano eu vejo eu sou um cidadão do mundo, então um cidadão do mundo tem que pensar em todos os processo por quem eu lutei. E será que eu lutei do lado certo? Será que o resultado, eu sempre digo assim, eu cada vez fico mais humanista. Será que aquele um milhão de mortos na guerra de Angola já não sobre a rege do socialismo, nome de qualquer outro ideal valera? Na África do Sul não houve e há um equilíbrio de

forças imposto. E por que o colonialismo impor naquela ocasião? Então é complicado isso aí. São coisas que eu tenho que deixar no ar, não tenho resposta, deixo no ar. Acho que se todo mundo deixar no ar esses coisas haverá alguém que um dia reflita mais intensamente sobre isso.
C.-Cláudia: Em relação aqui no Brasil ela…?
D.-Não eu diria o seguinte, o imigrante é sempre imigrante ele sempre tem uma relação afetiva valores que são muito próprios a cada um, os valores para mim são muito ligados a língua portuguesa, a origem da língua, valores culturais. Uma das coisas, eu nunca tive, a história em Portugal a geografia era baldada, os professores eram péssimos, quer dizer em Angola não se dava geografia angolana, não se estudava a história angolana. Então eu sou muito ligado a essa carência então eu vou atrás dessa informação então eu gosto muito do meu passado ligado à língua, a história, a geografia que eu não consegui tê-la no seu pleno. Então, eu estou sempre em busca disso, então eu continuo sendo um eterno imigrante.
C.- Isso é uma forma de retorno?
D.- É uma forma de retorno, porque está na minha memória e está na minha carência afetiva essa plenitude de conhecimento. Essa plenitude de conhecimento da língua, da geografia...E eu tenho muita ligação em Portugal porque tinha uma outra coisa curiosa: os pais meus além de serem imigrantes, eles tinham sempre aquela vontade do retorno à Portugal que era uma utopia completa porque nunca se poderia retornar porque não tinha espaço para toda gente que de lá emigra. Então eu tinha na mente sempre essa idéia que um dia vamos para Portugal, então eu já fui às vezes à Portugal, constantemente eu vou para Portugal. Angola eu não vou, isso é uma das coisas, Angola não vou. Primeiro isso é importante colocar, porque eu acho que realmente não houve a oportunidade em primeiro lugar, porque a minha profissão não estava ligada às possibilidades de ligação aos projetos angolanos, houve a guerra e tudo mais, mas eu acho que eu tenho muito receio em ir para Angola e encontrar a Angola que não é da minha utopia, que não é a Angola dos meus sonhos nem a Angola da minha memória e realmente eu vou encontrar uma outra Angola. E voltando a dizer sem dar crédito pleno a essas notícias que a Globo vem apresentando sobre as periferias em reportagem. A miséria me choca cada vez mais porque eu sendo arquiteto, eu gostaria de que nós pudéssemos fazer um esforço para que não houvesse periferia com essas características com tudo isso, mas a periferia de África é muito mais trágica que a nossa periferia, a nossa periferia é um paraíso, é um paraíso porque o nosso estado põe água, põe energia elétrica, põe transporte e a nossa periferia se adequou com as condições climáticas não é uma miséria, então a favela é uma benesse da burguesia para a população que a serve. Agora a miséria na África, é uma miséria, se você olhar Luanda, Luanda no meu tempo tinha no máximo 500 mil habitantes dos quais 100 mil brancos; o resto, negros. Agora, Luanda tem 5 milhões de população vivendo naquilo dos quais aproveitaram o núcleo da população branca que eram só aquelas 100 mil casas e o resto é tudo periferia só que lá a periferia não tem energia elétrico, não tem água, não tem nada. Agora você imagina uma periferia numa cidade onde não tem recursos de água, não chove plenamente é uma savana. Como é que vivem esses 5 milhões? Que miséria é essa? Que dignidade é essa aí? Então eu como arquiteto digo assim por que eu não voltei? Porque primeiro eu não vou encontrar esse meu sonho lá e eu acho que eu vou me abater muito, agora

com 60 anos ver uma realidade que eu não sonhei. E é uma Luanda dos meus sonhos, quer dizer, tem uma outra coisa muito curiosa que é importante colocar o branco não se integrava de forma nenhuma com a população negra, quer dizer que quando alguém diz não os brancos se integravam, se integravam alguns brancos que por alguma razão familiar se uniam à população negra faziam parte comercialmente daquela fronteira de ligação, mas a população branca, não tinha amigo negro em Luanda. Eu não tinha um amigo mestiço, mulato e a minha família era liberal. Então veja bem havia uma dicotomia na fronteira. Havia outras cidades em Luanda...
C.- Não era um *apartheid*?
D.-Não era um *apartheid*.
C.-Problema econômico talvez?
D.-Problema econômico, mas eu volto a dizer meus pais eram liberais, mas nós não tínhamos ninguém.
C.-Esse encontro talvez na periferia?
D.-Sim, quando havia essa fronteira entre o branco que fazia o comércio, fazia alguma coisa ou um branco de um nível cultural muito baixo, que realmente se casava porque para ele havia realmente essa integração, havia outras cidades que essa integração era maior diziam que Benguela essa integração era maior diziam havia uma população negra de um nível mais elevado ela se integrava porque eles prestavam serviços mais para o Estado e para os caminhos de ferro, então havia uma integração maior. Então havia cidades em Angola que se diziam que esse processo de integração era maior. Então eu diria assim que eu vou encontrar uma Angola distinta e uma Angola que eu diria assim que eu vou encontrar pessoas que estão agora num processo, para se ter uma idéia as pessoas que vêm aqui vêm milionários por que? Tem outra coisa muito curiosa que é uma avaliação que eu acho que tem que ser feita: Foi a última grande apropriação dos bens de produção. A grande revolução socialista que se dizia em Angola foi feita de fato porque a população tomou posse dos bens de produção de uma população branca. Só que não conseguiram levar para frente...eles, apropriaram de tudo: a casa, o carro, a fazenda, a fábrica.
C.-Até as coisas pessoais...
D.-Tudo, tudo então foi a última grande apropriação socialista para valer em que isso houve conivência de todos os lados não faço nenhuma avaliação crítica em relação a isso, estou dizendo que houve uma constatação histórica de que eu conheça historicamente no mundo foi a última grande saída em massa de uma grande população grande êxito ninguém fala disso desse grande êxito 500 mil brancos saíram varridos, mas não se fala da importância dessa coisa sob o ponto de vista emocional, cultural, principalmente para populações desprevenidas. Não era o nosso caso, nós estávamos prevenidos. Historicamente meus pais tinham consciência...tanto é, que saímos 14 anos antes haver a grande invasão. Mas depois disso, houve essa grande apropriação...Só que essa grande expropriação não resultou em benefício para a população. Então isso também é um outro grande erro histórico. Será que as grandes minorias um dia que se apropriam dos bens de produção podem usufruir desses bens de produção? Então essa utopia essa história que nós tínhamos na cabeça bom dia a grande população desfavorecida vai tomar os bens de produção e vai melhorar vai tomar os bancos temos um exemplo claro que não acontece. Angola tinha cerca de 200 pescarias em Benguela era o segundo maior produtor de farinha de peixe do mundo depois do Peru ou Chile,

Peru. Fecharam todas, por conta de que não havia gente apta para isso então expropriar os bens de produção não significa necessariamente dar status econômico e evolução. Então eu vejo cada vez mais esse processo sempre com uma visão muito crítica. Eu acho que todas as pessoas ligadas historicamente a esse processo deviam ter essa visão crítica, nunca ouvi ninguém falar sobre isso, nem o Luandino Vieira, nem o Pepetela, nem o A., nem o C., abertamente. Nós erramos porque o processo histórico passou por cima das nossas utopias. Eu acho importante, as pessoas fazerem uma reavaliação, pois nós já não temos mais idade para esperar, eu tenho 60 anos e não tenho mais idade de esperar novas utopias, eu queria que as minhas utopias tivessem sido realizadas plenamente e não foram. Eu diria que o processo do dia 25 de Abril foi mais claro foi uma revolução traumática para Portugal, mas ele, teve ganhos sociais, quer dizer, Portugal deu um passo para frente socialmente, quer dizer subiu um degrau e Angola por outro lado eu acho que o único ganho que Angola teve que adquiriu a sua dignidade nacional. Mas será que isso é suficiente em cima de 1 milhão de corpos? Em cima de toda essa tragédia, porque os subúrbios de Luanda não se recuperam, você não consegue fazer daquela cidade, uma cidade africana...não digo nem uma cidade européia, porque realmente ela não poderia ser um modelo europeu, uma cidade africana com dignidade, com saneamento, com iluminação, água, coisas mínimas.

D.-Eu acho que agora é muito mais importante avaliar é uma coisa que não se fala abertamente, mas que agora é o momento de abordar é que de fato não havia um universo de ligação entre a população branca e a população negra, então a população negra lutou arduamente pelos seus interesses e quais eram esses interesses? Aí é uma pergunta que eu coloco, eram étnicos ligados a diversas etnias, eram econômicos diversos grupos que já tinham certo poder econômico, porque era muito pouco esse poder econômico. Eu acho que era essencialmente étnico e a população branca não tinha nenhuma ligação com esses valores, e aí é que é gozado. Por que elas não ficaram? Por que não se aliaram a algum desses grupos e ficaram? Porque não havia, então havia uma nítida dicotomia entre um mundo branco e um mundo das diversas populações tradicionais africanas, que o colonialismo não conseguiu romper. Então isso é curioso no fundo ninguém ficou nitidamente eu fico do lado da UNITA ou fico do lado da MPLA em Luanda ninguém ficou. Por que? Porque também esses grupos não absorviam essas populações brancas não queriam saber o que fazer com esses brancos, o que interessava ficar com os brancos, com uma mulher branca com uma criança branca que não lutaram em torno dos seus ideais. E quais eram seus ideais? Eram seus ideais remotos a sua cultura ancestral a sua ligação com a sua etnia com a língua só pode ser isso. Então, é uma coisa que eu diria que se você for analisar sobre a ótica da esquerda (politicamente incorreto falar sobre isso ai que eu estou dizendo), mas é importante colocar que o branco não estava, de forma nenhuma...tinha uma ligação, um sonho, uma Angola qualquer, uma Angola descolonizada semelhante ao Brasil, tinha algum ideal nesse sentido, mas era uma utopia que não tinha nenhuma ligação efetiva com a população africana. Isso é uma história. Segunda história fazendo um outro paralelo a África do Sul foi imposta uma paz militar imposta pelos americanos. A população branca está totalmente ... da população negra. Nós temos contatos com pessoas conhecidas lá e sondamos isso. Eles não ligam nenhuma para isso...os brancos sul-africanos

estão-se nas tintas como se diz em Portugal pelo processo de descolonização negra. Eles estão no seu universo no seu mundo é como se fosse uma outra etnia, branco de um lado, zulu do outro, cada um no seu grupo “ah isso aí é entre eles” quando eles dizem assim houve conflitos, “ah isso aí é entre eles, nós não temos nada a ver com isso”. Então é claro que esse universo também em Angola não havia possibilidade nem antes nem depois, os brancos sempre falam de um sonho possível de ligação, mas eu para mim claramente não vejo isso aí. Isso é uma das coisas que eu me questiono se eu vou lá em Angola como é que eu vou me ligar culturalmente, que valores são esses? Qual era o meu sonho afinal? Então é importante refletir sobre isso, e meio complexa a minha história porque, mas é bom depois você ouvir com calma porque tem muita coisa ai no meio não dá para preencher de uma só vez, é um universo meio complexo. Mas é uma realização histórica como um todo não só em relação a Angola é como um todo.

C.-Essa história foi passada em Luanda?

D.-Em Luanda, muito boa uma infância cheia de sonhos porque Luanda era uma cidade resplandecente, era a capital, era bonita, era nova tinha mar, tinha praia tinha tudo, mas era como eu te falei, dentro do universo branco, isso é importante colocar. Branco, branco, nitidamente branco, não tinha. O liceu que eu freqüentava, a escola primária que eu freqüentava não tinha um negro, um, eles já existiam na escola técnica já existia uma miscigenação maior. Então a gente sempre via que quando havia brigas entre as escolas técnicas do liceu a turma que vinha das escolas técnicas era mais mestiça e nós tínhamos medo porque eles eram negros, tinham um outro tipo de postura eram mais agressivos pelo menos na nossa visão. E como a gente era garoto a gente fugia. Então era interessante. Mas é isso. Um pouco da história.

D.-Nós tínhamos uma ligação muito forte com o Brasil, quer dizer naquela época a música que a gente escutava era brasileira, a literatura era brasileira então a nossa ligação era muito forte com o Brasil. Então, a gente tinha também um ideal do Brasil como se fosse assim um país que tinha adquirido a independência de uma forma muito romântica e tinha sido a primeira colônia a se libertar, por que nós eventualmente não poderíamos ser iguais? Então, esse era um pouco do sonho da maioria das pessoas, principalmente brancos, dessa ligação com a possibilidade, mas não era nada concreto, eu acho. Não era assim muito bem desenhado, bem formatado comum. Porque não havia, tinha outra coisa muito curiosa...Não havia realmente muita informação política. Eu até te poderia indicar agora, a gente tem um amigo que a gente conversa muito, era nosso amigo de infância que veio depois nessa nova leva em 75/76, o Walter. O Walter, ele acabou se conscientizando aqui, se informando. Ele diz: “David, eu era totalmente desinformado, eu não sabia o que se passava”. O universo das pessoas era um universo fechado e principalmente conforme se distanciavam da capital. Ele morava em Benguela, mas era totalmente despolitizado. E a maioria da população era ligada a valores, como aqui no Brasil...os valores da grande massa ignorante, como diria o Stanislaw Ponte Preta, é o futebol, a bebida, a cerveja...uma mediocridade, não conseguem formatar uma idéia em torno...Em Angola era a mesma coisa, só se falava em futebol, futebol de Angola, futebol de Portugal, então, uma grande mediocridade era absorvida em torno disso...É claro, que, o governo salazarista como o governo brasileiro, utiliza esse grande circo para esconder as grandes necessidades...No meu tempo ser de esquerda era execrar o futebol, a igreja e

assim por diante...Em Angola as pessoas viviam sonhando com o futebol. E o Walter dizia, eu não sabia...E assim a maioria da população que estava lá, estava plantada, tinha caído de pára-quedas, não sabia. E quando houve o 25 de abril, não sabiam o que acontecia, que havia o MPLA, não sabiam nada. A maioria não sabia e realmente foi um choque para eles porque...É importante falar que Angola sofreu um grande boom econômico. As guerras trazem um grande *boom* econômico. Quando nós nascemos e saímos de Angola, Angola vivia numa estagnação total. Teve alguns ciclos de um certo furor do café, e depois da descoberta do Petróleo...E quando houve a guerra, houve um boom econômico, e a maioria dos brancos desfrutou desse boom econômico como se fosse um grande sonho. Então é um pouco isso, eles ficaram muito chocados. E não é só isso, eles estavam deslocados, não tinham onde se apegar, não tinham um porto seguro lá. E os grupos políticos negros não tinham como absorver. Volto a dizer claramente, mesmo que o MPLA fizesse um discurso de aceitação, não é verdade, não tem quadros brancos em quantidade, não tem...Então, é uma coisa complexa...

D.-Tem outra coisa importante, deixa eu te colocar que eu acho que é importante: Passado o 25 de Abril ainda houve uma continuidade nesses grupos políticos que a gente tava ligado. Mas, essa continuidade acabou se esparsando, até porque, não havia mais razão de ser montar um grupo de exilados, ou de pessoas que lutavam por um ideal passado, então esse grupo foi se diluindo com o tempo, e até mesmo os grupos ligados à independência de Angola, acabaram tendo um papel diferente. Por exemplo: o Mourão ligou-se mais a parte acadêmica, o Serrano também, então de haver a necessidade de uma participação, vamos dizer assim , mais panfletária, dos movimentos, de divulgação, porque já não havia porque lutar...Então também fui me afastando desses grupos, porque entretanto, também houve a queda do muro de Berlim, entretanto houve também a queda da utopia do socialismo, e aí começou a haver quedas após quedas, e então eu deixei de participar efetivamente desses grupos, porque já não havia mais ligação. O sonho realmente já tinha quase que acabado, e a única coisa que nos resta, que nos liga, é o lado humano daquele momento histórico, em que nós estivemos ligados a estas pessoas, que foi muito importante, que eu reconheço muito, mas que eu agora, talvez gostasse de conversar com eles nesse processo de revisão, será que eles estariam aptos para isso? Deixo um ponto de interrogação, uma provocação...A todos: aos escritores angolanos, aos líderes, às pessoas que lutaram por um ideal (Angola, não é?). E no Brasil, temos tanta coisa para realizar também, com essa visão crítica, pelo menos dentro deste socialismo utópico em que eu fui criado.

Entrevista concedida por E.

E – Minha família de é de ancestrais de seis gerações de Angola, já a minha tetra-avó já nasceu em Angola, vinda do Brasil...
C- Foi o contrário?
F- Foi o contrário, lá pelos anos de 1830, mais ou menos, houve uma fuga de portugueses em barcos de Pernambuco que foram cair no sul de Angola, onde fundaram as cidades de Moçâmedes e Porto Alexandre, hoje chama-se Namibe. Daí veio a linha da minha mãe, eram portugueses que estavam no Brasil e guerras da Independência aqui, fugiram para Angola e lá conquistaram o deserto, o sul de Angola é resto o da Namibe, o deserto do Saara acaba ali e conquistaram uma cidade, uma agricultura, contra um deserto e fundaram lá uma indústria de laticínios , uma coisa maravilhosa que tem lá no Sul, tudo feito por portugueses do Brasil, que foram refugiados e foram parar lá por engano; inclusive fala-se que foi por engano, porque eles queriam ir para Portugal, e pelas correntes foram ter ali.
C- Foi ao contrário.
E – Essa é a linha da minha mãe, então eu tenho, esses portugueses que vieram do Brasil, já levaram uma cultura abrasileirada para o sul, muitas palavras que se falam aqui, que não se falavam em Portugal, se fala no sul de Angola já há muitos séculos, mesmo gíria brasileira, se falava lá no sul. A minha mãe casou-se com um angolano também, mas filho de português, o meu avô por parte de pai era português que estava no sul de angola, e aí ele casou com a minha mãe e nessa parte eu tenho Portugal mais próxima. Mas, de qualquer maneira eu fui criado em Luanda na capital.
C- Você nasceu?
E- Em Luanda, em Luanda. Meu pai era funcionário público, já; a família apesar de angolana branca, mas pobre, nós vivíamos em um bairro de casas do estado, que na época o Salazar dava para os funcionários públicos.
C E o seu pai era emigrado?
E-Não, meu pai nasceu em Angola, o pai dele é que era português. Nós éramos portugueses, mas éramos considerados portugueses, não sei como hei de dizer. Na época colonial, as direções dos institutos tinham que ser de portugueses natos. Nascidos em Portugal. Os angolanos, nascidos em Angola, mesmo brancos ou mulatos ou negros, negros já assimilados, tinham direito a irem até um certo ponto, mas não subiam mais.
C- Era como se fosse um português de segunda classe.
E- Exatamente. E até hoje se eu for a Portugal eu sou tratado...Existe o guichê para portugueses que é para portugueses de Portugal e existe o guichê para portugueses de outro lado, se eu quiser tirar uma carteira de trabalho, assim, é separado. Continua até hoje.
C- Mas, na sua identidade, formalmente você é português?
E- Sim eu sou português, porque na época em que eu vim para cá, bom deixa eu continuar a questão. Então, quando eu tinha a idade militar eu era músico, eu fui estudante, peguei o sétimo ano no curso do liceu e quando estava na faculdade que tinha sido inaugurada há pouco tempo em Luanda - porque também não tínhamos acesso a faculdade -; quem quisesse estudar tinha que ir a Coimbra. Meu irmão mais velho estudou em Lisboa no Técnico, é engenheiro. Quem quisesse estudar a partir dos cursos dos liceus, tinha que ser em Portugal, aí a partir de 61 quando começou a guerra colonial, houve

aquelas desgraças todas, a invasão do norte de Angola pela UPA, Holden Roberto, aqueles assassinatos, aquela coisa toda, pois Portugal não estava preparado para aquilo; a partir daí, quando começou a guerra a sério, quando vieram as tropas portuguesas, criou-se uma política psico para trazer a população negra, para a vontade portuguesa, do Minho ao Timor, Portugal do Minho a Timor Leste. Então, para evitar a ida das populações para apoiar os terroristas da época, então houve um grande incremento econômico, fizeram-se estradas tudo, Angola deu um boom econômico com a guerra colonial imenso. Diz-se até que tinha cem quilômetros de estrada asfaltada e depois passou para 18 mil quilômetros, em dois anos. Houve um grande investimento lá, mas eu perdi o fio, que é que eu ia falar...eu ia falar de quê?
C- Você estava a falar que terminou o liceu e estava a começar a faculdade em Angola, só que nessa altura, tinha também que prestar serviços.militares...
E- Eu era músico, eu tinha um grupo, tivemos grande êxito fomos para Portugal, tivemos discos e shows em Espanha, Holanda, e tal, e chegou um momento que eu estava em idade militar, e entretanto, desde 61 passava-se uma guerra lá e isso era em 66, minha idade militar foi em 65/66, e a guerra colonial fazia-se em Angola, em Moçambique e na Guiné, mas fora das cidade, no interior, no mato, nas cidades ainda se vivia muito bem...
C-Não havia clima de ameaça?
E- Não, houve no inicio, mas depois com Portugal com o comando da coisa, a coisa estava, em Angola estava bem calmo, havia guerra lá no mato. E eu estava nessa altura como músico e como estudante eu fazia a duas coisas, eu estudava e era músico. E chegou a um ponto em que eu queria sair para fazer shows e tal e a PIDE não deixava ir por causa da idade militar, eu estava adiado devido ao interesse que Portugal tinha no meu grupo, no nosso grupo, e eu estava com dois anos de adiamento até que chegou a um ponto que eu disse não, eu tenho que resolver. E eu fui para a tropa, acabei indo para a tropa...obrigado. Ou fugia...Só que do lado de lá, eu fui para a tropa por Portugal. Eu meti-me no avião e fui para Angola e apresentei-me. A outra opção era fugir e apresentar-me para o MPLA, que era o movimento de libertação mais importante, que era da minha cidade, um movimento multirracial, os outros movimentos eram tribais, o sul e o norte, a Unita e a FNLA, antiga UPA eram movimentos de libertação, mas eram que racistas, tribais. A Unita também...O MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, fundado por Agostinho Neto, congregava as forças políticas, as forças intelectuais de Angola que, e nasceu no meu bairro. O MPLA nasceu no meu bairro! Eu conhecia toda a gente. Ainda hoje eu conheço quem está no poder lá. Bom, apresentei-me para a tropa, porque eu tinha um filho já, era casado, tinha um filho, e tinha os pais e tinha primos, e tinhas tios e tinha irmãos e tinha um monte de gente que eu não podia arriscar, com uma fuga, lembre-se que estava Salazar lá, Oliveira Salazar. Alguém que fosse marcado, a família ficava toda marcada, a família ficava marcada, pelo menos vigiada.
C- A atuação da PIDE era muito forte em Angola?
E – Era! Em Angola era total! Você não podia pensar, quanto mais falar, nem pensar você podia. Era um regime ditatorial e pior que isso, era tipo GESTAPO. A PIDE era uma atuação política e militar...eles mesmo atuavam na guerra inclusive...Então, eu pertencia a um ambiente, absolutamente familiar e absolutamente simpático ao MPLA. Então fiz uma guerra de quatro anos na artilharia. Passei pedaços maus e pedaços bons, uma guerra de guerrilha né?

Quando do lado de lá estavam os meus amigos. Terrível né? Terrível...Quando terminou isso já era 71, eu já não tinha vontade e nem chances de voltar a ser músico e tal. Então...acabei entrando para o banco, já como civil, Angola estava bem e eu resolvi deixar a música, os meus colegas tinham continuado até 70, dois deles já estavam aqui no Brasil e o conjunto desfez-se né? Foi de 60 a 70 e eu que sai da tropa em 71, entrei para o Banco de Angola que iniciou, aí deu-se o boom da informática, eu me inscrevi em concursos...Passei, entrei, virei analista de sistemas. 71. Tive um concurso excelente, o banco de Angola me subsidiou me formei em Análise, e aí começou o 25 de Abril em Portugal, tava eu no banco de Angola, a descolonização, a guerra civil, a vinda dos movimentos de libertação para a capital, a independência. A independência foi uma coisa incrível! Tava Luanda com o MPLA e o resto de Angola todo ocupado, o Sul pela África de Sul e o Norte pela FNLA e o Congo, por Mobutu o presidente do Congo – Zaire, Zaire né? Estava tudo ocupado, todo o norte de Angola até Luanda, até o rio Bengo, que é o rio que abastece Luanda de água, e ao sul vinha a África do Sul com a UNITA, até o rio Cuanza, que é um dos maiores rios do mundo, o maior caudal, ao sul, 70 quilômetros de Luanda e aqui são sete quilômetros. Foram três independências. No Norte pela FNLA, Em Luanda pelo MPLA, em Nova Lisboa, é Huambo hoje, se une com a África do Sul, África do Sul ainda racista daquela época. Então, nessa época eu estava em Luanda, eu e a minha família. Meus pais estavam no sul em Moçâmedes, ficaram do lado da UNITA, e o resto da minha família estava todo em Luanda, a minha irmã estava de férias em Lisboa com o marido e já não voltou. Não conseguiu voltar mais, o marido era português, ficou com medo e tal, e eu fiquei. Eu era o diretor de informática já, do banco emissor. Houve uma ponte aérea; saída dos portugueses, e de quem quis sair, entraram no avião e saíam, isto em Luanda, nas capitais né. Quem estava mais no mato sofreu mais não é, nesses locais ainda havia muito resto de guerra, não digo vingança, mas havia problemas graves no interior, mas na capital nada. O Brasil foi o primeiro pais a reconhecer aquela independência de Luanda, foi um risco danado, porque aparentemente Luanda ia perder...As tropas todas... Angola estava ocupada só tinha Luanda. Mas ai veio quem...Aí veio Fidel. Aí veio Cuba clandestinamente, desembarcou armamentos...por a parte aérea o MPLA tinha, o que a força aérea portuguesa tinha deixado lá estava nas mãos do MPLA... as bases aéreas do interior não funcionavam, não tinha pilotos não tinha nada...o que funcionava estava em Luanda. Então, com a força aérea...Nessa altura, tínhamos bombas em Luanda, nós tínhamos que estar no chão...era terrível, terrível, uma guerra muito pior que a colonial, porque você não sabia de onde que vinham as bombas...Na colonial a gente sabia que a guerra estava ali, ou tava lá e cuidado...Agora na cidade era terrível...Então, passou-se esses momentos terríveis. Aí veio as tropas cubanas, desembarcaram ao sul e ao norte de Luanda expulsaram... em dez dias. Em dez dias recuperaram Angola e o MPLA [...] tudo. Dez dias. Aí começou a paz, entre aspas. Vamos reconstruir o coisa que eu tava lá para reconstruir o país, para ajudar. Embora eu não fosse político, os meus amigos todos estavam lá no poder...eu não queria, eu era um técnico. E eu tinha uma coisa contra...eu era branco.

C- E isso era...

E- Você imagina 40 anos guerreando ouvindo nos ouvidos para expulsar os brancos...Era a política errada, né? E de repente eles estão com o poder, saem

da mata com o poder muitos analfabetos, e tem que ter um premio tem que ter alguma coisa, um emprego, um poder alguma coisa e é isso depois teve os oportunistas e tal, embora a política do governo fosse multirracial sempre, inclusive fuzilavam, lá em Luanda houve fuzilamentos por motivos raciais, ((barulhos)) tanto de um lado como do outro. O governo era, aliás nós tínhamos três ministros brancos, o primeiro governo de Angola tinha três ministros brancos angolanos, além de mulatos tinha um monte de mulatos. O Agostinho Neto era casado com uma portuguesa. As filhas dele tudas mulatas, então não havia o porque duvidar de uma coisa dessas. Aliás, ele estudou em Coimbra, teve preso em Caxias lá no cadafalso [...] enfim ele tinha uma história não havia dúvidas, só que os discursos dele antes da Independência e que muita gente se aterrorizou e foi embora estupidamente né, depois voltaram hoje estão lá todos de novo, tem muita gente que voltou e está lá. Então, o pós-independência foi muito difícil os portugueses e os angolanos brancos e mulatos que saíram com medo da independência, da guerra e tal, erradamente que saíram porque havia uma ponte aérea, era grátis, recebiam 5 mil escudos, o governos português dava e chegavam a Portugal tinha o IARN que era o movimento para absorver os retornados como se dizia lá, os retornados iam para hotéis e tal, então isso proporcionou uma fuga em massa e as pessoas levavam mobílias, carros, era tudo encaixotado, montes de navios estrangeiros tudo carregado, quer dizer, terra arrasada e o governo de Angola já havia um governo de transição, antes da Independência teve um ano o governo de transição que tinha os três movimentos e tinha Portugal também.
C- Nesse governo de transição os três movimentos participavam?
E- Participavam os três movimentos que estavam em guerra fora de Luanda, mas em Luanda eles participavam, isto já é o segundo passo após a independência, antes da independência porque quando foi a independência o MPLA acabou com isso, expulsou os outros dois de Luanda. Aquela situação que eu expliquei foi no dia da Independência, que antes da independência houve um governo de transição com os três e Portugal, mas no mato eles se matavam não é, (vou me pegar contra) a Unita, a UNITA ocupava cidades do sul o FNLA as cidades do norte, enfim e o MPLA estava se robustecendo com armamento cubano e quando o MPLA resolveu tomar o poder mesmo, porque era impossível, era impossível os três governarem. Os outros dois eram tribos, os outros dois, o que na verdade também não era bom, tinham auxilio soviético, virou comunista, não era mais naquele momento virou um partido comunista, cortina de ferro, tudo. Após a independência Luanda ficou pacificada. Não havia nada para comer, nada para beber, não havia, não havia água, semanas sem água, semanas sem luz e eu trabalhando lá no banco, conseguindo recuperar atrasos e por motivos políticos, por motivos simplesmente políticos, eu não vou explicar porque é muito complicado...eu desencantei, simplesmente fiquei desencantado com o que se estava fazendo e desacreditei. Posto isso decidi que a minha vida não era ali, tinha um filho, e tinha que sair, só que já havia a cortina de ferro, já havia a cortina de ferro. Mais para mim do que para a minha mulher. Eu tinha ido por o meu filho em Portugal com a família que já tinha saído, antes de independência, voltei, Luanda debaixo de fogo, o avião da TAP, voltamos eu e minha mulher, e continuamos trabalhando. Aí veio a independência com o meu filho lá em Lisboa. Aí eu verifiquei, que ele tinha oito anos e não havia condição, de educá-lo de instruí-lo ali. Saúde precária, tudo, ou vivíamos longe dele, ou

tomávamos outra opção, foi aí quando resolvemos sair, teve que ser tudo em sigilo, sigilo absoluto, só alguns amigos mais chegados é que sabiam, acabei saindo por férias...
C- Mas, por que esse impedimento?
E- Porque eu era necessário eu era absolutamente necessário. Eu era o único técnico em computadores que ficou em Angola, alias ficamos dois. O outro foi assassinado, foi assassinado na porta do banco. Não se sabe porque mais foi, quer dizer havia duas linhas, os técnicos em computadores com base IBM, que era o outro, e eu tinha a minha cultura de computadores que era LCR, e outros adjacentes. Então, dois bancos sob a minha responsabilidade que tinham essa cultura e o outro tinha uns três ou quatro bancos que foram todos nacionalizados. Mas tinha...
C- Ali em Angola havia mais bancos?
E- Todos os bancos... Angola era uma potência. Angola era uma potência econômica na África. Na África Negra só a África do Sul era mais potente do que Angola, devido talvez à guerra não sei, à guerra colonial incrementou aquilo, não sei, nós tínhamos feira industrial, maior produtor de sisal, terceiro maior de café, diamantes, diamantes de joalherias, os diamantes do Brasil, são diamantes industriais, os de Angola são da Bacia do Congo – Zaire, que atinge o leste de Angola, são diamantes muito mais valiosos. Petróleo, o petróleo sustentou Angola até hoje. O petróleo é o que segura aquilo tudo, da África Negra já passou a Nigéria hoje, já faz dois milhões por dia. Se você encaixar o mapa de África com o da América do Sul, encaixa, dá exatamente igual Brasil e Angola, é a mesma fauna, a mesma flora, o norte de Angola é a chamada Floresta do Maiombe, que se você junta é a Amazônia. É uma coisa incrível. A gente sai de Angola e vem para o Brasil e não nota nenhuma diferença, nada. Nem de clima, nem de gente, aqui tem os mesmos problemas sociais, os mesmos problemas raciais, é igualzinho. Agora de Angola para Portugal é uma diferença astronômica. A maneira de viver, a mentalidade, a visão do mundo, Portugal é um país pequenino que se expandiu para o mundo todo, mas não deixou de ser pequenino. E frio. Embora seja o mais quente país da Europa, ainda é frio. Angola não, Luanda tá no paralelo de Recife, a terra de Luanda, o cheiro da terra, o barro, você entra no Recife, você sente tal e qual o cheiro. E as afinidades? Eu desde que nasci ouvi musica brasileira, só via revistas brasileiras...
C- Era muito forte essa influencia?
E- Muito forte. O Cruzeiro, a Manchete, Jorge Amado, Érico Veríssimo. Era ...tudo que eu li em adolescente era brasileiro, quase tudo, música, meu pai cantava para mim, músicas da, como é que chamava...a cantora brasileira que era portuguesa, Carmem Miranda, meu pai cantava para mim.Carmem Miranda e não cantava fado não.E porque, porque era uma família que veio lá do Sul e de imigrantes de Pernambuco. Onde eles falavam, por exemplo, bunda coisa que em Portugal, só agora devido às novelas, não se conhecia essa palavra, já a minha avó falava bunda [...]. Então como é que eu vim parar no Brasil. Como é que foi. Nós resolvemos de sair, o que foi muito difícil...lá conseguir uma licença militar que Angola ainda estava em guerra e eu ainda estava numa idade militar para eles, eu já tinha feito o exército português por uns quatro anos, estava, estava isento lá porque era um técnico você sabe, mas para sair tinha que ter uma licença e era difícil, tié que apresentar provas de que meu filho estava doente coisa assim e consegui sair depois de muita luta. Para

minha mulher foi mais fácil porque ainda não havia serviço militar obrigatório para mulheres, hoje tem. Logo a seguir, um mês depois já tinha, ela saiu antes 15 dias antes. E havia o famoso avião da TAP, o maravilhoso avião da TAP que ia lá todos os dias.
C- Mas o serviço militar
C- Mas o serviço militar no governo português, não, já no governo de Angola.
E- No governo de Angola
C- Já no governo de Angola, ia todo mundo para a tropa, coxo, vesgo ia para a guerra, tinha a guerra civil que era tremenda, era uma guerra de tanques, mísseis, ninguém suportava aquilo lá, a população toda estava toda sendo engajada na tropa, nas tropas angolanas no MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), isto era em 76 já, a transição foi em 74, 75 a independência foi no final de 75 e estávamos em 76 quando eu sai.
C- E não havia força política do movimento branco?
E- Isso foi antes da Independência
C- Havia?
E- Havia, chegou a haver um partido
C- A FUA por exemplo?
E- Exatamente, em Lobito em Benguela, chegaram a fazer um partido para concorrer com os outros três que estavam lá armados, era impossível, os três vinham de uma guerra armados, com tanques helicópteros e coisas...a FUA era um sonho que depois se juntou ao Savimbi, à UNITA. Os comandantes da FUA eram sobretudo portugueses, ta, e eles tentaram perpetuar, não digo as colônia, mas a estada dos portugueses lá. Mas eles eram contra o MPLA porque eles ser comunistas, o MPLA não lhes deu chance política e eles acabaram saindo na ponte aérea.
C- E as pessoas tinham um grau de consciência política?
E- Quais? Os angolanos ou os portugueses?
C- Os portugueses, os portugueses angolanos assim, havia espaço ou a repressão era tão grande que não havia...
E- Havia, mas o movimento políticos era em segredo até 74. Até o 25 de Abril foi em segredo. A gente só foi saber dias depois, os comandos de Angola abafaram, cortaram os rádios, nós não tínhamos televisão ainda, Portugal já tinha televisão desde 60, que eu estive lá em 61, já tinha televisão. Angola em 74 não tinha. Não podia, não podia, era assim, tinha tudo até um certo ponto...Podia-se tudo até um certo ponto, dali pra cima não podia, nós não podíamos ter advogado...Não havia o curso de advocacia, não podia ter psicólogos, era só a parte material, engenheiro, médico, isso já tinha...A partir de 69 mais ou menos é que começou a ter universidades...A Universidade de Luanda e de Nova Lisboa. Por exemplo, o meu pai, branco, angolano, nascido em Angola, chegou a diretor de terceira classe, era por letras lá do estado, era da fazenda...e não subia mais, acabou, dali para cima tinha que ser natural de Portugal. Aí com a abertura psico-política, só a partir da guerra é que ele subiu e chegou a estar onde ele já deveria estar há muitos anos, a diretor. A história do meu pai também muito interessante, ele estava no Sul, debaixo de outro partido, de um dos outros partidos...Agora um outro partido estava debaixo da UNITA. Aí a FNLA desceu e tomou Moçâmedes, que hoje é Namíbe. Nessa guerra meu pai foi obrigado a sair, toda a gente foi para o porto e tava lá um barco estrangeiro, um barco grego, ele simplesmente entrou no barco e saiu da guerra, esse barco foi para Luanda, o meu pai saiu do barco, foi para o

aeroporto, entrou na ponte aérea e foi. Eu não soube, eu tava em Luanda. Ele nem teve tempo nem de falar comigo, meu pai e a minha mãe, hoje já falecidos os dois em Lisboa. Meu pai tinha 61 anos na época, 60 anos. Ele era o diretor da fazenda, o que cara que cobrava os impostos. Diretor da fazenda lá do Sul, mas ele era amado, ele era adorado, passado uns meses chegou a Lisboa o carro dele, dentro do carro havia todo o acervo da casa dele, louças, etc. Alguém, os funcionários da fazenda, angolanos negros e mulatos, foram à casa, abasteceram o carro com as coisas todas que tinham lá em casa, levaram até o porto e no primeiro barco que encostou lá foi tudo para Lisboa. Era um carro magnífico, pois ele andou ainda naquele carro anos, veja só como ele era. Então há sempre histórias assim, muito engraçadas...Como é que eu vim para o Brasil? Eu saí de Angola num avião da TAP, num dia, eu saí autorizado, não havia ainda passaportes, eles não davam passaporte, eu sai com salvo-conduto angolano, mas eu tinha um passaporte português, anterior a independência e tava valendo, era português. Então eu era português e era angolano, mas para Portugal eu já não era português mais, eu era angolano, por que, porque no dia da independência eu tinha que ter optado, quem não optasse ficava angolano, oficialmente. Então quando eu saí...Ah, em Angola existia uma espécie de PIDE de DOPS, VISA, a VISA era uma PIDE, uma GESTAPO lá dos comunistas e quando eu resolvi sair era para fugir, não tinha jeito, não tinha essa de sair e voltar, durante a guerra, eles tinham confiança em mim e eu era diretor do banco, mas eu não tinha confiança mais neles. E havia um cara que havia trabalhado para mim no banco e que no momento era o numero dois da VISA, um cara que nunca andou na guerra, mas quando de repente, veio o movimento para Luanda, virou o maior guerrilheiro... daqueles oportunistas. E esse cara me odiava e me odiava eu não sei por quê até hoje, mas me odiava. Ele tinha trabalhado para mim no Banco, tinha trabalhado na (incompreensível), tinha implantado os caixas eletrônicos, naquela época, em 71 já tinha. Gravava uma fita que depois entrava no computador, ainda não era online, ainda era...gravava uma fita perfurada, depois passava uma fita magnética, essas coisas ele implantou lá, mas ele era muito prático e eu não sei por quê ele me odiava e ele era o número dois da policia internacional do estado de lá, eu já tinha tido um entrave com ele no trânsito, quando ele fingiu que nem me conheceu, ameaçou uma coisa maluca lá. E eu nas tentativas de sair oficialmente, para tratar do problema do meu filho que tinha quebrado o braço e tal e era verdade e eu tinha que ir lá. E esse cara estava me prejudicando, escondia o salvo conduto que tinha sido aprovado, dava ordens para eu não receber, etc.Até que um dia tinha levado quase um mês para sair oficialmente, até que um dia eu encontrei nos corredores do palácio, onde eu tava procurando os documentos para sair o que é hoje o presidente, tinha sido meu colega, tinha sido meu colega de carteira no quinto ano do liceu...Contei a história e ele telefonou e nesse dia saiu. Saiu não um salvo conduto saíram dois, um que estava preso, escondido, e o outro que tinha sido mandado fazer naquele dia, então eu sai de Luanda com dois salvo-condutos.

C- Colega de carteira de classe do Liceu...

E- É o José Eduardo dos Santos foi meu colega até no futebol ele era o centro avante e eu era reserva, jogava... eu era magrinho, não era muito bom, mas entrava no segundo tempo de ponta direita, e ele era bom, fazia uns gols de cabeça tudo ele era bom. É o presidente desde 80, ditador ([...]). Então, nessa época ele era vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, ele era ajudante do

ministro, depois veio a ser assessor do Agostinho Neto depois que o Agostinho faleceu, ele tomou o poder já nos anos 80 e está até hoje. Pro ano tem eleições. Então, eu entrei no avião da TAP não pela frente, entrei por trás por causa do cara, que ficava na sala de embarque olhando quem tava indo, quem não estava indo. E essa DISA tinha poderes sobre qualquer pessoa, menos sobre o presidente, podia prender ministros até, e eu não quis arriscar e meus amigos lá e tal, entrei por trás , quando o pessoal foi subindo no jumbo 747 eu me misturei e entrei, mas tudo legal, cheguei a Lisboa com o salvo conduto. Depois fiquei 20 dias lutando para ser português de novo e consegui porque o meu pai já era português porque chegou antes da independência à Portugal e se registrou lá e já era português; embora, não natural, ele já era português. Então consegui com uma luta tremenda, andei todos os cartórios e não sei como se chama lá, registros de não sei do que, e lá consegui a carteira de identidade de novo que chama-se lá o bilhete de identidade o BI e passaporte e vim para o Brasil. Por quê? A minha chegada lá foi numa época tremenda, Portugal estava com o movimento das forças armadas, ainda em 76, uma crise econômica tremenda e os retornados passando o diabo, e eu ao virar português virei retornado também e eu não queria ser retornado, eu não era retornado eu era um refugiado, entendeu. Eu tinha conhecido Portugal no tempo da música, quer dizer, eu não me sentia retornado, não estava retornando a nada.

C- Não era o seu lugar ali.

E-Não, embora já tivesse lá o meu irmão com a família, minha irmã com a família, todos padecendo muito, se estavam bem em Angola tinham perdido tudo, não tinham nada. A minha irmã tinha uns conhecidos lá que me indicou para o Banco, Banco Magalhães, não sei o que Magalhães. Como eu tinha uma experiência bancária já de cinco anos, diretor de informática, e em Angola por incrível que pareça nós estávamos mais adiantados do que em Portugal do ponto de vista de informática, aliás estávamos mais adiantados em tudo, em tudo, na escola, nossos cursos do Liceu eram mais exigentes do que os de Portugal, por quê? Para selecionar a elite, eram elitistas. Eu em 61 estive em Portugal com quinze anos e tirei lá o quinto ano do liceu com uma facilidade incrível porque em Luanda era muito mais difícil,o estudo em Luanda era muito mais exigente, mais selecionado quem eram do lado de cá, quem era do lado de lá, as vezes era preferível ser do lado de lá e eu sempre estive do lado de cá de Portugal porque a minha família era de portugueses.

C- Nhum, nhum

E- Embora fossemos angolanos, éramos portugueses tínhamos uma cultura portuguesa, sabíamos a história de Portugal, eu sabia os reinos de Portugal todos, os reis, tudo isso ensinavam na escola, história de Angola eu não sabia, não sabia, o ensino era todo voltado para a metrópole, então era uma cultura extremamente portuguesa que nós tínhamos, só que era elitista, elitista. Bom, chegado lá tinha havido saneamento. O partido comunista dominava, todos os institutos e bancos estavam ocupados por comissões de trabalhadores, quem chegava de ultramar era tido como persona non grata, ia ocupar o lugar deles. Foi um milhão de pessoas que chegou, o país tinha 9 milhões de habitantes não chegava a dez, e de repente 10% do país de repente quer emprego. Claro que Portugal tinha que reagir. Os portugueses que antes adoravam os ultramarinos passaram a não gostar mais, lógico. Houve uma resistência tremenda, e eu não pude entrar nesse banco porque a comissão de

trabalhadores não aprovou. Mas, eu quando sai de Luanda já tinha passagem para cá. Um dos meios de por dinheiro fora, o dinheiro de Angola não valia fora, mas havia as transferências possíveis que o governo de Angola garantia em questão de viagens e tal, então eu através dos conhecimentos dos bancos eu comprei sete viagens, sete viagens Luanda-Lisboa-Rio de Janeiro, e Rio de Janeiro- Lisboa- Luanda, porque eu tinha que dizer que ia voltar né,. Porque eu ia tratar meu filho porque lá estava difícil. Bom dessas sete viagens me deram sete transferências, e eu consegui trazer algum dinheiro assim, dinheiro em escudos, escudos portugueses, que depois virou dólar e eu consegui trazer para o Brasil 600 dólares, 600 dólares que eu trouxe que valia o que hoje uns 3000 dólares por ai, mas era a minha fortuna e a minha cabeça e minhas mãos, cheguei ao Rio de Janeiro e portanto a minha mulher e o meu filho ficaram nessa organização; a minha mulher tinha saído já antes, eu fui o último a ir, a minha mulher estava com o meu filho, a minha mulher estava com o meu filho num hotel, numa pensão, uma pensãozinha em Lisboa, não sei se conhece Lisboa, Almirante Reis ali...
C- Conheço, conheço...
E- Pensão Flores. Onde estavam todos os retornados lá. Minha mulher ficou lá, eu estive 20 dias em Lisboa, assim que eu consegui nacionalidade, no dia seguinte, no dia 25 de Abril embarquei para o Rio de Janeiro sem nenhuma indicação. Sem nada.
C- Sem ninguém aqui?
E- Nada.
C- Veio sozinho ou ?
E - Não. Eu sabia que tinha o meu colega e a mulher dos tempos do ROCKS, os ROCKS dos tempos da música, falei ROCKS, porque era um dos nomes do nosso grupo. Estava no Brasil, aonde não sei. Tinha um colega do banco de Angola que estava em São Paulo, mas eu não sabia aonde, e tinha uma...a minha cunhada...a minha mulher tem uma madrasta, o pai dela casou-se uma segunda vez com uma senhora. Fugiram e estavam no Rio de Janeiro, essa o endereço. Cheguei ao Rio de Janeiro, Avenida Rio Branco, fiquei em um hotel ali na Lapa, na Lapa veja só, fiquei lá um dia...
C- Sozinho? Sem a mulher?
E- Sozinho. Eu queria vir para o Brasil porque lá eu não tinha chance, primeiro que cheguei lá depois da independência, então o banco de Angola já não reconhecia, embora eu ainda estivesse trabalhando no banco de Angola, que ainda era português mesmo depois da Independência, e o tempo que eu trabalhei no banco após a independência de Angola, ainda era um banco português. Mas, ao chegar lá já não me reconheciam mais como funcionário. Eu já não tinha os mesmos direitos que os outros que chegaram lá até o dia da independência. Eu se ficasse ia ser mandado para Açores, Ilha do Pico, coisas assim, era o último da lista. O ambiente era totalmente agreste para quem vinha de lá, quem vinha de lá, quem vinha de lá comia preto, matava os pretos, era assim a visão que o partido comunista tinha dos retornados, dos brancos portugueses que voltavam. Eram eles os colonizadores que mataram os pretos. Então, como eu era branco eu também estava no mesmo [...], eu não podia ficar numa coisa dessas, claro que passado um ano a coisa normalizou, tá tudo muito bem, as pessoas estão integradas, ninguém fala mais nisso, uma beleza, que eu tenho lá a família toda ainda, a maioria ta lá, os meus pais tiveram aposentadoria lá, tudo direitinho, viveram muito bem até morrer, então não

queixa nenhuma, mas aquele momento de transição foi terrível, como qualquer revolução que há, qualquer revolução. Eu vim para o Brasil onde também havia um movimento de recepção dos angolanos e dos moçambicanos e dos guineenses, que chegavam ao Brasil até 31 de maço de 76, chegavam ao Brasil recebiam carteira de trabalho e RG, imediatamente.
C- RG brasileiro?
E- RG Brasileiro e carteira de trabalho. Isso acabou no dia 31 de março e eu cheguei depois..[...] eu cheguei depois como português, mas aquilo lá já tinha acabado, mas me ajudaram muito, me ajudaram muito. Foi uma coisa extraordinária.
C- Quem te recebeu aqui no Brasil foi essa conhecida?
E- Quem me deu guarida...
C- Foi essa...
E- Tia, entre aspas, que não é tia...ahã na casa dela, ela tinha uma farmácia no Rio de Janeiro, ela morava ali no Flamengo, classe média alta já, já estava no Brasil há anos, e por que que ela estava no Brasil? Porque o filho dela mais velho atingiu a idade militar e o primeiro marido dela morava no Brasil, então quando o filho atingiu 17 anos ela mandou para o pai, o filho veio para o Brasil aos 17 anos, há muitos anos, e por causa disso quando começou a guerra em Angola, ela pegou no novo marido, no novo filho e veio tudo para o Brasil para estar juntos todos os filhos tudo, então já estava desde 73 por ai. Já estava bem, já tinha uma farmácia. E já tinha uma bela casa e eu fiquei na sala dormindo lá um mês e tentando regularizar a minha situação para ter emprego. Eu tinha um currículo muito bom, eu tinha experiência, eu não vim aprender nada, eu vim arranjar uma vida nova, e lutava, lutava pelos documentos, era uma corrupção danada, eu não queria gastar o meu dinheiro o meu restinho do dinheiro, comia sanduíche todo o dia... Até que um dia estava vendo fantástico no domingo, já havia o fantástico, e aparece lá o meu amigo, o meu colega do conjunto, eles estavam no Rio de Janeiro, moravam em São Paulo, mas estavam atuando em um hotel, aquele lá o tal que já não existe mais, o principal hotel que havia lá na zona sul. Tinha show, tinha teatro, tinha tudo. Era em São Conrado, acho que era em São Conrado. Bom, ela a mulher dele, era uma grande artista portuguesa, chamada Paula Ribas, que estava no Brasil desde os anos 70, que participou dos festivais de 67/69, acho que tirou terceiro lugar no último, FIC Internacional, era uma carreira linda, e ele era o músico dela, cantava junto com ela, fizeram uma dupla, e eu o vi na televisão, estavam atuando no hotel e estavam atuando também em um restaurante português...
C- Que era seu colega músico...
E – Músico do meu grupo. Meu grande amigo o Luís, que eu chamava de Luito, que ele tinha mudado de nome para um nome angolano, ele chamava-se Luís N'Gambi. Faziam show no Lisboa à Noite, restaurante Lisboa à Noite, que era de portugueses, tinha fados e tal e tinha música angolana também; e claro que eu fui ter com eles logo, porque tinha anúncio na televisão, eles cantando, né? Bom, foi uma alegria muito grande, eles estavam provisoriamente no Rio, por causa desse show que eles tinham no hotel...era o maior hotel...
C- Palace?
E- Não. Era o melhor de todos do Rio de Janeiro, tinha até teatro, mas o nome agora...bom...
(outra pessoa fala) Hotel Nacional.
E- Hotel Nacional era?

(outra pessoa) Não é?
E-É Hotel Nacional e era em São Conrado?
(outra pessoa) –É
E- Em São Conrado, Hotel Nacional ou Intercontinental não era?
(outra pessoa) Não o Intercontinental...
E- Não, Hotel Nacional . Então, nessa altura eu já estava com os documentos andando e tal e o que foi que aconteceu, fui lá, foi uma alegria muito grande, me convidaram para ficar lá tocando também, cantando, e eu disse: não eu vim para o Brasil para ser informático, para não ser informático vou embora...viver de música não quero mais. Mas, precisava de comer. Então, eu ia para lá todas as noites e me chamavam no meio do show e eu também cantava, também dava um solozinho lá e jantava, comidas maravilhosas portuguesas, era um restaurante caríssimo e jantava. Até que um dia, ah eu sai da casa da tia e fui para o apartamento deles do Luito e da Paula, que era uma quitinete em Copacabana. Em Copacabana uma quitinetizinha onde eu estava com a mãe dela, a mãe dela já tinha uma certa idade 60 anos, por aí e eles moravam num quarto e depois tinha um corredorzinho onde tinha a caminha dela e eu passei a dormir com ela, ela na cama e eu no chão né? É amigos assim de muito amor, muito amigos até hoje, até hoje. A mãe faleceu já. Estive lá um mês, dormindo no chão e a cantar lá no coiso e tal e atrás dos meus documentos. Todo dia eu ia lá para os lugares onde tinha que sair o meu RG, né?Ia fazer pressão todo dia, eu já conhecia todo mundo, eu chateava todo mundo, até que um dia saiu mesmo, isso já no meu quarto mês, não meu terceiro mês de Rio de Janeiro saiu, bati um record, as coisas demoravam um ano para sair...
C- Em 76?
E- Em 76. Saiu em três meses, com aquele documento, ah a minha mulher em Portugal encontrou o pai de um outro amigo meu com quem eu tinha também tocado música, mas não internacionalmente - só em Angola, num outro grupo anterior - e que estava em Salvador na Bahia. Bom, com aquele documento eu já podia... como é que se diz, procurar concorrências para empregos, analistas de sistemas ou chefes de programação, coisas ainda raras naquela época não é? Muito poucos lugares, e uma dessas concorrências eu fui escolhido entre uns trinta. Foram escolhidos três, estive uma semana fazendo testes para uma empresa lá e eu fui o escolhido, primeiro lugar, muito bom. Na sexta feira fui lá para deixar os documentos ba,ba,ba, fui ver o meu lugar, fui ver o computador e tal, fui ver como era o serviço, na sexta feira, para entrar na segunda. Fizemos uma festa, peguei uma bebedeira, já ia mandar chamar a família, era o primeiro lugar, analista de sistema, ia ganhar na época quase dez mil reais, o dólar era na época, 10 dólares era 10 mil cruzeiros não é, eu ia ganhar 10 mil cruzeiros o dólar era mais ou menos 9 cruzeiros 10 então era uns mil dólares, e o dólar era muito mais forte do que hoje, mil dólares hoje vale metade do que valia mil dólares na época... era um lugar extraordinário. Era numa construtora. Quando cheguei na segunda feira mandaram-me subir ao senhor Jacob, que era o presidente - lá no décimo primeiro andar. Eu fui pensei para me apresentar né... e na ante sala estava um dos meus concorrentes, era um americano que não sabia nem português, bom resumindo (me ofereceram) outro lugar porque Jacob quis contratar o americano, claro eu não aceitei, até me excedi...era uma brincadeira aquilo lá depois de...Bom, a minha vontade foi de entrar no primeiro, porque eu tinha a viagem de volta, tinha sete viagens de volta, meu amigo e a mulher me seguraram – não – vai conseguires, me

ofereceram ao invés de dez mil três mil como escriturário, com os cursos que eu tinha , com o Know How) eu ia lá eu ia implantar coisas novas, eu já tinha andado vendo, a coisa ainda tava nascendo, e nós lá em Luanda o banco emissor estava muito adiantado em relação a Portugal e em relação ao Brasil inclusive, claro que depois aprendi muita coisa aqui, ainda era o principio da informática magnética; antes era tudo na base do cartão perfurado, disco magnético tinha [...] usar discos. Bom, o que que eu fiz, peguei um ônibus e fui para Salvador, que a minha mulher tinha me escrito lá da morada do meu amigo, fui para Salvador, ah tinha vindo a São Paulo, aqui em São Paulo encontrei o meu amigo do Banco de Angola, como é que encontrei , o Farinha, como é que eu encontrei o Farinha,
C- Como é que se chama?
E- Farinha, ele é da família Farinha ele é o Luiz Pedro, Luiz Pedro Farinha mas existe outros Farinhas por aqui, são primos.
C- São primos?
E- Você conhece algum Farinha aqui? Angolano? Careca?
C- Conheço o engenheiro Farinha
E- Pode falar do Elmer para ele, somos amigos. Vai entrevistá-lo ou já
C- Vou entrevista-lo ainda não entrei em contacto com ele.
E- Mora no Brooklin?
C- Na Praça Pan Americana se não me engano. É o endereço que eu tenho, não sei se ainda é.
E- A firma? A firma, ele mora no Brooklin se for ele, ele é casado com uma moça chamada Berta?
C- Não, não isso eu não sei.
E- Casado com uma moça chamada Berta e ele está muito bem aqui, uma situação ótima, está em contato com Angola, a firma que ele trabalha está tendo trabalhos lá.
C- Só pode ser
E- Construção civil e tudo, é uma firma de acho que de construção civil.
C- Ele era seu colega em Angola.?
E- Não
C- Primo
E- Ele é primo do outro meu colega Farinha que trabalhava no Mackenzie, eu não sei como é que eu consegui o endereço dele porque eu vim antes de conseguir os documentos eu vim a São Paulo de ônibus, São Paulo naquela época entrando pela via Dutra, era tudo escuro, tudo poluído, tudo preto, as nuvens, foi a época que tinha maior poluição, muito mais do que hoje, depois veio os carros a álcool diminui bastante, naquela época a poluição era muito grande. Quando eu vi aquilo pensei o que que é que eu vim fazer aqui? Isso aqui é [...]. Bom, fui lá ter com o Farinha o Luiz Pedro que na época da implantação da informática no Banco de Angola eu e ele fomos os dois dos dezoito escolhidos, ele também era analista e ele estava no Mackenzie como analista de sistema e tinha entrado a fazer vestibular, tinha entrado não sei qual curso, curso de Contabilidade não é? Curso superior existe a Administração e as Ciências Contábeis.
C- Sim, sim
E- Ele estava no primeiro ano de Ciências Contábeis, ele tinha vindo antes da independência, fiz a entrevista e voltei para o Rio, que eu tava tratando.
C- Isso aqui no Mackenzie?

E- Aqui no Mackenzie e fiquei a espera, e fui para Salvador. Quando cheguei em Salvador tinha um telegrama, que eu tinha deixado o endereço do Luito.
C- Nhum, nhum
E- Do ROCKS, do tempo da música não é? O Luito mandou-me um telegrama dizendo-me que o Mackenzie tinha me chamado, mandou o telegrama para o meu amigo de Salvador que era o Marcos da Silva que a gente chamava de Tó Silva. O Marcos da Silva estava implantando em Salvador junto com o cunhado, uma empresa de fábrica alumínio. Que eles tinham em Angola e tinham perdido tudo e estavam implantando com um sócio brasileiro lá de Salvador estavam implantando uma fábrica de alumínio, em Salvador, lá no Pólo Petroquímico, não sei como se chama...
C- Camaçari.
E- É exatamente. E havia a hipótese de eu ficar por lá, mas pelo sim e pelo não, eu mandei uma resposta aos meus amigos, no dia que eu estive aqui [...] e eles me deram quinze dias para eu voltar. Mandei para o Mackenzie. Aí fiz entrevistas lá em Salvador no [...], na IBM, para ver se ficava na informática lá, e se não ficasse tinha o meu amigo e eu entraria como funcionário alguma coisa assim, para implantar informática na própria fábrica, embora para ganhar nada, naquela época não havia dinheiro, havia só um futuro. Passado quinze dias, não veio resposta de nada, nada, nada, nada, eu disse, bom, eu vou embora, eu vou para São Paulo, vou para o Mackenzie. Confiante de que o telegrama tinha chegado, o telegrama não chegou. O Mackenzie estava me esperando e eu lá em Salvador, não havia celulares, eu não tinha telefones de ninguém, é tudo mais difícil que hoje, e o telegrama tava errado. Passado um ano e o Marcos da Silva recebeu o telegrama devolvido, um ano depois. Bom, o ônibus passou pelo Rio, eu deixei a minha mala, coisa pouca que eu tinha na rodoviária e fui ao Lisboa à Noite com a minha maleta James Bond, despedir das pessoas, onde tinha quase 600 dólares ainda, não devia nada, paguei tudo, apenas comia de graça lá, à noite, mas de resto eu tinha o mínimo, para comprar comida a tarde. Bom, havia uma festa lá, no Lisboa à Noite estava fechado, os filhos tinham se formado, chamaram os colegas da faculdade, fecharam o Lisboa à Noite para uma festa particular, é claro que eu entrei eu era amigo da casa, tavam lá os meus amigos de Angola resultado, saí de lá para rodoviária com a maleta e cheguei em São Paulo. No dia seguinte de manhã e fui para casa do Farinha e quando abri a maleta, não tinha os seiscentos dólares, zero, absolutamente zero, iniciei em São Paulo com zero reais, o que que aconteceu, fiz uma entrevista com o meu futuro chefe, bem, da informática, o cara disse que esperou até aquele dia por acaso porque não tinha arranjado mais ninguém com o meu perfil, que de qualquer maneira estava contratado. Eu não falei nada, não tinha um tostão, mas tinha que fazer o exame médico, como é que chamava, a chapa de pulmão, coisas que havia na época, não tinha um tostão. O meu amigo Farinha contou a história para os que iam ser meus subordinados, eu ia ser chefe de programação, no lugar que todo mundo ambicionava, eu ia por cima sendo chefe deles. Fizeram uma vaquinha e me sustentaram um mês, isto só no Brasil, isto não existe, não existe, vivi muito bem um mês, com a vaquinha que eles fizeram, deu um bom dinheiro, fizeram uma vaquinha na faculdade toda, deu pra eu fazer os exames, deu pra eu comer, deu para eu ir para uma pensão, que eu estava na casa dele também, dormindo no chão; mas a casa dele era um albergue de um monte de gente que chegava e tinha gente dormindo na sala...Ele recebia todo mundo,

era uma gente muito boa, muito boa, mas ele era meu amigo assim de infância... Mas eu disse não, vou para uma pensão, e eu fui para uma pensão ali na Major Sertório, que era uma pensão de rápida né, sabe como é que é...entra e saí...Contei a minha história para lá...os caras me fizeram um preço especial, me trataram como se fosse um deus, porque ali eles tinham prostitutas...mas eu era tratado ali oh...mudavam a roupa da cama todo o dia, todo o dia tinha o quarto novo, café da manhã ali com tudo e por um preço mixaria, havia muita consciência de apoio da guerra de Angola, aquela coisa, noticias todo o dia na rádio, refugiados e tal...
C- Havia essa coisa toda?
E- Havia, aqui no Brasil havia. Em Portugal não, em Portugal havia as noticias sempre contra, até que depois mudou...E havia um apoio muito grande da própria população, era incrível. Aí escrevi a minha mulher, disse pode vir, e aí minha mulher veio, com o resto das sete passagens, mas veio também paga pela própria organização que recebiam os refugiados lá e pagaram para ela ir embora...haha...para se livrarem dela...haha...dela e de meu filho. Entretanto, a minha cunhada e a minha sogra, que é mãe dela tinham ficado em Luanda e eu tinha saído em férias, e o MPLA, a DISA andava me procurando, foi a casa de meu tio...
C – Mas essa procura por quê?
E – Porque eu não voltei e eu estava sendo um sabotador econômico, o banco parou a parte de informática piff, parou completamente. Eu deixei um plano para um mês, para eu voltar, daí parou, dois bancos pararam e eu fui dado como sabotador econômico e eles foram procurar o meu tio, o meu tio não tinha o endereço dos meus pais graças a Deus, não os procuraram, mas procuraram várias vezes o meu tio que era do banco de Angola e em Portugal, tia dela. Mas, elas estavam lá e não sofreram nenhum mal, não tenho noticia que tenham sofrido qualquer retaliação. O partido de Angola, apenas procuraram por mim lá e tal. Mas, se me pegassem em Angola eu teria ido para a prisão com certeza, naquela época. Bom, minha mulher e meu filho chegaram em agosto, eu tava trabalhando desde de Julho, chegaram em agosto eu fui buscá-los ao Rio de Janeiro, mesmo de ônibus, ainda na pensão de prostitutas, era um respeito...Eu ganhava bem, não era o dez mil, mas era sete, eu ganhava bem, chefe de programação já tinha recebido o meu primeiro vencimento. Perto do Mackenzie ali na Dona Veridiana havia um prédio muito bonito que era o edifício Jóia. Tinha lá um apartamento fui falar com o dono, o dono disse ahã precisa de um fiador, tenho meu emprego só não conheço ninguém, o cara olhou para mim e disse tudo bem eu alugo para o senhor. Fiz o contrato e fomos para lá dormir no chão sem mobília, sem nada (risada)...fomos para lá, ai eu fui ao Mappin sabe o Mappin?
C- Sei, sei
E- No primeiro andar não sei o quê, no segundo andar não sei o quê, no Mappin. Fui lá no crédito, no crediário a inflação nessa altura era 30 e tal por cento, era um absurdo para mim que nunca tinha visto inflação na vida, nunca tinha visto inflação, inflação para mim era um absurdo 30% ao ano, os juros era uma coisa absurda, e eu que era bancário... Aí cheguei lá ao crediário e contei a minha história: que tinha sido roubado no Rio, por gente, por gente que eram os amigos lá dos filhos do dono, eu não sei quem foi mais foi... Não tinha um tostão só tinha o meu emprego, que é que vocês fazem por mim? O cara disse escolha o que você quiser e vencimento por 12 meses, Mappin, eu levei tudo

cama, fogão, televisão, armário, tudo enchi a casa toda e paguei em um ano.O Mappin não perdia dinheiro por nada, veja como as pessoas ainda confiavam sei lá, não sei se pela cara se pela influencia da história, foi isso... A partir daí, foi uma luta normal. Fiz o vestibular que eu senti que tinha que ter um curso brasileiro, que os meus cursos não eram reconhecidos aqui; o meu curso de análise não era reconhecido, era um curso médio, então fiz vestibular no fim do ano, entrei, eu já não estudava ó e não fiz cursinho nem nada e entrei em 14° lugar e fiz Administração. Meu filho fez... deram bolsa para ele e para mim, o Mackenzie deu bolsa para mim e meu filho não pagávamos nada, e durante dois anos fui patrocinado pelo Mackenzie. Ao fim de dois anos a SABESP me chamou, que eu tinha feito uma entrevista lá há dois anos atrás e me chamou, precisava ter curso superior e eu disse não eu estou estudando eu estou no 3° ano, eu já estava no 3° ano daqui a dois anos estou formado. Me contratou fui para a SABESP. Líder de projetos. Implantei lá o (UNIVAC 1100) grande computador da época, fiz a conversão dos programas dos computadores de 2° geração e terceira, ganhei muito prestígio lá dentro, trouxe o Farinha do Mackenzie para a SABESP, lá no Mackenzie ele era o meu chefe aqui na SABESP passou a ser eu [...] levei o Farinha para a SABESP, na SABESP fizemos um grupo que era um chileno, um português, o José Augusto Saraiva que era o português, mas veio ao Brasil com dois anos mas era português porque os pais eram portugueses, eu e o Farinha. Os quatro fizemos um grupo, porque a gente tinha que fazer, ganhar a vida, fazer dinheiro. Eu não tinha carro ainda, apesar que nós vivíamos bem, não faltava nada, mas eu ainda não tinha a mesma estrutura, a mesma estrutura que eu tinha em Luanda. Então começamos a fazer trabalhos noturnos de informática para fora e um dos nossos clientes foi o Banco Real, e fizemos um sistema de controle de leasing, contratos de leasing e daí nasceu uma empresa e eu sai da SABESP junto com o José Augusto Saraiva e formamos uma empresa chamada GTS Informática e passamos a implantar esse sistema em todo o Brasil. A coisa cresceu bastante e o [...] voltou para o Chile e o Farinha ficou no meu lugar na SABESP e trabalhava para mim à noite, mas nunca saiu da SABESP. A SABESP virou PRODESP, quer dizer a parte de informática foi anexada a PRODESP, mas depois voltou a sair, hoje a informática da SABESP está separada da PRODESP novamente, e a chefe de lá era a minha analista a (Leilinha) uma japonesinha que hoje é manda chuva. Aí eu conheci [...], conheci um monte de gente, tinha como cliente a Wolkswagen, prestei serviços para Wolkswagen 22 anos, controlei os contratos de leasing da Wolkswagen por 22 anos e até 2004, depois vieram as novas tecnologias e tal, eu montei outra firma com outra pessoa, uma brasileira, chamada Ana Braz, essa firma tinha como grande cliente o Citibank, e a coisa foi indo, tive contratos na Argentina, morei lá...não, estive lá desde 94/95, 96, 97, até 2000, eu tava toda semana lá em Buenos Aires... Implantei sistemas de controle de investimentos, controle de fundos, contas de investimentos, banco de Boston de lá que também era meu cliente aqui e no banco Cidad de La Plata, banco Rio de La Plata, que depois foi comprado pelo Santander, quando eu estava lá, eu estava lá quando o Santander comprou o Rio de La Plata, mas continuou o meu contrato. Aí veio a crise na Argentina, 2001, 2000, aquela crise tremenda, eu já estava com os meus contratos terminados, e até hoje não me interessa mais voltar lá, não é por nada. Eu tô meio afastado da parte de análise, a parte política da informática. Tô meio afastado a minha cunhada tem esse restaurante eu dou

essa ajudazinha aqui, meu filho tem uma academia em Valinhos, eu ajudo a controlar lá, eu dou uma mão aqui no fim de semana, enfim, continuo a trabalhar doze horas por dia e estou no país que eu quero.
C- Se adaptou muito bem?
E – Com certeza, com certeza. Minha mulher também, meu filho veio para cá com dez anos, hoje tem 40.
C- E ele tem...ele se adaptou bem, super bem.
E- Lógico, lógico.Todos nós. Mas nós somos imigrantes e a imigração deixa seqüelas até o fim da vida. Não tem jeito, nada substitui aquilo que a gente amava, aquilo...que a gente descobriu que amava depois...que a gente vivia feliz e não sabia, as minhas ruas, os meus amigos, enfim minha comida tudo...
C –E a comida?
E – É a mesma coisa é quase igual, a comida típica de Angola é como a da Bahia, muito parecida, a comida normal vossa [do brasileiro]é muito portuguesa, a comida brasileira é muito portuguesa, não faz muita diferença, São Paulo é mais também italiano, mas é...
C- E pensa em algum dia em voltar? Chegou a voltar depois à Angola, não?
E- Não. Eu tenho ido muito a Portugal, porque tenho lá a família, tenho lá dois irmãos, com todos os descendentes; tenho um irmão e uma irmã, meu irmão já está velhinho, o meu pai faleceu em 94, e a minha mãe em 2004. Até 2004 eu ia lá de dois em dois anos pelo menos, agora eu não vou lá desde 2004, primeiro por causa disso, porque não me deixa sair nem para o Guarujá e segundo porque a minha mãe faleceu e tal, fiquei mais sem...O pai da minha mulher também faleceu, a mãe da minha mulher faleceu aqui, e havia todos os descendentes, são todos brasileiros, tenho três netos homens, lindos e pronto, tenho o meu apartamento próprio, tenho casa na praia, casa não, apartamento...no Guarujá, meu filho tem casa própria também, é...
C- A vida andou...
E- É casado com uma mulher linda, tem uma família linda, enfim...
C- E Angola? Pensa em voltar algum dia ou não? Nem tem vontade
E- Angola, a maneira como eu saí...me deixa com muita dificuldade em ir lá. Quem eu deixei lá... Angola passou esses trinta anos de grande dificuldade, guerra, dificuldade em tudo, e as pessoas que lá ficaram, os meus amigos que lá ficaram agüentaram tudo isso e se estão bem de vida eles merecem. Eu saí de lá...quer dizer hoje, hoje eles reconhecem que eu não sou nenhum sabotador econômico, nada disso, tenho amigos no governo tudo... eu acompanhei sempre tudo, ainda tenho lá primos, se eu quiser tenho casa, Angola me dá aposentadoria se eu quiser, se eu for para lá, tenho direito, mas é difícil, é difícil. Mas o meu filho sim, o meu filho tem um recalque, tem que voltar lá...e...quer dizer, quando eu deixei ele em Lisboa com 9 anos, com a minha família -aliás foi com a família da minha mulher que ficou com ele uns meses - eu disse a ele, olha vai ficar aqui para passar a independência e assim que tiver tudo normalizado a guerra acabar tu voltas e ele ficou com isso até hoje...na cabeça, ele se lembra de tudo, tudo, tudo, com mais detalhes do que eu. E um dos grandes amigos meus, do meu pai, de uma minha família que hoje é muito importante lá, Mingas, famílias Mingas, que está junto do poder né, o mais novo que se chama André, que era um menininho que andava lá, de fralda lá, no meu bairro, que me adora, desde aquela época e que é mais novo que eu e tudo, e transportou essa admiração, esse amor não sei, para o meu filho. Então, eles são quase da mesma idade e dão-se muito por e-mail, por

skype...e meu filho tem um projeto maravilhoso, que ele já aplicou aqui, na prefeitura de Valinhos. Proporcionar esporte ao pessoal de baixa renda, de preferência de baixa renda, com aquela coisa de esporte e escola, tem esporte se tiver escola, isso por bom comportamento, isso ele fez com Valinhos, e tem um projeto muito mais ambicioso para Angola e ele apresentou isso para o Mingas, e o Mingas é assessor do presidente, Zé Eduardo, nem sei se o Zé Eduardo se lembra de mim, não sei, desde a escola passaram-se quarenta anos, e desde aquele dia em que eu saí, trinta e dois. Capaz de nem se lembrar mais de mim, mas o André é assessor dele; e tem um proposta para implantar lá um projeto grande, para o governo implantar um projeto desses, em várias cidade, agora que ele pacificou de vez, real, realmente acabou a guerra, faz seis anos já, as guerras começaram antes, mas a guerra propriamente começou em 61. 61 a guerra colonial e a guerra civil começou durante a guerra colonial, durante a guerra colonial já havia guerra civil, simultaneamente, tem guerra civil de 74 para cá, até 2001, quando o chefe da guerrilha morreu, o Savimbi, morreu. Morreu não, foi assassinado, terrivelmente, de uma maneira muito feia, mas realmente acabou a guerra. Hoje o partido dele tá na Assembléia Nacional, vai participar s eleições, alias ele participou das eleições que houve em noventa e...92, em 92. Houve uma eleição, era em dois turnos, o primeiro turno ficaram os dois (Zé Eduardo) e o Savimbi. Mas, o Savimbi não se conformou e começou a guerra de novo, em Luanda, houve uma guerra terrível em 92, e depois continuou, a guerra civil foi maior ainda, depois...e não houve segundo turno, que seria entre os dois, e agora por causa disso o Zé Eduardo está no poder, mesmo com a abertura política, que começou após a queda do muro de Berlim, após o fim da União Soviética, Angola também teve uma abertura política, começou a democracia, só que é uma coisa muita lenta, então, aí veio as eleições de 92, 92 ou 93? Não tenho certeza, seria a democracia plena política, porque militar ainda não havia, pois os partidos continuavam armados, fez-se um acordo, fazer-se um exército único, mas na pratica, as armas estavam escondidas, perdeu a eleição e guerra outra vez...E foi terrível pós 92 porque o Savimbi tomou os diamantes, com a região da Lunda do leste de Angola, ele ficou com a parte diamantífera, a parte leste de Angola e apoiada pelos EUA. Não o governo, mas pelo dinheiro, e vivia dos diamantes, tanto que os diamantes do mundo deram uma baixada de valor por causa do Savimbi, tinha que vender a preço vil na Europa. Até que ele foi enfraquecendo e mataram ele, mesmo dentro do partido dele já havia...a UNITA um e a UNITA dois. A UNITA um tava em Luanda e a UNITA dois continuava em guerra, e com a morte dele a UNITA um acabou e ninguém quer mais guerra, porque foi terrível, um terror... 40 anos! Então, eu só irei a Angola, engajado nesse projeto, se fosse necessário eu ir, senão não vou. É isso aí, essa é a minha história depois da independência e um pouquinho antes da independência, tem a parte musical...

C – E como é que é a parte musical, eu gostaria muito de ouvir.

E – A parte musical...Eu tinha um irmão que tocava violão maravilhosamente e esse irmão foi estudar para Portugal, nos tempos coloniais, lá em 59, ele acabou de fazer 70 anos agora, meu irmão é bem mais velho que eu. E eu tinha aquela, eu sempre desde criança tinha jeito pra música, toda a gente sabia, inclusive quando criança participei de shows, shows infantis, no Cine Tropical, etc. E aos catorze, quinze anos eu senti necessidade de musicar. Então, em uma das minhas férias meu irmão me ensinou a usar o violão,

comecei a aprender violão, comecei a tocar no liceu, com isso eu tinha uma tuna acadêmica também, comecei a tocar junto com os outros, aprendi, comecei a crescer e tal e tal; e comecei a me aprofundar nos estudos das harmonias e das melodias e comecei a aprender música, isso sem música, só ouvido e a parte de harmonia. Bom, do liceu saiu um grupo, que passou a tocar assim amadoramente na noite, tocávamos nos clubes, ganhávamos dinheiro. Entretanto, o meu pai já como diretor de fazenda, de terceira classe, não podia ser colocado de segunda, já era colocado assim fora do ciclo de poder, meu pai esteve nas cidades de interior desde que eu me lembre, eu ficava em Luanda, ele ia para casa deles lá no interior, eu morava na casa deles em Luanda sozinho, o meu irmão tava em Lisboa estudando e a minha irmã já tinha casado, já tinha filhos, meus sobrinhos queridos e eu ia comer na casa dela e ia na minha avó e tinha uma motocazita, estudava e tocava, até que a coisa foi evoluindo, o conjunto foi...começou a fazer coisas muito sérias, a gente foi evoluindo muito, entrou um baterista novo, muito bom, entrou um saxofonista, e no meu bairro havia um grupo, e em 59 havia um Boom do Rock and Roll, começou a aparecer um grupo, todos os meus amigos, ainda que tinham andado comigo na escola primaria, mas depois a coisa evoluiu para uma coisa mais séria, eles estavam todos na escola industrial e eu estava no Liceu, o Liceu dava caminho para a elite, a elite tava no Liceu ia para engenheiros, médicos, etc...a escola industrial ia para cursos médios, cursos profissionalizantes, e também depois de um estágio podiam ir para curso superior mas era mais difícil, esses meus amigos como eram todos de cor, todos gente pobre, estavam na escola industrial, mas eu era do bairro e ele formaram um grupo que se apresentou pela primeira vez em um programa lá que era...lá não havia televisão, então o que havia? Havia matinês de shows, sábado e domingo, em toda Angola, o chá das seis, o chá das cinco e meia, havia shows que substituíam o que seria hoje a televisão do Silvio Santos, havia concursos e tal e grandes artistas, todo o sábado e todo domingo e esse conjunto se apresentou –se lá e tocou maravilhosamente, eram dois irmãos, o Saraiva, o Luito e o Fernando, o Eduardo Nascimento cantor, negro,uma coisa maravilhoso, uma voz de , uma voz grave mas também tinha agudos, uma coisa maravilhosa e o baterista, era multirracial, um negro, dois mulatos e um branco.Ainda não havia guitarra baixo, e não havia teclados ainda, 59, e eu tinha um outro conjunto, chamava-se, sabe como? Bossa Nova...

C- Bossa Nova (risos) Por causa da Bossa Nova aqui do Brasil ou...

E – Por causa da Bossa Nova que tinha aparecido lá em Luanda, primeiro do que em Portugal, eu já conhecia o (Jorge), o chega de saudade, e o desafinar, com Tom Jobim e o João Gilberto, eu já conhecia antes de chegar a Portugal, era assim,e foi assim que esse grupo evoluiu de tal maneira e o outro grupo, estávamos rivais mas éramos amigos, éramos rivais só para...

C- Concursos e no mais (risos)

E- Para tietagem, para tietagem, mas eu ia escutar e aprender com eles e eles iam ver a gente tocando, era muito engraçado, até que um dia, ah eles tinham uma guitarrista, que era um militar português que estava lá em comissão.

C – Em que ano isso?

E – 64/65. Eu já tava tocando desde 61, e eles também, rivais, esse militar que tinha introduzido a viola baixo, guitarra baixo, no conjunto o que deu um incremento muito grande, e teclado, acabou o serviço militar, e foi embora, eles estiveram na minha casa, e disseram meu querido Elmer é agora ou nunca, e

me roubaram, eu era o principal do Bossa Nova, eu era cantor eu era guitarra solo, eu orquestrava, junto com saxofonista, ele me ajudava, ele sabia musica para caramba, e o pianista, o teclado, era o cara de Salvador, do Bossa Nova, o cara de Salvador, era o teclado do Bossa Nova e por incrível que pareça eu tenho uma neta, que hoje tem catorze anos, ou treze, ta tocando piano que é uma maravilha, lá em Salvador, da concertos, tudo, bom, eu sai do Bossa Nova e fui aprender, eu não sabia tocar baixo, fui fazer baixo, fui estudar, uma guitarra (ofner) igual a do Paul Mcartney, que nessa altura estava na guerra.
E- Naquela época era tudo Ofner, Ofner e Gibson, bom, aprendi em uma semana a escala, virei a segunda voz do grupo, e passei a orquestrar tudo com o Luito, estava tudo...o Luito era a guitarra base, o Fernando que era o irmão era a guitarra solo, eu deixei de ser o solo para ser o baixo, melhorou, porque como baixo era muito mais fácil cantar como baixo do que como solo, que era o que eu fazia, solo e cantor, e o ultimo irmão, cresceu e tinha 16 anos, eu já tinha 20 nessa altura, e substituiu o baterista angolano branco, porque virou um gênio, o baterista dos ROCKS, os ROCKS foram batizados de ROCKS no programa, quer dizer o público é que deu o nome, esses ROCKS, teve um concurso em Portugal chamado Ieieie, em 65 em todo o território nacional e os ROCKS ganharam o concurso mesmo, os votos por júri e nós fomos a final em Luanda , ganhamos, havia um cara de Moçambique, um cara de Timor, um cara de Guiné, um cara de Cabo Verde os conjuntos todos de ieieie de todo o território nacional e sete conjuntos de Portugal e a final foi em Lisboa, e nós fomos para Lisboa assim para a final do Ieieie, mas nós já íamos contratados pelo Passos Morgado, Passos Morgado era o maior empresário português de teatro, de tudo o que se possa imaginar de shows passava pelas mãos do Passo Morgado. O Morgado foi a Luanda só para assistir o show dos ROCKS que já estavam famoso, ficou encantado, ficou nosso amigo e aproveitou a nossa ida para o concurso que era pago pelo governo a nossa viagem, a nossa estadia e nos contratou em Portugal, então nós já não voltamos, nós fizemos o concurso, teve várias eliminatórias lá até que chegamos a final, os finalistas eram os (Sheiks) os (Sheiks) que eram um grande conjunto o Paulo Carvalho você conhece o Paulo Carvalho
C- Não
E- É o maior cantor português de fado (incompreensível....) os quatro cantores fizeram carreira solo, ganharam festivais da canção, são autores, era um conjunto maravilhoso o (Sheiks), os (Jocs) e os (Ecus) os (Ecus) era um conjunto acadêmico feito para ganhar, tanto que a final foi entre o (Ecus) e o ROCKS, os (Sheiks) já tinham discos gravados, já tinham, já tinham [...] já eram muito famosos, o Ecus vieram, eram filho do presidente do júri, eram bons mais perto dos (Sheiks) e dos ROCKS coitados, então eles ganharam o concurso, os ROCKS ficaram em segundo, os (Sheiks) desistiram, no final do dia da apuração, foi no Monumental que hoje é um shopping, era um conjunto de cinema para 2500 pessoas e teatro, tinha teatro e tinha uma espécie de shopping, restaurante, isso era o Monumental na Praça de Saldanha, você conhece Lisboa?
C- Conheço.
E- Ali no Saldanha hoje tem o shopping Monumental, chama-se Monumental mas não era foi tudo derrubado e reconstruído. Nós ficamos em segundo, ao sair da porta dos artistas havia uma multidão, uma multidão cá fora, protestando pela classificação, de maneira que eu desapareci no meio daquela

multidão, fui no meio daquela gente, quando dei por mim estava lá embaixo no Marques, milhares de pessoas, deu na televisão e tudo para todo o território nacional, foi melhor ficarmos em segundo por que essa injustiça deu o contrário, ficamos um ano em cartaz no Monumental, um ano conjunto de rock, o Morgado nos vestiu, os nossos instrumentos vieram de longe, nossas roupas vieram de longe, era época da boca de sino, cabelos longos e botas, enfim foram anos maravilhosos, corri Portugal de ponta a ponta, fomos para a Espanha, pra Londres, fui para a Holanda tentar me isentar do serviço militar, enfim foi essa a história, passado dois anos eu tive que optar ou ia para o serviço militar, ou fugir de Portugal, é lógico que eu optei pelo serviço militar por causa da família, [...], na verdade estive com eles na Holanda. Nesse ínterim, nós tivemos prêmios na imprensa, nós ficamos famosos, ali no circuito português, Espanha e tal, conheci Paula Ribas, uma das grandezas, as grandes artistas lá eram Simone de Oliveira, Paula Ribas e Madalena Iglesias, fora do fado, no fado era Amália Rodrigues, e o nosso cachê era o dobro do da Amália Rodrigues, mas nós também éramos cinco, quando viemos da Holanda trouxemos um holandês das Antilhas, tocava teclados, músico de conservatório. Eduardo Nascimento era nosso cantor, em 66 foi convidado, ganhou o euro visão, o festival euro visão Eduardo Nascimento ganhou. Não foi o ROCKS foi só ele, e nós gravamos a versão em inglês da música, a musica chamava-se O Vento Mudou, o Vento Mudou que todos os anos, até hoje toca, porque foi uma das maiores da época, O Vento Mudou e para apresentar, a final era em Viena na Áustria, para apresentar lá ele tinha que levar uma gravação em inglês, então os ROCKS gravaram a versão em inglês num compacto, e ele foi cantar em português e foi um êxito tremendo, após esse festival a popularidade (desembestou) 40 mil pessoas, na época isso não existia 40 mil pessoas em 66 foi na feira popular, só se fosse num estádio de futebol que na época ainda não se usava para isso, fomos contratados para dar um show na feira popular do Porto, armaram um palco lá e os ingressos foram 40 mil, sentados parece que 10 mil sentados, arquibancadas lotadas na hora, e o resto em pé, para sair de lá fiquei sem paletó, sem gravata, sem nada arrancaram tudo, a gente tinha que atravessar a multidão para chegar no palco...e um dia eu resolvi ou agora ou nunca, treinamos um cara para me substituir, o cara que era de um conjunto português [...], Carlos Alberto, já morreu, ele esteve um mês ensaiando, eu tive passando tudo para ele, entrei em um avião com a família, nessa altura ainda era colônia, e apresentei-me lá em Luanda e mandaram-me como recruta.

C- Onde é que esteve em Luanda na tropa?

E – Eu fui para Nova Lisboa para escola de aplicação militar, que nessa altura estava já com cursos oficiais, como eu tinha habilitação para ser oficial iniciante, [...], então eu fiz o concurso de cadete, então tive três meses no curso de cadete, em Nova Lisboa, que é Huambo, depois mandaram-me por engano, eu saí, com uma especialidade de artilharia, mas era observação e logística, alguma coisa assim, era observação do tiro do artilheiro, canhões, mas ele me mandaram por engano para os comandos, comandos eram o rangers da época, ainda hoje existe lá no exército os comandos, eu estive por engano três meses nos comandos, que seria a infantaria, mas eu não era infante, era um curso muito difícil, muito para ranger mesmo, sofri muito porque eu era magrinho e coisa, fraquinho, e quando virei aspirante e consegui provar que estava errado, me mandaram de novo para Huambo, para Nova Lisboa, onde

eu simultaneamente tirei o curso de artilharia, tive onze meses de curso e isso não sendo militar, imagina se fosse e ao mesmo tempo dava instruções militar aos futuros cabos e sargentos, saí dali fui colocado em uma bateria de artilharia operacional que saia de Luanda para intervenções.
C No fronte?
E- no fronte, passava um tempo no fronte depois voltava e nessas visitações havia minas, havia ataques, essas coisas...e foram quase dois anos assim, a minha base era sempre Luanda, mas sempre com intervenções e no final foi isso, fui ferido uma vez, mas foi em treinamento, levei um tiro nas costas, nos treinos, naqueles, nos segundos três meses, estive no hospital e tudo, não serviu-me de nada, mandaram-me na tropa, na guerra, e na fase final, no ultimo ano eu deixei de fazer operações, passei a ser o assessor do segundo comandante, e aí...aí aconteceram coisas engraçadas, a artilharia tinha oficiais portugueses, sargentos e coronéis angolanos, assimilados portugueses, e a tropa básica que mexia nas bombas eram angolanos, todos do MPLA todos sem exceção estavam ali obrigados a estar, alias, todos nós, obrigados a estar, então você convivia com uma tropa, colonialista, mas também colonizada, era uma coisa muito engraçada e as coisas correram assim e é melhor eu não falar no resto, não vale a pena, são detalhes que não interessam, muitos amigos morreram, muitos, ah um brasileiro por exemplo, havia brasileiros na tropa, brasileiro, eu tive um colega brasileiro que morreu ali onde eu estava com uma mina, porque que ele estava lá, porque ele estava estudando em Portugal, curso superior não sei aonde, e não sei se reprovou, e tinha dupla nacionalidade,
C- Ah dupla nacionalidade...
E-E pronto, oficial, e tava lá, jogava cartas comigo a noite, uma vez que ele saiu com um grupo para ir reabastecer o acampamento, acho que foi buscar água ou alguma coisa assim, para ir buscar água ao rio era uma operação, havia minas pelo caminho, havia ataques, tinha que ir um tanque na frente, ante minas, e atrás a escolta, mesmo assim ele pisou em uma mina, nem o braço sobrou, desfez-se, só restos, foi ele, foram três com essa mina, se fosse eu que estivesse de oficial em serviço tinha sido eu, quantas vezes eu fui lá buscar água, estive lá três meses, nessa operação, nessa operação, chamava-se nova luz, ganhei um ulcera no estomago, nessa época, fui evacuado para Luanda, e não voltei mais para esse fronte, fiquei, já era mais antigo, os novos que iam chegando e foi assim, minha tropa foi assim quatro anos, três anos e nove meses, saí das tropas e escrevi-me nos bancos, o banco de Angola me chamou, me chamou de inicio e aí entrei, a informática veio depois, seis meses depois, também fiz concurso e entrei, graças a Deus onde eu fiz concurso sempre entrei, sempre entrei, até no vestibular, e havia muitas diferenças, o vestibular foi muito engraçado, coisas que eu estava respondendo certas lá, aqui tava errada, hoje eu sei quais são as diferenças gramaticais do português, certas crases, certas coisas assim são diferentes,, a língua é a mesma, mas tem pequenas diferenças, mas não deu para atrapalhar muito, porque eu entrei e me formei, e com isso ganhei um lugar na SABESP e tal..isso com pouco tempo, depois montamos firma, montamos firma e ai foi um trabalho, tinha clientes lá, tinha clientes em Recife, tinha 3
Clientes lá no Rio de Janeiro, ponte aérea era toda a hora,
C- Andou pelo Brasil todo?

E- No Brasil todo não era Rio, Porto Alegre ahã mais que ahã Salvador, Salvador tinha o Banco do Estado, Recife era o Banorte, tinha o Banco Mercantil de Pernambuco, no Rio de Janeiro era o Banco Nacional, uma corretora lá que eu já não me lembro o nome, eram quatro clientes no Rio de Janeiro, Buenos Aires, enfim isso tudo agora é história acabou, acabou por vontade minha já não dava mais, e ai venho ajudando a minha mulher ((risos)). Agora essa é uma visão de um angolano nato, a visão de um português de Angola é um pouco diferente devido as lutas internas lá, na escola era assim, depois de começada a guerra em 61, na escola tinha os jogos de futebol nos sábados dizia assim de um lado cabelo que voa, do outro lado cabelo que não voa, (risada) advinha de que lado que eu jogava?
C- Do que não voa.
E- Nhum, nhum embora voasse, porque do outro lado eu não conhecia ninguém, eram os filhos dos capitães, dos generais, agora quem era natural da terra ficava do lado de lá, mas não era que fossemos inimigos, não éramos inimigos, era outra maneira de estar, outra cultura. Você conhece bem Portugal?
C- Conheço.
E- Esteve lá anos.
C- Normalmente eu vou para lá de férias desde quando eu sou pequena
E- Só de férias
C- Só de férias tive no máximo três meses assim
E- A maneira de estar em Portugal é totalmente diferente da maneira de estar aqui
C- Mas isso não há dúvida
E- Não há duvida, e a maneira de estar aqui era a nossa maneira, em Angola, igualzinho, então há uma diferença grande entre o português de Angola e o angolano português, uma diferença entre aquele que estava lá pouco tempo e aquele que estava lá para sempre.
C- Alguma vez você acreditou que tivesse que sair ou que aquilo pudesse acontecer daquela forma?
E- Nem depois da guerra, nem depois da Independência jamais me passou pela cabeça sair, as pessoas iam saindo pela ponte aérea e eu quase que segurava elas, porque estava vendo que ia se tornar impossível ficar lá, a classe média saiu toda, então ficou impossível, mas mesmo assim eu não ia sair, não ia sair, eu sai por motivos pessoais graves, deixei de acreditar simplesmente por isso desencantei, e hoje eu sei que eu tinha razão, que hoje aquilo lá uma corrupção total e eu não gosto, meu pai me ensinou que não pode ser assim, é um dos governos mais corruptos que existe, isso aqui entre nós, não se pode falar. Fala-se do Brasil, fala-se do [...] mas lá, também é conseqüência do que se passou
C- Mas também corrupção é público, ela se vê, ela se fala
E- Mas não se pode falar, existe uma democracia mas entre aspas, continua não poder [...] se você pertence a camarilha como a gente chama, e eu podia pertencer a camarilha, é por isso que eu não volto lá, não quero voltar, não quero voltar, por esses motivos mais íntimos não quero, e outra coisa tenho a minha família toda no Brasil...

Entrevista concedida por G.

G – Antes eu ia te mostrar o seguinte, isso é um jornal de Angola, para eu entrar para o Estado Maior Geral das FAPLA, Frente Armada pela Libertação de Angola, e tu chegas aqui é parte tudo de uma grande aventura, o Gilberto, isso é um recorte de jornal, isso já tinha saído do exército português, o país já tava, não ainda não era independente quando eu fui chamado... Depois eu fui colocado camarada; colocado na repartição da direção de preparação combativa com cubanos e tal, era só para porrada...
C – Mas isso já depois da independência? Ou ainda...
G- Isso antes, isso antes...eu sou, eu passo à disponibilidade das FAPLA, né? Das Forças Armadas pela Libertação de Angola, em 1977...
C- Mas as FAPLA ainda...mesmo depois...
G-Não, as FAPLA...é já depois da independência, desculpa. Só depois da Independência.
C- Então vamos desde o inicio, pronto, vamos recomeçar.
G – Aqui no exército português, o casamento, na igreja [...] isso em 1968... O jovem em Angola por causa da guerra colonial se emancipava muito cedo né? A gente já se prepara então a filosofia é...Eu vou ter que casar, fazer um filho, escrever um livrinho e plantar uma árvore, aquelas brincadeiras, uma brincadeira séria, na guerra eu entrei com 19 anos...
C – 19 anos? No exército português?
G – No exército português.
C- Mas então nasceu em Angola.
G- Nasci em Angola.
C- Pai?
G – Pai angolano
C- Pai angolano
G-Mãe angolana
C – Mãe angolana e os avós?
G – De parte de pai portugueses de Bragança
C – E da parte da mãe?
G- E da parte da mãe angolanos, angolanos.
C- E seu avô?
G- Também, também. Angolano, mas ele é de uma formação religiosa. Ele administra a igreja da Sé, que é no centro da capital, Luanda, que é o cônego Manuel das Neves...
C- Conheceu o seu avô?
G- Conheci, conheci...Eu assistia as corridas na igreja, do alto do sino, eu subia a torrezinha para assistir de um ponto privilegiado, ficava lá de cima a assistir as corridas que aconteciam na cidade, corridas até altamente famosas, né?
C- Mas corridas
G- Corridas de automóveis, corridas boas, boas, não era a Fórmula 1, mas...
C- Na própria cidade de Luanda?
G- Na própria cidade de Luanda, era feito na própria cidade de Luanda,o circuito era a marginal, era muito bonito...
C- Você nasceu em?
G – Eu nasci na capital mesmo, em Luanda.
C – Nasceu em Luanda, em que ano?
G- Em 49.

C- 49.
G- E eu fazia toda a propaganda do MPLA, eu fazia a cara do presidente Agostinho Neto.
C- Desenhava?
G- Desenhava, eu que fazia os cartazes todos do DIP, eu é que distribuía o pão nas obras públicas, nossa política era: só come quem trabalha, quem produz...Fazia bandeiras do MPLA, do Marx...
C- Então viu nascer o MPLA? Viu o nascimento do MPLA, ou não?
G - Não, eu vi nascer a luta próxima da cidade, mas o MPLA nasce, talvez eu nem era nascido...
C – Antes ainda?
G- O MPLA tem muitos anos...tem muitos anos...
C- Dizem que antes de 60...
G- Exatamente. Não,ele nasceu antes, era a UPNA, depois virou MPLA, depois criaram também a FNLA, mas a nossa luta, já é uma luta dos anos 60, e eu só participo dela em 74...
C- Antes não?
G- Não, antes não, antes não...
C- Antes disso não estava engajado?
G- Não, em 73 estava no exército português, mas já com consciência né de que a colonização não era boa, havia uma consciência né? Só que a ideologia do MPLA atraía os jovens todos, porque a história do Che Guevara, já era meia contada escondida, atraía os jovens, a ideologia comunista, né? Mas ainda não se participava, éramos muito jovens para participar ativamente. Depois, no meio do período que eu estou no exército português, aí eu sinto sim que há uma necessidade de colaborar, porque a França era dos franceses, a Inglaterra de ingleses, Portugal de portugueses, porque que Angola não é de angolanos, mas a gente sem aquele, sem saber que a nossa história para dar certo como os outros países, não era fácil... Aí eu sou atraído pela ideologia comunista e começo a militar, e no meio do percurso, eu sinto que a história é muito longa da guerra, né, e começa a atrapalhar a minha vida também...
C- Quando arrebentou em 61, como é que era?
G – Não, em 61 aí eu era muito jovem, mas a gente ouve falar, que tem angolanos terroristas, o palavreado era esse, mas quando eu começo a militar no MPLA, há uma história de guerra de terrorismo, por outros grupos a serem praticados para fazer fugirem todos aqueles que são, que pertenciam à ex-colônia, se pratica uma guerra de terror para fazer fugir...Então começa aquele êxodo dos povos todos a fugir, irem para Portugal... Até mesmo negros a fugirem, não suportavam mais. Mas, nós éramos do MPLA, vamos tentar chegar até o fim, mas no meio desse percurso, a gente vai se politizando, e a gente sente que comunismo e socialismo é impraticável, é impraticável,o ser humano é ambicioso, é egoísta, isso é impraticável, então a gente começa a ver que está se criando uma sociedade de ocupação de quem está a fugir, e começa-se a criar uma sociedade negra, poderosa, rica, que hoje está lá, ta presente, que eu acho que também é boa, que faz bem à Angola, como seria em qualquer parte do mundo. Hoje a gente vê o problema em Portugal... Nós temos um primeiro ministro, mas existem outros que vão e que querem o lugar desse, mas isso a gente já percebeu muito rápido em Angola...
C- A ambição pelo poder?

G- A ambição pelo poder. Eu me apercebi muito rápido e vi que, ih o meu lugar não é aqui, eu vou sobrar, e se eu ficar mais tempo, vou perder família, vou perder filhos, porque a insegurança da guerra, nossa guerra foi muito violenta, muito violenta, então a gente já tinha que cuidar da guerra em si, depois proteger a família, e como proteger a família se ninguém protegia a nós? Tava te contando, tu não dormes, proteges a família, mas de dia eles tão correndo o mesmo risco, e tu tens que dormir... então não tem quem proteja a sua família, aí eu mandei os meus filhos para Portugal, aí eu fiquei três anos sem ver meus filhos, três anos
C – Quantos filhos nasceram em Angola?
G- Dois. E os dois ficaram traumatizados, traumatizados...
C- Deixaram Angola em que altura mais ou menos?
G- Isso foi em 74 mesmo
C-.Em 74 pouco antes da Independência.
G- Ai eu fiquei. 74,75,76,77, em 78 eu disse vou-me embora, não dá mais, mas chegando a essa conclusão depois de muito difícil decidir, a saída de Angola foi muito difícil eu só sai mesmo por causa da família, eu também tenho família, tenho que cuidar da família.
C- E eles foram para Portugal?
G- Para Portugal, ficaram na casa da minha sogra, foi triste porque o mais velho, o mais velho né, na altura tinha sete anos, tinha sete não tinha menos, cinco anos, diz que ele ficava sentado na porta da casa de minha sogra, diz que a minha sogra perguntava o que tu estás a fazer – eu estou esperando o meu pai, isso durante três anos.
C- Sem poder sair?
G- Eu? Não, porque representava primeiro fuga de técnicos, representava uma série de coisas, a nossa situação não era tão fácil, e nós só saíamos de Angola com salvo conduto, não havia emissão de passaporte de Angola, Angola não tinha passaporte, chamava-se salvo-conduto, você sai por um período X, tem que voltar, porque aquilo não é um documento que vale, não vale mais depois daquilo, é um papel, eu tenho ai, era um papel, e enfim, pronto essa decisão foi tomada, doeu muito porque na verdade eu não militei nessas coisas por vaidade não, era nacionalismo de verdade, só que as coisas começaram a acontecer de uma forma complicada até dentro do MPLA, uma divisão muito extremista, tinha um MPLA muito extremista.
C- Mais extremista em que sentido?
G- Olha a coisa chegou, o MPLA chegou a ter um modelo: vamos angolonizar ou vamos africanizar? – isto chegou a – o angolonizar, Angola tem brancos, mas o africanizar era negros, ai começou-se a ter um problema muito sério dentro do MPLA.
C- Com os brancos que estavam no partido
G- Com os brancos ai começou-se a ter problemas, você tinha que ter uma visão antecipada, até quem sabe não era bem isso, mas essa visão antecipada, antes que aconteça alguma coisa vamos tomar atitudes, quem sabe o nosso trabalho fora possa valer mais porque a gente fica vivo e talvez possa voltar um dia para a reconstrução, essa era mais ou menos uma idéia, não abandonar Angola totalmente, porque agora a gente está ai preso ([...]) eu tou ai, tou com contrato ai que pode até dar certo pra Angola né, mas tem que ser tudo preto no branco, se é dólar, quanto é que o dólar está, hoje a gente vive assim né?

C- Claro
G- Não se vive mais ideologicamente, não...esta coisa da ideologia para mim eu dei um tempo, dei um tempo e acho que o mundo deu também, o muro já caiu, a União Soviética é o que é, tem o Fidel [...], na realidade lá dentro de Cuba também não é muito bom, eu tenho amigos cubanos que eram meus assessore...que e eu convidava para eles irem à minha casa, suponhamos, eu tinha mais afinidade com um, eu o convidava para ele vir à minha casa para fazer um muzonguê que é um prato típico de Angola que a gente gosta, também chamado pirão né, e ele: *eh pá, mas eu não posso ir sozinho, têem que ir mais dois colegas meus cubanos*… Aí: é? mas vocês não andam sozinhos não*? Não, não podemos andar sozinhos.* Talvez um vigie o outro né, um vigia o outro, bom resultado então foram os três, que acabamos por ficar muito amigos, pois os três queriam fugir para a Espanha [...] queriam fugir para a Espanha e a única saída era a nossa famosa Ilha do Mussulo, que é virada para o oceano Atlântico, onde passam os barcos de pesca espanhóis, portugueses e tal... Ai é que conseguiriam fugir ...
C- E eles foram?
G- Alguns fugiram, esses meus três amigos não conseguiram fugir porque se formou uma polícia mista, que fazia o controle também marítimo né, que essa policia que andava nesses barcos ela era mista, era policia angolana, búlgara, porque nós tínhamos também assessores búlgaros, e policia cubana que faziam para pegar o búlgaro que quer fugir, o cubano que quer fugir, o angolano que quer fugir, essa policia pegava né, patrulhava no mar,
C- Você pegou duas guerras né, a colonial e uma guerra civil?
G- Exato, eu fui militar dos portugueses, obrigado, obrigado eu não queria, não queria, porque eu acho que para a guerra só vai quem tem que defender os interesses e ai eu me achava esquisito, puxa vida eu não sou empresário, não sou nada, sou um simples operário, mas eu vou para a guerra para defender o quê? E o cara dono da Cuca da [...] todos de grandes riquezas não iam...Péra aí, mas o quê que eu estou fazendo aqui? Eu já tinha essa consciência eu só tenho que defender a minha casa, a minha casa, a minha e a do meu pai, não tenho que defender a casa de mais ninguém, eu tinha essa consciência... Tou falando sério, por isso [...] Aí comecei a despertar para o MPLA ai a consciência de esquerda na altura, pronto, os jovens simpatizavam com a história do Lênin do Marx, e mais do Mao Tse Tung que na realidade praticou um comunismo primitivo, que eu acho que esse até tinha mais credibilidade na época, porque 1 bilhão de seres humanos como é que conseguiam sobreviver com arroz, o cará, ... Agora, o Lênin e o Marx, meio duvidoso... Só que a minha casa era toda decorada de vermelho e branco. É! Toda decorada de vermelho e branco. E só para teres uma idéia isso aqui são (xérox) das obras públicas, o bilhete de identidade angolano, isso que eu pensei que estivesses a falar...
C- Não, não
G- Essa moça aqui é casada com um jornalista angolano, e é secretaria de um deputado que deu uma festa num camarote no desfile do carnaval que eu fui convidado...
C- Você toca também?
G- Não, eu toquei bateria, coisinha assim rápida, porque o meu pai era vocalista dos Diabos dos Ritmos de Angola...
C- Tem gravação?

G- Olha, eles tinham dois discos, que hoje ninguém sabe onde está, ninguém sabe onde estão... O que quê eu queria mostrar, era a decoração da casa, imagens de Angola e tal, eu queria te mostrar, tanto que minha ex-esposa fez passeios em Angola, uma família de tradição.
C- Nasceu em Angola? É angolana ela também?
G – Ela é angolana de família de tradição, isto aqui quem fez foi um primo meu de Angola.
C- Bonito, muito bonito.
G- E o meu pai pintava a fauna angolana, ta aqui oh com a camisa do Brasil, o cara gostava da camisa do Brasil para caramba e a minha casa era essa, o Lênin, vermelho e branco oh, bom tem o Lênin, tem o Marx e tem o Engels, tinha todos os comunistas né, vermelho e branco esse painel, que acabei por trazer e fazer aqui no Brasil painel, que eu gosto, fiz isso em um supermercado aqui no Brasil, outro quadro do meu pai, isso é em Angola, do que sobrou, porque não deu para trazer muita coisa, isso aqui é uma viagem que eu fiz no Funchal, quando vim ao Brasil de navio, fiz uma excursão, esse é um jogador brasileiro que era do Boa Vista, é boa vista? É Boa Vista, aqui eu e o Tony Ramos, mas cortaram nossas cabeças, pá, eu fiz uma loja de um amigo meu no Shopping do Ibirapuera, e convidamos o Tony Ramos mais a esposa para a inauguração, Aqui eu na casa do Felisberto Pinto, mas você sabe quem é esse né, que ele faleceu agora, é aquele comediante lá, um dos maiores comediantes do Brasil, trabalhava no SBT...
C- Costinha...
G- Não, não é o Costinha
C – Não sei quem é...
G- Agora deu-me um branco, meu...
C- Já sei, já sei quem é, mas também me foge o nome agora...
G- Aqui é minha filha com aqueles artistas da globo, essa é a minha afilhada a do meio, ela trabalha com eventos né, ela lançou o Mercedes classe A, esses são amigos meus empresários, este...daqui tinha oito casas noturnas em São Paulo, dono do Up and Dow, do kremlin...
C – Mas também brasileiro?
G – Brasileiro, esse é brasileiro descendente de português, Luis Alves Neto, essas casas viraram bingo, mas aqui o bingo começou a ser meio perseguido e tal, e ele vendeu tudo e saiu na hora certa, né? Olha aqui é Paula Ribas, Elmer, aqui pronto são os meus móveis que eu mesmo projeto...
C- E você se formou em Angola como é que foi?
G- Não, vê só, eu não acabei por isso eu não tenho CREA no Brasil, mas eu faço arquitetura, eu tenho publicações em revistas e jornais, eu fiz a reforma da Praça da Vila Maria, fiz uma homenagem à colônia portuguesa, a praça é vermelha, verde e amarela, saiu nos jornais, a Martha Suplicy foi inaugurar, o Silvio Santos foi quem bancou tudo, bancou e até hoje cuida, porque eu o shopping de automóveis do grupo Silvio Santos, e a gente criou uma relação aí criou-se essa praça, que era ao lado do Shopping dele como propaganda do Shopping dele, então ele fica tomando conta dos jardinzinhos e tal, mas é uma praça muito bonita, ela é temática, ela é uma praça com quatro praças, portanto um quarto é a praça de crianças, depois a dos jovens, adultos e da família, e essas praças tem um mobiliário adequado à criança, ao jovem, ao adulto e a família, que é o coreto, a família é o coreto, pros velhos, quer dizer para os idosos, aquelas mesinhas que tem as damas e um xadrezinho para

jogarem e o jovem é pronto um passeiozinho, um jardim mais bonito para namorarem, para as crianças é um baloiçozinho, uma série temática muito interessante, isso aqui é a ...isso aqui é o Brasil, a gente gosta de carros...
C- Você já gostava de corridas antes?
G- Já, já, já gostava de corridas, isso aqui é no Porto
C – Então veio, primeiro foi para Portugal?
G – Primeiro fui para Portugal fui reunir os meus boletins oficiais, funcionário público das obras públicas, do ministério da construção e da habitação de Portugal que administrava lá...
C- Como conseguiu sair de Angola?
G- Ora eu saio, e ... É que eu tenho esses documentos todos guardados, eu trabalhava nas obras públicas e trabalhava no ateliê do Troufa Real e no ateliê do Troufa Real nós já tínhamos a Comissão de Trabalhadores, e nós sofremos um acidente, de automóvel, nós íamos ao cinema Tivoli que era no fundo da praia do Bispo, esse trajeto era o trajeto que o carro do presidente fazia sempre e nessa noite o meu primo que estava exilado há muitos anos, comprou um carro, e ele é ia a conduzir esse carro em que íamos para o cinema, e o carro do presidente bateu na gente, por questão de segurança o carro do presidente anda sempre acima de 100 kms por hora, por questão de segurança, e eu andava devagarinho, o carro do presidente anda a mil, deu-nos uma paulada, nosso carro virou, minha ex-mulher fez traumatismo craniano, fraturou a perna com fratura exposta, todo mundo desmaiou e eu comecei a desmaiar, que eu até tenho uma diferença porque ela bateu-me com o cotovelo aqui, dobrou as minhas costelas e eu comecei a entrar em desmaio, e começo a ver todo mundo a roubar as coisas do carro, a puxarem o pulôver, o casaco, e eu a entrar em desmaio, e eu consegui, eu é que tiro eles do carro e peço socorro, estava a passar um jeep cubano, ah mais não posso levar, pode sim eu sou militar, você tem que me levar, e a minha amiga que trabalhava comigo, a arquiteta Belém, cubana, ela tinha casado com o Paulo Jorge que era ministro das Relações Externas de Angola, Paulo Jorge, ai eu falei o nome dela e os cubanos param logo levaram-nos para o hospital. Pronto ela ficou internada seis meses, foi operada por médicos búlgaros...Até vir parar ao Brasil eu mantinha correspondência com eles, mas no Brasil eu não consegui manter, não sei
C- Isso depois da Independência?
G- Já, já depois da independência,.
C- Ela estava, só os filhos é que foram para Portugal, sua esposa ficou
G- Ficou comigo um tempo e depois também foi embora, porque ai depois desses seis meses no hospital eu é que tomava conta eu é que tinha que dar os medicamentos, para fazer o controle, porque dentro do hospital tu tinhas tinha elementos também que eram do outro grupo que eram do MPLA e da FNLA não é, então nós tínhamos que ter cuidado porque era no hospital mesmo que se eliminavam pessoas, com a maior facilidade, eu tenho que te dar uma aspirina vou te dar uma coisa que te mate, porque sabiam que nós éramos do MPLA, ela também era... O quê que aconteceu – quando eu militei no MPLA, eu saía muito às vezes no meio do tiroteio para fazer reconhecimento, para fazermos relatórios para a ONU, quem começou o tiroteio na área tal, porque o governo português ainda estava presente, isso antes da Independência e nós passávamos essas informações, então nós éramos muito visados, muito conhecidos...

C- E não havia problemas, por exemplo quando saiu do exército português foi para o MPLA não havia problema de alguma perseguição política?
G- Da parte de quem?
C- De Portugal?
G- Não, nunca, nunca... Isso não porque eu acho que Portugal também tinha consciência de que as coisas eram, iam acontecer assim, tinha que ser assim, o 25 de abril foi isso mesmo, foi uma consciência do povo português, já estávamos cansados daquilo lá, só vai gente e vem caixão, isso também não dá em nada. Qual era o nosso problema em Angola? Não era o angolano em relação ao povo português... A nossa questão angolana era em relação ao regime que administrava, entendeste? O povo português era solidário para caramba, basta ver que a colonização não é uma coisa aprovada, não se deve colonizar ninguém, mas dentro das colonizações, a colonização mais benéfica que existiu foi a portuguesa no mundo, e a gente até brinca – talvez porque o português era burro como diz o brasileiro né, ele chegava, se misturava, ele fazia a padaria na favela, tou falando sério, eles queriam até a mulata que é tão bonita, enquanto os outros povos o que é que faziam com a colonização? Dizimavam, criavam o *apartheid*...Que é isso? Essa palavra não existe para os portugueses, pode abrir o dicionário português não existe *apartheid* não, existe saudade de todo lugar onde ele andou, por isso eu respeito muito o povo português, mas continuo a ser angolano ([...])... Às vezes fico dividido, às vezes sou português ([...]), ela sabe, que eu fico aqui só assisto Portugal. Não, eu assisto Portugal por uma razão, para ver se aumentam a minha aposentadoria... ([...])
C- E quando é brasileiro?
G-ahh, mas sou brasileiro de verdade também sou...
C – É uma divisão total.
G- Total
C-É uma coisa incrível...
G –Ou melhor dito eu não sou brasileiro, eu acho que o Brasil é que é Angola e Portugal então eu estou bem aqui, o Brasil é tudo isso, eu estive em Salvador e é impressionante, eu tive no Recife, eu vejo Luanda, uma Luanda direitinha não tem nada diferente, e Salvador, Salvador me faz-me lembrar Portugal e faz-me lembrar Angola, por causa da arquitetura colonial, que é muito forte, muito forte, muito forte, e é isso...
C- E o que aconteceu com essa Luanda aqui? Antes da...ou depois da independência né? Desapareceu essa Luanda...
G – Dá minha cabeça?
C- Não, dá cabeça não desaparece, aí é que ta a questão
G- Não, não ela não desaparece, não Luanda foi muito castigada, Luanda foi invadida, esse é que é o problema que existe hoje, por isso o angolano que saiu não consegue mais se integrar, porque Luanda foi invadida por congoleses que diziam que eram filhos de angolanos e daí não eram, na verdade não eram, era uma invasão do próprio Mobutu Seseku através do Holden Roberto, que era o presidente da FNLA, o Holden Roberto não tinha militares, não tinha, era um movimento mais fraco, a UNITA sim, a UNITA tinha, captava os seus...praticava tribalismo, então eles eram todos da região do sul né? Dos Bailundos, né? Agora a FNLA não, A FNLA com Mobuto Seseku era mais uma era mais uma invasão do Congo para entrar em Luanda, e é o que ta lá hoje...

C- É uma mistura...
G- Uma super população e se tu vais ver a maioria não fala nenhum dos dialetos de Angola, não falam Kimbundu, só falam mesmo Kicongo lá, tu não entendes nada, eu tive esse problema, eu ouvia os caras falarem, eles só falavam mesmo zairense né, o zairense... É, foi invadido né? Acabou, vai fazer o quê? Eu cheguei a ver o que se passava no Congo, começou a acontecer lá na cidade de Luanda, o tipo de mercado, o cara costurar da rua, isso era no Congo, em Luanda não, não se fazia isso não, a costureira costurava dentro da casa, a negra, ela costurava dentro da casa, não, fora na rua, isso, já não era a nossa cultura, não era, não era! E eram eles mesmos, eram os congoleses, não tinha nada de filho de angolano, mentira, e essa Luanda, ficou uma Luanda estranha, estranha e a gente tinha que proteger a família, dar educação aos nossos filhos, e tinha que ser em algum lugar... O dar educação tem que estar presente para cuidar deles, cinco anos de idade vais fazer o que? Vais deixar para que outros cuidem? Não, isso não! E pronto, um dia a gente pensa voltar lá para ajudar de qualquer forma, a gente quer ajudar e aprendemos muito cá fora, e estamos à disposição estamos esperando a oportunidade...
C- E o, e o seus filhos pensam em ir a Luanda ou a Angola?
G – Não, também, não eles só estão lutando pela vida, estão lutando para sobreviver, aqui como dá, eles tão tentando aqui, tentando aqui...e sempre se fica no aguardo, será que Angola tá bom ,será que Angola não tá bom, e estão bem aqui, mas se Angola der condições, as pessoas vão, Lá a carência é muito grande de habitação, o cara vai lá vai ficar aonde? Quer dizer, não tem como ir, a gente para ir tem que ver, e pá vai ter casa para alugar, ótimo, mas não tem casa, o país ta numa reconstrução total...
C- Do zero né?
G – É do zero, a reconstrução de tudo em todos os aspectos, em todos os aspectos há uma carência muito grande...
C- E todos são bem vindos em Angola, o português também é bem vindo hoje em Angola?
G- De certeza absoluta, o português é um povo trabalhador, qual é o país que não quer receber o português que trabalha? Quem não trabalha não prestam, o povo português é muito trabalhador, já passou o japonês já, diziam que o japonês trabalhava muitas horas, mas o português que abre uma padaria, ele trabalha vinte e quatro horas, o pão tem que sair as quatro da manhã, ou cinco da manhã, o povo português trabalha muito, eu acredito que todos os países querem ter esse tipo de gente...
C – É melhor recontar a independência em Angola que foi uma coisa assim, Angola, Luanda, Luanda quase que tomada....
G- Luanda, a independência foi precisamente em Luanda, o que é a independência, a independência é tomar a casa do governo e dizer oh, to aqui é daqui que saem as ordens, e eu trabalhava bem cinco, seis quarteirões, das obras públicas...
C- E não havia movimento, quer dizer havia (A FUA),
G- A FUA, a FUA era
C – Mas o que aconteceu com os movimentos nacionalistas brancos em Angola? Uma coisa que eu não consigo também...
G- Acabou por na ter expressão, não ter apoio. Tem que ter uma apoio bélico. A FUA era de origem do Sul onde tinha a própria UNITA, a FUA era um pouco também ligada a UNITA, apoiada por interesses europeus, interesses de ex-

colonizadores, numa ilusão, numa estratégia de luta errada, não é que também...eles gostavam de Angola, todos gostavam de Angola, só que tava tudo ali em uma confusão de que...bom, agora vão vir os congoloses então agora também vamos criar um grupo para defender, não é que era contra o MPLA, e a FNLA era apoiada pelo capitalismo americano e nós apoiados pela União Soviética ideologicamente... A nossa ligação primeira era com a China, só que os mares estavam vigiados, na época nos anos sessenta, estavam vigiados pelos Estados Unidos e pela União Soviética, eram as duas maiores potências né, a China como não conseguia nos apoiar belicamente a gente teve que mudar o cartaz para a União Soviética e ela que nos começou a apoiar belicamente, para fazer a guerra, agora a FUA acaba por se acabar porque não tinha expressão militar e ali era luta mesmo, ali tinha que se lutar no terreno,
C- Como é que é uma guerra de guerrilha?
G- Uma guerra de guerrilha é triste porque a guerra de guerrilha esgota quem está no controle. Uma guerrilha é uma tática de guerra de poucos homens, cansarem e esgotarem o aparelho que controla o país, um homem lança uma bombinha aqui, outra bombinha lá, outra bombinha lá, o aparelho do estado mobiliza um monte, gasta as suas finanças inteiras no golpe desses tic, tic, tic, tic, e chega uma hora que ele acaba né, acaba porque o povo se revolta contra o próprio governo, a guerrilha faz isso, faz cansar e economicamente acaba com o governo, acaba com o governo e as pressões internacionais o que é que aconteceu com Portugal, Portugal chegou uma hora que tinha uma pressão muito internacional muito forte, é pá isso aí, a colonização vocês não podem praticar mais... acabou, teve que sair, senão Portugal até podia continuar lá porque não? Podia, podia passar até passar devagar com mais calma para a mão dos angolanos, nós já éramos angolanos.
C- Pois é, as pessoas não desejavam isso essa
G- A precipitação que há, talvez seja uma precipitação que até interessante são os movimentos de libertação essa precipitação podia interessar
C- Não havia estrutura
G- Não havia
C- Para governar
G- Não, não havia isso é uma verdade que não havia, eu acho que Portugal ainda fez muito, Portugal ficou ao lado, muitos dizem: ah Portugal colonizou mais não descolonizou, calma também não é assim porque a confusão que chegou lá dentro...
C- Pois é já saíram as pessoas saíram todas, os brancos saíram todos.
G-É que se gerou juma confusão tão grande com os três movimentos de libertação que se Portugal vai fazer a descolonização Portugal vai apanhar, tem mesmo que sair e deixar o problema ser resolvido por angolanos, Portugal não queria mais guerra com ninguém.
C- Mas e os angolanos de origem portuguesa tiveram que sair mesmo ou não?
G- Tivemos que sair, isso tivemos que sair.
C- Não havia hipótese?
G- Não, porque o angolano de origem portuguesa vai... Vamos dizer que tinha privilégios? Tinha. Conseguiram criar as suas firmas, a sua estabilidade no país, né? E os filhos iriam dar continuidade... Mas quando surge a guerra, essa continuação das coisas acaba, acaba por causa da guerra, e a guerra, olha eu não quero mais participar da guerra então vou-me embora, vou perder tudo que

tenho mas vou-me embora, eu não quero guerra. Teve muito angolano que pensou “a gente vai resolver isso na boa, na ideologia só e acabou, pá”. A UNITA vai administrar o Sul, e a gente vai fazendo um intercâmbio e a gente vai fazendo um intercâmbio e dá certo. Isso é que é a Europa hoje, como é que é a Europa hoje? Com diferentes línguas, diferentes moedas, e conseguem-se unir e todo mundo vai a todo lado...E nós queríamos ter feito isso em Angola, mas não, foi a guerra, foi o poder, foi o controle do MPLA também, pronto a União Soviética queria controlar, nossa território é muito rico...
C- Tinha outros interesses também...
G- É tinha os interesses, e imagina, ainda hoje ta aí provado, o que quê é o Iraque? O que os Estados Unidos o que é que estão lá fazendo, não largam aquilo é por nada...é o petróleo, não abandonam e não vão abandonar, e eu acho que dali ainda vai sair outra coisa, eles vão para a Arábia Saudita e eles vão dali, a gente não ouve falar, mas eles devem estar a criar asas bem fortes para dali sair para atacar o resto, porque se os americanos não fizerem isso, os americanos podem correr um risco muito grave, e não vamos nos iludir não, o ser humano é ganancioso, isso faz parte do ser humano, não vamos dizer que ah...vai ser diferente vou tirar a camisa para dar ali àquele, mas aquele não quer trabalhar, como eu vou dar a camisa para ele se ele não gosta de trabalhar, eu vou ser o burro de dar, infelizmente o ser humano é isso, nós temos um problema existencial né? [...] para nos mantermos, não é fácil, não é fácil... Agora eu estou admirado com a Europa, a Europa é na realidade, a lição que o mundo precisa copiar, os outros continentes precisam copiar, e nós temos sorte porque, quem ta a liderar de novo a presidência do Mercado Comum Europeu, é Portugal, que está a dar exemplos fabulosos, fabulosos...
C- Durão Barroso?
G- Durão Barroso e também, e o próprio Sócrates, a Cimeira que foi feita agora em Portugal ta espetacular, eu acho que o Brasil vai se beneficiar porque Portugal ta lá e os países de língua portuguesa de África, também vão se beneficiar...
C- E como é que veio para o Brasil? Como é que surgiu a idéia? Já havia família aqui, era por causa da família? O que quê o motivou a vir com a família para cá?
G- Meu pai. Meu pai veio para o Brasil.
C- Ahh. Não se adaptou a Portugal?
G- É, tem frio! Portugal tem frio, Portugal tem frio, tem frio, eu gosto mais do Brasil e a história dele já veio do Brasil, né? Então ele, venha para cá...aí vim...
C- Ele estudou Belas Artes aqui...
G- Ele estudou Belas Artes aqui...aí pronto, ele veio primeiro, aí atraiu todo mundo, eu passei por Portugal, me aposentei em Portugal, porque nós tínhamos duas possibilidades, ou ficar em licença sem vencimento, ou aposentar, eu optei por me aposentar, que sempre tinha dinheiro né? Se tivesse dificuldades...
C- Pelo tempo de serviço?
G- Pelo tempo de serviço.
C- Do exército lá...
G- Não só do exército...eu fui funcionário público, e o tempo de serviço militar contava a dobrar, então me deu uma possibilidade de me aposentar, não digo bem, mas é razoável, é razoável, e essas coisas aconteceram de uma forma, como fiquei muito tempo em Angola, com tantas dificuldades, tantas

dificuldades de tudo, a papel, a burocracia muito atrasada, porque lógico, nós estávamos em guerra, era um atraso total, eu chego a Portugal e as coisas eram...também não eram assim...fui bem recebido...os meus documentos foram tratados na hora...
C- Isto em que ano? Setenta e?
G- Isto em 78...
C- 78
G- 78,79 já, e depois eu voltava, porque sabe a gente tem que ir lá ver o papel como é que ta, mas correu tudo bem, tudo bem, e os arquivos todos, dos boletins oficiais todos de Angola, você chegava e tava tudo lá! Mas tudo, tudo lá! É um país que colonizou bem, não perdeu nada, os caras tinham tudo lá, isso é que me deixava louco, tô falando sério, isso é impressionante, porque não havia essas coisas de computador, não havia nada disso e era tudo na mãozinha, é de tirar o chapéu, essa burocracia funcionava mesmo. E depois voltei, trabalhei nas Belas Artes em Lisboa, com o Troufa Real.
C- Que foi também para lá? Tava em Angola?
G- Não depois, eu vim para o Brasil,
C- Sim
G- E uma das vezes eu fiz uma interrupção aqui, fiquei dois anos em Portugal e fui trabalhar para as Belas Artes...
C- Em Portugal?
G- Em Portugal. No Chiado, fiquei dois anos lá com o Troufa Real
C- No ateliê?
G- Nas próprias Belas Artes. Ele conseguiu, eu tenho documentos, eu fui requisitado para trabalhar nas Belas Artes.
C- Ficou dois anos?
G- Fiquei dois anos lá trabalhando.
C- Depois decidiu voltar?
G- Aí eu volto para o Brasil, trabalho no Brasil, aí tornei a voltar, aí trabalhei só no atelier do Troufa Real onde colaborei em um dos prédios da EXPO 98, é o prédio que está mais próximo do Vasco da Gama.
C- Sim, sim.
G – Que era um prédio polêmico, não é? Porque o Troufa Rela chamava o prédio a Bandeira Habitada, o prédio ia ser vermelho e verde, e criou uma polemica lá, o presidente da república lá não queria, então a gente azulejou todo de branco, e pronto, então ta lá, o prédio. Um prédio muito bonito, inclinado. Tem umas palmeiras feitas de betão.
C- Eu já fui lá na EXPO, mas não vi.
G- Nunca viste esse prédio?
C- Não me recordo. Sais do metro, tem o coiso do Vasco da Gama....
C- Sim, sim, sim,
G- Sais do metrô do lado direito. O primeiro é do Teveira e à seguir é o do Troufa , ele tem as colunas e tem palmeiras, feitas de concreto, de betão, são palmeiras artificiais, é pena que eu tenho os projetos aí também, mas...
C- A próxima vez que eu for para Portugal irei com certeza.
G- Então eu colaborei, eu e os meus filhos, meus filhos também desenharam no atelier.
C- E acabou por estudar em Angola?
G- Estudei em Angola.
C- Sempre em Angola?

G – Sempre em Angola e aí voltei de novo, trabalhei esse período lá [...] que eu te falei e aí eu voltei de novo, e estou até agora sem voltar, estou já faz seis anos.
C- Nunca mais voltou a Angola?
G- Não.A Angola desde 78 que eu nunca mais voltei.
C- Nunca mais voltou a Angola?
G – Não. E não vou a Portugal há seis anos. Já estou com saudades.
C- Da saudade
G- Aquele queijo da serra pelo amor de Deus. Ela não conhece aquele caranguejo grande.
C- Precisa conhecer.
G- Aquele caranguejo grande, sapateira, como a gente chama.
C- Sim, sim.
G- Que saudades que eu tenho.
C- Mas ficou família lá ou não?
G- Ficou, minha mãe, vivem em Oeiras, as minhas irmãs, uma em Oerias a outra no Seixal, o tempo todo que eu fiquei lá seis anos eu morava no Estoril, atrás do cassino, umas ruazinhas, ficava no alto, alto do Estoril, eu ia a pé à praia, ia ao cassino a pé, consegui por meu filho menor, de treze anos dentro do cassino, não pode é proibido, mas ele era todo grandão, o cara passou batido né, parecia que tinha dezoito anos, foi a época em que me separei, aí de novo pensei, não, vou para o Brasil, e peguei o mais novo e vim para o Brasil, e o mais velho foi para Londres.
C- São três.
G- São três, dois meninos e uma menina, e a menina sempre ficou aqui,
C- Sempre ficou aqui no Brasil?
G-Sempre ficou aqui, desde 78 ela nunca mais saiu daqui, essa é uma brasileira também nata [...]. Ela casou com um brasileiro, já tem uma filhinha.
C- E nem pensa, não pensou nenhuma vez?
G- Não, ela tem uma firma de eventos que está bem agora, não quer sair daqui não.
C- E seu pai ficou aqui ou chegou a voltar para Portugal?
G- Meu pai voltou para Portugal, faleceu faz dois anos, ele pintava, continuou a pintar, e ele expunha muito nas galerias ali do Chiado e faleceu faz dois anos.Também com uma saudade de Angola e do Brasil, ele gostava de Angola e do Brasil, por causa do clima...
C- Sim, sim.
G-O cônego Manuel das Neves foi acusado de terrorista, porque acusaram que ele tinha catanas, escondidas, atrás do altar, e numa dessas missas, que era uma missa do governo, e as patentes altas do exército português iam a missa, que era normal não é? E o governo português sempre tinha a igreja católica no âmago.
C – Sim, sim, Salazar era...
G- Era um parceiro direto. Pronto ele foi acusado disso e foi levado para Portugal, preso, condenado, morto e enterrado às três da manhã.
C- Foi morto em Portugal?
G- Foi, foi morto em Portugal, foi enterrado em Portugal, a minha tia já estava lá, esta que era da OMA fez um monte de confusão lá e tal, não serviu de nada, aí ela volta, tenta ficar...
C- Que é a filha dele?

G- É.Ela, a minha mãe e uma outra tia que eu tenho, são três meninas.
C- São filhas dele?
G- É, filhas dele, a Filomena a Nenê e a Luisa, a Luisa é a minha mãe, e a Filomena é que é da organização da OMA, que trabalhava na Câmara Municipal de Luanda, ela naquela época já tinha carro, era uma mulher diferenciada, ela já era revolucionária mesmo, tinha carro, tinha uma certa independência do marido, isso para a época era chocante, mas ela era assim, era uma mulher ativa, então ela volta para Angola, consegue ficar com os livros, ele tinha muitos livros, que ele guardava, assinados por vários papas, valiosos, ficou até com a cadeira dele, que era muito bonita, e depois da independência há um pedido que ela faz e os ossos dele são levados para Angola, e há uma rua em Angola, por é sinal a rua onde ela morava, que era Paiva Costeiro, passou a ser cônego Manuel das Neves, a rua dela onde ela morava.
C- Ela é viva ainda não?
G- Ela não. Ela também já faleceu.
C- Faleceu.
G- Também faleceu, não faz muito tempo, e pronto essa é a história do cônego Manuel das Neves,
C- E o que era a OMA?
G- A OMA era a Organização da Mulher Africana, o MPLA criou uma organização só de mulheres, chamava OMA.
C- Para fazer frente a organização só de mulheres portuguesas? Não tinha, tinha uma organização que dava apoio aos militares portugueses
G- Tinha sim, mas oh memória...
C- Também não lembro a sigla, mas tinha sim.
G- Então OMA, Organização da Mulher Angolana, era poderosa, elas mexiam-se bem, a propagando política...
C- Mas eram militantes ou...
G- Militantes, mas militantes mesmo. Faziam a consciência política de todas as pessoas, DIP a minha ex-mulher também trabalhou, DIP, Departamento de Informação e Propaganda, se tivesses algum lugar, tu ias dar apoio esclarecer, tinha muitos caras brancos que queriam ir embora, a gente esclarecia: é pá fica, o MPLA tem gente boa, vai governar, não vai fazer mal, para não deixar sair as pessoas, a gente tentava manter as pessoas no país, senão o país ia a falência, o país ia acabar, os técnicos começavam a fugir todos, o país ia morrer, então a gente estava a fazer esse papel, informando que o negro não tinha nada contra os brancos, tinha sim contra o regime que os brancos usavam, era um regime de colonização que isso ia parar, tentávamos fazer essa propaganda, eu fiz muito, eu tentei esclarecer muita gente, isso como eu te falei, no começo, aquela ideologia toda, ficava afoito com a política e a minha ex-mulher também, era da linha da frente, e tivemos vários ataques à cidade de Luanda, onde a minha mãe e ela faziam comida em panelões, para dar na linha da frente para os combatentes, para distribuir, lógico, elas não distribuíam, elas faziam a comida...
G- E usavam gente para levar comida para linha da frente, muita comida elas faziam, então a gente se engajou bem naquela luta, mas depois também saímos de lá, demos lugar a outros. Vê sua hora, quinze para as onze
C- Puxa.
G- Eu acho que já deu para você aproveitar 10% de tudo o que eu falei.

Entrevista concedida por N.

N - Esse negócio de Angola me foi contado, nunca me foi muito bem explicado, mas pelo que eu sei foi: os pais do meu pai, meus avós por parte de pai, o meu pai, o meu avô tinha alguma coisa, trabalhava pro governo português, alguma coisa assim e foi mandado a Angola resolver não sei o quê, assuntos de estado, assuntos administrativos, sei lá e quando ia voltar, não tá tudo bem, tá tudo certo o Salazar falou: não, não, fica aí que já estou mandando tua família, tipo: fica aí que tua família já tá no avião indo pra aí. Essa é uma história que ninguém me conta, mas meu avô chegou a falar para o meu irmão, antes de morrer ele contou. Então não foi bem: ah, vamos para Angola ganhar dinheiro, não foi isso, ai já teve um lance meio exílio ali, em vez de.... porque, com o Salazar, era meio isso, ou prendiam ou matavam, África também era uma uma opção. Então meu meu avô ficou em Angola e o meu pai chegou lá com 18 anos. Então, nessa história meu pai tinha 18 anos e foi parar em Angola, então meu pai se sentia bem angolano, assim...Que na verdade angolano era bem português, mas assim, ele gostava de Angola como se tivesse nascido lá. E a minha mãe já é uma outra história, são judeus poloneses e ucranianos em fuga da 2ª Guerra Mundial e era sempre a mesma história, eles iam para Portugal, que foi o único país que não entrou na Segunda Guerra e foi como passagem pro Canadá, de forma geral, e alguns para os Estados Unidos, então, tinha: a minha avó, mãe da minha mãe, duas irmãs e um irmão. Isso foi o que sobrou dos M. na Polônia. Então tinha a minha avó, mãe da minha mãe, duas irmãs e um irmão, isso foi o que sobrou dos M. assim, digamos, na Polônia, sobrou a avó N., duas irmãs e um irmão, que era a N., a F. que ainda está no Canadá com oitenta e poucos, a E. e o tio O. E os pais, judeus, meus bisavós. Mas nessa coisa de passar em Portugal, eles moraram em Portugal e minha avó, acabou indo para Angola, por conta de uma...eu não sei o que era, era alguma coisa relacionada a madeira que o meu avô tinha em Angola, meu avô, pai da minha mãe. E aí, meu pai encontrou a minha mãe no norte em Angola, em Cabinda. Eu nasci em Cabinda.
C-E se conheceram lá?
N-Se conheceram lá. Minha mãe foi com 16 anos para África.
Cabinda que é uma espécie de Manaus, tem a floresta do Maiombe, tem o rio Zaire, ali mesmo. E aí, o meu pai que entretanto, andava lá meio de Indiana Jones, foi pedir emprego na fábrica do B., ele virou gerente daquilo, e ficou até gozado que o B. Na época falou: você pode fazer tudo o que você quiser, qualquer coisa aqui, você é o cara que....menos namorar com a minha filha. E isso lá em Cabinda. Na verdade. (E você nasceu em que ano?). Em 57. E Cabinda, se você vir no mapa, caso não tenha visto, porque ninguém vai ver um negócio desse, nem eu vi... (É um enclave), exato, é como se fosse... é Congo, mas é um território angolano dentro do Congo por força de tratados só, porque territorialmente não tem nada a ver. Na verdade é aquele tipo de coisa que um dia vira, ou vira outro país, ou vira Congo. Eu não consigo é ver aquilo continuar a ser Angola, vai ser sempre por força de tratato, inclusive tem frente de libertação, que é e FLEC e tal...E eles se baseiam no tratado e a FLEC reclama que o tratato não pode reger, o tratado não pode regular esse assunto porque o tratado foi feito pelos portugueses, portanto, não tem validade nenhuma, assim, um negócio que foi feito pelos portugueses dizendo que aquilo era Angola, e como aquilo não é mais português, o tratato para eles

então...eu não sei até onde isso vai, se eles conseguem sossegar aquilo. Eu nasci nesse lugar
C- Em Cabinda mesmo?
N- Em Cabinda mesmo, e o meu irmão...porque eu sou o segundo, eu até encho o saco da minha mãe com isso porque o meu irmão, como era o primeiro filho, e tal, que ele é dois anos mais velho, minha mãe foi, ele nasceu numa maternidade no Congo, na época, Congo Francês, Ponta Negra, Point Noire. E gozado, eu saí dali com um ano, e não tenho, não tenho....não sei nem como era, nunca achei que não voltaria e tal, então não conheço a cidade onde eu nasci, nem nada. Porque como um ano eu já fui pra Huambo, que era Nova Lisboa. E também acontecem umas coisas que a gente vai...quando eu toco na Europa o lugar que eu mais quero ficar é na Antuérpia, sempre, porque o empresário é sempre belga, de Bruxelas, e a estrutura, a van, o coiso, ficam em Antuérpia, então entre uma tounée e outra você fica em Antuérpia. Para começar você para Paris, depois o cara te pega, te leva para Antuérpia, você vai para Bruxelas, Antuérpia, fica ali e eu sempre gostei dali, não sei, tanta coisa legal na Europa, mas eu sempre gostei, todo mundo fala quando eu vou para Antuérpia, porque que o cara quer ficar em Antuérpia? Então eu adoro aquilo. E um dia, eu tô do lado do hotel lá em Antuérpia, fica em frente ao rio Scheldt lá e tem lá: entreposto não sei que lá do Congo, sabe? E uma daquelas casas antigas, ainda com a pintura dos anos 20, sei lá...E não fiquei pensando, essa...porque era Congo Belga, Congo Francês, era Cabinda...eu não sou dado assim a espiritualismos, nem energias, essas coisas todas que o pessoal relaciona, mas não deixei de pensar: por que, será que eu gosto tanto de Antuérpia por alguma coisa, porque o que eu vejo ali era que aquilo era um embarcadouro de mercadoria que vinha do Congo, chegava ali pelo rio, sei lá, porque aquilo ali dá no mar e chega e entra no rio Scheldt, etc. Provavelmente vinha pelo Atlântico acima, sei lá eu...pensei: vai ver tem...tudo acaba...vai saber se não tenho essa relação estranha, especial com Antuérpia, se não tem haver com o lugar onde eu nasci...Mas enfim...nunca penso nesses termos, mas não deixei de pensar, olhei pra quilo e falei, olha, sabia que tinha alguma coisa haver com essa cidade. A cidade assim, é legal, bonita e tal, mas qualquer um preferiria esperar em Paris. Que a gente usa a cidade também pra...tipo se você vai fazer 15 dias de tournée e tem 13 shows, você tem que esperar dois dias em algum lugar. Então já aconteceu de ser em Toulouse, conforme o lugar onde você tá na tournée é uma coisa mais lógica, mas ultimamente a gente tem feito sempre em Antuérpia. E às vezes o buraco é bem maior, você fica um mês, mas você faz 15 shows...nunca chegou a tanto, mas você vai ficar 20 dias, mas na verdade você vai fazer 14 shows, então quando sobra e você tá perto volta para Antuérpia porque a estrutura tá ali, o hotel mais barato, as coisas todas mais ajeitadas, da van, a base e tal, porque na Europa você não pode ficar esperando em Paris um dia, ou em Londres, então a gente já tem ali um esqueminha.
C-Você tem filhos?
N - Eu tenho três filhos.
C- E você foi para o Huambo, Nova Lisboa com um ano de idade? E cresceu lá?
N - Com um ano...até os nove para dez anos...Foi super importante isso (...) Eu fiz o primário lá. Aí havia aquele terrível exame de admissão ao liceu que é assim: você fazia a primeira, segunda, terceira e quarta classe, primário; aí

depois você fazia...tinha um exame ferrado que era o exame de admissão ao liceu e eu fiz o exame em Nova Lisboa, eu não me lembro que meses letivos eram esses lá, mas fica fácil saber, tinha nove anos quando eu fiz esse exame e passei. Daí havia umas férias grandes, que eram grandes mesmo, tipo quatro meses e nesse momento eu fui para Luanda. E aí em Luanda eu fui para o primeiro ano do Liceu, com dez anos. Não sei agora se eu fiz nove ou já dez em Luanda. Eu acho que eu fiz dez em Luanda. Aí eu fiquei em Luanda dos dez aos dezessete.
C-A adolescência todinha...
Todinha...a parte mais importante.
N-Então eu cheguei aí ao Rio com dezessete anos.
C-E como é que era a vida em Luanda? Já foi muito diferente entre Huambo e Luanda? Os estilos de vida eram mais ou menos os mesmos?
N-Não, quando eu mudei para Luanda eu senti que tinha mudado para uma cidade grande. Me sentia...eu falava para a minha mãe: pô, esses caras são todos uns mal criados, a gente passa de carro e os caras fazem sinais obscenos, e xingam, sem me conhecer, porque eu tava lá naquele mundinho, é gozado isso, Huambo era uma cidade modelíssimo, há pouco tempo eu peguei uns postais que estavam na internet e mostrei para a Valéria e ela disse: nossa que lindo, inacreditável. Rua larga, sabe cidade mais do que modelo, altos jardins, um esquema urbano altamente eficiente, era muito lindo aquilo, e era planalto, então tinha um clima, um clima muito bom. Eu lembro dos velhos, velhos...deveria ser a minha avó, falando que o clima era ótimo e que aquilo era muito importante, que o clima fazia muito bem, minha avó tinha asma e aquilo era um clima e tanto e não sei quê...E era mesmo, era um clima seco, europeu (...). E a cidade tinha um cheiro diferente, era uma cidade fria. Não era uma cidade quente como se supõe que África seja uma fornalha, e tal, não era nada disso, era uma cidade como eu achei aqui no Ceará, num festival em fevereiro, exatamente no mesmo período do Carnaval, que é como se fosse uma contra-mão do Carnaval, um festival de jazz e blues de Guarabiranga, que a primeira vez que eu fui falei para a V.: eu vou levar uma malha (...).
(...) Até os nove, dez você forma sua personalidade pesadamente. Depois até, sei lá eu, até os vinte é isso mesmo. A sua informação e formação mais importante para o resto da vida é essa. Então eu não sei o que é que eu herdei do Brasil, assim...Assim, o que é que eu...Talvez uma maior abertura mental. Porque eu acho que os portugueses deveriam fazer um estágio assim, no Brasil, de uns anos, pra se soltarem um pouco, pra acabar com aquela coisa é, muito [...] formal, muito [...] tacanho, tacanho é tipo bitoladinho (...). Mas, Angola já era mais aberto, então sei lá, acho que o Brasil, o Brasil...essa coisa de eu ter mulher brasileira, filhos brasileiros, não conheci outra coisa a não ser Angola e Brasil.
C-Mas você tem nacionalidade...
N- Portuguesa, até hoje. Porque a possibilidade que eu tinha na época era pedir um passaporte angolano.
C-Você ficou até a independência?
N-Um pouquinho antes
C-Mas já estava complicado...
N-Muito complicado, eu tô até escrevendo um livro sobre isso, se quiser eu te mando uns capítulos (...) eu vivi assim umas coisas esquisitas, para a idade que eu tinha. Hoje eu vejo isso e penso: nossa, era uma criança, se eu visse

meu filho no meio de um negócio daqueles, eu jamais permitiria. (...). Então, eu saí um pouco antes, a independência foi em novembro.
C-Como você adolescente percebia a situação?
N- Antes eu quase não percebia. Era um anestesiado político, como o Salazar queria. Aquilo era ditadura e toda a informação era vedada. Então eu adorava...uma das coisas que mais me doeu foi não poder assistir o filme Woodstock, porque lá não podia passar. Porque tinha drogas e rock and roll, cabeludos e não sei que. Não sei, não passava. O que acontece: a minha mãe tinha ideais de esquerda, mas nunca abriu a boca, porque você, bastava pensar para ser preso. E como nós éramos crianças, ela não podia dar a opinião dela nesse sentido porque eu poderia comentar com algum coleguinha e o pai dele ser da PIDE, sei lá. Então era um clima de terror. Mas, uma vez a minha mãe falou que o meu amigo Vasco, que estudava comigo na escola, meu coleguinha, um dia eu descobri que o pai dele estava preso porque descordava do regime colonial e havia, por exemplo, o Fausto, que é um cantor, um compositor conhecido em Portugal, era meu vizinho, e aqueles caras eram todos de esquerda, tinham problemas com a polícia, Sérgio Godinho, eles eram ligados ao S., acho que o S. tava lá...não sei, não sei se o Sérgio tava lá, mas o Fausto era meu vizinho de casa,e eu o via saindo de moto e violão e eu, pô, nossa, era fã do Fasto. Depois, ele se tornou conhecido em Portugal, conhecido mesmo, você talvez não conheça...E o Sérgio, havia uma relação ali com o Sérgio Godinho também, não sei se era a família dele que era minha vizinha também, não sei. Mas essas coisas eram camufladas para as crianças, para a gente não falar com ninguém, e havia aquela coisa, se o cara tava preso era porque o cara não era boa pessoa, então na minha cabeça ficava isso, ih! O cara tá preso, e tal...E a minha mãe tentava dizer que não é bem assim, mas não comente nada. Então na verdade eu cresci e sou poeta desde criança, eu não atentei, não tinha consciência daquilo...se eu tivesse consciência daquilo tudo, eu teria saído antes Dalí, porque era praticamente certo que quem tava ali ia ter que sair um dia, não sei como é que ninguém viu isso...os adultos já deviam saber disso...(...) eu acho que não queriam acreditar, ou , eu acho que não queriam acreditar ou era esse processo de anestesia mesmo. Depois, aqui no Brasil eu saquei que aquela coisa do regime fechado (...) Analisando hoje, vejo que aquilo era uma coisa...todos os países já tinham feito a independência das colônias, todos, não tinha acho que nenhum, só os portugueses não tinham...então, bastava fazer uma análise histórica dos últimos anos para saber que aquilo ia acabar. Eu não sabia porque eu era moleque, andava ali...Pra mim qual era a história: eu adorava aquilo, nunca mais sairia de Luanda, nunca mais, assim, já tinha jurado, olha só! Essa consciência eu já tinha, que eu ia tocar blues pro resto da vida, isso me ocorreu num determinado momento, aquilo foi um negócio tão forte que eu falei...nossa até gravei isso para um amigo, em vez de mandar uma carta eu mandei um k7, falando: nunca mais deixo de tocar blues na vida. Mas, não exatamente tocar blues no formato blues, é como o cara que nasce no morro e vira sambista, depois ele pode ser o Chico e tocar outras coisas, ele pode ser o Caetano, fazer rock, mas ainda aquele samba ficou, é a matéria prima. Então, o blues, virou a minha matéria-prima desde pequenininho e Luanda também era uma coisa que nunca mais, mas munca mais saio daqui. Quando cheguei fiquei chateado porque vinha de Nova Lisboa, que era um tanto mágica, e era a minha infância e eu conhecia todo mundo e enfim, era o

lugar onde você se sente bem e depois Luanda foi insalubre, estranha, grande, barulhenta, porque era mesmo em relação a Nova Lisboa, Nova Lisboa era um jardinzão assim, e Luanda não...Eu lembro que eu tinha...as calçadas aqui não eram de lajotinha toda organizada, Nova Lisboa era que nem aquela coisa que no Rio ainda tem de pedra branca e pedra preta portuguesa, depois quando não era isso eram passeios feitos de mosaicos, era espetacular. E Luanda não, era uma coisa mais de bagunça. Só que eu tava ali aos dez anos. Aos onze, doze, treze, aí você já fica gostando de uma menininha, aí tem a praia, guitarra, moto. Então a minha vida era liceu, que era uma farra, reprovava direto, eu só faltava à aula, não era bom aluno e hoje eu credito isso ao péssimo desempenho dos professores que eu tive no primário que me fizeram desinteressar de aprender qualqué coisa. Eu era mau aluno em inglês, por exemplo, e aí um dia, cantava tudo que era música em inglês, assim todas, perfeita a letra e um amigo me falou: como é que você é péssimo em inglês se você canta, sabe isso de cor, Jesus Cristo Superstar inteiro. E depois eu o vi há pouco tempo na tv também agora, já não é a mesma coisa, porque enfim, ficou um pouco datada. Então essa época que teu pai viu esse filme, foi a mesma época que eu teria (...) dezessete anos. Eu saí em setenta e cinco...foi em novembro, acho que eu saí em agosto. (...) Eram três exércitos dentro de Luanda, é como se você tivesse hoje, aqui, por exemplo, um exército do José Serra, outro exército do Lula, e outro do Fernando Henrique. Os três dizendo: não, quem manda aqui sou eu...dentro da cidade e com delegações assim, quartéizinhos, dentro da cidade. Então aqui era uma delegação do FNLA e ali do MPLA. Você passava no meio e eles tavam num pau...Era maluco o que acontecia ali. E é uma guerra esquecida, ninguém viu isso. E eu, para esse livro que eu tô fazendo, peguei umas cronologias, umas coisas que estão batendo exatamente com as coisas que eu..(...) Naquela altura eu não sacava, mas assim: a UNITA tinha o apoio dos americanos, havia sul-africanos junto com CIA e soldados portugueses mercenários. Então, em determinado momento, havia portugueses contra portugueses ali, não contra exatamente os portugueses que estavam lá, oficialmente ainda...os portugueses não tavam contra MPLA ou FNLA, eles estavam ali para manter a ordem, então eles não tinham objetivo de atacar o MPLA, portanto, não havia português contra português nesse sentido, mas havia no sentido de que se o exército português ainda tentava conter algumas coisas, tentava conter mercenários portugueses, junto com caras da CIA, a CIA fisicamente, havia CIA soldado, eu nunca soube que isso existisse, havia elementos da CIA junto com mercenários portugueses e sul-africanos. (...) Você viu Diamante de Sangue? (...) Era aquilo Luanda. Isso me lembra do começo ao fim isso que eu tô te contando...Eu vi montes de coisas igual aquilo. Crianças com armas, cansei de ver em Luanda, dentro de Luanda cansei de ver crianças com metralhadora na frente assim, tática comunista, gente dando o carro no aeroporto, porque você não podia levar nada, então o cara ia embarcar e falava: ninguém quer um carro e tal...era bem comum inclusive (...), um monte de gente dormindo no chão, eu vi isso tudo, aliás, preciso escrever um capítulo sobre esse monte de gente dormindo no chão do aeroporto. (...) Mas a gente perdeu tudo. Eu não sei, eu precisava ter falado com meu pai...

Entrevista concedida por J.

C- Você estava a dizer que a história era um pouco diferente da maioria…
J - É
C- Como é que ela é?
J - Aí começou a história de quando Angola começou com o meu avô, pai do meu pai, ele era militar, engenheiro químico; e ele embora fosse das Forças Armadas, não era monarquista, era republicano. [Angola][270] só virou Republica em [1919][271], e o meu avô era muito amigo do 1° Presidente da República, que foi Sidónio Pais, quando Sidónio Pais entrou mandou meu avô pra Angola como uma espécie de governador, então, o lado do meu pai começou a história aí, e o meu avô começou. O Sidónio Pais caiu o Salazar entrou... Ele contava que nos primeiros quatro cinco anos ele até achou interessante a posição do Salazar, depois ele percebeu que não era aquilo ai ele virou um anti salazarista.
C- Salazar foi 1926, não é?
J - Pois é, e ele ficou 40 anos. E ai o problema do Salazar é que ele não quis tirar o meu avô de lá, não pode tirar por meu avô ser militar, sendo de patente alta, e sendo uma pessoa muito bem quista nas Forças Armadas isso podia trazer problemas para ele com o exército então ele foi agüentando o meu avô por muito tempo até, meu avô ficou lá até 47 por aí [...] uma coisa assim [...], e ai o meu avô começou a falar em independência de Angola quando ele estava lá, então havia coisas do tipo, a tomar ações do tipo: a Metrópole mandava pedir, por exemplo, sementes para fazer [...] ele implantava fábricas de óleo, óleos vegetais para comer e Salazar não deixava, tinha que mandar as sementes para Portugal, moer lá e fazer o óleo e voltar para Angola com o preço lá em cima, e o meu avô era contra isso, então o meu avô cada vez que vinha a ordem de Portugal para mandar sementes ele juntava por exemplo, os agricultores e dizia pra eles: vocês tem três dias para plantar tudo trabalhem 24 horas por que eu vou mandar dizer que não tem sementes. Então atitude ele teve, e tem artigos do meu avô em jornais.
C-Como se chamava o seu avô?
J -Manuel Farinha
C-Manuel Farinha
J -E o meu avô então, o meu avô fez várias coisas lá em Angola, ele era um cara que tinha uma certa posição, e o Salazar não deixava fazer faculdades lá, implantar faculdades, e o meu avô queria implantar faculdades, então o meu pai e os meus tios tiveram que estudar em Portugal quando chegou a época acabou o Liceu de fazer faculdade, foram para Portugal fazer faculdade, depois que acabou a faculdade o meu pai foi o único que voltou para Angola, e voltou para Angola com as mesmas idéias do meu avô.
C- E o seu pai era angolano, ele nasceu em Angola ou em Portugal?
J - Não, na verdade o meu avô só mandava a minha avó ter os filhos na Ilha da Madeira, porque ele achava que tinha condições por causa de família, e coisa desse tipo, então todos eles nasceram na Madeira e com dois meses de idade voltavam para Angola, é assim que funcionou. Foram seis filhos, foi assim. E então o meu pai formou-se em engenharia civil, voltou para Angola e ele foi trabalhar nos caminhos de ferro de Benguela que estava começando a

[270] Imprecisão. O entrevistado quereria dizer Portugal.
[271] Imprecisão. A data correta é 1910.

construir, depois disso ele conheceu a minha mãe, aí a família da minha mãe já é outra história, porque o meu avô por parte de mãe ele foi para Angola em 1892; foi um dos primeiros que foi para Benguela, e era um comerciante dono da Casa Africana, até hoje é um marco lá em Benguela se você fala é a Casa Branca que era do meu tio avô, que era o irmão do meu avô. Ainda existe a casa branca, tá com parentes hoje, a Casa Branca, então ele conheceu a minha mãe num reveillon, a minha mãe era outro tipo, meu avô, então,tornou-se muito rico lá em Angola, com isso ele mandou a minha mãe estudar na Suíça, estudou interna na Suíça desde os 12 anos, ai quando ela acabou o colégio ela queria ir fazer a faculdade em Londres, e o meu avô não deixou, disse que ela tinha passado muito tempo longe que agora era hora dela ficar perto dos pais e nisso ela veio para Angola, então um fim de ano meu pai conheceu a minha mãe num reveillon lá no, antiga Sá da Bandeira que é Lubango hoje né, e casaram-se em sete meses. Em sete meses eles se casaram e ai o meu avô, o meu pai no começo chegou a trabalhar um pouco com o meu avô, o meu avô tinha pescaria uma série de outras coisas, mas o meu pai não concordava com os métodos usados pelos portugueses naquele tempo, que eram meio escravos por que eles na verdade faziam contratos, eles iam no interior de Angola e faziam contratos com os sobas chefes da aldeia e levavam o pessoal para trabalhar na indústria de pesca, só que eles ficavam confinados, não podiam sair, e tinham contratos que eram renovados por dois anos com eles e o meu pai não concordava com isso, e ele acabou brigando e saiu para fazer..., aí ele montou uma empresa de engenharia, meu pai teve duas empresas de engenharia, grandes, que fizeram muita coisa lá, um dos cartões postais de Benguela, o Hotel Mombaca foi construção do meu pai, e o Aeroporto de Benguela também, e fora isso ele tinha uma empresa, uma empresa de engenharia que fazia prédios, residências, essa parte mais voltada para a construção predial, e tinha uma outra empresa que construía estradas, pontes, etc., infra-estrutura, obras de infra-estrutura. Ele fez muitas obras em Angola, o meu pai teve uma atuação política muito forte, ele fundou o Partido era um Partido de oposição ao Salazar...

C- Em Angola?

J - Em Angola, ele foi presidente da rádio clube lá em Benguela, também e tinha uma atuação política muito forte, só que

C-Que partido era

J - Saiu um livro a pouco tempo em Portugal que falam disso e falam do meu pai, você conhece?

C- ah! Conheço, Fernando Pimenta [...]

J - Esse então fala um pouco do meu pai, e do Partido dele. Então na verdade meu pai teve uma atuação grande. Quando chegou em 1959 o meu pai era muito amigo do Agostinho Neto. O Agostinho Neto estava no norte de Angola, o meu pai como tinha essa empresa que fazia estradas, ele tinha obras lá no norte, ele encontrava sempre o Agostinho Neto, o Holden Roberto e todos eles se encontravam quando eles iam às obras e o Agostinho Neto procurou o meu pai, em julho ou agosto de 59, para que meu pai se juntasse a eles para começar a Guerra da Independência, ai meu pai disse que pediu a ele, olha eu sou contra fazer guerra eu acho que a saída tem que ser política e não deve ser feita pela guerra e pediu uma chance ao Agostinho Neto dá-me um tempo para negociar com o Salazar a independência de Angola, mais uma vez, o meu pai já tinha tentado, isso era um assunto recorrente. Ai o meu pai teve

dificuldades... A família da minha mãe tinha um tio, um tio da minha mãe que era ministro de Salazar, ou tinha sido ministro de Salazar e ele conseguiu promover esse encontro do meu pai com Salazar, que aconteceu no final, acho que em dezembro de 59, ai o meu pai foi lá, levou um plano para fazer a Independência, com a preferência para Portugal, com uma série de coisas e o Salazar disse não, não, não isso é português vai ser sempre português para o resto da vida, vai ser assim.
C- E ele foi recebido por Salazar?
J - Sim, ai o meu pai voltou para Angola, e procurou Agostinho Neto, Holdem Roberto e disse-lhes: olha não consegui nada com Salazar e acho que vocês tem todo o direito de pegar em armas e fazer a guerra, eu não pego em armas porque eu sou contra isso, agora eu dou todo o apoio a vocês, no que vocês precisarem. Em fevereiro de 1960 começou a guerra, quando começou a guerra o Salazar disse isso é coisa do Farinha...aí mandou prender o meu pai; só que o meu pai, isso é uma história comprida, o meu pai conseguiu ter informações de que ele ia ser preso, porque na verdade a PIDE atuava muito forte mas o meu pai tinha em Benguela por exemplo a PIDE na mão, todo o pessoal da PIDE ele sabia quem era, e ele fazia com que esse pessoal devesse favores a ele, essa era a forma dele se dar bem com eles, então quando veio a ordem de prisão para o meu pai, eles não tinham nada contra o meu pai e ai eles pediram a confirmação para Luanda e para Lisboa, confirmação porque eles iam prender o meu pai em Benguela e era para prender o Falcão no Lobito o engenheiro Falcão, que era um grande amigo do meu pai e fundador do Partido junto com o meu pai. O Falcão foi preso no Lobito e uma pessoa que viu o Falcão ser preso disse o Falcão vai ser preso o Farinha também vai, como Lobito é pertinho de Benguela ele foi a Benguela e avisou o meu pai, meu pai então conseguiu sair, conseguiu fugir.
C- Teve tempo?
J - Teve tempo para fugir, ele ficou escondido uns tempos e acabou saindo de barco num barco de pesca, do Lobito, ali no Lobito ele saiu para o Zaire, Congo né, e essa história também tem uma série de peripécias, meu pai conta que quando ele foi passar no porto para embarcar no barco, o Salazar mandou fechar todos os portos e aeroportos, e no porto que o meu pai foi embarcar tinha PIDE para tudo quanto era lado, quando foi para ele embarcar tava cheio de PIDE e ele [...] tinha certeza que tinha sido reconhecido por um sujeito da PIDE , ele até virou a cara, esse sujeito da PIDE depois o meu pai procurou-o, ele veio para o Brasil também e o meu pai o encontrou um dia e ele confirmou que ele realmente tinha reconhecido o meu pai, só que ele deixou ignorar, deixou passar, e o meu pai foi para o Zaire, para o Congo que tinha acabado de se tornar independente, o meu pai não tinha documentos não tinha nada. Ele foi recebido lá por uma pessoa que tinha trabalhado com o meu avô em Benguela e que era comerciante lá em Leopoldville , que é Kinshasa hoje, e ele era uma pessoa influente e ele conseguiu fazer com que meu pai chegasse até Tshombe que era o presidente da República, e o Tshombe fez um decreto dando cidadania zairense para o meu pai, para o meu pai poder ter documento de identidade e passaporte. Nesse período também como o Zaire tinha acabado de ficar independente as tropas da ONU estavam lá, e quem comandava as tropas da ONU era o general (Dagamachoude) era um general se não me engano sueco que comandava as tropas, e conheceu meu pai também e se aproximaram e tal e o meu pai contou a história, ficaram amigos e

ai um dia ele perguntou ao meu pai se o meu pai topava fazer um depoimento na Assembléia Geral da ONU contando toda a história, e o meu pai foi, sim foi e foi com base no depoimento do meu pai que a ONU adotou as sanções contra Portugal. Aí o Salazar mandou matar o meu pai não queria mais preso, era matar o meu pai, ai tem uma história comprida, o meu pai acabou andando um pouco por África, porque meu pai em alguns livros que falam dele, chamam ele do grupo dos cinqüentistas que promoveram a independência dos países da África. Eram chamados os cinqüentistas, e ele conhecia alguns desses caras que fizeram a independência em alguns países e ele andou um pouco e acabou em Paris a verdade é essa. Levou um certo tempo para chegar lá, mas chegou em Paris e em Paris ele foi recebido pelo [...] esse agora que [...] para o Brasil, Portugal ele foi recebido pelo Mario Soares que era o chefe da oposição, o líder da oposição lá, e era advogado.
C- E estava exilado
J -Estava exilado em Paris, então o Mario Soares conseguiu reaver os documentos portugueses do meu pai, a documentação portuguesa dele, e também interferiu para que ele conseguisse um emprego, e ele conseguiu um emprego numa empresa de engenharia lá em Paris, e nós continuávamos em Benguela, minha mãe e os filhos continuaram em Benguela ai o problema era como chegar lá a Paris e tal, ai nas negociações da minha mãe com o meu pai pra ir pra Paris havia o problema da equivalência escolar nossa, minha e do meu irmão porque a minha irmã era muito pequena, bom primeiro todo mundo falava francês menos a minha irmã pequena, isso não era problema a língua , era a equivalência escolar, a gente tinha que aprender coisa de dois anos de escola de história e geografia, tinha história e geografia da França e mais uma série de coisas e a minha mãe disse que não ia porque ela não achava justo que a gente perdesse dois anos de escola por causa disso, da militância do meu pai, e ai a opção que sobrou foi o Brasil. Ai tem uma outra historinha que foi como chegar ao Brasil. Ai começou a negociação com quem era o cônsul , o embaixador brasileiro na França [Lisboa][272] era o Negrão de Lima naquela altura e o presidente Jânio Quadros, ai na verdade o Jânio Quadros apoiava o Salazar[273] ele tinha aquela coisa de condecorar o Che Guevara coisa e tal mas ele apoiava o Salazar, e meu pai foi junto com o Mario Soares eles foram então à embaixada e começou a negociação e tava complicado não queriam dar e tal, e tava uma negociação que ficou comprida essa negociação, um dia, o meu pai quem estava negociando era o Mario Soares , tava negociando pro meu pai esse visto para vir pra cá e um dia o meu pai recebe uma ligação, lá em Paris, do Negrão de Lima, pedindo para ele ir à embaixada acertar então o negócio do visto, ele achou esquisito porque quem tava negociando era o Mário Soares, e ele ligou para o Mario Soares e contou, e o Mario Soares disse deixa que eu vou, e quando o Mario Soares chega à embaixada a PIDE estava dentro da embaixada pra prender o meu pai, ai o Mario Soares pôs a boca no trombone e disse para o Negrão de Lima ou o Brasil dava o visto para o meu pai vir pra cá ou dali da embaixada ele iria direto para a imprensa dizer o que o governo brasileiro fazia, ai o Negrão de Lima negociou com o Brasilia, e saiu o visto do meu pai he, he. Assim o meu pai veio parar no Brasil, quando ele veio para o Brasil ele, claro que as duas cidades para onde ele viria seria Rio de Janeiro ou

[272] Correção de Imprecisão histórica.
[273] Depoimento controverso aos dados históricos.

São Paulo, Rio de Janeiro e São Paulo além de ter muitos portugueses tinha muita PIDE também.
C- Aqui?
J - Ah! Sim, a PIDE imperava aqui, tinha muito, muita gente da PIDE aqui
J - Porque os portugueses daqui, os que estavam aqui eles apoiavam o Salazar mandavam dinheiro para Portugal, porque era aquele cara que veio da aldeia, que era analfabeto ou semi analfabeto o lambrego que se fala em Portugal que veio para cá e esse cara prosperou aqui no Brasil, dono de padaria de não sei que prosperou e apoiava o Salazar, então o meu pai não podia vir nem para o Rio nem para São Paulo, ai ele acabou indo para Santos porque em Santos tinha um sujeito que era o Manuel Miridores que era engenheiro também, português, que é irmão do padrinho do meu irmão que é o João Alberto Miridores, que era engenheiro português que era do Partido Comunista Português e era muito amigo do meu pai, e o Miridores se prontificou a receber o meu pai em Santos e montou um esquema de segurança pra ele e assim o meu pai foi parar em Santos.
C- Primeiro ele sozinho?
J - Primeiro ele sozinho, ele veio para Santos, naquele tempo estava começando a construir a COSIPA, 61.
C- 61.
J - 61, 62 nós viemos para cá , final de 61 eu não lembro quando o meu pai chegou aqui, segundo semestre de 61, ai a COSIPA estava começando, e o meu pai foi trabalhar na COSIPA e acabou como superintendente de obra lá na COSIPA, na construção da COSIPA. Então a gente veio pra Santos, veio parar em Santos. Nós viemos para cá em agosto de 62, ai teve uma outra novela porque ai o Salazar sabia que o meu pai estava aqui, e ai não dava vistos para nós sairmos de Angola, ele dava visto para todos os países do mundo menos
C- Menos para o Brasil
J -para a América do Sul... Aí foi outra novela, foi outra negociação onde entrou a família da minha mãe, que era ligada ao Salazar e conseguimos o visto para vir pra cá, mesmo assim eles tentaram até a última hora não deixavam a gente embarcar, davam informações erradas, uma série de coisas para a gente perder o vôo, nós fomos de Benguela para Luanda, e de Luanda a gente pegou o vôo da Alitália, para sair, fazer uma série de... fazia pouso em Dakar uma série de lugares... mas enfim veio para cá, bom ai chegamos aqui e eu tinha, eu cheguei aqui eu tinha eu estava no 5° ano de Liceu, fui estudar aqui, aqui a gente não teve problema de estudo, eu cheguei em agosto de 62 e as aulas começavam em março de 63, fui estudar no Colégio Marista lá em Santos,
J - Liceu de Benguela, e a gente veio estudar aqui, fizemos o exame de admissão de história e geografia do Brasil, não tivemos problema e ai eu fiz o científico aqui e ai entrei na Faculdade na UNICAMP fazer engenharia, fiz engenharia e fui seguir a minha carreira profissional. Meu pai continuou aqui, meu pai depois da COSIPA ele montou uma empresa dele, uma construtora, lá em Santos que chegou a ser empresa média, mas depois do segundo enfarte a minha mãe fez ele vender, sair da empresa e vender a empresa, então eu tava no começo da faculdade no segundo ano quando ele vendeu a empresa. E ai ele trabalhou em várias empresas, trabalhou com, ele construiu, como é que chama que eu digo sempre a que a Rodovia dos Imigrantes essa primeira pista é a Rodovia da Família porque eu trabalhei no projeto, no escritório Figueiredo

Ferraz, o meu tio era o diretor de obras da (incompreensível.....) que fez o trecho todo do planalto até o começo da serra, e o meu pai era o diretor de obras da serra até lá embaixo, então eu digo sempre que é a estrada da família. E depois disso o meu pai foi trabalhar na Logus, e por exemplo, o meu pai fez uma coisa ainda muito interessante que é, o meu pai dizia sempre que ele tinha uma dívida com o Brasil, pelo Brasil ter permitido que ele continuasse a vida dele a carreira dele aqui. Então ele dizia que ele passou uma fase, foram três anos da vida dele que ele dedicou a um projeto que era um projeto, naquele tempo lembra do fundo 157 que houve aqui no Imposto de Renda você trocava por ações ou terras, então os grandes bancos e as grandes empresas tinham latifúndios enormes, territórios extensíssimos, desde o Mato Grosso até lá em cima o Acre, então o Banco Itaú o Bradesco, o [...], então o meu pai dizia sempre que aquilo era errado que aquilo lá não ia durar a vida inteira, que devia ser feito um assentamento principalmente do sul, fazer...
J - E o que o fundo 157 dava-se terras e o cara ficava proprietário de terras e o meu pai que conhecia algumas pessoas como o Olavo Setúbal e outros ele vendeu junto com o Meirelles que foi Secretario da Agricultura aqui em São Paulo, o meu pai junto com o Meirelles fizeram esse projeto de assentamento então a teoria do meu pai era a seguinte: você tem uma imigração para o Brasil da Europa de europeus, de italianos, de alemães depois da Segunda Guerra Mundial e esse pessoal se estabeleceu aqui no sul só que esse pessoal já estava indo para a terceira geração e as terras que antes eram grandes ficaram pequenas para a família então a idéia era lotear essas terras fazer implantação e vender para essa turma, para que essa turma pudesse se expandir e o meu pai trabalhou quase três anos nesse projeto e conseguiu fazer isso. Ele dizia sempre que naquela altura o mais difícil para ele foi negociar com a Igreja Católica aqui no Brasil, era mais difícil negociar com a igreja Católica do que com o exército, porque o exército naquele tempo era regime militar ainda, e o exército, eles acharam uma ótima a idéia e colaboraram e eles trabalharam na implantação desses projetos abrindo estradas, abrindo até ...o meu pai fez, criou várias cidades novas para assentamento era um faroeste, aqui no sul, aqui na parte civilizada que só um parênteses o meu pai algumas vezes me levou de avião ele mostrava que o Brasil é uma faixa de 200 quilômetros da costa que é habitado o resto não tem nada então precisa é habitar essa parte toda para dentro e foi isso que ele foi fazer então o exército ajudou nisso, e a Igreja Católica que levou muito tempo para ele dobrar a Igreja Católica para fazer eles aceitar dividir as paróquias né, no fundo era isso e deu certo, tanto que deu certo que você vê hoje gaúcho lá em cima perto do Maranhão de bombacha e chimarrão, plantando soja e isso, e esse pessoal subiu com esse projeto, então foi uma coisa legal que ele fez , foi um projeto legal e ele dizia que isso era para ele pagar a dívida que ele tinha com o Brasil,
C- Por tê-lo recebido aqui?
J - É
C- E depois não houve problemas mais? Quer dizer
J - Houve quando o meu pai veio para cá ele estava em Santos e ele tinha que andar com segurança, variavam de quatro a seis pessoas os seguranças dele, e ele não gostava de andar com segurança, por duas vezes ele liberou a segurança num fim de semana e por duas vezes a PIDE o pegou, uma das vezes pegaram logo à seguir na saída de Santos e na outra vez foram encontrá-lo em Viracopos ele ia ser embarcado num avião da Ibéria, do Franco

que era a época do Franco, e ia ser embarcado num avião da Ibéria e ser jogado no mar, amarravam blocos de cimento e jogavam no mar.
J - Aquela coisa da nacionalidade, e que eu sou angolano nasci lá, mas eu não tinha direito a cidadania naquele tempo porque eu tinha saído de Angola, havia uma discussão sobre isso lá. Com a independência era assim, você saiu não tinha mais direito a isso. Eu tinha um pouco de receio, não sabia como seria recebido lá. Mas eu tinha ajudado aqui no Brasil. O Mourão, fez alguns acordos com o governo de Angola, para mandar gente para cá para estudar, na USP, na Faculdade de Ouro Preto, no Rio de Janeiro também na Federal do Rio, e eu entrei nesse programa dando estágios para o pessoal que depois que se formava, eu dava estágios para eles na Promon, que é...eu trabalhava na Promon naquele tempo e a gente conseguia arrumar esses estágios lá na Promon. Então temos uma turminha que passou por lá e fora isso eu tinha contato com várias pessoas lá de Angola, algumas pessoas do partido (MPLA) e aqui no Brasil né que vinham aqui mas eu não tinha idéia como é que eu ia ser recebido lá então, eu fui na delegação e foi muito interessante quando o avião desceu em Luanda e abriu a porta do avião e entrou uma pessoa e anunciaram o meu nome , e eu disse bom e agora [...] ai eu fui lá me apresentei e eu disse fiz as honras da casa, disse que era uma honra voltar em Angola e tal, e eles levaram, e eles tinham muito em conta a participação do meu pai principalmente, eu não sabia também como é que o meu pai tinha ficado marcado na história de Angola depois da independência pro pessoal que tava lá, mas até hoje o pessoal tem muito, fala muito bem dele, e faz um monte de honras cada vez que eu vou lá sou muito bem recebido até por conta disso, e foi realmente muito gratificante saber que na verdade eu estava voltando e tava voltando numa boa, sem não havia discussões tanto que hoje eu vou tirar de novo a minha cidadania angolana o meu passaporte angolano, mas ainda não consegui porque o problema era identificar a minha certidão de nascimento, se era batizado, não a minha certidão de batismo que tinha que ter, a minha certidão de nascimento eu tenho que é lá de Benguela e minha certidão de batismo foi feita em Huambo, Nova Lisboa, isso eu descobri agora porque eu pensei que tinha sido em Benguela mas não minha mãe falou não que eu tinha sido batizado em Huambo não sei porque, por algum motivo eu fui batizado lá e agora parece que eles localizaram lá a minha certidão e ai eu posso tirar a minha documentação angolana. Bom então vamos voltar, desculpa.
J - Eu estava em Santos, eu estava falando do meu pai não era?
C- Isso
J -Então do projeto que ele fez aqui no Brasil, e quando eu voltei, o meu pai morreu em 88, mas em 84 quando eu voltei a Angola eu quis levá-lo ele não quis ir e depois quando eu voltei de lá, entre 84 e 89 eu voltei várias vezes lá em Angola, mas ele não quis ir.
C- Ele não quis voltar?
J - Não quis ir porque diz que não queria que aquela não era a Angola pela qual ele tinha lutado que ele tinha sonhado, que o meu avô tinha sonhado e que ele tinha sonhado de fazer um país independente, mas não daquela forma como estava
C-Com uma guerra civil terrível.
J - Guerra civil
C- Que ainda ta, ainda

J - E com esse problema do racismo também, que ele dizia sempre Angola foi um pais que foi colonizado como o Brasil com os desterrados, com toda com todo o tipo de gente da pior espécie, e por causa disso virou um país mulato, porque eles se misturaram com os negros e tinha muitos, mais muitos mulatos em Angola ao contrário de Moçambique, Moçambique foi colonizado pelos portugueses também, mas pela elite. Só ia para Moçambique advogados, médicos, engenheiros que não se misturavam com os negros, e muitos indianos, daquela época de Goa, Damão e Diu; então você não tem quase mulatos em Moçambique por causa disso, porque foi colonizado pelos portugueses mas pela elite portuguesa; enquanto Angola foi pelos desgarrados, pela corja, né?
C- Mas algumas cidades eram mais mulatas mestiças ou brancas do que outras ou não? Havia predominância
J - Não, na verdade você tem cidades, Angola tinha 7 milhões de habitantes era muito pouca gente, e tinha que não chegava a 1 milhão de brancos 700 mil brancos talvez nem isso, então era na verdade os brancos eram no máximo 10 por cento da população, mas havia muitos mulatos, agora o que você tinha na verdade era algumas cidades importantes como Luanda, Benguela, Lobito, era Nova Lisboa que é Huambo era Sá da Bandeira que é Lubango, Moçâmdes, um pouquinho, mas o resto das cidades que não eram cidades eram vilas que se você pegar a densidade demográfica até hoje...
F – Eu lembro de ver, de ver, eu cheguei a ver isso lá tinha por exemplo nas pescarias, nas pescas eles punham lá os brancos para tomar conta desses negros que eram negociados lá e vinham para as indústrias, eles punham os capatazes que eram os brancos, e esses brancos que vinham lá de Portugal, eles não sabiam ler nem escrever e o cara era na base do chicote, conduziam aqueles caras com o chicote na mão. É assim que eles tratavam.
J - Pois é, isso era uma coisa que meu pai era frontalmente contra. Inclusive lá em Benguela, o bairro de Benfica que é onde, aquela região toda onde depois se alastrou o musseque e começou a ter casas populares, foi meu pai que criou aquele bairro exatamente para os negros, para os negros não viverem em senzalas.
C- Não viverem isolados...
J - Mais próximos, mais para não viverem em senzalas, sem as condições mínimas de vida. Então tem...Angola para mim é isso...Eu...eu...eu continuo com um laço muito forte com Angola, meus irmãos não, meus irmãos praticamente apagaram da memória. A integração nossa aqui foi ótima. A gente se deu muito bem... todos nós fizemos faculdade. Todos nós tivemos uma vida profissional de sucesso, não houve problema nenhum em morar aqui.
C- Mas nenhum, quantos irmãos são?
J - São quatro. Um é brasileiro, um nasceu no Brasil. Foi a comemoração do reencontro. É o mais novo esse é brasileiro.
C- E nenhum deles tem essa ligação com Angola? Nada?
J - Nada. Eles não tem.
C- E você era o mais velho? Ou não.
J - Eu sou o mais velho.
C- Talvez pela proximidade com seu pai ou...
J - É eu acho que sim, acho que talvez por isso mesmo, mas eu tive inclusive...meu pai acabou morrendo e eu soube muito pouco da história dele porque ele dizia que ele não podia falar nada. Na altura de 1975,1973 até

quando foi a Revolução dos Cravos. Ele dizia que ele não podia falar nada porque ele podia comprometer uma série de pessoas que estavam ainda em Portugal, elas podiam ser presas e podiam sofrer por isso. Inclusive teve uma fase em 67, que eu entrei na faculdade em 67, e eu ai me engajei muito no movimento político estudantil, na faculdade, na Unicamp, no interior naquele tempo era faculdade de engenharia, a política estudantil era mais aqui em São Paulo, o interior quase não participava e nós conseguimos fazer com que o interior se integrasse também a essa vida estudantil, e eu tive problemas em 67 com o DOPS, o DOPS sabe, eu descobri que tinha um cara que estudava comigo que o irmão dele era o delegado do DOPS em Bauru e ele contava para gente, ele dizia cuidado, quando o DOPS dava batida lá na República, ele avisava; então quando eles iam lá nunca me achavam e nem as minhas coisas, mas eu tive problemas, problemas, quando houve aquela famosa Ibiúna que pegaram todo mundo né...Em 67, eu estava a caminho de Ibiúna, e acabei ficando em Campinas, não fui, mas quando prenderam todo mundo e de manhã quando eu pego os jornais e vejo que tava todo mundo preso, penso, vai sobrar para mim, e dito e feito, e fui para Mato Grosso, fiquei por lá, eu tinha uns amigos que faziam faculdade comigo que eram mato-grossenses e ai eu fui lá para Corumbá, passar um tempinho lá. Deixar a coisa esfriar, porque a coisa aqui tava feia e nessa altura, meu pai um dia veio conversar comigo pedindo para eu não me meter muito porque isso era...eu ia ter problemas...que se o DOPS me pegasse eles iam me deportar para Portugal e que se eu fosse para Portugal ele ia sofrer as conseqüências , porque ai ou me matavam ou davam um jeito de pegar meu pai. Então ele achava que eu não devia me meter em política. E eu disse: então você vem dar lição de moral para mim, você passou a vida inteira fazendo o que quer, não... para cima de mim não. E isso foi engraçado. E foi isso que aconteceu. Então é essa que foi a minha vida, resumidamente a minha vida. Nós somos quatro filhos dele, eu sou o mais velho, eu sou engenheiro civil, meu irmão que vem a seguir a mim, é engenheiro civil também, minha irmã é psicóloga e o meu irmão mais novo é economista e administrador de empresas. Então todo mundo se integrou perfeitamente.

C- Todos em São Paulo ou...

J - Na verdade eu digo sempre que eu tive uma âncora aqui em São Paulo, mas a minha vida é andar por mundo aí. Eu andei trabalhando em muitos lugares do Brasil, fora do Brasil, sempre trabalhando, morei uma época na Colômbia, trabalhei na Argélia, trabalhei no Iraque, trabalhei numa série de lugares. Sempre com as malas nas costas e trabalhando, sempre desenvolvendo negócios para a Promon fora do Brasil. Na África eu andei um pouco também...O Marrocos, Tunísia e por aí a fora.

C- E sua ligação com Angola, foi praticamente a sua adolescência ou o inicio da adolescência...

J - Eu vim com doze anos

C- Doze anos.

J - Eu vim com doze anos para cá. A idade com que eu vim para cá.

C- Bastante jovem... E mesmo assim a África sempre ficou muito presente na sua vida.

J - Sempre ficou muito presente. É engraçado isso eu sou capaz até hoje de desenhar a casa do meu avô inteira. A casa do meu avô era muito bonita lá em Benguela porque era uma casa, era a casa africana, era uma casa de madeira,

colonial, da era colonial, quando meu avô chegou lá não tinha nada, mas era um quarteirão inteiro, então era uma casa muito interessante. Eu sou capaz de desenhá-la. Hoje em dia quando eu voltei até Benguela,agora ela já está dividida... Houve uma fase que eu negociei, cheguei a negociar com o governo de Angola para voltar para lá, em 89.
C- E antes disso, não pensou logo depois da Independência não havia possibilidade?
J - Não. Depois da independência não havia possibilidades, a guerra seguiu, e com os movimentos que apareceram lá, iam aparecendo movimentos racistas negros, quer dizer, houve o famoso Nito Costa [Nito Alves][274], e aquela turma que o apoiava, eles expulsaram, eles queriam expulsar os brancos de lá mesmo. Eu tenho vários amigos que saíram de lá de Angola nessa altura.
F – Quase com salvo conduto, tem histórias de...angolanos que vieram para cá, tem um que é muito amigo meu que o sujeito...
J - Tem várias histórias aí de vários angolanos, que foram obrigados a sair de lá foram expulsos de lá. Foi uma fase que havia muitos. Eu tava na Bahia em 78 eu fiquei fazendo um projeto da fábrica da Alcan na Bahia e encontrei muitos angolanos. Muitos engenheiros angolanos, principalmente engenheiros, muitos engenheiros, muitos agrônomos, médicos. Eles ficavam todos ali por cima na Bahia, em Alagoas, que é muito parecido com Angola, o litoral ali, né, é muito, muito parecido.
J - Não, da minha família aqui só tinha um irmão mais novo do meu pai ,Fernando, que veio para o Brasil e morou um tempo em Angola, depois veio para Brasil, veio novo para cá, com vinte anos, e ele fez veterinária aqui, mas era o único Farinha que tinha aqui, fora nós. É que tem muitos Farinhas aqui.
J - Eu descobri que há muitos Farinhas aqui portugueses, só que a diferença é a seguinte, a minha família Farinha, família Brasão Farinha é da Ilha da Madeira. Eles imigraram para a Ilha da Madeira em 1453. Tem a árvore genealógica da família desde de 1200, por ai. Então a minha família eles lutaram com Dom Afonso Henriques contra os mouros e naquela época quando se ganhava a guerra você tinha direito a ter título de nobreza e posse de terra, então daí a gente ganhou o Brasão da família e ganhou o direito a uma porção de terra, que naquele tempo não tinha para distribuir para todo mundo. Então essas terras só apareceram em 1450, quando descobriram a ilha da Madeira.
C- Então sua família é da Madeira.
J - Em 1453...
C- Foi para Madeira...
J - Foi pra Madeira. Imigrou para a Ilha da Madeira. Então se for Farinha da Madeira, com certeza é da minha família. Se não for é da mesma origem. Na verdade a origem da família fica num lugarzinho chamado São Paio da Farinha Podre, hoje não tem mais esse nome, mas tinha esse nome naquele tempo. E todos os Farinha que eu vi aqui, todos eles são ali, daquela região.
J - A grande maioria teve que sair em 75, o ano da Independência, em 77 no máximo a maioria saiu.
C - Mas mesmo com o MPLA que era um movimento que era multirracial...
J - Era multirracial o Agostinho Neto era casado com uma branca. Ele era negro mas era casado com uma branca, meus primos todos eram militantes do MPLA e eram todos brancos, todos angolanos e todos brancos e eram militantes do MPLA, mas havia alguns movimentos, como Nito Costa [Nito

[274] Correção de imprecisão histórica

Alves] e outros, que eles eram movimentos racistas, o próprio Savimbe era racista, então eles achavam que Angola tina que ser dos negros e não dos brancos.
J - Sim, sim, o Savimbe tinha uma outra origem. Você tinha o Holden Roberto, por exemplo, que vivia no Zaire, que hoje é o Congo, você tem até hoje, ali no norte, as pessoas, que eles cruzam a fronteira ali, uns dizem que são angolanos. Outros dizem que não são. E Angola tinha uma característica interessante que era assim, você tem as melhores terras de Angola estão no Norte, mas é um povo que não quer trabalhar. Um povo que é basicamente comerciante, eles trabalham no comércio e o povo que trabalha a terra, que é o pessoal do Sul que a terra é ruim, mas é um pessoal que gosta de trabalhar a terra. O Salazar tentou fazer uma miscigenação trazendo povos do sul para o norte, povos do norte para o sul, conseguiu fazer uma certa miscigenação aí, mas com a guerra, o pessoal voltou, todo mundo para as suas origens, mas hoje você vê coisas interessantes por exemplo, em Luanda, por Luanda ter 4,5 milhões de habitantes, quase metade da população de Angola, e com as FAPLAs também que é o exército de Angola, lá se misturaram todas as etnias né, Angola são 17 etnias e lá eles misturaram todos, né...Então hoje você não tem mais aquele bairrismo, que poderia ter, que aconteceu depois de guerra, [...], entre os povos do norte e os povos do sul.
J - É. O governo português não conseguiu dar independência para Angola em terra, teve que dar no ar né? Dentro do avião, porque em Luanda, o fogo corria solto no aeroporto, então e essa guerra continuou a vida inteira. Ela só acabou com a morte de Savimbe, eu lembro que em 90 quando houve o armistício, em 89, né, Acordo de Lusaka, que chegou a fazer, a acabar a guerra. Eles fizeram eleições, o Savimbe não aceitou. Nessa altura havia uma perspectiva de retomada. E eu me lembro que nessa altura eu cheguei a negociar, eu cheguei a começar a negociar com o governo de Angola a minha volta para lá. Eu ia voltar. Eu ajudei a estruturar um projeto no banco mundial para a construção da infra-estrutura, e ai com a condição de eu refazer a parte, a parte que meu pai tinha construído de infra-estrutura de estradas, pontes, eu tinha os projetos e tinha equipamento então eu queria voltar para reconstruir isso, mas ai eu lembro, eu lembro que em noventa, quando saiu aprovação, lá do banco mundial, e eu comecei a negociar com o governo de voltar, eu ia levar comigo daqui para lá, eram 36 engenheiros e 8 médicos, famílias que iam voltar comigo.
C-Todos aqui no Brasil?
J - De angolanos que estavam aqui no Brasil. Que tinham saído naquela época, 75, 78 e estavam aqui e queriam voltar, mas depois não deu certo, porque em 90 explodiu a guerra de novo e aí...
J - Eu mesmo eu desisti, praticamente abandonei a idéia, a idéia de me envolver com Angola a partir daí, eu achava que ali não ia ter mais chance. Porque eu dizia sempre, eu disse para muita gente lá em Angola, para o partido, para muitas autoridades, o problema hoje, é que isso que existe hoje é um problema das gerações da guerra. Pessoal que não conhece não sabe o que Angola foi e não tem instrução, viveu na mata o tempo todo a fazer a guerra. E que com o final da guerra, eles se acham os donos do país, eles acham que eles têm direitos e isso está acontecendo até hoje Este isso ta acontecendo até hoje... isso já foi mais forte, hoje em dia já não é tão forte, como era a alguns anos atrás. E esse pessoal, esse pessoal não vai conseguir

construir nunca um país de novo porque não tem condições para isso. Eu dizia para ele a última geração que viu Angola e que fez Angola crescer, porque Angola nos últimos dez anos antes da independência, Angola crescia a índices, o PIB de Angola crescia a índices de modo astronomicamente, depois da queda de Salazar, o PIB de Angola crescia 20 por cento ao ano, como está crescendo agora e Angola foi um país importante no mundo, em algodão, em café, né? Café, algodão, milho, sisal. Foi um país importante e tinha a parte dos minerais.
J - Além do diamante e do petróleo Angola tem muitos outros minerais nobres. Petróleo e diamantes são o que...
F – São os mais conhecidos e é disso que Angola vive hoje, as divisas vem daí hoje. Mas tem muito mais coisas, tem minério de ferro por exemplo, é uma das maiores reservas do mundo em minério de ferro. Lá o ferro ainda tá aflorando, o minério ainda tá aflorando, nem precisa ser explorado em mina, você anda na serra de Chela, tem que subir em primeira ou em segunda, porque o carro parece que é atraído por um imã. É o minério de ferro. Então Angola é um país que é rico, que é o contrário de Moçambique, Moçambique não tem riqueza nenhuma, tirando o carvão não tem mais nada. Moçambique é um país pobre de recursos e Angola não, Angola é um país muito rico de recursos. Outra coisa que Angola tem é que Angola é a caixa d água da África, você sabe disso né? O apelido de Angola é caixa d'água da África. Porque todos os grandes rios da África nascem no planalto do Huambo. Todos eles nascem ali e depois vão para o Quênia, vão para...mas todos eles nascem ali...Angola é o único país daquela região que tem água, que tem rios permanentes. A África do Sul não tem um rio sequer, ela depende da água dos outros países. Então Angola tem essa vantagem além de ser um país, é um dos poucos países da África que não tem problema de água. Ele tem água, é rico em minerais...tipo o Brasil, é parecido com o Brasil, o Brasil tem a maior reserva d'água do mundo.
J - Tem muita gente que ainda tá magoada, tem muita gente que tá se aposentando e não quer mais saber de nada, não quer voltar pra lá, quer ficar por aqui mesmo e tem gente que topa voltar para lá. Eu conheço alguns que trabalham, alguns engenheiros, algumas pessoas que trabalham ainda que querem voltar, arquitetos, acho que você falou com um deles com o Gilberto Moraes.
J - Quem esteve, quem...olha é uma coisa...aqui no Brasil já depois de formado eu tive diversas oportunidades de trabalhar na Europa de me mudar de trabalhar na Europa porque eu tinha família lá, tios, primos, me encheram a paciência durante muito tempo pra voltar pra lá mas
J - Não dava. Eu chegava lá , eu lembro que eu chegava lá quando ia para Portugal você vai conversar com aquela turma lá, e aquele pessoal pura e simplesmente você fala num negócio grande eles arregalam um olho desse tamanho, porque eles estão acostumado a pensar pequeno quem vivem em África e quem viveu aqui no Brasil a sua perspectiva é o horizonte é o que você conseguir alcançar no horizonte essa é a grande diferença, né?. Então eu acho que é o pessoal eu me lembro de um primo meu que é enólogo hoje ele os principais [...] eu lembro que quando ele se formou ele foi para a França porque em Portugal ele teria que esperar alguém morrer não sei quantos para poder chegar num posto, esse é um dos grandes problemas da Europa, você sabe que a Europa hoje tá chamando imigrantes, pagando pro pessoal ir pra lá

quase... Mas, eu acho que quem morou em África é uma coisa interessante, não sei se você já conversou com um sul-africano?
C- Não, ainda não
J - São os (afrikanders), os (afrikanders) a África do Sul é o único país da África onde os brancos chegaram antes dos negros, você sabe disso...
J - Então tem isso.... Eu nunca iria morar na Europa embora muitas vezes eu trabalhei na Europa, mas ficar lá não exatamente por causa disso me senti limitado lá, eu me senti aflito.
J - Eu estava falando para você da África do Sul, então você vê, quando você conversa com um afrikander que são os africanos os brancos africanos que nasceram lá e que são os descendentes desses primeiros imigrantes, os afrikanders você conversa com eles e eles falam exatamente isso para você, o que o negro diz também, quer dizer o que tem só quem viveu em África é que consegue entender que você não tem limite que você a liberdade lá é total né quer dizer, esse sentimento de liberdade que você tem você não tem em outro lugar nenhum do mundo.
C- Que é semelhante com o Brasil ou não se compara, não é comparável.
J - É comparável sim, não ao Brasil de hoje não mais o Brasil de hoje, não mais o Brasil de hoje, mas ao Brasil de vinte anos atrás, eu acho que mesmo hoje aqui no Brasil ainda tem muitas perspectivas é só o pessoal não querer ficar nas grandes cidades, se o pessoal quiser ir para o interior se meter no meio do mato, quando o meu pai fez aquele projeto aqui no Brasil conseguiu convencer alguns filhos de amigos dele a irem pra lá então eu fui uma vez passar férias com ele, aquilo era um faroeste, era casa de madeira, não tinha eletricidade era lampião, você via o pessoal que tinha uma característica...o meu pai ficava muito irritado com isso, que ele dizia eu fiz esse projeto aqui, eu imaginava quando fiz esse projeto, que o pessoal novo, as gerações novas que não tinham mais espaço lá na terra deles é que fossem mudar pra lá.... mas não, foram os velhos que foram, compraram as terras e foram ai eles desmataram quando chegou a época de levar as parelhas é que os jovens foram, mas ai já tinhas as casas feitas, tinha lampião aquilo lá era um faroeste.
C- Começaram do nada do zero
J - Do zero
C- Eu conheci uma família que veio de Bula-Atumba
J - O que é Bula-Atumba
C- Bula-Atumba no sul do Caxito a região do café e ele me disse que quando a gente começou a fazenda era negociar a terra com o soba e plantar as mudas, não tinha nada...
J -Você sabe que em Angola como é que funcionava a posse de terra em Angola?
J -Angola ninguém era proprietário da terra, a terra pertencia ao Estado.
C- Oficialmente pertencia ao Estado...
J - Sim, então se você queria ocupar um determinado espaço você tinha que submeter um projeto de exploração daquele espaço, e ai esse projeto era analisado, viam se aquilo que você queria produzir era adequado à região se não tava e coisa e tal, se já tinha alguém lá se não tinha, se não tinha ninguém então te davam autorização para você explorar aquilo mas você tinha um determinado período de tempo - que eu não me lembro quantos anos era - para você ocupar toda a extensão que você se propunha a explorar. Se você não conseguisse fazer isso, você perdia aquilo que você não explorava, voltava

para o Estado. Então a posse da terra não existia se você deixasse de produzir dois anos seguidos... e era fiscalizado tinha, eu tinha um amigo agrônomo que fazia muito esse trabalho, além de ser fazendeiro quando ele se formou em agronomia ele fazia muito esse trabalho, ele foi um fiscal da área do algodão por exemplo, então ele percorreu as fazendas todas e eles tinham serviços de assistência tinham tudo só se comunicavam por rádio e eles iam avaliar o que estava sendo feito nas fazendas, se o cara plantou uma área e deixasse de plantar aquela área, se deixasse de colher dois anos naquela área ele perdia aquela área voltava para o Estado.
J - Tinha que produzir, só tinha direito a terra que ele conseguisse produzir, o que ele não conseguisse ocupar para produzir ele perdia.
C- E as populações locais como ficavam? Não havia conflito nesse caso?
J - Não, por exemplo esse meu amigo Zé Luis [...] ele tinha fazendas imensas lá em Angola, mas ele tinha dentro da fazenda dele ele tinha hospital, tinha escola, tinha vilas, então o pessoal, o pessoal local trabalhava lá mas tinha todo o direito, [...] tinha direito à cidadania, tinha direito a morar, tinha direito a comer, tinha direito a estudar e a ter condições de saúde, tudo isso sem pagar um tostão... o dono da fazenda que dava isso como condição para o cara trabalhar lá. Então não havia esses conflitos, não. O pessoal, uma coisa que realmente me aflige hoje é quando estive em Angola é ver gente passando fome; Angola nunca teve gente passando fome porque sempre foi muito rica, hoje você tem muita gente que ficou mutilada, aleijada por causa do problema das minas. Esse amigo meu tem uma fazenda de sisal muito grande, ali perto da Ganda e sobrevoei a fazenda dele em 89 fui ver a fazenda dele, o sisal tá todo lá para ser colhido...
J -Só que o terreno dele está cheio de minas, ta minado, tem que ser desminado para se poder colher.
C-Há um programa bastante forte de desminagem em Angola hoje em dia...
J - Há, hoje em dia há, [...] em 89
J - É uma ironia, porque tanto um lado quanto o outro minaram aquilo tudo e nunca fizeram mapas de onde estavam... na Guerra eles faziam os mapas de onde estavam as minas, lá em Angola nunca fizeram mapa de nada, então está tudo minado, eu me lembro que quando eu fui, quando eu estava negociando esse contrato de reconstruir as estradas em 89 eu fui a Benguela procurar um pessoal que tinha trabalhado com o meu pai nas empresas do meu pai e o primeiro que eu localizei foi o Miguel que não era, o Miguel foi criado na minha casa e trabalhou com o meu pai e era mais velho que eu, e quando viemos para o Brasil com 12 anos eu fui o padrinho do filho dele, o primeiro que eu encontrei foi o Miguel lá em Benguela e eu falei para ele olha prepara ai porque eu tou voltando, ai ele virou pra mim e falou não o menino não vai voltar não, como eu não vou voltar eu estou voltando, estou negociando com o governo, eu vou voltar, vou voltar a fazer a empresa aqui em Benguela vamos de novo trabalhar e ele dizia não o menino não vai voltar não, e eu dizia porque e ele disse arranje-me um jeep que eu vou lhe mostrar. Eu arrumei um jeep e no dia seguinte sai no jeep eu ele e o filho dele e fomos de Benguela em direção ao Lobito e ai na altura da Catumbela tinha uma kombi toda depenada na lateral da estrada, a estrada (ali) é alta né e ele disse pare o jeep e eu parei o jeep, desceu ele e o filho e empurraram a kombi que rolou e na sexta, sétima volta, bum explodiu e ele disse viu como é que o menino quer por máquina aqui para

trabalhar se ta cheio de minas, não vai ficar uma máquina inteira, então esse é o problema.
J - Mas o governo esta fazendo um programa muito forte, tanto que hoje em dia você já consegue andar por Angola inteiro, você consegue viajar precariamente , eles fizeram o seguinte todas as pontes, todas sem exceção lá estavam minadas, noventa e nove por cento estavam minadas, então eles fizeram umas pontes de aço daquelas tipo pontes militares provisórias enquanto eles vão licitando as pontes definitivas eles vão desminando, então hoje em dia já tem algumas pessoas que conseguem andar pelo país inteiro, conseguem andar hoje de carro pelo país inteiro já, claro que as estradas estão todas em estado de miséria mas estão tem programas muito grandes de recuperação então eles estão desminando esta parte e à medida em que eles vão desminando eles vão abrindo concorrência para refazer.
J -Mas uma coisa interessante que deu para sentir lá, eu senti quando estive lá nesse começo de ano é que não existe a menor hipótese de uma guerra estourar lá porque as pessoas não agüentam...
J - Não, agüentam mais, sofreram muito e esse tempo todo de guerra e agora que a guerra acabou não há hipótese, e você sente agora quando eu fui em Benguela você sente aquela pujança porque Benguela sempre foi uma cidade muito pujante, era a cidade mais importante, embora não fosse a maior cidade nem a capital era a cidade que tinha mais importância, que influenciava mais tanto politicamente quanto economicamente, então se um espetáculo de fora vinha do exterior se apresentar ele tinha que se apresentar primeiro em Benguela se ele fizesse sucesso em Benguela, pronto...
J - Se ele não fizesse sucesso em Benguela ele voltava nem ia para os outros lugares. Então coisas desse tipo. Benguela tinha esse tipo de importância e deu para sentir lá agora que eles estão começando um programa grande de reconstrução...
J - As ruas não tem mais asfalto, virou terra, tudo acabou mas você sente que as pessoas estão com muita garra para voltar a reconstruir tudo...
J - Reconstruir tudo, isso você sente quando conversa com as pessoas, você sente o espírito, aquele ar na cidade é esse ar de quem quer fazer dar certo de novo, tanto que eu acho que ali quem vai avançar mais rápido deve ser de novo Benguela, Huambo, ali sempre foi Benguela, Huíla, as províncias de Benguela, Huíla e Namibe [Luango] sempre foram as mais [...] e é por ai que vai acelerar a reconstrução. Você tem um PIB esse ano em Angola que se espera esse ano bata os 30%[2007].
J -É uma loucura, Angola não tem lugar para morar, você vai lá hoje não tem lugar para morar, você tem que ir em Luanda, Luanda é o caos, tem mais hotéis, Angola é o único país do mundo que a taxa de ocupação dos hotéis é mais que 100%, sabe como é que isso é possível, porque as empresas petrolíferas como tem esse problema de hotéis então eles alugam hotéis direto, temporadas, por ano, por mês e como o pessoal as vezes está a embarcar para as plataformas não está ocupando os quartos, então eles alugam de novo, então da mais de 100% de ocupação.
J - Eu tenho pessoas, tenho amigos que são angolanos, que ficaram lá e nunca saíram de lá e eu lembro nessa altura de andar com eles e eles se queixavam e eu via a quantidade de horas por dia que eles perdiam para conseguir alimentação. Tinha aquelas cadernetas que o cara podia comprar só em tal lugar, então tinha aquelas filas imensas, passava três, quatro, cinco horas na

fila para poder comprar uma coisinha para levar para casa, produtividade zero quase. Naquele tempo não se trabalhava, pois não dava para se trabalhar, tinha que pensar só em sobreviver. Foi uma época muito dura. Mas hoje em dia a coisa está diferente, tá começando a tomar outra cara, né? Eu acho também que Angola tem uma característica muito diferente da África do Sul, todo mundo fala África do Sul, África do Sul. A África do Sul tem um problema, hoje o poder está com a maioria, o poder político está com a maioria, mas o poder econômico continua na mão dos brancos e isso vai dar um problema lá na frente. Isso vai explodir uma hora qualquer aí para frente. Angola já não é assim, Angola hoje você tem os brancos que participam, criou-se uma elite classe média negra, essa elite negra hoje participa dos negócios é ela quem está à frente dos negócios. Então o poder político e o econômico está com os negros... Isso é importante eu acho que isso vai ajudar a...

J - E o governo...Essa classe rica que se formou negra, ela não tem...é uma classe nova. Ela até é empreendedora mais não tem expertise para fazer negócios, desenvolver negócios. Então o modelo lá hoje é o governo faz e privatiza depois, ele faz, fez grandes supermercados agora. Eu tava lá tava inaugurando as redes de supermercados do governo, era do governo, o governo desenvolve isso e depois privatiza, na privatização pode vir qualquer pessoa de fora, mas a um mínimo de participação angolana.

J - É o único jeito hoje de poder fazer as coisas. Você vê que eles fizeram algumas definições, por exemplo, Angola foi um país muito importante na produção de cana de açúcar no passado e tem tudo para voltar a ser, é um dos países do mundo que tem a possibilidade de desenvolver o etanol, o bio-combustível. Eles definiram também lá que a parte agrícola tem que ser dos angolanos, que projeto industrial pode ter participação de estrangeiros que eu acho que ta correto...

J - Angola sempre foi um grande produtor de cana de açúcar [...] Eu lembro na fazenda do meu avô de andar brincando de esconde-esconde com as zebras no meio do canavial, em garoto.

C-E a comunidade angolana aqui no Brasil, ela se misturou, passa por comunidade portuguesa?

J - Não, não passa por comunidade portuguesa.

C- Para os brasileiros sim...

J - Ah! Sim para os brasileiros sim, mas o angolano não é muito chegado ao português não, ele não gosta muito do português não; essa é a grande verdade, eles não se misturam muito com a comunidade portuguesa não...

J - Quer dizer eu convivo bem com a comunidade portuguesa eu sou sócio da Casa de Portugal, convivo muito bem eu não tenho problemas com eles, mas é uma diferença muito grande como da água pro vinho né? Eles são outro tipo de gente, é aquilo que você diz eles pensam pequeno, eles vêem as coisas muito pequenas.

J -A questão da identidade comigo eu tenho até hoje eu tenho muitos brasileiros amigos que se irritam e brigam comigo, você é brasileiro você tem mais tempo de vida de Brasil do que fora, você morou 12 anos lá na tua terra e agora aqui no Brasil você está a mais de 40 anos! Mas, para mim não é! Eu digo que sou um cidadão do mundo, eu me considero um cidadão do mundo; até talvez por essa coisa de eu ter andado mundo afora trabalhando, talvez tenha a ver com isso não sei, nunca parei para pensar, pode ser que tenha um

fundo disso. Aqui eu me sinto bem aqui no Brasil, vivo bem aqui mas não é a minha terra, não vejo isso aqui como sendo a minha terra.
C- Quando pensa na sua terra qual é a primeira...
J - É Angola
C- É Angola
J - E quando eu vou lá em Angola eu me sinto em casa, quer dizer quando eu estou lá eu me sinto em casa, eu me sinto bem lá.
J - Não tem jeito, essas diferenças todas... E os meus irmãos apagaram...Pura e simplesmente eles apagaram da memória essa parte de Angola. Fala-se, fala-se em Angola em família, mas nada muito...não têm ligações nenhumas perderam essa identidade. Eles não fazem a menor questão de saber de falar de ou de ir lá, nenhuma...
J - Para mim não, sempre foi o contrário eu sempre falei muito com o meu pai sobre Angola, saber as coisas e os meus irmãos nunca tiveram curiosidade por isso. A minha família, o meu pai nasceu na Ilha da Madeira por acaso, mas a minha mãe nasceu em Angola também.
J - Minha mãe era angolana nascida em Benguela
J - Tinha uma tia que era muito ligada a minha mãe, enquanto ela estava lá a minha mãe tinha interesse em ir...
J - A TAG vôo três vezes por semana ao Brasil. E os vôos estão lotados sempre você não consegue tem que marcar com muita antecedência senão você não consegue voar
J - Como eu disse a você a partir de 1990 eu tinha abandonado a idéia de Angola de me envolver com Angola de novo e recentemente há uns dois anos atrás muitos desses amigos meus que estão lá em Angola disseram: na época em que o negócio tava ruim você ajudava [...] aqui e agora que o negócio tá bom, tá cheio de brasileiros aqui o que você está fazendo que não está aqui de novo, vai ficar bom para estar se envolvendo de novo e eu comecei e eu ainda levei um ano para decidir me envolver, e agora eu estou envolvido de novo até a raiz dos cabelos, então tem esse acordo que eu vou fazer amanhã que vai ser assinado... vem o embaixador de Brasília e o de Angola, está vindo o Ismael Silva que ainda está como cônsul no Rio de Janeiro, o Mateus Barros ta vindo também outro embaixador, então essas são as autoridades angolanas aqui no Brasil.
J - Uma das coisas que eu vivo dizendo pro pessoal daqui é o brasileiro tem muito disso, o brasileiro quer ganhar tudo na primeira vez e duma vez só, né? Ele não pensa muito a longo prazo, hoje em dia já mudou muito essa mentalidade mas ainda tem muitos que pensam assim... Então eu vivo dizendo para eles: ganhar dinheiro você vai ganhar dinheiro mais você tem que pensar de outra forma tem de pensar, a gente pensa em construção civil então uma das coisas que eu falo na Fiesp tentando levar pra lá o SENAI, o SENAC para fazer formação de mão-de-obra na construção civil, então não é só você ir lá ganhar dinheiro, você tem que contribuir com alguma coisa para o país.
J - O brasileiro tem alguns problemas...Houve uma época na Nigéria que a gente levava muita gente daqui para a Nigéria e eu tive vários dissabores com o pessoal, a gente fazia contratos que eram contratos de no mínimo um ano e o cara tinha direito no começo a vir todos os meses ao Brasil, depois de dois em dois meses, havia gente aqui pessoas que você investia dinheiro aqui até para ensinar inglês, o cara chegava lá um mês depois o cara dizia que queria voltar porque estava com saudades da família, chegou um ponto que a gente

resolveu trocar, para a Nigéria nós não levávamos mais brasileiros, contratava paquistaneses e indianos, só paquistaneses... ninguém falava em querer voltar para casa cada seis meses, tava lá trabalhando não importa se for um ano, três anos ou seis anos tava lá trabalhando é diferente.
J -Brasileiro nesse ponto é muito apegado às raízes, eles sentem falta do arroz com feijão, sentem falta do não sei o que lá.
J - Agora não chama os brancos de Angola porque isso me incomoda.
J - Isso me incomoda, chamar os brancos de Angola isso me incomoda...essa discriminação me incomoda.
J - É quando eu vi esse livro ai [Fernando Pimenta] isso me incomodou muito quando eu li...
J - Eu sei, mas há uma diferença grande entre aqueles que vieram para cá estudar e que alguns deles eu disse para você que eu arrumava estágios para eles e eu tinha problemas para mandá-los de volta para Angola, eles acabavam... Alguns já eram casados lá e acabavam se enrabichando aqui e arrumavam mulher, eu falava: cara tem que ir embora senão o governo vai me chatear. Um deles inclusive que eu segurei quase quatro anos lá trabalhando comigo. Ainda agora a pouco tempo ele foi ministro das minas lá em Angola.
J - Tem pouca gente, a verdade é essa os quadros são poucos não são muitos, mas ainda não são muitos mas a universidade lá ta explodindo. Havia só uma universidade mal estruturada, hoje já existem várias universidades.
J - A maior comunidade negra de Angola está no Rio de Janeiro. Aqui tinha também mais eu perdi o contato, o pessoal que eu tinha contato voltou todo para Angola e eu perdi o contato com os outros que vieram depois.
C- Engraçado, os sites que estão na internet realmente são do Rio. São todos do Rio então.
J - No Rio a comunidade é muito grande, a comunidade é muito grande...
C- E muita gente morando nas favelas...
J - Muita. É isso ai, exatamente, na zona norte do Rio.
C-[...] são duas experiências totalmente diferentes, duas visões de vida totalmente diferente o ideal seria as duas quer dizer elas coexistem, elas não se excluem, no fundo elas coexistem, só que eu não posso tratar tudo como uma coisa só, na verdade.
J - Não, não é uma coisa só.
J -Uma coisa que me incomodava muito, que me irritava profundamente quando eu cheguei ao Brasil em 62 porque quase cem por cento das pessoas me perguntavam se lá eu andava com os leões, com as onças na rua, se tinha, e eu ficava profundamente irritado quando vinha com isso era exatamente a mesma coisa que você tinha do europeu com relação ao brasileiro, né? Dizer que a capital do Brasil é Buenos Aires, não tinha a menor idéia, do americano mesmo.
J - É a mesma coisa que o brasileiro reclama[para si], do brasileiro [o que faz] em relação à África, hoje não mas naquele tempo era exatamente assim toda gente me perguntava isso, como é que a gente comia, como é que a gente fazia, eu digo para com isso!
J - Um preconceito.
C- [...] Parece preconceituoso dizer que é angolano, angolano branco... Os angolanos que vivem aqui todos dizem: eu sou angolano...Você é o quê? Eu sou angolano... Seus pais nasceram aonde... Ah, eles nasceram em Portugal; mas, eu nasci em Portugal e fui para angola muito criança [..] mas, eu sou

angolano. Quer dizer, a primeira coisa que vem é: eu sou angolano. Essa é a primeira referência e é muito forte isso, as pessoas gostam de falar; [...] é uma coisa incrível quando se fala em angola.
J - O olho brilha.

***Petit Portrait* dos Entrevistados**

F.C.: Comerciante, nascido em 1922, em Almeida, Portugal. Foi para Angola durante a 2ª Guerra Mundial, em 1940, desembarcando no Lobito. Trabalhou como empregado do comércio em Lubango (Sá da Bandeira). Após cinco anos em Angola, emigra novamente para o Congo-Brazzaville (atual República Popular do Congo), abrindo seu próprio negócio em *Point-Noire* e em outras localidades no interior. Retornou a Portugal em 1965 onde reside. *(Entrevista realizada em 19-08-2007, Portugal)*

F.: Professora de Alemão aposentada. Nascida em [?] na Alemanha. Foi para Portugal na durante 2ª Guerra Mundial. Seus pais eram imigrantes russos do período da guerra de 1914-18. Casou-se em Portugal e foi para o sul de Angola em 1942, instalando-se numa fazenda de sisal em Membassoco, entre a Ganda e o Cubal (província de Benguela). Permaneceu com a família em Angola até 1961, deixando o país logo após o início dos confrontos entre Portugal e os movimentos independentistas. Chegou ao Brasil através do apoio de amigos vindos de Angola para o Brasil. Fixou-se em São Paulo – capital. Tem quatro filhos nascidos em Angola e oito netos brasileiros. *(Entrevista realizada em 30-11-2007, São Paulo)*

D.: Arquiteto, filho da Sra. F., nascido em 1947 na Ganda, Angola. Saiu de Angola em 1961 e veio para o Brasil com a família em 1962 com 14 anos, passando antes por Portugal. *(Entrevista realizada em 05-11-2007, São Paulo)*

E.: Administrador de Empresas, nascido em [1950], em Luanda, Angola. Pais e avós angolanos descendentes de portugueses. Saiu de Luanda em 1976 e passou por Portugal. Veio para o Brasil em 1977, chegando inicialmente ao Rio de Janeiro (sem parentes próximos no Brasil). Casado, filho e esposa angolanos. Fixou-se em São Paulo-capital. Tem três netos brasileiros. *(Entrevista realizada em 20-10-2007, São Paulo)*

G.: Arquiteto, nascido em 1949 em Luanda, Angola. Pais e avós angolanos. Participou ativamente do movimento de libertação, tendo lutado nas FAPLAS. Saiu em 1978. Casou-se em Angola, tem três filhos. Passou por Portugal antes de vir para o Brasil. Fixou-se em São Paulo onde reside atualmente. Tem uma neta brasileira. *(Entrevista realizada em 25-10-2007, São Paulo)*

N.: Músico, nascido em 1957, em Cabinda, Angola. Pais portugueses. Residiu no Huambo (Nova Lisboa) até os 10 anos de idade. Depois foi residir com a família em Luanda. Saiu na ponte aérea com 17 anos em agosto de 1975. Passou pelo Canadá e veio com a família para o Brasil em 1976. Casado, três filhos brasileiros. *(Entrevista realizada em 02-11-2007, São Paulo)*

FA.: Comerciante, nascido em 1942, em Bragança, Portugal. Foi para Angola em 1963 como militar. Foi enviado em missão para Ambriz/Ambrizete e para a fronteira com o Congo. Terminado o período de serviço militar permaneceu em Angola, fixando-se em Bula-Atumba. Como comerciante e fazendeiro de café, estabeleceu três lojas em Angola (Bula-Atumba, Salazar e Pequena Cabinda). Saiu em 1975, na ponte aérea. Passou aproximadamente um ano em Portugal

antes de imigrar para o Brasil, por sugestão de um tio vindo na mesma altura, diretamente de Angola para o Brasil. Casado, dois filhos brasileiros. *(Entrevista realizada em 31-03-2007, São Paulo)*

EA.: Esposa do FR., nascida em [1952] em Arouca, Portugal. Foi para Angola com 14 anos. Retornou a Portugal em 1975 e veio para o Brasil em 1976 com o marido. *(Entrevista realizada em 31-03-2007, São Paulo)*

J.: Engenheiro, Nascido em [1950], em Luanda, Angola. Pais portugueses. Veio para o Brasil em 1962 fixando-se inicialmente em Santos. Família ligada a movimentos políticos em Angola, tendo seu avô, exercido o cargo de Governador de Angola em .Seu pai foi perseguido político da PIDE, sendo considerada *persona non grata* em Portugal. A Família (pais e irmãos) veio para o Brasil em exílio. Fixou-se em São Paulo – capital. *(Entrevista realizada em 29-10-2007, São Paulo)*

A.: Técnico em mecânica, nascido em 1953, em Fátima Portugal. Família emigrou para Luanda quando tinha 08 meses idade. Permaneceu em Angola até 1976. Casado, um filho brasileiro. Passou por Portugal antes de ter vindo definitivamente para o Brasil em 1977 (sem parentes próximos no Brasil), onde se fixou em São Paulo-capital. *(Entrevista realizada em 18-03-2007, São Paulo)*